

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA



**O CASO DE *AR/ER*: UM PONTO MAL ESCLARECIDO NA  
HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**Laura Maria Martins Filipe**

MESTRADO EM LINGUÍSTICA PORTUGUESA

Orientadora:  
Professora Doutora Ana Maria Martins

Ano 2007



*As minhas filhas,  
Catarina e Sofia.*



## AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento é dirigido à orientadora da presente dissertação de mestrado, Professora Doutora Ana Maria Martins. Foi a confiança, estímulo e simpatia que dela recebi que permitiu que a efectiva concretização deste trabalho pudesse ser hoje uma realidade. As suas preciosas e cirúrgicas orientações e ensinamentos marcaram de forma indelével o trabalho produzido, pelo que lhe ficarei eternamente grata. Agradeço-lhe também toda a bibliografia disponibilizada bem como toda a informação facultada através dos contactos que empreendeu.

Ao Professor Doutor Ivo de Castro, ao Professor Doutor Ramón Lorenzo, à Professora Doutora Rosário Álvarez Blanco e à Professora Doutora Maria Ana Ramos um agradecimento especial por toda a informação que gentilmente me disponibilizaram (através dos contactos que mantiveram com a orientadora), e que contribuiu de forma inequívoca para o enriquecimento desta dissertação.

Ao corpo docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, muito especialmente aos professores do Mestrado em Linguística Portuguesa, Professor Doutor João Andrade Peres, Professor Doutor Telmo Mória, Professor Doutor Ernesto D'Andrade, Professora Doutora Maria Antónia Mota e Professora Doutora Ana Maria Martins agradeço os seus ensinamentos e a riqueza dos debates e confronto de ideias que sempre souberam proporcionar. Dos conhecimentos que recebi, do rigor metodológico que me inculcaram, muito beneficiou a elaboração deste trabalho.

Ao meu marido, TCor. César Reis, de quem recebi constante motivação, agradeço o apoio e a ajuda informática que me deu na organização e tratamento de dados do apêndice, tendo sido primordial nos momentos mais difíceis.

Às minhas filhas, Catarina e Sofia, de quem sempre recebi carinho e apoio, sou grata pela compreensão que sempre manifestaram.

À minha irmã, Dra. Natividade Filipe, agradeço o aconselhamento bem como as discussões proveitosas a respeito de um ou outro item analisado.

À minha mãe, agradeço a disponibilidade incondicional para cuidar das minhas filhas durante a minha ausência.

À Presidente do Conselho Executivo da Escola E. B. 2, 3 Dr. Rui Grácio, Dra. Isabel Casinhas, às minhas formandas, às minhas colegas e aos meus alunos, um agradecimento especial pela compreensão e carinho que sempre demonstraram durante o período de redacção desta tese.

Por fim, agradeço a meus pais, familiares, amigos e a todos os professores que se cruzaram na minha vida e que contribuíram decisivamente para me tornar na pessoa que hoje sou.



## Índice

	Pág.
<b>Resumo</b>	9
<b>Abstract</b>	11
<b>Capítulo 1</b>	
Introdução	13
<b>Capítulo 2</b>	
Cronologia e distribuição no <i>corpus</i> de <i>ar/er</i>	
2.1. Apresentação	22
2.2. <i>Ar/er</i> nas <i>Cantigas de Santa Maria</i> e na lírica galego-portuguesa	25
2.3. <i>Ar/er</i> nos textos em prosa dos séculos XIII a XV	34
2.3.1. <i>Ar/er</i> na prosa galega	34
2.3.2. <i>Ar/er</i> na prosa portuguesa	38
2.3.3. <i>Ar/er</i> na prosa galega e portuguesa	42
2.4. <i>Ar/er</i> no teatro vicentino	45
2.5. Sumário e conclusões	47
<b>Capítulo 3</b>	
A sintaxe de <i>ar/er</i>	
3.1. Apresentação	52
3.2. O advérbio <i>ar/er</i> junto do verbo	56
3.2.1. A posição em relação ao verbo (anteposição e posposição)	56
3.2.2. O advérbio <i>ar/er</i> em posição pré-verbal: a ordem relativa de <i>não</i> , dos pronomes proclíticos e de <i>ar/er</i>	58
3.2.3. O advérbio <i>ar/er</i> em posição pós-verbal	65
3.2.4. O advérbio <i>ar/er</i> em complexos verbais: <i>ar/er</i> associa-se às formas finitas do verbo	69
3.3. O advérbio <i>ar/er</i> não-associado ao verbo	74
3.3.1. Atestações antigas – as <i>Cantigas de Santa Maria</i>	75
3.3.2. Atestações tardias	84
3.4. <i>Ar/er</i> são variantes de um único advérbio? O testemunho da <i>Notícia de Torto</i>	90
3.5. Sumário e conclusões	96

## Capítulo 4

### Os valores semânticos do advérbio *ar/er*

4.1. Apresentação	102
4.2. O estado dos conhecimentos	104
4.3. <i>Ar/er</i> como advérbio conectivo, aditivo e contrastivo	124
4.4. O advérbio <i>ar/er</i> não tem um valor temporal	147
4.5. Sumário e conclusões	150

## Capítulo 5

Conclusão	153
-----------	-----

### Fontes

1. <i>Corpora</i> electrónicos	161
1.1. Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega (TMILG)	161
1.2. <i>Corpus</i> Informatizado do Português Medieval (CIPM)	173
1.3. <i>Corpus</i> Histórico do Português Tycho Brahe (Tycho Brahe)	175
1.4. Gothart-archiv	178
2. <i>CDRoms</i>	178
2.1. Biblioteca Virtual dos Autores Portugueses (BVAP)	178
2.2. Gil Vicente – Todas as Obras	179
3. Outros textos informatizados	180
4. Edições de textos	180
5. Outras obras consultadas para a constituição do <i>corpus</i>	180

<b>Bibliografia</b>	<b>181</b>
---------------------	------------

## RESUMO

A presente dissertação de mestrado, subordinada ao tema *O caso de ar/er: um ponto mal esclarecido na história da língua portuguesa*, visa contribuir para o preenchimento de uma lacuna de informação relativamente à presença na língua escrita e ao comportamento gramatical do advérbio *ar/er* desde o português antigo até ao português vicentino.

Para responder a esse objectivo, foi criado um *corpus* extenso com atestações do advérbio *ar/er*, extraídas de textos notariais e literários, poéticos e em prosa, portugueses e galegos. A partir da sua análise tentámos esclarecer alguns dos aspectos que considerámos serem essenciais para um conhecimento mais aprofundado deste advérbio, designadamente a sua distribuição por século, autor e obra, a sua evolução sintáctica (até ao seu desaparecimento), a sua classificação gramatical, os valores semânticos que pode assumir, e ainda a sua etimologia.

O advérbio *ar/er*, originado no prefixo latino RE-, posiciona-se maioritariamente junto ao verbo, competindo por essa posição com o advérbio de negação *não* e os pronomes clíticos. No entanto, não se limita exclusivamente nem à posição pré-verbal nem à vizinhança do verbo. A tendência para a autonomização em relação ao verbo e uma maior mobilidade na frase manifesta-se ao longo do tempo, tornando-se mais acentuada nos textos tardios (séculos XV e XVI). Por estabelecer relações inter-oracionais e inter-frásicas, apresenta, sintacticamente e semanticamente, características de advérbio conectivo, podendo assumir um valor aditivo (equativo/reforçador) ou um valor contrastivo (antitético/concessivo). Estes valores mantêm-se estáveis ao longo do tempo.

No português quinhentista, o advérbio em estudo só está presente no teatro vicentino (limitado à forma *er*) e daí em diante não mais se atesta.

A distribuição textual das variantes *ar* e *er* permite isolar áreas geolinguísticas particulares desde época antiga e revela-se interessante numa perspectiva filológica.

**Palavras-chave:** advérbio conectivo, etimologia, *ar*, *er*, análise sintáctica, valores semânticos.



## ABSTRACT

The present master's dissertation, entitled *The Case of ar/er: An Ill-explained Issue in the History of the Portuguese Language*, is intended to contribute to filling an information gap as to the presence and grammatical behaviour of the adverb *ar/er* in written language, from Old Portuguese through to the Portuguese of Gil Vicente.

In going about this purpose, an extensive corpus was built up of examples of the adverb *ar/er*, taken from legal and literary texts, from both poetry and prose, and from both Galician and Portuguese examples. On the basis of an analysis of this corpus, it has been attempted to clarify some of the aspects we consider to be essential for a more thoroughgoing understanding of this adverb, specifically its distribution by century, author and work; its syntactic evolution (through to its disappearance); its grammatical clarification; the semantic values it may assume; and also its etymology.

The adverb *ar/er*, which originates from the Latin prefix RE-, is generally positioned next to the verb, competing for this position with the adverb of negation *não* and the clitic pronouns. Nonetheless, it is not exclusively restricted to the pre-verbal position nor to proximity to the verb. The trend towards its increasing autonomy with regard to the verb and greater mobility within the sentence is amplified over time, becoming most accentuated in the later texts (15<sup>th</sup> and 16<sup>th</sup> centuries). As it establishes relationships between clauses and sentences, it presents, in syntactic and semantic terms, the characteristics of a conjunctive adverb, and may assume an additive (equative/reinforcing) or contrastive (antithetic/concessive) value. These values remain stable over time.

In sixteenth-century Portuguese, the adverb in question is present only in the theatrical works of Gil Vicente (limited to the form *er*). Thenceforth, it is no longer to be found.

The textual distribution of the variants *ar* and *er* allow specific geolinguistic areas to be isolated from the Old Portuguese period onward, and are of interest from a philological perspective.

**Key-words:** conjunctive adverb, etymology, *ar*, *er*, syntactic analysis, semantic values.



# CAPÍTULO 1

## Introdução

O tema da presente dissertação – *O caso de ar/er: um ponto mal esclarecido na história da língua portuguesa* – foi-nos proposto pela Professora Doutora Ana Maria Martins, ao termos expressado o desejo de elaborarmos um trabalho no âmbito da Linguística Histórica. O tema em si bem como a escassez de dados relativamente ao advérbio *ar/er* despertou-nos, desde logo, interesse e curiosidade, pelo que foi com grande motivação que empreendemos toda a pesquisa e análise que serão aqui apresentadas.

Quando iniciámos a nossa pesquisa, foram várias as questões que nos surgiram: Qual o período de tempo em que o advérbio *ar/er* permaneceu activo na língua escrita? Quais os autores que mais o utilizavam e em que tipo de textos? As formas *ar* e *er* são variantes do mesmo advérbio, como alguns defendem, ou correspondem a dois advérbios distintos (como sugerido por Corominas e Pascual)? Qual a sua etimologia<sup>1</sup>? Qual a sua subclasse dentro da classe dos advérbios? Que evolução sintáctica sofreu ao longo do tempo? Que valores semânticos podem ser atribuídos a este advérbio?

Com o intuito de dar resposta a estas questões, definimos objectivos que nos propomos ver esclarecidos ao longo do presente trabalho:

- Inventariar, através de um levantamento exaustivo em textos de diferentes épocas, a distribuição de *ar/er* por obras, autores e séculos;
- Esclarecer a categoria gramatical de *ar/er*, identificando a sua tipologia dentro da classe dos advérbios;
- Descrever a evolução sintáctica de *ar/er* em obras de diferentes séculos;
- Definir valores semânticos básicos, comparando obras de diferentes séculos;
- Clarificar a etimologia de *ar/er*.

Esta dissertação encontra-se estruturada em cinco capítulos, sendo que as respostas às questões acima expostas irão sendo dadas nos capítulos 2, 3 e 4 e serão sumariadas na parte conclusiva deste trabalho (capítulo 5).

No capítulo 2 é nosso propósito fazer um levantamento exaustivo do número de ocorrências do advérbio *ar/er* em obras portuguesas e galegas. Para além de darmos uma perspectiva geral da sua utilização, faremos uma análise um pouco mais fina,

---

<sup>1</sup> CORNU (1882) – bem como vários outros autores posteriormente – defende que estas formas derivam de um único étimo latino (RE, prefixo separável do verbo); COROMINAS E PASCUAL (1980-1991) defendem raízes diferentes para cada uma das formas. Este assunto será apresentado com maior detalhe nos capítulos 3 e 4.

apresentando valores relativos aos autores que utilizaram este advérbio, obras onde se registam atestações quer da forma *ar* quer da forma *er*, e séculos em que este advérbio ocorre, para, assim, delimitarmos com segurança o seu surgimento e desaparecimento nos textos portugueses e nos textos galegos.

O capítulo 3 centrar-se-á no comportamento de *ar/er* na frase. Assim, começaremos por analisar o número de atestações relativas às diferentes posições que o advérbio *ar/er* ocupa no *corpus*. Seguidamente analisaremos as atestações em que o advérbio se posiciona junto ao verbo, anteposto ou posposto. Como na grande maioria dos exemplos encontrados a posição pré-verbal é a privilegiada por este advérbio, confrontaremos a sua sintaxe com a dos pronomes clíticos e com o advérbio de negação *não*, a fim de verificarmos com qual deles mantém o verbo maior grau de coesão. Analisaremos igualmente o comportamento deste advérbio quando se junta a complexos verbais. Relativamente à posição pós-verbal, tentaremos esclarecer em que contextos o advérbio *ar/er* ocorre e chamar a atenção para casos dúbios que se encontram no *corpus* e que resultam, por vezes, de interpretações dos editores.

No que diz respeito à situação menos frequente de autonomização do advérbio *ar/er* relativamente ao verbo, observaremos analogias e diferenças de comportamento deste advérbio num texto do século XIII (*Cantigas de Santa Maria*) e em textos dos séculos XV/XVI.

Para finalizar, provaremos que as formas *ar* e *er* são variantes de um único advérbio, analisando as atestações encontradas na *Notícia de Torto*.

No capítulo 4 começaremos por apresentar um levantamento exaustivo de todos os valores semânticos atribuídos ao advérbio *ar/er* por linguistas e filólogos ao longo de dois séculos. Seguidamente, partindo das atestações retiradas de um excerto<sup>2</sup> da obra do século XIII *Demanda do Santo Graal* e das atestações registadas em obras portuguesas tardias<sup>3</sup>, procuraremos evidências que comprovem que *ar* e *er* são variantes morfofonológicas da mesma palavra gramatical, podendo assumir os mesmos valores em contextos idênticos.

---

<sup>2</sup> Este excerto corresponde à **mão d**, por ser aquela que parece manter maior fidelidade ao manuscrito duocentista no que diz respeito às formas *ar/er*.

<sup>3</sup> Atestações encontradas nas Crónicas de Fernão Lopes, na *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Gomes Eanes de Zurara, e em algumas peças de teatro de Gil Vicente (sécs. XV e XVI).

Partindo dos resultados obtidos, será nosso propósito interpretarmos e agruparmos esses valores, confrontando-os com outros anteriormente propostos por diferentes linguistas, e, com base em gramáticas de referência, verificarmos qual a possibilidade de reduzir o seu polimorfismo semântico a um conjunto de valores básicos. Seguindo as propostas de Quirk *et al.* (2003), será ainda proposto para o advérbio *ar/er* a sua integração na subclasse dos *advérbios conectivos*.

O último capítulo centrar-se-á na comparação entre os dados de que inicialmente dispúnhamos (extraídos da bibliografia existente sobre a matéria em estudo) e aqueles que começámos por reunir e fomos enriquecendo à medida que a análise do advérbio *ar/er* ia sendo feita.

A pesquisa documental que levámos a efeito, que resultou na elaboração de um *corpus* que serviu de base de trabalho à presente dissertação, constituiu-se numa árdua tarefa, não só pela sua extensão, como também pela dispersão dos dados e pelas dúvidas que se levantaram sobre algumas fontes, obrigando-nos a uma morosa e constante reverificação dos dados que entretanto íamos obtendo.

A primeira fase do trabalho centrou-se na pesquisa de toda a informação escrita relativa ao advérbio *ar/er* presente em dicionários, glossários e gramáticas históricas. Desde logo verificámos ser muito escassa a informação disponível; contudo, ficámos a conhecer e registámos algumas atestações presentes em obras de diferentes épocas, bem como um vasto conjunto de valores semânticos que diferentes autores propunham para a interpretação deste advérbio.

Quando iniciámos uma pesquisa exaustiva nos *corpora* TMILG<sup>4</sup>, CIPM<sup>5</sup> e Tycho Brahe<sup>6</sup>, foi sempre nossa preocupação cruzarmos a informação nova com a recolhida anteriormente de modo a que não fossem registadas atestações repetidas no *corpus* que estávamos a construir. Para além das obras que constam destes *corpora*, consultámos

---

<sup>4</sup> *Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega* – o mais completo *corpus* de textos medievais galegos e portugueses. Neste *corpus* encontrámos algumas atestações repetidas assim como a atribuição de um texto a determinado autor, quando, mais tarde, pudemos comprovar tratar-se de um erro.

<sup>5</sup> *Corpus Informatizado do Português Medieval* – contém um acervo de textos do século XII ao século XVI.

<sup>6</sup> *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* – contém obras em formato digital do século XVI ao século XIX.

também o *corpus* Gothart-archive<sup>7</sup> assim como outros registos em formato digital *Las Todas as obras de Gil Vicente e Biblioteca Virtual de Autores Portugueses*<sup>8</sup>, gentilmente disponibilizados pela Professora Doutora Ana Maria Martins, e o *Livro de José de Arimateia* e a *Demanda do Santo Graal*, amavelmente cedidos pelo Professor Doutor Ivo de Castro, a quem muito agradecemos. Consultámos ainda, entre outras obras que constam da bibliografia<sup>9</sup>, os Cancioneiros da Poesia Trovadoresca, as Crónicas de Fernão Lopes, nas edições de Macchi (1966), Entwistle (1968) e Freire (1973), e a *Notícia de Torto*, edição de Luís Filipe Lindley Cintra (1990). Foram-nos também generosamente disponibilizadas pelo Professor Doutor Ramón Lorenzo, a quem muito agradecemos, uma dezena de atestações onde se regista a presença do advérbio *ar/er* em textos notariais inéditos dos séculos XIII e XIV, do Arquivo Histórico Nacional, que se prepara para editar.

Na tentativa de garantir a fiabilidade dos dados, houve necessidade de, por vezes, excluir atestações por existirem, em algumas delas, erros de identificação<sup>10</sup>, de transcrição pelo editor ou de introdução num dado *corpus* informatizado<sup>11</sup>, ou por não corresponderem a intervenções suficientemente justificadas dos editores<sup>12</sup>.

<sup>7</sup> Este *corpus* foi consultado porque tivemos conhecimento de uma atestação presente nas *Cantigas de Santa Maria* que não constava do TMILG.

<sup>8</sup> Este *CDRom* contém obras digitalizadas do século XVI ao século XX.

<sup>9</sup> Essas obras são referidas apenas na bibliografia mas não no corpo do trabalho por nelas não terem sido atestadas as formas *ar* e *er*.

<sup>10</sup> Por exemplo, a atestação “Et avedes de dar et pagar ao dito moesteyro et frayres del cada anno de foro por dezemo et quiron o terço do pane t do millo et do trigo et do orjo que labrardes en nas herdades da dita casaria, que non leyxedes por labrarlas her et que non leyxedes de labrar los herdamentos da dita casaria seendo colocada para labrar por labrar outra herdade nenguna” (1476. San Martino de Vila Lourente [Mondoñedo – L]) estava erradamente atribuída a Martins (2001); este é um exemplo que se encontra em Graña Cid (ed.) 1990. *Las ordenes mendicantes en el obispado de Mondoñedo*. El convento de san Martín de Villaoriente (1347-1500). Separata de Estudos Mindonienses. Cap/Páx:288/440. Esta atestação veio aliás a ser retirada do *corpus* por se tratar de um erro de leitura (de acordo com informação do Professor Doutor Ramón Lorenzo).

<sup>11</sup> Por exemplo, na atestação “Andados seis annos do reynado del rey Sisebunto, fez fazer concelho em Sevyilha sobre razon de hũa heresya que era levãtada de hũas gentes que *er* am chamados acephalos.” (CIPM, *Crónica Geral de Espanha*, capítulo 140, 51d) não existe a atestação *er*, mas o verbo ‘ser’ conjugado: “eram”. (Erro da edição de Cintra (1965)).

Num pequeno conjunto de atestações retiradas do TMILG surgia *er* por erro de leitura/transcrição, pelos editores, ou por erro de introdução no *corpus*, tratando-se na realidade da conjunção copulativa *et*. A título ilustrativo:

“*Er* eu, Ana Peres rraçeiro τ notario publico sobredito, dado por auctoridade do dito señor obispo, a esto que sobredito he presente fuy et a rrogo τ per mandado das ditas partes esta carta” (TMILG, prosa notarial, séc. XIV)

“Et esto feyto os ditos Dayam, vigairos et cabidoo disseron que fariam que o arcibispo guardasse ao concello todallas libertades et boos husos et custumes que auyam, et lle fizessem amparamento et

Feito o trabalho de recolha e selecção, as atestações foram divididas em seis grupos, tendo sido atribuído a cada um deles uma letra: (A) – *ar* em posição pré-verbal, (B) – *ar* em posição pós-verbal, (C) – *ar* não associado ao verbo, (D) – *er* em posição pré-verbal, (E) – *er* em posição pós-verbal, e (F) – *er* não associado ao verbo.

Dentro de cada um destes grupos, formámos conjuntos, sendo que a cada um atribuímos um número: (1) textos de autores portugueses, (2) textos de autores galegos, (3) *Cantigas de Santa Maria*, (4) textos de autores de origem incerta, (5) textos de autores aragoneses, (6) textos de autores castelhanos e (7) textos de autores leoneses.

Em cada um destes conjuntos, criámos subconjuntos que se encontram organizados da seguinte forma: de 1 a 200 estão registadas as atestações retiradas de textos poéticos; de 201 a 400 registámos as atestações da prosa literária; de 401 a 600 encontram-se os exemplos retirados de textos não literários. Assim, ao consultarmos a referência de uma atestação citada, a primeira letra corresponderá a uma das formas (*ar* ou *er*) colocada numa determinada posição na frase; seguir-se-á um número que nos

---

bem *er* mercee, et elles que o aguardariam quanto en elles era, commo a seus boos vassallos” (TMILG, prosa notarial, séc. XIV)

“que vejan o mal et damno et força et engano que auemos rezebudo *er* recebemos de cada anno en rason das medidas por que pagamos as primenças et foros et fumadegas” (TMILG, prosa notarial, séc. XV)

“e os ditos clergos rasoeiros da dita igllia segun que se aqui conten e qualquer das partes que contra esto for e o non touver e comprir e aguardar que peyte por pena a parte que o tubver e comprir *er* aguardar quenentos moravedis da dita moeda” (TMILG, prosa notarial, séc. XV)

“Cõmo os troyaos poserõ suas azes *er* forõ fora da villa” (TMILG, *Crónica Troiana*, capítulo 121, p. 317)

Para a identificação destes erros, assim como para outros valiosos esclarecimentos, muito agradecemos a colaboração da Professora Doutora Rosario Alvarez Blanco e do Professor Doutor Ramón Lorenzo.

<sup>12</sup> Por exemplo, a atestação “E rogu’eu, meu amigo, aquel Deus que me fez que nunca eu já viva sem vosc’ ar outra vez: e, amigo, grado já Deus que vos veen os olhos meus” (TMILG, *Cantiga de Amigo*; Vasco Fernandez; II-022/949) foi confrontada com as lições do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (BN633) e do *Cancioneiro da Vaticana* (V 235), através das edições facsimiladas. Nos dois cancioneiros encontra-se *sen vos tan outra vez*. José Joaquim Nunes nas *Cantigas de Amigo* colocou *sen vós tan[tj]’ outra vez*. Rodrigues Lapa conjecturou, numa base meramente interpretativa, *sen vosc’ ar outra vez* (aparentemente sem consultar os cancioneiros pois considera que seria boa a lição *sen vos tan outra vez*, “se a lição de N[unes] é verdadeira” (sic)):

“– V. 15. N. interpreta: *sen vós tant’ outra vez*. Será talvez melhor, *sen vosc’ ar outra vez*. Neste caso, o sentido seria: “sem ser convosco”, “na vossa companhia”. Se a lição de N. é verdadeira, parece-nos preferível *tan outra vez*, que explicaria *atan* do v. 3”. (RODRIGUES LAPA, Manuel 1982. “O texto das cantigas d’amigo”, in *Miscelânea de Língua e Cultura Portuguesa Medieval*. Coimbra: Coimbra Editora. p. 160).

Na página 155 do mesmo trabalho Rodrigues Lapa afirma:

“As notas que apresentamos são um trabalho de análise filológica e literária, destinado a explicar certos passos das *Cantigas de Amigo*”.

Optámos por excluir a atestação “sem vosc’ *ar* outra vez”. O que nos levou a duvidar desta atestação e, por isso, a consultar os cancioneiros foi o facto de apresentar um padrão de colocação sintáctica para *ar* totalmente estranho aos textos dos séculos XIII e XIV, quer galegos quer portugueses.

dará a informação sobre a origem do texto; por fim, o último número informará sobre o tipo de texto de onde foi retirada a atestação<sup>13</sup>, ao qual se segue a referência relativa ao número da página onde essa atestação se encontra no *corpus*.

Nas duas primeiras páginas do apêndice documental pode consultar-se um quadro que dá conta do número de atestações encontrado nas variantes (grupo, conjuntos e subconjuntos) acima descritas e um quadro que auxilia na consulta rápida do apêndice, por página.

Por não caber nos limites temporais de uma tese de mestrado, as *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X não foram confrontadas com a obra *Miracles de Notre-Dame* de Gautier de Coincy, texto que terá servido de inspiração ao rei Afonso X.

Temos consciência de que o ideal seria ter confrontado todas as atestações reunidas com os manuscritos e/ou as edições facsimiladas e diplomáticas para garantir que não escapariam casos de permuta de *ar* por *er*, ou vice-versa, pelos editores, ou outros casos de erros de leitura, gralhas de impressão, reconstituições abusivas das formas *ar/er*, etc. Certamente terão passado alguns erros (apesar do cuidado que tivemos a eliminar todos os que podemos identificar), mas a coerência dos resultados apresentados nos capítulos 2 e 3 permite supor que não serão significativos relativamente aos objectivos do trabalho.

---

<sup>13</sup> A título de exemplo, se a atestação for seguida da referência (A1:234, p.13), significa que estamos perante um exemplo em que *ar* se encontra na posição pré-verbal (A), pertence a um texto português (1) em prosa (234), e podemos consultá-lo na página 13 do apêndice.



## CAPÍTULO 2

### Cronologia e distribuição no *corpus* de *ar/er*

## 2.1. Apresentação

A descrição que será feita neste capítulo tem por objectivo apresentar os resultados e a análise relativa às ocorrências de *ar/er* em textos de tipologia diversa do século XII ao XVI, constantes, designadamente, em *corpora* electrónicos – Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega (TMILG); *Corpus* Informatizado do Português Medieval (CIPM); *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe (*Tycho Brahe*), em *CDRoms* – dois da Biblioteca Virtual de Autores Portugueses (BVAP)<sup>14</sup> e um de Gil Vicente<sup>15</sup> –, em outros textos informatizados<sup>16</sup>, nas crónicas de D. João I<sup>17</sup> e de D. Pedro<sup>18</sup> de Fernão Lopes, e ainda em textos inéditos que se encontram em fase de edição pelo Professor Doutor Ramón Lorenzo<sup>19</sup>.

A fim de, com maior segurança, delimitarmos no tempo o surgimento e o desaparecimento do advérbio *ar/er* no português e no galego, faremos o levantamento e analisaremos, num primeiro momento, as atestações constantes em textos poéticos galego-portugueses. Irão ser contempladas todas as produções poéticas<sup>20</sup> que se encontram disponibilizadas no TMILG, no CIPM e na BVAP, de autores galegos, portugueses e de alguns outros cuja origem é incerta. Será também nosso objectivo, uma análise comparativa das atestações de *ar/er* presentes nas cantigas da lírica trovadoresca com as que ocorrem nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, que, sendo um rei castelhano, optou pelo registo destas composições em galego<sup>21</sup>.

---

<sup>14</sup> Estes *Cd-roms* contêm obras dos séculos XIII a XX, como se especifica na bibliografia.

<sup>15</sup> CAMÕES, José (director científico e coordenador) 2001. *Gil Vicente – Todas as obras* [Biblioteca Virtual dos Descobrimientos Portugueses 07]. Ophir / Comissão Nacional para as Comemorações do Descobrimientos Portugueses.

<sup>16</sup> Os textos informatizados consultados foram o *Livro de José de Arimateia* e a *Demanda do Santo Graal*. No primeiro não encontramos quaisquer atestações de *ar/er*; no segundo, atestámos as ocorrências de 85 *er* e 61 *ar*. Agradecemos ao Professor Doutor Ivo de Castro a disponibilização dos dois textos.

<sup>17</sup> FREIRE, Anselmo Braamcamp (ed.) (1973: 14, 36, 127, 129, 203, 224, 226); ENTWISTLE, William James (ed.) (1968: 48, 88, 106, 155, 179, 214, 225, 229).

<sup>18</sup> MACCHI, Giuliano (ed.) (1966: 257)

<sup>19</sup> Agradecemos a generosidade do Professor Doutor Ramón Lorenzo, que nos facultou dez atestações do advérbio *ar/er* encontrada nos textos notariais que está a editar, os quais provêm de fundos monásticos da Galiza.

<sup>20</sup> Embora a poesia trovadoresca se situe entre o século XII e o XIV, só encontramos registos de *ar/er* em textos poéticos dos séculos XIII e XIV.

<sup>21</sup> A propósito de a língua presente nas *Cantigas de Santa Maria* ser o galego e não o galego-português, cf. RÜBECAMP (1933:8): “Já várias vezes se afirmou que a linguagem das *Cantigas*, ao contrário da linguagem dos Cancioneiros, ocupa uma situação linguística muito especial: Carolina Michaëlis de Vasconcellos e Nobiling notam que as *Cantigas*, devido ao seu carácter religioso, se distinguem dos

Após esta primeira abordagem, focaremos a nossa atenção nos resultados do levantamento das atestações do advérbio *ar/er* nos textos em prosa dos séculos XIII a XV para, a partir deles, analisarmos as ocorrências desse advérbio. As atestações de *ar/er* foram encontradas em diferentes tipos de textos, a saber, documentos legais (*Notícia de Torto*, *Dos Costumes de Santarém*, e outros com origem em diversos fundos monásticos de Portugal e da Galiza), prosa religiosa (*Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*, *Os Miragres de Santiago* e *Diálogos de S. Gregório*), prosa histórica (*Crónica Troiana*, *Crónica Xeral* e *Crónica de Castela*, *Crónica Geral de Espanha*, *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, e *Crónicas de Fernão Lopes*), romance de cavalaria (*Demanda do Santo Graal*) e prosa técnica (*Arte de Trovar*). Os textos, em galego e em português, serão agrupados tendo em conta a sua tipologia<sup>22</sup>. Assim, registaremos as ocorrências de *ar/er* em obras literárias e paraliterárias, que englobarão textos de prosa religiosa, prosa histórica e romance de cavalaria; e em obras não literárias, nas quais contemplaremos os textos legais e a prosa técnica.

Numa fase posterior, a nossa análise centrar-se-á nos resultados das atestações de *ar/er* obtidos após a consulta de obras literárias dos séculos XVI a XX. Recorremos aos três *corpora* electrónicos<sup>23</sup>, à BVAP e ainda ao *CDRom* que contém a obra completa de Gil Vicente, a fim de fazermos uma avaliação exaustiva da eventual presença deste advérbio em textos posteriores ao século XV e de, com maior segurança, delimitarmos no tempo o desaparecimento do mesmo na nossa língua. Desta pesquisa resultou a

---

Cancioneiros profanos no seu vocabulário e estilo, enquanto que a respeito da sua fonética e morfologia se tem afirmado que os fenómenos caracteristicamente galegos são mais frequentes nas *Cantigas*. Assim Carolina Michaëlis de Vasconcellos cita o uso frequente do *che* galego e López-Aydillo classifica as *Cantigas* como representantes da evolução no sentido galego em oposição à evolução portuguesa representada nas poesias de D. Denis e da sua corte trovadoresca”.

Concluído o estudo fonético e morfológico baseado na comparação de poemas e documentos dos séculos XIII e dos séculos XIV-XVI, Rübencamp (1933:80) confirmou que “a linguagem da poesia trovadoresca (*Cantigas* e Cancioneiros profanos) (...) representa, em certo sentido, uma norma poética que ficou atrasada em relação à linguagem falada daquela época”. Para além disso, verificou também que “já no século XIII existiam [diferenças] entre as linguagens faladas da Galiza e de Portugal ...”, o que conduziu, inevitavelmente, a uma separação dos dois idiomas e contribuiu para o surgimento de certos traços característicos do galego sobretudo nas *Cantigas*, divergindo estas da linguagem presente nos Cancioneiros: “Há (...) certas ligeiras diferenças que nos permitem ver nas *Cantigas* a direcção galega da evolução linguística, em oposição aos Cancioneiros, cujo quadro geral tem um carácter mais português”. (Rübencamp 1933:70)

<sup>22</sup> Relativamente à tipologia dos textos galegos, adoptámos aquela que é proposta pelo *corpus* TMILG.

<sup>23</sup> TMILG (Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega), CIPM (*Corpus* Informatizado do Português Medieval) e *Tycho Brahe* (*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe).

observação de que a última atestação de *ar* foi encontrada na obra *Miragres de Santiago* de um autor anónimo galego (séculos XIV/XV), e que as últimas atestações de *er* se encontram em algumas das peças de teatro de Gil Vicente, no século XVI.

Por último, e face aos resultados obtidos e às análises parcelares efectuadas ao longo do capítulo, apresentaremos o sumário e as conclusões.

## 2.2. *Ar/er* nas *Cantigas de Santa Maria* e na lírica galego-portuguesa

A lírica galego-portuguesa surge nos finais do século XII e prolonga-se até ao século XIV. O seu advento deve-se, fundamentalmente, ao propício clima sócio-político de então: do sul de França chegavam cavaleiros trovadores que auxiliavam os reis cristãos da Península na reconquista das suas terras aos muçulmanos e que palmilhavam o caminho de Santiago, em peregrinação, procurando público ouvinte para os seus cantares. Paralelamente, continuava a persistir a tradição oral de uma poesia popular proveniente de uma população autóctone submetida aos muçulmanos. É desta mescla de culturas que emerge a lírica trovadoresca, cujo incremento passa pela corte dos reis de Leão e Castela – Fernando III, Afonso X e seus sucessores – e pela dos reis portugueses – D. Afonso III e D. Dinis.

As composições escritas em galego-português (ou, mais propriamente, em galego e/ou em português), línguas da poesia trovadoresca na Península Ibérica<sup>24</sup>, pertencem a autores de diferentes regiões<sup>25</sup>, sendo que muitos deles viveram e poetaram na corte de Afonso X, o Sábio, influenciando-se mutuamente. Esta movimentação de nobres pelas cortes peninsulares, aliada a períodos prolongados de estabilidade política, contribuiu decisivamente para a vasta produção dos textos de que hoje temos conhecimento.

A produção literária da época encontra-se reunida em três cancioneiros: o *Cancioneiro da Ajuda*, o mais antigo, compilado, provavelmente, na corte de Afonso X, o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e o *Cancioneiro da Vaticana*, compilados depois da morte de Afonso X. Neles podemos encontrar três géneros de cantigas: as *cantigas de amigo*, colocadas na boca de uma jovem enamorada que chora a ausência do amado, fazendo confidências à sua mãe, às suas amigas ou até a elementos da natureza; as *cantigas de amor*, nas quais os cavaleiros se lamentam do desdém da amada (dama casada e de alta estirpe social) ou dos rigores da sua ausência; e as *cantigas de escárnio e maldizer*, equivalentes ao sirventês provençal (crónicas

---

<sup>24</sup> Segundo Rodrigues Lapa (1982:32), “O emprego do galego-português como expressão do lirismo nos séculos XII e XIII seria (...) devido não apenas a um critério de selecção artística, pelas qualidades da eufonia e primor estilístico, mas um processo de continuidade, que tem como fundamento a semelhança ou a identidade entre os dois idiomas, o mozárabe e o galego-português”.

<sup>25</sup> Leão, Castela, Aragão, Galiza e Portugal.

escandalosas e burlescas da corte), onde existe uma sátira contra pessoas da sociedade, poetas rivais, damas casadas ou donzelas.

Durante o reinado de Afonso X, para além das supra mencionadas composições poéticas, são compostas as *Cantigas de Santa Maria*<sup>26</sup>, com o intuito de incentivar os trovadores a louvarem a Virgem Maria, por ser “a mais santa e a mais bela de entre todas as mulheres”<sup>27</sup>. Segundo Ramón Lorenzo<sup>28</sup>, a escolha do galego por Afonso X para a escrita das *Cantigas de Santa Maria* deveu-se, por um lado, ao declínio do provençal, que se iniciou nos primeiros anos do século XIII; por outro, ao florescimento da escola trovadoresca, com a lírica galego-portuguesa a atingir o apogeu durante o seu reinado. Não existindo em Castela nenhuma escola trovadoresca, o rei opta por escolher o galego, por se tratar de uma língua que ele dominava melhor do que o provençal e do que o catalão, e que era falada na sua corte. Partilhando da mesma opinião que Rübencamp (1933), Ramón Lorenzo (1981:11) reforça a ideia de que as *Cantigas de Santa Maria* “representan unha unidade lingüística de tipo galego, un galego culto, como corresponde ó autor, que non deixa pasar moitas características da fala popular”.

Embora a autoria destas composições tenha sido, durante anos, atribuída a Afonso X, vários estudos referem que o rei terá sido essencialmente o editor da obra, contribuindo apenas com alguns poemas, mas acompanhando de perto a sua feitura e revisão. Esta é a opinião de Antonio Solalinde (1915)<sup>29</sup> e Menéndez Pidal (1951)<sup>30</sup>, também partilhada por Joseph T. Snow (1990):

---

<sup>26</sup> Esta obra tem a particularidade de apresentar os poemas acompanhados de pautas de música, o que a torna num documento único da lírica trovadoresca.

<sup>27</sup> Cito de cor.

<sup>28</sup> LORENZO, Ramón. “Limiar” in METTMANN, Walter (ed.) 1981. *Afonso X, o Sábio - Cantigas de Santa Maria*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, S.A., pp. 7-13. Destaco a seguinte passagem:

“(…) a poesía trovadoresca florecera primeiramente na Provenza (especialmente no séc. XII), pero, despois da cruzada contra os Albixenses e da condena que fixo o papa Inocencio III do provenzal como lingua de hereges, comenzou a súa decadencia nos primeiros anos do séc. XIII. En cambio, en Galicia e Portugal este mesmo séc. XIII marca a expansión da Escola Trovadoresca.

Cando Afonso X é rei está en pleno apoxeu a lírica galego-portuguesa e xa decaíra totalmente a provenzal. Como non había unha escola trovadoresca em lingua castelá, non debe extrañar que Afonso X se decidise polo galego, lingua que coñecía mellor có provenzal e có catalán por tradición familiar e que se falaba na corte castelá, a onde acudían moitos trovadores e xograres galegos, que chegan a colaborar co rei”. (pp.7-8)

<sup>29</sup> SOLALINDE, Antonio 1915. “Intervención de Alfonso X en la redacción de sus obras” in *Revista de Filología Española* 2.

<sup>30</sup> MENÉNDEZ PIDAL, Gonzalo 1951. “Cómo trabajaron las escuelas alfonsies” in *Nueva Revista de Filología Hispánica* 363-380.

“I do not believe that Alphonso is the author of the poems (or the melodies) in this *repertorio marial*. With Antonio Solalinde and many others since, however, I accept the general manner of the king’s “making a book”. (...) he was active in almost every phase of book composition, from sourcebook collecting to editing to sponsorship of the large teams necessary in actual production (the miniaturists, the draftsmen, the scribal musicators, and others)”<sup>31</sup>.

Segundo estes autores, Afonso X foi um rei muito activo a nível cultural, tendo sabido rodear-se de homens que o auxiliaram na criação de um espólio literário e não-literário vasto e muito importante, não só para a época em que viveu como também para as gerações futuras. Durante o seu reinado foram produzidas obras dedicadas às mais divesas áreas do saber<sup>32</sup>, sendo, pois, pouco provável que uma única pessoa dominasse tanto conhecimento. Para Ramón Lorenzo (2002:95):

“El Rey Sábio disponía de un equipo de colaboradores que reunía los materiales, hacía la traducción de textos latinos o árabes, ensamblaba las distintas versiones y redactaba los capítulos que luego él mismo revisaba y unificaba”<sup>33</sup>.

Feito este breve apontamento acerca das cantigas da lírica trovadoresca e das *Cantigas de Santa Maria*, passaremos à apresentação do número de atestações de *ar/er* contidas nesses textos. Essa informação encontra-se registada no **Quadro 2.1.** e, para nos auxiliar numa melhor leitura e análise dos resultados, apresentaremos, complementarmente, o **Gráfico 2.1.** que nos dá uma informação numérica e percentual dessas atestações em função das cantigas.

---

<sup>31</sup> SNOW, Joseph T. 1990. “Alfonso as Troubadour: The Fact and the Fiction”. Capítulo 9, p. 1, in Burns, Robert I. (ed.) 1990. *Emperor of Culture: Alfonso X the Learned of Castile and His Thirteenth-Century Renaissance*. University of Pennsylvania Press: The Library of Iberian Resources Online. (<http://libro.uca.edu/alfonso10/emperor9.htm>)

<sup>32</sup> Astronomia (*Tablas Alfonsíes*), Direito (*Siete Partidas*), História (*Crónica General*), entre outras.

<sup>33</sup> LORENZO, Ramón 2002. “La interconexión de Castilla, Galicia e Portugal en la confección de las crónicas medievales y en la transmisión de textos literários” in *Revista de Filología Románica*, 19, 93-123.

Quadro 2.1.: Poesia - atestações de *ar/er* em função da origem e do tipo de texto

<i>ar/er</i>	Origem do autor	Cantigas de . . .				Total
		Santa Maria	Amor	Amigo	Escárnio e Maldizer	
<i>Ar</i>	Castelhana	172				172
	Galega		30	22	35	87
	Portuguesa		56	17	49	122
	Incerta		12	1	2	15
	<i>Subtotal</i>	172	98	40	86	396
<i>Er</i>	Castelhana	3				3
	Galega		2		3	5
	Portuguesa		29	5	14	48
	Incerta			1		1
	<i>Subtotal</i>	3	31	6	17	57
<b>Total</b>		175	129	46	103	453

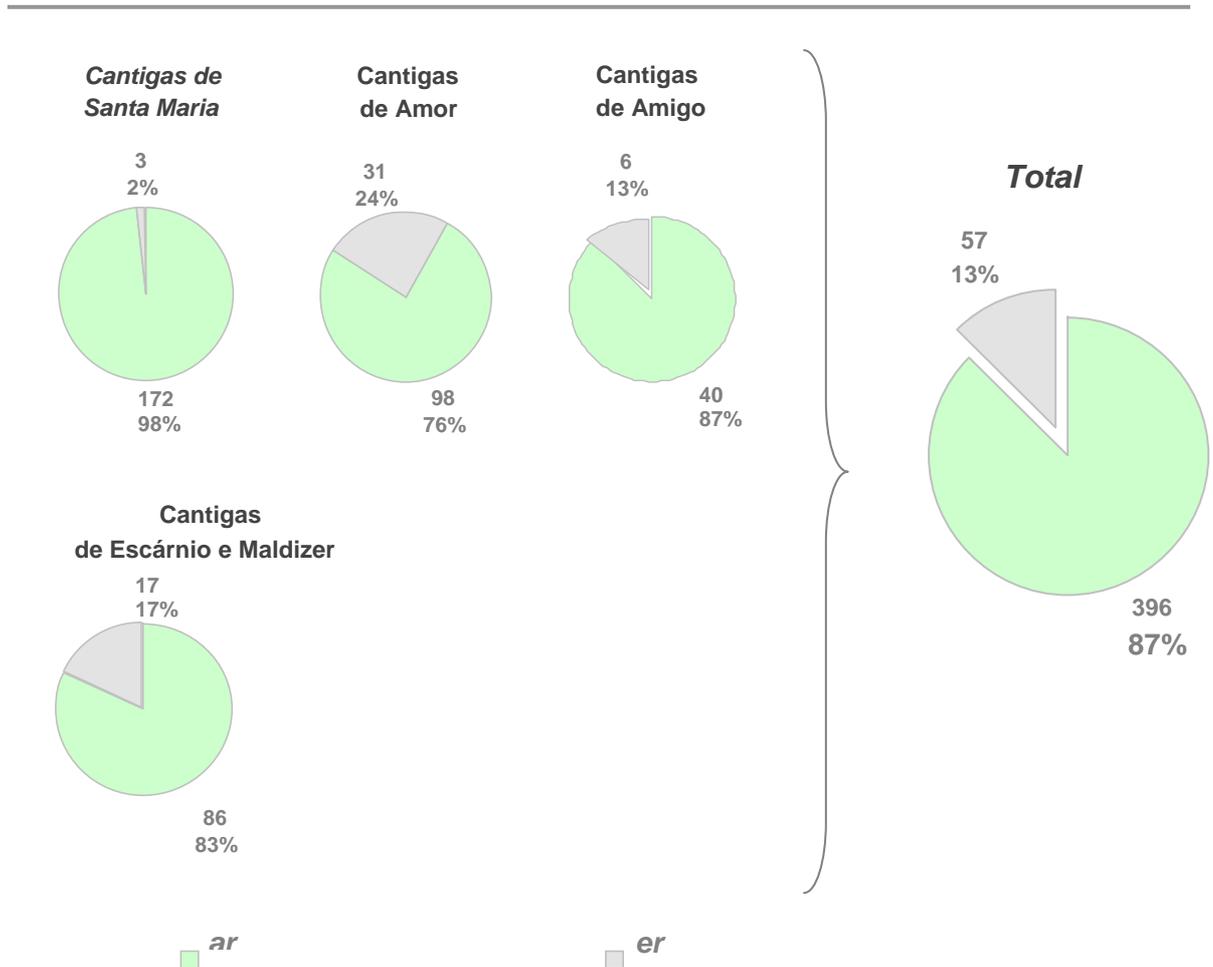
Fonte: TMILG e CIPM.

Numa primeira abordagem, e face aos resultados encontrados, podemos afirmar com segurança que os autores consultados dão clara primazia à utilização da forma *ar* nas suas composições poéticas, sendo que esta é a forma quase exclusivamente utilizada nas *Cantigas de Santa Maria*.

Os autores de diferentes origens<sup>34</sup> utilizam *ar* nos diferentes tipos de textos poéticos. Em contrapartida, a forma *er* não aparece nas cantigas de amigo compostas por autores galegos.

<sup>34</sup> Para estabelecer a proveniência de cada um dos autores, consultámos as seguintes obras: BREA, Mercedes (coord.) 1996. *Lírica Profana Galego-Portuguesa*. Vols. I, II. Santiago de Compostela: Centro de Investigações Lingüísticas e Literárias Ramón Piñeiro. e LANCIANI, Giulia e Giuseppe TAVANI (org. e ed.) 1993. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho. 2000.

Gráfico 2.1.: Poesia - atestações de *ar/er* em função do tipo de texto



Analisando os dados que constam no **Quadro 2.1.** e as percentagens assinaladas no **Gráfico 2.1.** correspondentes ao número de atestações de *ar/er* nas cantigas, verificamos que, dos 453 registos encontrados, a presença de *ar* prevalece no texto poético (87%) se comparada com as ocorrências de *er* (13%).

Das 396 atestações de *ar*, constatamos que é nas *Cantigas de Santa Maria* que esta forma tem maior expressão (172 ocorrências); segue-se o número de atestações encontrado, respectivamente, nas cantigas de amor (98), nas cantigas de escárnio e maldizer (86), e nas cantigas de amigo (40).

A preponderância de *ar* sobre *er* nas *Cantigas de Santa Maria* vem reforçar a ideia defendida por Rübecamp e Ramón Lorenzo de que a linguagem nelas utilizada está mais próxima dos textos galegos do que dos textos portugueses. Se atentarmos nas percentagens de utilização de *ar/er* por autores galegos e portugueses, chegamos à conclusão de que *ar* foi bem mais utilizado na Galiza (94,6%) do que em Portugal (71,7%).

A forma *er* foi mais utilizada pelos autores portugueses (48 ocorrências = 84,2%), apresentando 57 atestações no total. É nas cantigas de amor que *er* regista o maior

número de ocorrências (31), seguindo-se as cantigas de escárnio e maldizer (17), as cantigas de amigo (6) e as *Cantigas de Santa Maria* (3).

No seguimento desta análise, parece-nos pertinente apresentar um quadro com o levantamento dos autores que utilizaram o advérbio *ar/er* nas suas composições poéticas, referindo o(s) século(s) em que viveram.

**Quadro 2.2.: Número de atestações de *ar/er* por século e por autor**

Origem	<i>ar</i>	<i>er</i>
Castelhana (1 autor)	172 atestações de 1 autor <u>Século XIII</u> 172 – Afonso X	3 atestações de 1 autor <u>Século XIII</u> 3 – Afonso X
Galega (25 autores)	87 atestações de 25 autores <u>Século XIII</u> 8 - Vasco Fernandez; Johan Airas de Santiago 6 - Airas Perez Vuitoron; Pedro Amigo de Sevilha; Pero da Ponte 5 - Johan Baveca 4 - Afons' Eanes do Coton; Bernal de Bonaval; Nun' Eanes; Osoir' Anes; Pai Gomez Charinho 3 - Johan Servando; Nuno Fernandez; Nuno Treez; Pero d' Armea 2 - Airas Moniz D' Asme; Fernan Paes de Tamalancos; Garcia Perez; Juião Bolseiro; Martin de Padrozelos; Roi Paez de Ribela 1 - Galisteu Fernandiz; Johan Lopez; Lopo Liães (Diáz); Pero de Bardia	5 atestações de 3 autores <u>Século XIII</u> 2 - Johan Lopez; Pero da Ponte 1 - Lopo Liães (Diáz)
Portuguesa (29 autores) <sup>35</sup>	122 atestações de 23 autores <u>Século XIII</u> 22 - João Soares Coelho 20 - João Garcia de Guilhade 14 - Martim Soares 10 - D.Dinis 9 - Roi Queimado 5 - Fernan Garcia; Lourenço 4 - João Peres d'Avoim 3 - Airas Engeitado; Gonçalo Eanes do Vinhal; Pero Mafaldo; Vasco Gil 2 - Afonso Mendez de Besteiros; Fernan Fernandez Cogominho; Gil Peres Conde; Vasco Peres Pardal 1 - Afonso Lopes de Baião; Johan Lobeira; Johan Mendiz; Joan Soaires Somesso; Pero Gomez  <u>Século XIV</u> 7 - Afonso Sanchez 1 - Estevan da Guarda	48 atestações de 17 autores <u>Século XIII</u> 22 - D. Dinis 5 - Martim Soares 2 - Gil Peres Conde 1 - Afonso Fernandes Cubel; Estevan Perez; Fernan Garcia; João Garcia de Guilhade; João Peres d'Avoim; João Soares Coelho; Johan Lobeira; Johan Mendiz; Men Rodriguez de Briteiros; Péro Viviães; Roi Martins  <u>Século XIV</u> 4 - Estevan da Guarda 3 - Afonso Sanchez 1 - Vidal judeu
Incerta (4 autores)	15 atestações de 4 autores <u>Século XIII</u> 8 - Fernan Rodrigues de Calheiros. 3 - Fernan Gonçalves 2 - Airas Nunez; Diego Moniz.	1 atestação de 1 autor <u>Século XIII</u> 1 - Fernan Rodrigues de Calheiros

Fonte: TMILG e CIPM.

Pela análise deste quadro, a primeira observação que nos cumpre salientar é a de

<sup>35</sup> Embora haja autores que viveram em dois séculos, optámos por situar no século XIII aqueles que, seguramente ou possivelmente, já tinham actividade literária neste século, ainda que a mesma se tenha prolongado no século seguinte (p.e. D. Dinis e Johan Mendiz); no século XIV registámos aqueles cuja actividade literária se situa, seguramente ou possivelmente, apenas neste século (p.e. Estevan da Guarda e Vidal judeu).

que o advérbio *ar/er* foi mais utilizado durante o século XIII do que em qualquer outro século, sendo que *ar* foi a forma mais escolhida pelos poetas de então. O número de autores portugueses e galegos que utilizam o advérbio *ar/er* é muito aproximado, 29 e 25 respectivamente. Embora saibamos que, na época, era comum o contacto entre a grande maioria destes trovadores, os autores galegos dão clara primazia à utilização de *ar* (87 ocorrências) nas suas composições, sendo que, dos 25 autores consultados, apenas 3 utilizam também *er*. Estes três poetas galegos – Johan Lopez, Pero da Ponte e Lopo Liáns – desenvolveram a sua actividade literária na mesma época (segunda metade do século XIII), sendo, por isso, muito possível que tenham frequentado as mesmas cortes<sup>36</sup>.

Embora tenhamos um número consideravelmente mais elevado de ocorrências de *ar* nas composições portuguesas (122), verifica-se que há, da parte de alguns destes trovadores, a predisposição para o uso de *er* (48), nomeadamente aqueles que compõem nos finais do século XIII. É o caso do rei D. Dinis, em cuja obra atestamos 22 ocorrências de *er*.

No topo da lista dos trovadores que mais utilizaram *ar*, vamos encontrar dois nobres portugueses, João Soares Coelho e João Garcia de Guilhade<sup>37</sup>, que viveram na corte de D. Fernando III, tendo mantido relações literárias entre si<sup>38</sup>.

Os três autores galegos, em cuja produção poética se atesta a utilização de *er*, também utilizam *ar*. Inversamente, existem seis autores portugueses (cinco do século XIII – Afonso Fernandes Cubel<sup>39</sup>, Estevan Perez<sup>40</sup>, Mem Rodrigues de Briteiros<sup>41</sup>, Pêro

---

<sup>36</sup> Por outro lado, pode ser significativo o facto de Johan Lopez de Ulhoa ter casado com uma portuguesa (Sancha Lourenço de Taveira) e se ter estabelecido na Estremadura portuguesa. Segundo A. Resende de Oliveira (in LANCIANI e TAVANI 1993): “de acordo com os poucos dados disponíveis, poderemos talvez distinguir duas fases distintas na sua vida, uma primeira galega e uma segunda portuguesa, embora nos escapem o momento e as circunstâncias que rodearam a sua saída da região de onde era natural”.

<sup>37</sup> Estes trovadores participaram no ciclo das Amas juntamente com Lourenço, João Peres D’Avoim (poetas portugueses) e Airas Peres Vuitoron (poeta galego).

<sup>38</sup> cf. BREA, Mercedes (coord.) 1996. *Lírica Profana Galego-Portuguesa*. Vols. I, II. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literárias Ramón Piñeiro.

<sup>39</sup> Afonso Fernandes Cubel, vem referenciado como pertencendo à região do vale do Lima. (cf. BREA 1996)

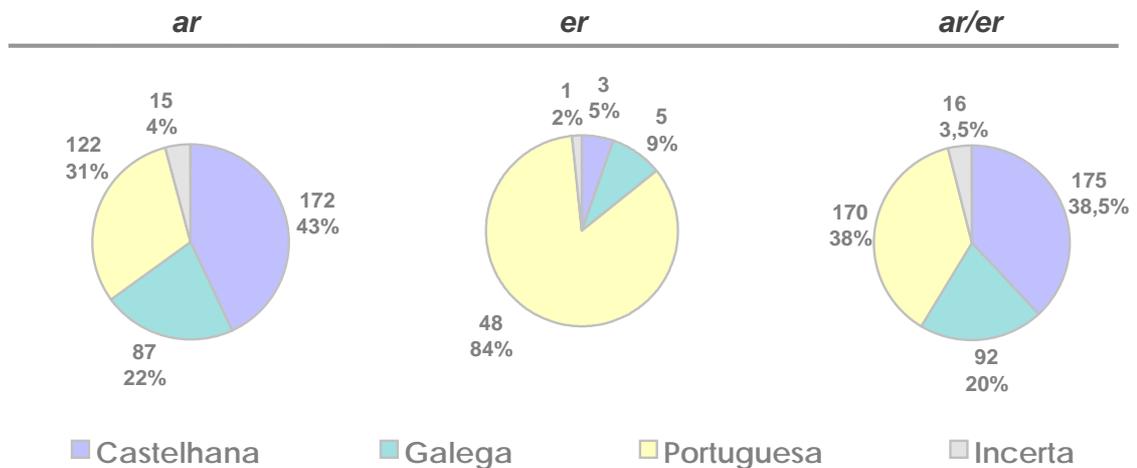
<sup>40</sup> Estevan Perez, embora sendo português, passou grande parte da sua vida em Castela, após a subida ao trono do rei D. Dinis. (cf. BREA 1996)

Viviães<sup>42</sup> e Roi Martins – e um do século XIV – Vidal, judeu) que utilizam exclusivamente *er*, sendo que, dois deles, são originários do centro (Santarém – Roi Martins) e do sul (Elvas – Vidal, judeu) do país.

Dos 29 autores portugueses, 13 utilizam *er* apenas uma vez nas suas composições e 11 optam pelo uso de *ar/er*.

Dando continuidade à nossa análise, apresentamos seguidamente o **Gráfico 2.2.** com a percentagem de atestações de *ar/er* por autor, em função da sua origem.

Gráfico 2.2.: Poesia - atestações de *ar/er* em função da origem do autor



Dos dados apresentados, salientamos os factos seguintes:

- *er* foi utilizada, predominantemente, por autores portugueses (84%);
- o número de atestações de *er* em composições galegas e nas *Cantigas de Santa Maria* é muito pouco expressivo;
- *ar* foi quase tão utilizada nas *Cantigas de Santa Maria* (43,%) como em toda a restante lírica galego-portuguesa (57%);
- é nas *Cantigas de Santa Maria* (38,5%) e nas composições de autores portugueses (38%) que se encontra o maior número de atestações de *ar/er*.

Sintetizando, nos textos poéticos produzidos nos séculos XIII e XIV, é notória a

<sup>41</sup> Mem Rodrigues de Briteiros aparece nomeado pela primeira vez num foral de Elvas, embora se saiba que ele é tenente da Maia no reinado de Afonso III. Permaneceu alguns anos na corte de Sancho IV de Castela, tendo regressado à corte portuguesa no reinado de D. Dinis. (cf. BREA 1996)

<sup>42</sup> Trovador provavelmente português, não se especificando a sua origem geográfica. (cf. BREA 1996)

adesão dos autores galegos e portugueses à utilização de *ar* (396 atestações de *ar* contra 57 de *er*). Contudo, nas composições dos autores portugueses já se registam indícios de uma possível expansão de *er*, o que talvez seja mais visível em textos de outras tipologias. É o que iremos analisar na secção 2.3.2. deste trabalho.

### 2.3. *Ar/er* nos textos em prosa dos séculos XIII a XV

As fontes de que nos socorremos para o levantamento de atestações de *ar/er* e análise de resultados são as que constam no ponto 2.1. deste capítulo. Nesta pesquisa, foram consultadas obras de diferentes tipologias, a saber: crónicas, textos religiosos, obras literárias do ciclo arturiano, documentos notariais, foros, textos técnicos, etc.

Perante a necessidade de uma análise criteriosa das atestações de *ar/er* e perante uma tão grande diversidade de obras, optámos por agrupá-las em literárias e paraliterárias (prosa histórica, religiosa e romance de cavalaria), e não-literárias (textos legais e prosa técnica), galegas e portuguesas.

De todas as obras consultadas, apenas foram registadas atestações nas que se encontram referidas nos **Quadros 2.3.** e **2.5.**

#### 2.3.1. *Ar/er* na prosa galega

Os textos galegos, em prosa, onde atestámos a presença de *ar/er*, foram consultados no *corpus* TMILG. Além disso, algumas atestações provêm de documentos notariais inéditos, tendo-nos sido facultadas pelo Professor Doutor Ramón Lorenzo (cf. a nota (6) acima). Partindo da tipologia e datação dos diferentes documentos apresentadas no TMILG, agrupámos as obras tal como acima referimos. As atestações de *ar/er* encontradas constam do **Quadro 2.3.**

**Quadro 2.3.: Prosa – número de atestações de *ar/er* em textos galegos (séculos XIII a XVI)**

	<i>ar</i>	<i>er</i>
Prosa literária e paraliterária	3 - <i>Os Mirages de Santiago</i> (séc. <sup>s</sup> XIV/XV) 2 - <i>Crónica Troiana</i> (séc. XIV) 1 - <i>Rúbricas dos Cancioneiros profanos galego-portugueses</i> (séc. XIV)	5 - <i>Crónica Xeral e Crónica de Castela</i> (séc. <sup>s</sup> XIII/XIV)
Prosa não-literária	5 - documentos notariais do séc.XIII, de proveniências geográficas diversas 5 - documentos notariais do séc.XIV, de proveniências geográficas diversas	2 - documentos notariais do séc.XIII, da Província de Pontevedra (Sudoeste) 1 - documento notarial do século XV, da Província de Pontevedra (Sudoeste) 1 - documento notarial do século XVI, da Província de Pontevedra (Sudoeste)

Fonte: Diferentes *corpora* e obras em formato digital e de consulta mencionadas ao longo do trabalho e na bibliografia.

Perante os dados fornecidos neste quadro, constatamos que, tal como acontecia nos textos poéticos, os autores galegos utilizam preferencialmente a forma *ar* quer em textos literários e paraliterários, quer em textos não-literários. Esta forma começa por aparecer em textos não-literários (a primeira atestação num documento notarial de 1253) e só depois é utilizada também em textos literários e paraliterários. O número de atestações de *ar* é, no entanto, pouco significativo, quando comparado com o uso que lhe deram os poetas galegos da lírica trovadoresca, em igual período.

Registando um número inferior ao das atestações de *ar*, a forma *er* surge também, tanto em textos literários (desde os séculos XIII/XIV) como em textos não-literários (desde o século XIII), sendo que a primeira atestação num documento notarial é de 1272. Diferentemente de *ar*, a forma *er* atesta-se até ao século XVI, ainda que se trate de uma ocorrência única num documento do início do século (1506). No que diz respeito às atestações de *er* em documentos notariais, importa salientar que todos os documentos provêm de uma mesma área geográfica, a zona sudoeste da Província de Pontevedra. O documento do século XVI<sup>43</sup> pertence ao mosteiro de San Xoan de Poyo, junto à Ria de Pontevedra (sendo o menos meridional dos quatro documentos). Os dois documentos do século XIII provêm do mosteiro de Oia<sup>44</sup> e o documento do século XV é de Tui, ou seja, os três pertencem ao triângulo Sudoeste da Província de Pontevedra. Esta área, que constitui uma reentrância galega na região minhota, tem sido identificada por diversos autores como linguisticamente diferenciada desde época antiga, existindo evidência clara de que acolheria um dialecto galego medieval (cf. Maia 1986, Álvarez Blanco 1994, Álvarez Blanco e Xove 1998, Mariño Paz 1999).

Neste quadro, é interessante notar, relativamente à prosa literária e paraliterária, a existência de uma obra (*Crónica Xeral e Crónica de Castela*) que se distingue das

---

<sup>43</sup> cf. F2:401, p.83: "... moesterio de Sant Iohan de Poyo, coutos e lugares del por lo Reverendisimo sennor arçobispo e iglesia de Santiago a esto que sobredito he en huun com os ditos testigos presente fuy e fiz escripvir **er** aqui meu nome e signo puse en tetimonio de verdade".

<sup>44</sup> Trata-se de dois documentos inéditos que estão a ser editados pelo Professor Ramón Lorenzo. A informação sobre a localização geográfica dos documentos foi-nos amavelmente facultada pela Professora Rosário Álvarez Blanco: "No primeiro documento [ano de 1272] os protagonistas e os topónimos son da contorna de Valença. Tamén o son as testemuñas e o tabellión. No segundo, as testemuñas son do extremo SW de Galicia: A Guarda, Fornelos, Tebra... O notario é o da Guarda, que acredita ter tamén a xurisdición de Toroño, tamén no S da provincia de Pontevedra, ao sur da ria de Vigo. Pódese dicir por isso que o documento foi dado ali, ainda nos topónimos das terras obxecto de transación non hai evidencias de que se refiran ás proximidades". (c.p.)

restantes por ser a única em que se atesta *er* e não *ar*. Ora no que diz respeito a esta importante obra historiográfica galega, um minucioso e inovador trabalho de Rosario Álvarez Blanco e Xosé Xove veio mostrar que o tradutor da *Crónica Xeral* era certamente originário da região dialectal galega correspondente ao Sudoeste de Pontevedra<sup>45</sup>:

“Para podermos situar un determinado trazo lingüístico dentro dunha área dialectal específica é preciso contarmos previamente coa cartografía xeral dese fenómeno; para realizala cómpre recorrer ós documentos notariais. (...) A partir de documentación certamente incompleta, pero cremos que bastante abundante e representativa, trazámo-la representación dialectal de quince formas gramaticais e léxicas (...) En relación cos datos anteriores, as características dialectais presentes na primeira parte da *Crónica Xeral Galega* (ms. 8817) permítennos localizala na metade sur da provincia de Pontevedra, e máis precisamente na diocese de Tui. [A] *Traducción* procede da área occidental e sur da Galicia. A existencia das variantes *ele* e *aquela*, das raíces *ou-* e *ouu-* para o verbo *oír*, de *lli* e *llis* e de *outrẽ*, xunto co o uso exclusivo de *nume* e *munxe*, restrinxe a localización sudoccidental á parte sur da provincia de Pontevedra, e particularmente á área correspondente ó bispado de Tui”. (Álvarez e Xove 1998: 31, 53-54)

Observando o conjunto de atestações de *ar/er* apresentadas nesta secção (dedicada à prosa galega) continuamos a verificar uma maior frequência da forma *ar*, já observada nos textos poéticos, embora na prosa a diferença entre as ocorrências de *ar* e de *er* seja menor.

Vejamos agora a distribuição das formas do advérbio *ar/er* nos textos galegos, tendo em conta a sua utilização por século.

---

<sup>45</sup>As atestações de *er* encontram-se na segunda e terceira partes da *Crónica* (respectivamente 4 e 1 atestações) que correspondem à *Crónica de Castela* e à *Crónica de San Fernando*, enquanto o estudo de Álvarez Blanco e Xove (1998) teve por objecto a primeira parte da *Crónica*, isto é a *Crónica Xeral*. A este respeito, importa salientar que como mostrou Ramón Lorenzo (1975) na introdução à *Traducción Gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla* a tradução das três partes da *Crónica* foi levada a cabo como parte de um mesmo projecto e empreendimento (não tendo havido lugar a traduções independentes de cada uma das partes), pelo que Ramón Lorenzo fala sempre de “o tradutor”, no singular (cf. p. XLIV). Álvarez Blanco e Xove (1998) notam que na primeira parte da *Crónica* há três copistas, mas isso não é incompatível com a ideia de uma única “equipa” de tradução e cópia. cf. ÁLVAREZ-BLANCO e XOVE (1998:55): “As proporcións dalgunas formas varían enormemente dunhas partes a outras. Isto débese a que, segundo o noso exame, houbo tres copistas diferentes, aínda que os tres, e convén subliñalo, pertencentes á mesma área lingüística”.

Quadro 2.4.: Atestações de *ar/er* nos textos galegos em Prosa (dos séculos XIII a XVI)

<i>ar/er</i>	Século	Textos Galegos		
		Literários	Não-Literários	Subtotal
<i>ar</i>	XIII	0	5	5
	XIV	3	5	8
	XIV/XV	3	0	3
	XV	0	0	0
	Subtotal	6	10	16
<i>er</i>	XIII	0	2	2
	XIII/XIV	5	0	5
	XIV	0	0	0
	XV	0	1	1
	XVI	0	1	1
Subtotal	5	4	9	
Total		11	14	25

Fonte: Diferentes *corpora* e obras em formato digital e de consulta mencionadas ao longo do trabalho e na bibliografia.

O advérbio *ar/er* é utilizado pela primeira vez na prosa galega em documentos notariais de meados do século XIII (não existindo para a mesma época textos literários galegos em prosa).

Na transição do século XIII para o XIV, verificamos que a forma *er* passa a estar atestada também nos textos literários, para, a partir do século XIV, desaparecer deste tipo de textos.

A presença de duas atestações de *er* em documentos notariais da segunda metade do século XV (ano de 1475) e do início do século XVI (1506) não pode ser desligada da proveniência geográfica dos documentos, ambos originários da zona sudoeste da Província de Pontevedra, como esclarecemos acima<sup>46</sup>.

<sup>46</sup> A individualização dialectal da região correspondente à Província de Pontevedra (ou à sua metade meridional) foi apontada por Clarinda de Azevedo Maia na sua *História do Galego-Português*: “É evidente que não se pretende delimitar claramente determinadas sub-regiões galegas, mas apenas chamar a atenção para a singularidade de algumas zonas que, de acordo com o estudo realizado, tinham uma tonalidade dialectal característica e distinta da de outras zonas galegas. Uma região que se destaca com bastante individualidade é a que corresponde, *grosso modo*, à actual província de Pontevedra: aí se manifestam alguns tratamentos peculiares não registados noutras zonas galegas ou a ausência de certas formas reveladoras de uma evolução “galega” distinta da “portuguesa”. São também mais profundas as afinidades com a linguagem dos documentos de Portugal. No interior da área correspondente à actual província de Pontevedra, parecem esboçar-se ainda algumas sub-regiões, correspondentes a áreas menores, mas bem individualizadas. Uma dessas áreas é a que corresponde à metade meridional da província, sensivelmente de Pontevedra para sul (...) Destaca-se, além disso, como uma área bem individualizada a faixa meridional da província, situada junto à fronteira com Portugal, e muito particularmente a zona do extremo ocidental”. (MAIA 1986:932-933). Note-se que o documento de 1506 em que ocorre a forma *er*, embora seja o menos meridional do conjunto dos documentos notariais galegos com *er*, pertence ainda à “metade meridional” delimitada por Clarinda de Azevedo Maia, pois San Xoan de Poyo situa-se à beira de Pontevedra. Por outro lado, também Rosario Alvarez Blanco notou a individualidade do sudoeste da província de Pontevedra num estudo sobre as formas dativas do pronome pessoal de terceira pessoa no galego medieval, tendo como fonte textos notariais (cf. ÁLVAREZ BLANCO 1994: 140). Veja-se ainda MARIÑO PAZ (1999: 129-135).

Quanto à forma *ar*, é utilizada quer em textos literários, quer em textos não-literários, durante o século XIV. Na transição para o século XV, encontram-se as últimas atestações de *ar* em textos literários.

Em síntese: podemos observar que o número de ocorrências de *ar/er* nos textos galegos em prosa é muito inferior ao número de ocorrências do mesmo advérbio nos textos poéticos. No entanto, confirma-se o que os textos poéticos já tinham mostrado quanto à frequência de uso de cada uma das variantes morfofonológicas do advérbio, ou seja, as formas *ar* e *er*. Uma vez mais se nota que os autores galegos usam, preferencialmente, *ar* na sua produção escrita. Quanto à cronologia, se exceptuarmos a região de Pontevedra onde há atestações tardias, mas raras, de *er*, a forma *ar* parece ter tido maior longevidade no galego, a par de uma mais forte implantação.

### 2.3.2. *Ar/er* na prosa portuguesa

Os documentos portugueses consultados para verificação de atestações de *ar/er* têm diferentes origens. A obra integral *Demanda do Santo Graal* foi consultada a partir de uma edição informatizada, gentilmente cedida pelo Professor Doutor Ivo de Castro. As Crónicas de Fernão Lopes foram consultadas em livro, nas edições que figuram na bibliografia. Para o levantamento das atestações de *ar/er* presentes na *Notícia de Torto*, foi consultada a edição desta obra feita pelo Professor Lindley Cintra. As atestações de *ar/er* retiradas da obra *Diálogos de S. Gregório* encontram-se no livro de Rosa Virgínia Mattos e Silva, *Estruturas Trecentistas do Português*. Algumas atestações foram ainda encontradas em textos portugueses notariais gentilmente cedidos pelo Professor Doutor Ramón Lorenzo. Todos os outros documentos foram consultados no *corpus* CIPM e, sempre que se verificou ser necessário, foram comparados com os que constam do *CdRom BVAP*.

De uma forma geral, as datações propostas nas diferentes fontes consultadas não foram alteradas. No entanto, no caso *Demanda do Santo Graal*, que inicialmente consultámos no *corpus* CIPM, e que se apresenta como o manuscrito de Viena do século XV (única cópia sobrevivente que dá testemunho do original desaparecido), optámos por adoptar a datação do texto original. Esta opção foi tomada porque as atestações de *ar/er* na *Demanda* mostram claramente que, neste como noutros aspectos,

a cópia do século XV conservou fielmente o original do século XIII. Assim, os dados encontrados na *Demanda* reflectem a língua portuguesa duocentista<sup>47</sup>, contrastando de forma flagrante com a situação do português quatrocentista do qual dão testemunho as Crónicas de Fernão Lopes e a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Zurara, conforme mostraremos mais adiante.

A *Demanda do Santo Graal* é um dos textos que faz parte da literatura arturiana medieval, redigido num dos vários dialectos do francês medieval, e que chega à Península através do chamado «ciclo Pseudo-Boron», também conhecido como «ciclo da Pós-Vulgata». Pensa-se que esta e outras obras do mesmo ciclo<sup>48</sup> entraram em Portugal com a chegada, em 1245, do Conde de Bolonha, Afonso III, que viveu em França, na corte de Branca de Castela, sua tia, durante vinte anos, e onde as obras da literatura arturiana seguramente circulariam.

Segundo Ivo de Castro, a *Demanda* foi traduzida por João Vivas<sup>49</sup> (documentado na região de Lisboa em 1240 e 1263) ao longo da segunda metade do século XIII<sup>50</sup>, sendo, depois, a difusão desta obra na Península Ibérica operada essencialmente a partir de Portugal.

Feita esta breve explicação sobre a datação que aqui adoptamos da *Demanda*, passaremos a apresentar os resultados das atestações de *ar/er* nos textos portugueses em prosa.

<sup>47</sup> Para LAPA (1982:312): “Quem se familiarizou com os documentos linguísticos do século XIII e leu com atenção a *Demanda*, não pode deixar de reconhecer que há entre ela e eles uma perfeita identidade de linguagem (...). Mais ainda: essa linguagem tem uma semelhança flagrantíssima com a dos trovadores da melhor época. (...) mas há ainda no texto português restos de arcaísmo, que já tinham quase desaparecido na própria época trovadoresca e que não permitem, quanto a nós e sobretudo a Carolina Michaëlis, datar o texto de mais daquém do século XIII.”

<sup>48</sup> Romances arturianos do «ciclo da Pós-Vulgata»: *Demanda do Santo Graal*; *Livro de José de Arimateia*; *Merlim*.

<sup>49</sup> Citando CASTRO, Ivo (1988:201): «La traduction péninsulaire du cycle de la Post-Vulgate este reconnue comme l'œuvre d'une certain Joam Vivas, religieux. Son nom apparait deux fois dans L [*Josep* portugais] (fls.123v et 199r) et une fois dans la *Demanda* castillane (ed. Séville, 1535, fl. 181a), à la première personne, en narrateur qui s'explique sur le traitement de son sujet, associant son nom à celui de Robert de Boron. »

<sup>50</sup> cf. CASTRO, Ivo 1983. «Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata», in *Boletim de Filologia*, XXVIII, pp.81/98; LAPA, M. Rodrigues 1982. «A *Demanda do Santo Graal*, Prioridade do texto português» in *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis; MEGALE, Heitor 1990. «*Demanda* Portuguesa de Viena» in *Boletim de Filologia*, XXXI, Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, pp.133/160; PICKFORD, C. Edward 1961. «La Priorité da la version portugaise de la *Demanda do Santo Graal*», in *Bulletin Hispanique*, LXII, pp.211/216 e BOGDANOW, Fanni 1975. «The Relationship of the Portuguese and Spanish *Demandas* to the extant French Manuscripts of the Post-Vulgate *Queste del Saint Graal*», in *Bulletin of Hispanic Studies*, 52-1, pp.13/32.

Os textos que constam do **Quadro 2.5.** são uma parte muito reduzida dos documentos por nós consultados. Por ser nosso propósito referir, com precisão, o século em que deixou de haver atestações de *ar/er*, foi necessário consultar obras dos séculos XIII a XX, pelo que, para além dos documentos que se encontram no CIPM, consultámos todas as obras disponíveis nas edições digitalizadas que constam da bibliografia, bem como os que constam do *corpus Tycho Brahe*.

O **Quadro 2.5.** dá conta das atestações encontradas:

**Quadro 2.5.:** Prosa – número de atestações de *ar/er* em textos portugueses (séculos XIII a XV)

		<i>ar</i>	<i>er</i>
Prosa literária e paraliterária	<b>Romance de Cavalaria</b>	61 - <i>Demanda do Santo Graal</i> (séc. XIII)	85 - <i>Demanda do Santo Graal</i> (séc. XIII)
	<b>Histórica</b>		15 - <i>Crónica de D. João I</i> (séc. XV) 13 - <i>Crónica Geral de Espanha</i> (séc. XIV) 6 - <i>Crónica de D. Pedro de Meneses</i> (séc. XV) 1 - <i>Crónica de D. Pedro</i> (séc. XV)
	<b>Religiosa</b>		13 - <i>Diálogos de S. Gregório</i> (séc. XIV) 1 - <i>Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense</i> <i>Visão de Túndalo</i> (séc. XIII/XIV)
Prosa não-literária	<b>Leis e Costumes</b>		11 - <i>Dos Costumes de Santarém</i> (séc. XIV) 5 - <i>Afonso X - Foro Real</i> (séc. XIII)
	<b>Notarial</b>	11 - <i>Notícia de Torto</i> (séc. XIII)	6 - documentos notariais do séc. XIV (Minho e Douro Litoral) 5 - <i>Notícia de Torto</i> (séc. XIII) 2 - documentos notariais do séc. XIII (Minho e Douro Litoral)
	<b>Técnica</b>		3 - <i>Arte de Trovar</i> (séc. XIV)

Fonte: Diferentes *corpora* e obras em formato digital e de consulta mencionadas ao longo do trabalho e na bibliografia.

Contrariamente aos resultados apresentados no **Quadro 2.3.**, nos textos portugueses em prosa, a forma *er* é usada, com uma frequência significativa, em textos de todas as tipologias (isto é, prosa histórica, prosa religiosa, romance de cavalaria, prosa técnica, leis e costumes e documentos notariais), apresentando um número de atestações (166) superior ao de *ar* (72). A obra *Demanda do Santo Graal* é aquela onde se regista o maior número de atestações de *ar/er*. Esse facto confirma que, no que diz respeito a *ar/er*, como em relação a outros traços linguísticos, a *Demanda do Santo Graal* não pode ser tomada como fonte para o conhecimento da língua do século XV,

testemunhando ainda a situação linguística do século XIII. Note-se que a forma *ar* já não se atesta na *Crónica Geral de Espanha de 1344* e que o número de atestações de *ar/er* que se encontra na *Demanda* só tem paralelo nos textos poéticos do século XIII.

Foquemos agora a nossa atenção no **Quadro 2.6.**, que nos dá a conhecer, mais claramente, o número de atestações de *ar/er* encontradas nos textos portugueses em prosa, tendo em conta o século.

**Quadro 2.6.: Atestações de *ar/er* nos textos portugueses em Prosa (dos séculos XIII a XV)**

<i>ar/er</i>	Século	Textos Portugueses		
		Literários	Não-Literários	Subtotal
<i>ar</i>	XIII	61	11	72
	XIV	0	0	0
	XV	0	0	0
	Subtotal	61	11	72
<i>er</i>	XIII	85	12	97
	XIII/XIV	1	0	1
	XIV	26	20	46
	XV	22	0	22
	Subtotal	134	32	166
Total		195	43	238

Fonte: Diferentes *corpora* e obras em formato digital e de consulta mencionadas ao longo do trabalho e na bibliografia.

É no século XIII que se atesta o maior número de ocorrências do advérbio *ar/er* nos diferentes textos em prosa, identicamente ao que observámos para a produção poética.

A forma *er* permanece activa durante três séculos, embora o número de atestações decresça à medida que avançamos no tempo, deixando mesmo de se registar nos textos não literários do século XV (época em que o estatuto gramatical de *er* terá mudado, como mostraremos no capítulo 3).

No século XIV e seguintes, os textos literários e não literários deixam de apresentar atestações de *ar*, o que nos leva a concluir que, comparativamente a *er*, a sua presença na prosa portuguesa foi bem mais efêmera. Na verdade, a forma *ar* desaparece mais cedo da produção escrita portuguesa do que da produção escrita galega. Pode assim, talvez, dizer-se que *ar* foi mais caracteristicamente galego e *er* mais caracteristicamente português.

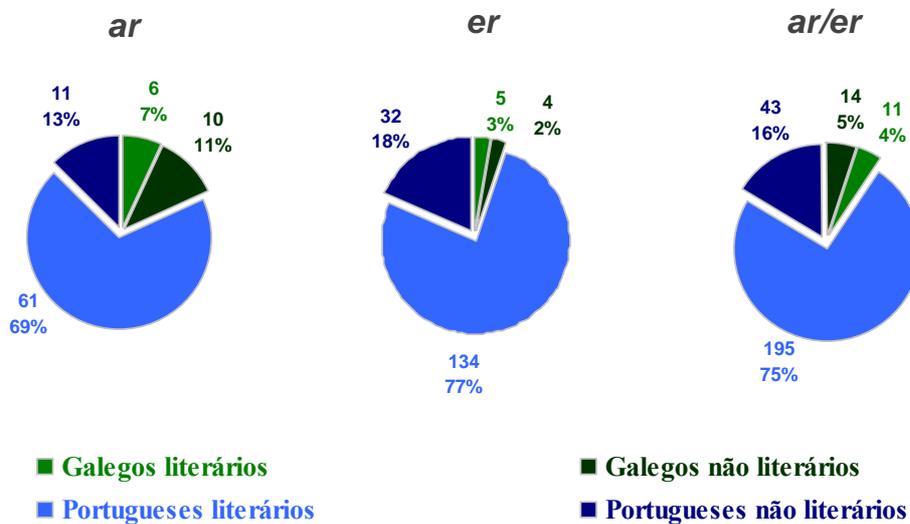
Por fim, atendendo ao elevado número de atestações de *ar/er* encontrado na obra *Demanda do Santo Graal*, podemos afirmar que este documento espelha, sem dúvida, a

língua portuguesa do século XIII. Mas os copistas<sup>51</sup> do século XV poderão ter substituído alguns *ar* por *er*, o que explicaria a frequência muito mais elevada de *er* na *Demanda* do que na poesia de trovadores portugueses do século XIII.

### 2.3.3. *Ar/er* na prosa galega e portuguesa

Feita a abordagem individual, passamos, de seguida, à comparação e análise percentual do número de atestações de *ar/er* obtido nos documentos galegos e portugueses.

Gráfico 2.3.: Atestações de *ar/er* nos textos em Prosa (dos séculos XIII a XV)



Perante os dados sistematizados no Gráfico 2.3., verificamos que o advérbio *ar/er* foi mais utilizado por autores portugueses (91%) do que por autores galegos (9%) nos textos em prosa. Se analisadas individualmente, tanto a forma *er* (95%) como a forma *ar* (82%) registam maior número de ocorrências em textos portugueses do que em textos galegos.

Nos textos não literários galegos e portugueses, a percentagem de atestações de *ar* é igual. No entanto, se compararmos as percentagens de *er* presentes nos textos não-literários e, sobretudo, literários galegos e portugueses, é muito marcada a opção dos autores portugueses pelo uso da forma *er*, em contraste com os autores galegos.

Nos textos literários galegos, a forma *ar* e a forma *er* apresentam praticamente o

<sup>51</sup> Vários copistas estiveram envolvidos na execução do manuscrito quatrocentista da *Demanda do Santo Graal*. Veja-se o desenvolvimento deste assunto no capítulo 4, secção 4.3.

mesmo número de atestações (6/5). No entanto, a diferença sobe para quase o triplo ao compararmos o número de atestações de *ar* (10) em relação a *er* (4), nos textos não-literários.

Uma outra conclusão a que poderemos chegar é a de que, ao longo dos três séculos, se regista uma presença mais constante e um maior número de atestações de *er* nos textos em prosa, do que nos textos poéticos.

Analisemos mais pormenorizadamente as ocorrências deste advérbio por século.

Gráfico 2.4.: Prosa - Número de atestações de *ar/er* no século XIII

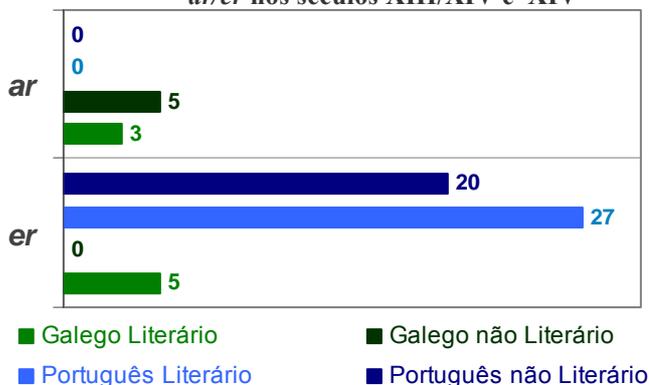


Durante o século XIII, o advérbio *ar/er* foi utilizado nos textos portugueses em prosa de forma bastante expressiva, embora o número de atestações se encontre apenas em quatro obras

(*Demanda do Santo Graal*, *Notícia de Torto*, *Vida de Santos de um Manuscrito Alcobacense* *Visão de Túndalo* e *Afonso X – Foro Real*) e num pequeno conjunto de documentos notariais. Destaca-se largamente a *Demanda*, onde o número de ocorrências de *ar/er* encontrado supera todos os outros.

Na prosa galega, o advérbio *ar/er* começa por ser atestado apenas em textos não-literários (documentos notariais).

Gráfico 2.5.: Prosa - Número de atestações de *ar/er* nos séculos XIII/XIV e XIV



Nos séculos XIII/XIV e XIV, a forma *er* continua a ter destaque em textos literários e não-literários de autores portugueses. Embora o número de atestações da mesma seja mais reduzido nos textos literários, o seu número aumenta nos textos não-literários. As atestações foram retiradas de quatro obras e

de documentos notariais, sendo que, três das referidas obras apresentam mais de uma

dezena de atestações, a saber, *Crónica Geral de Espanha*, *Diálogos de S. Gregório* e *Dos Costumes de Santarém*. A forma *ar* deixa de ser utilizada nas obras portuguesas.

Nas obras de autores galegos não se atestou a forma *er* em textos não-literários, mas, em contrapartida, vamos encontrar *ar/er* a ser utilizado pela primeira vez em textos literários. As atestações literárias de *er* encontram-se numa única obra: *Crónica Xeral e Crónica de Castela*.

Gráfico 2.6.: Prosa - Número de atestações de *ar/er* nos séculos XIV/XV e XV



Na transição do século XIV para o século XV e ao longo deste, confirmamos o desaparecimento progressivo do advérbio *ar/er*. *Ar* deixa de ser utilizada por autores portugueses, registando-se apenas três atestações da sua presença na obra literária *Miragres de Santiago* de um

autor galego (XIV/XV). Quanto a *er*, apenas encontrámos uma atestação num texto não-literário galego, caso que se repetirá no século XVI. Os documentos notariais onde se encontram estas duas atestações de diferentes séculos são oriundas do Oeste e Sudoeste da Província de Pontevedra, pelo que poderão reflectir um dialecto local (cf. a secção 2.3.1. acima).

Verificámos também que *er* continua a ser utilizada por autores portugueses em textos literários, atestando-se a sua presença em três obras - *Crónica de D. João I*, *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* e *Crónica de D. Pedro* -, pelo que poderá ser um indício da continuação do seu uso em textos do século XVI.

Poderemos, por isso, concluir que, apesar de o advérbio *ar/er* ter permanecido nos documentos antigos durante três séculos, a tendência para o seu desaparecimento começou a delinear-se muito cedo: *ar* desaparece dos textos portugueses durante o século XIV, para não mais ocorrer; no século XV, desaparece também dos textos literários galegos. Continuámos a atestar a presença de *er* nos textos literários portugueses e apenas verificámos duas ocorrências (uma no século XV e outra no XVI) em textos não-literários galegos da zona ocidental da Província de Pontevedra.

## 2.4. *Ar/er* no teatro vicentino

No final do século XV, há evidência inequívoca de que a forma *ar* caiu em desuso e não mais é usada em textos literários e não literários, galegos e portugueses. Por outro lado, a forma *er* só tem expressão significativa em textos literários portugueses.

Tendo em conta o número de atestações encontrado em textos portugueses, era pertinente continuarmos a pesquisa deste advérbio em obras de épocas posteriores. Com este intuito, pesquisámos obras dos séculos XVI ao XX, a fim de situarmos no tempo o desaparecimento definitivo da mesma. Com esse objectivo, consultámos os textos digitalizados e compilados nos *CDRoms BVAP* e *Gil Vicente – Todas as obras*, e todos os textos disponibilizados pelo *corpus Tycho Brahe*.

Na primeira metade do século XVI detectámos quinze atestações de *er*<sup>52</sup>, distribuídas por nove<sup>53</sup> peças de Gil Vicente, todas elas presentes em intervenções de personagens que denunciam pertencer a um estrato social baixo. Teria Gil Vicente utilizado este advérbio, integrado num determinado registo de língua e associado a personagens de baixa condição social, como elemento caracterizador dessas mesmas personagens?

Leite de Vasconcellos associa os exemplos de *er* à “linguagem dos personagens populares dos Autos de Gil Vicente.”<sup>54</sup>

Paul Teyssier (2005) considera que Gil Vicente terá recorrido ao vocabulário rústico de forma consciente, com o intuito de caracterizar as personagens por si criadas da forma mais completa possível: “O que, em primeiro lugar, caracteriza a linguagem dos camponeses vicentinos é um determinado vocabulário que inclui palavras desconhecidas dos textos anteriores a Gil Vicente, e que entram na língua com ele. Outras, pelo contrário, são antigos vocábulos portugueses, que tinham caído em desuso na língua comum, mas sobreviviam nos falares rústicos.”<sup>55</sup>

As personagens que apresentam nas suas falas um vocabulário rústico, onde se inclui também a presença de *er*, são agrupadas, segundo Paul Teyssier, em: camponeses realistas e ridículos (Amâncio Vaz e Denis Lourenço – *Auto da Feira*; Lavrador – *Auto*

---

<sup>52</sup> As mesmas que Paul Teyssier já havia identificado no seu livro *A Língua de Gil Vicente*.

<sup>53</sup> *Clérigo da Beira; Feira; Inês Pereira; Pastoril Português; Purgatório; Romagem dos Agravados; Rubena; Serra da Estrela e Templo de Apolo*.

<sup>54</sup> cf. LEITE DE VASCONCELOS, J. 1906. “Fabulário Português”, *Revista Lusitana* 9: 22. Lisboa.

<sup>55</sup> TEYSSIER, Paul 2005. *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 98-99.

*da Barca do Purgatório*; Apariç' Eanes e João Mortinheira – *Romagem dos Agravados*; Vilão – *Templo de Apolo*; Pêro Marques – *Farsa de Inês Pereira*; Gonçalo – *Clérigo da Beira*); parvos (Joaninho – *Auto de Rubena*); pastores de fantasia (Fernando e Vasco Afonso – *Auto Pastoril Português*; Rodrigo – *Tragicomédia da Serra da Estrela*).

Na descrição que nos é dada por Paul Teyssier, os parvos são personagens populares tradicionais; são imbecis, simplórios e muitas vezes é-lhes atribuída a função de mensageiros; os pastores de fantasia são personagens de comédia, meio reais, meio poéticos, que lembram os heróis de Encina, e foram das últimas personagens rústicas a serem criadas por Gil Vicente; os camponeses realistas e ridículos são os que mais se aproximam do povo português do campo; são facilmente enganados, simplórios, cómicos e mesmo francamente burlescos.<sup>56</sup>

Para além das atestações de *er* encontradas nas peças de Gil Vicente referidas, não foram encontradas quaisquer outras, o que nos leva a concluir que *er* desapareceu definitivamente da produção escrita em português em meados do séc. XVI<sup>57</sup>.

Em todas as obras consultadas não se atestaram ocorrências de *ar*, o que nos permite confirmar que a mesma caiu em desuso nos finais do século XIII.

---

<sup>56</sup> *cf.* TEYSSIER (2005:90-91)

<sup>57</sup> Naturalmente, não nos é possível saber se ao nível da língua falada nalguma área dialectal particular a forma *er* terá ainda persistido para além da época vicentina.

## 2.5. Sumário e conclusões

O advérbio *ar/er* surge no século XIII em textos poéticos e em prosa (literários e não literários), galegos e portugueses e a sua presença mantém-se, embora em número decrescente à medida que o tempo vai passando, até aos séculos XV (*ar*) e XVI (*er*). O **Quadro 2.7.** dá-nos uma visão global da presença deste advérbio em textos poéticos e em prosa.

Quadro 2.7.: Atestações de *ar/er* – poesia e prosa

		XIII	XIII/XIV e XIV	XIV/XV e XV	XVI	Total Geral
<b>AR/ER</b>						
<b>AR</b>	<i>Cantigas de Santa Maria</i>	172				172
	Poesia trovadoresca de autores galegos	87				87
	Poesia trovadoresca de autores portugueses	114	8			122
	Poesia trovadoresca de autores de origem incerta	15				15
	Prosa literária galega		8	3		11
	Prosa literária portuguesa	61				61
	Prosa não-literária galega	5				5
	Prosa não-literária portuguesa	11				11
	<b>total</b>	<b>465</b>	<b>16</b>	<b>3</b>		<b>484</b>
<b>ER</b>	<i>Cantigas de Santa Maria</i>	3				3
	Poesia trovadoresca de autores galegos	5				5
	Poesia trovadoresca de autores portugueses	40	8			48
	Poesia trovadoresca de autores de origem incerta	1				1
	Prosa literária galega		5			5
	Prosa literária portuguesa	85	47	22	15	169
	Prosa não-literária galega	2		1	1	4
	Prosa não-literária portuguesa	12				12
	<b>total</b>	<b>148</b>	<b>60</b>	<b>23</b>	<b>16</b>	<b>247</b>
<b>Total Geral</b>		<b>613</b>	<b>76</b>	<b>26</b>	<b>16</b>	<b>731</b>

Fonte: Diferentes *corpora* e obras em formato digital e de consulta mencionadas ao longo do trabalho e na bibliografia.

O número de atestações recolhido nos textos do século XIII denuncia a importância que era dada, na língua escrita, ao advérbio *ar/er*. Senão vejamos: das 731 ocorrências encontradas, ao longo de quatro séculos, em textos de autores galegos, portugueses, de origem incerta e nas *Cantigas de Santa Maria*, 613 foram registadas no século XIII, ou seja, 83,8% do número total das atestações.

Na transição do século XIII para o XIV e ao longo do século XIV, *ar* sofre um decréscimo bastante significativo no número de atestações. Para além de deixar de ser usada por autores galegos em textos poéticos, a percentagem do número de atestações de *ar* nos textos em prosa baixa para os 3,3%. *Er* também reflecte um decréscimo, embora não tão acentuado, fixando-se a percentagem do número de atestações encontrado nos 24,5%.

Na transição do século XIV para o XV, o número de atestações da forma *ar* continua a decrescer, fixando-se o seu valor percentual abaixo do 1%. No século XVI, a sua presença deixa de ser atestada nos textos em prosa, o que nos leva a confirmar o seu desaparecimento no século XV. Relativamente à forma *er*, o número de atestações fixa-se numa percentagem de 9,4%, durante o mesmo período. Esta forma manter-se-á ainda activa durante a primeira metade do século XVI, sendo a percentagem da sua presença fixada nos 6,5%. Para além de uma atestação isolada de *er* num documento notarial de Pontevedra de 1506, todas as atestações de *er* no século XVI foram encontradas em peças de teatro de Gil Vicente. Não encontramos atestações desta forma em mais textos do século XVI, nem posteriores, o que nos leva a confirmar o seu desaparecimento, da língua escrita, ainda durante este século.

Continuando a análise do **Quadro 2.7.**, poderemos também concluir que, numa fase inicial, *ar* foi a mais utilizada pelos autores portugueses e galegos, principalmente nos textos poéticos. No entanto, a forma *er* já se apresenta com frequência muito significativa em alguns textos em prosa, principalmente no texto literário português – *Demanda do Santo Graal* (não podendo descartar-se a hipótese de os copistas do século XV terem, eventualmente, substituído alguns *ar* do texto original por *er*, a única das duas formas que pertence ao português quatrocentista). A forma *er* nunca chega a apresentar um número significativo de atestações em textos galegos (literários ou não-literários), o que vem reforçar a ideia de que as *Cantigas de Santa Maria* - que apresentam 172 atestações de *ar* e apenas 3 atestações de *er* - são uma obra escrita em galego e não em português.

A poesia trovadoresca entra em declínio no século XIV. Os autores galegos deixam de utilizar o advérbio *ar/er* nos textos poéticos e, praticamente, deixam de fazer uso dele também nos textos em prosa, literários e não-literários, embora se note que a forma *ar* foi aquela que se manteve durante mais tempo nas suas obras. Os autores portugueses continuam a utilizar *er*. A forma *ar* é a primeira a deixar de ser usada por estes autores. Atestamos 8 ocorrências de *ar* em textos da poesia trovadoresca, do século XIV, mas nenhuma outra posteriormente quer em textos poéticos, quer em textos em prosa. A forma *er* continua activa na língua escrita até à primeira metade do século XVI, embora se pense que o seu uso não reflecte a língua literária portuguesa

dessa época. A sua utilização foi uma das formas encontradas por Gil Vicente para a caracterização das personagens rústicas que entram nas suas peças de teatro<sup>58</sup>.

Nos textos do século XVII e seguintes, não mais foram encontradas atestações do advérbio *ar/er*.

O **Quadro 2.8.**, que contempla exclusivamente a produção escrita de autores galegos e portugueses, sintetiza os resultados globais a que chegámos.

**Quadro 2.8.: Atestações de *ar/er* nos textos galegos e portugueses – poesia e prosa**

<i>AR/ER</i>		Textos de autores galegos (poesia e prosa)	Textos de autores portugueses (poesia e prosa)	Total Geral
<i>AR</i>	Século XIII	92	186	278
	Século XIII/XIV e século XIV	8	8	16
	Século XIV/XV e século XV	3	0	3
	Século XVI e seguintes	0	0	0
	<i>total</i>	<b>103</b>	<b>194</b>	<b>297</b>
<i>ER</i>	Século XIII	7 (2 - Pontevedra)	137	144
	Século XIII/XIV e século XIV	5 (Pontevedra)	55	60
	Século XIV/XV e século XV	1 (Pontevedra)	22	23
	Século XVI	1 (Pontevedra)	15	16
	Século XVII e seguintes	0	0	0
	<i>total</i>	<b>14</b>	<b>229</b>	<b>243</b>
<i>Total Geral</i>		<b>117</b>	<b>423</b>	<b>540</b>

Fonte: Diferentes *corpora* e obras em formato digital e de consulta mencionadas ao longo do trabalho e na bibliografia.

Este último quadro mostra de forma clara que o advérbio *ar/er* pertence ao *português antigo*<sup>59</sup> e ao galego medieval<sup>60</sup>, estando *er* atestado no século XV e no início do século XVI, na Galiza, apenas na região sudoeste e ocidental da Província de Pontevedra (1 atestação no ano de 1475, outra no ano de 1506, em documentos notariais). Face aos resultados apresentados no **Quadro 2.8.**, podemos dizer que *ar* é a forma mais caracteristicamente galega do advérbio *ar/er*, sendo *er*, ao que tudo indica, uma variante pertencente a um dialecto galego particular (*cf.* a secção 2.3.1. acima)<sup>61</sup>. Em contraste com o que se observa nos textos galegos, nos textos portugueses a forma *er* do advérbio *ar/er* apresenta frequência significativa ao longo de quatro séculos, mantendo-se na língua até ao século XVI. Embora *ar* tenha começado por ser, no

<sup>58</sup> O facto de na cópia do século XVI do *Livro de José de Arimateia* não se encontrar nenhuma atestação de *ar/er*, embora o texto original seja do século XIII tal como a *Demanda* (*cf.* CASTRO 1983, 1984, 1993), pode indicar precisamente que *er* não tinha lugar na língua literária quinhentista.

<sup>59</sup> Na periodização da História da Língua Portuguesa de José Leite de Vasconcelos, o *português antigo* estende-se do final do século XII até meados do século XVI. *cf.* VASCONCELLOS (1911).

<sup>60</sup> *cf.* MARIÑO PAZ (1999).

<sup>61</sup> Todas as atestações de *er* encontradas em textos galegos em prosa, no total de 9, são localizáveis na região sudoeste da província de Pontevedra. Restam 5 atestações pertencentes aos textos poéticos, que não é possível situar geograficamente. O sudoeste de Pontevedra foi identificado como área dialectal autónoma, dentro do galego medieval, por MAIA (1986), ÁLVAREZ BLANCO (1994), ÁLVAREZ BLANCO e XOVE (1998), e MARIÑO-PAZ (1999).

século XIII, a forma com maior expressão também nos textos portugueses, virá a ser suplantada por *er* no século seguinte. De facto, tem já diminuta vitalidade no século XIV, época em que se encontra limitada aos textos poéticos.

**CAPÍTULO 3**  
**A sintaxe de *ar/er***

### 3.1. Apresentação

No que concerne à génese de *ar/er*, Jules Cornu<sup>62</sup> foi o primeiro a afirmar, em 1882, que a base deste advérbio estava no prefixo latino RE, separável do verbo. Depois dele, muitos foram os linguistas que adoptaram esta interpretação e chamaram a atenção para um desenvolvimento semelhante do prefixo *re* no francês antigo. Defenderam esta tese Meyer-Lübke<sup>63</sup>, Leite de Vasconcelos<sup>64</sup>, Carolina Michaëlis de Vasconcelos<sup>65</sup>, José Joaquim Nunes<sup>66</sup>, Paul Teyssier<sup>67</sup> e Ramón Lorenzo<sup>68</sup>, apenas para citar alguns, embora outros<sup>69</sup> perfilhem a mesma opinião. Foi também observado pela generalidade dos autores que a posição típica deste advérbio na frase é imediatamente antes do verbo, o que seria uma consequência natural do facto de ter tido origem num prefixo verbal (alguns autores continuam a designar *ar/er* por prefixo, como ilustram as notas de rodapé 66 e 67).

<sup>62</sup> CORNU (1882:581) afirma, a propósito dos exemplos que recolhe da *Demanda do Santo Graal*, que os mesmos “prouvent d’une manière absolument evidente que la base de *er/ar* est le latin RE devenu séparable, devenu individu”.

<sup>63</sup> MEYER LÜBKE (1895:681) explica como RE é uma das partículas mais produtivas no latim e em romance marcando «la répétition d’une action, qu’il s’agisse d’une simple itération, soit aussi d’un retour au point de départ, d’un rétablissement dans le premier état».

<sup>64</sup> L. VASCONCELOS (1906:21-22) considera a forma *er* como reforçativa: “O Sr. Júlio Cornu explicou *er* pelo prefixo *re-* tornado independente. Em apoio de tal explicação está o facto de em francês arcaico se encontrar *re-* também como advérbio”.

<sup>65</sup> C. VASCONCELOS (1912:96-97) pensa que esta forma equivale à reforçativa dupla *arre*, e que desse AD+RE provém, provavelmente, *ar* separado: “Acumulação de prefixos já existia em Roma mas em proporções muito modestas. (...) Muito frequente e característico é o acrescento de *a* (ou de *ar*) a verbos (e também a alguns nomes) já compostos com *re*. De dezenas de formas com *arre* que colecionámos, citaremos algumas: *arrebentar*, *arrecadar*, *arregaçar*, *arreganhar*, *arremedar*, *arreenegar*, *arrepender-se*, *arremeter*.”

Há quem veja nestas formas mero acrescento de *a* (*ad*) ao prefixo *re*, cuja inicial exigia que a pronúncia forte do *r* fosse graficamente expressa por duplicação. Mas há também quem creia em reduplicação do prefixo *re-* por *ar* – forma divergente (virada) de *re*, *er*, que, separável e muitas vezes separada, teve p. ex. nas *Obras* de Gil Vicente, funções de advérbio, com o sentido de *novamente*, *mais uma vez*.”

<sup>66</sup> NUNES (1975:350): “Quanto à sua origen provém *er* ou *ar*, segundo Cornu, do *-re* latino, que entra na composição de muitos verbos. (...) Mencionarei ainda entre os advérbios as duas partículas arcaicas *er* ou *ar* (...), as quais como prefixos separáveis, acompanham por vezes o verbo ou o advérbio, a fim de lhe reforçarem o sentido”.

<sup>67</sup> TEYSSIER (1959:99): “*Ar-er* représentent le préfixe *re-arre*. Au moyen âge *ar* ou *er* étaiis nettement senti comme un préfixe verbal, car dans la majorité des cas cette articule précède immédiatement le verbe et lui est intimement jointe ».

<sup>68</sup> LORENZO (1977:567): “Probable ligado al pref. RE- (...) Alterna con AR en los textos medievales y llega hasta el s. XVI”.

<sup>69</sup> cf. HUBER (1933); MAGNE (1944); MACHADO (1952); BUENO (1963); LAPA (1965); METTMAN (1972); FERREIRA (1987); COROMINAS e PASCUAL (1980-1991); MATTOS e SILVA (1989).

Partindo das posições expostas, é nosso propósito verificar ao longo deste capítulo se o advérbio *ar/er* apresenta efectivamente uma posição quase fixa na frase, como se conservasse no galego e português antigos propriedades residuais de prefixo verbal<sup>70</sup>.

De facto, observando as atestações de *ar/er* no conjunto dos textos do *corpus*, verificamos que este advérbio, embora ocorra maioritariamente em associação estreita com o verbo (no sentido em que se apresenta adjacente ou quase adjacente ao verbo), também ocorre dissociado do verbo.

Como é visível pelos resultados apresentados no **Quadro 3.1.**, o número de atestações do advérbio *ar/er* em posição pré-verbal ocupa lugar de destaque nos textos de autores galegos, portugueses ou outros. Das 731 ocorrências encontradas, 665 apresentam *ar/er* em posição pré-verbal. Tanto a forma *ar* com 443 atestações como a forma *er* com 222 atestações foram mais usadas na posição pré-verbal do que em qualquer outra posição. É possível, no entanto, verificar que, em textos particulares, concretamente nas *Cantigas de Santa Maria*, e em época tardia (relativamente ao seu período de vida), o advérbio *ar/er* pode desvincular-se do verbo deixando de ocorrer na sua vizinhança imediata. Finalmente, embora com uma frequência muito baixa, o advérbio *ar/er* pode apresentar-se posposto ao verbo.

---

<sup>70</sup> BOSQUE e DEMONTE (2000:4995) defendem que um prefixo, por si só, não tem uma categoria lexical definida, podendo associar-se a palavras de diferentes classes. Assim sendo, quando se junta a uma outra palavra, é o constituinte não nuclear do composto. Sintacticamente pode contribuir para fixar o conteúdo lexical ou modificar a estrutura argumental da palavra base, mas não a modifica substancialmente do ponto de vista semântico, respeitando ainda a sua categoria gramatical. Etimológica e semanticamente falando, o prefixo pode proceder de um advérbio, de uma preposição (incluindo latina ou grega) ou também de prefixos latinos.

Também MATEUS *et al.* (2003:963) perfilham a ideia de que “os prefixos modificadores são afixos que não determinam a categoria sintáctica da palavra em que ocorrem, nem o valor das categorias morfológicas, morfo-sintáticas relevantes e que podem coocorrer em posições adjacentes”.

Se o prefixo apresentar um valor adverbial, BOSQUE e DEMONTE (2000:5001) consideram que este já pode modificar predicados, tal como acontece com os advérbios, razão pela qual se juntam, por exemplo, ao verbo, modificando-lhe a acção ou a situação por ele expressa. Um prefixo adverbial pode apresentar noções semânticas distintas e um mesmo prefixo pode apresentar mais de um conteúdo semântico. Estes autores consideram ainda que “Algunos prefijos adverbiales modifican la acción del verbo desde una perspectiva aspectual”. É o caso de *re-* em que a modificação implica a repetição da acção.

**Quadro 3.1.: Atestações de *ar/er* nas posições Pré-Verbal, Pós-Verbal e Não Associado ao Verbo**

		Autores Galegos			Autores Portugueses			Afonso X	Aut. de Origem Incerta	TOTAL
		Poesia	Prosa Literária	Prosa N. Lit.	Poesia	Prosa Literária	Prosa N. Lit.	CSM	Poesia	
<b>AR</b>	PrV	84	5	9	116	60	11	143	15	443
	PsV	3			4	1				8
	NAV		1	1	2			29		33
Total parcial		87	6	10	122	61	11	172	15	484
<b>ER</b>	PrV	4	5	3	46	128	32	3	1	222
	PsV	1			2	1				4
	NAV			1		20				21
Total parcial		5	5	4	48	149	32	3	1	247
<b>TOTAL</b>		<b>92</b>	<b>11</b>	<b>14</b>	<b>170</b>	<b>210</b>	<b>43</b>	<b>175</b>	<b>16</b>	<b>731</b>

Fonte: Diferentes *corpora* e obras em formato digital e de consulta mencionadas ao longo do trabalho e na bibliografia.

Veja-se, no **Quadro 3.2.**, as atestações das diferentes posições do advérbio *ar/er* por século:

**Quadro 3.2.: Atestações de *ar/er* nas posições Pré-Verbal, Pós-Verbal e Não Associado ao Verbo, por século**

		Séc. XIII	Séc. <sup>s</sup> XIII/XIV	Séc. XIV	Séc. <sup>s</sup> XIV/XV	Séc. XV	Séc. XVI	TOTAL
		<b>AR</b>	PrV	426		14	3	
	PsV	7		1				8
	NAV	32		1				33
Total parcial		465		16	3			484
<b>ER</b>	PrV	145	6	53	-	14	4	222
	PsV	3	-	1	-	-	-	4
	NAV	-	-	-	-	9	12	21
Total parcial		148	6	54	-	23	16	247
<b>TOTAL</b>		<b>613</b>	<b>6</b>	<b>70</b>	<b>3</b>	<b>23</b>	<b>16</b>	<b>731</b>

Fonte: Diferentes *corpora* e obras em formato digital e de consulta mencionadas ao longo do trabalho e na bibliografia.

Perante os números apresentados, é de realçar o facto de a posição pré-verbal de *ar/er* ser predominante ao longo dos quatro séculos. O advérbio *ar/er* em posição pós-verbal só tem algum relevo no século XIII, já que as atestações posteriores são em número muito reduzido. Verifica-se também que a dissociação entre o advérbio *ar/er* e

o verbo só tem uma expressão significativa no século XIII nas *Cantigas de Santa Maria*. Nos séculos XV e XVI, esta possibilidade atesta-se significativamente nos textos portugueses em prosa (sobretudo se considerarmos valores relativos), pelo que se pode constatar que, no espaço português, a evolução do advérbio *ar/er* vai no sentido da sua desvinculação relativamente ao verbo.

Assim, no presente capítulo observar-se-á, num primeiro momento, *ar/er* associado ao verbo (cf. 3.2.) e, num segundo momento, *ar/er* não associado ao verbo (cf. 3.3.).

Quando associado ao verbo, o advérbio *ar/er*, por tendencialmente ocorrer junto do verbo, é aproximável dos pronomes clíticos e do advérbio de negação *não*. Por isso, a sintaxe de *ar/er* (particularmente, a sua posição em relação ao verbo) será comparada com a dessas outras palavras gramaticais.

### 3.2. O advérbio *ar/er* junto do verbo

#### 3.2.1. A posição em relação ao verbo (anteposição e posposição)

Como referimos na secção 3.1., iremos proceder a uma análise comparativa entre a posição que o advérbio *ar/er* e os pronomes pessoais átonos (clíticos dativo, acusativo e *se*)<sup>71</sup> ocupam na frase, isto porque, tal como estes, o advérbio *ar/er* pode ocorrer nas posições pré-verbal e pós-verbal.

Começemos por apresentar o resultado das ocorrências deste advérbio em posição pré-verbal e pós-verbal:

Quadro 3.3.: Frequência de *ar/er* em posição Pré-Verbal e Pós-Verbal

		Autores Galegos	Autores Portugueses	Afonso X	Aut. de Origem Incerta	TOTAL
<i>PrV</i>	<i>AR</i>	98	187	143	15	443
	<i>ER</i>	12	206	3	1	222
Total parcial		110	393	146	16	665
<i>PsV</i>	<i>AR</i>	3	5	0	0	8
	<i>ER</i>	1	3	0	0	4
Total parcial		4	8	0	0	12
TOTAL		114	401	146	16	677

Fonte: Diferentes *corpora* e obras em formato digital e de consulta mencionadas ao longo do trabalho e na bibliografia.

Como se pode comprovar pelo número de atestações que se encontram registadas no **Quadro 3.3.**, a esmagadora maioria dos autores prefere a colocação pré-verbal do advérbio em detrimento da sua colocação pós-verbal. Assim, das 677 ocorrências registadas, 665 apresentam o advérbio em posição pré-verbal, ou seja, 98,2%.

Vejamos, então, alguns exemplos deste advérbio nas posições pré-verbal (exemplos (1) a (6)) e pós-verbal (exemplos (7) a (10)):

- (1) Cala, Diego Gõçaluez, ca ena tua boca nũa Deus poso uerdade nẽhũa;et demays es grande et *er* es couardo et mao, ca nõ as curaçõ. (D2:203, p.71)

<sup>71</sup> As condições que determinam o padrão de ordem para os clíticos verbais (também designados por pronomes átonos) podem ser consultadas em CUNHA E CINTRA (1984); DUARTE (1983); MARTINS (1994); DUARTE & MATOS (1996), BECHARA (2002:588-591); MATEUS *et al.*(2003:826-867), entre outros.

- (2) E foi Deus já de conos avondar | aqui outros, que o non an mester, | e **ar** feze-os muito desejar  
| a min e ti, pero que ch' és molher. | (A2:3, p.17)
- (3) Ca me vós fez Deus tant' amar, | **er** fez vos tam muito valer, | que nom poss' oj' em mi osmar, |  
senhor, como possa viver, | pois me nom queredes tolher | esta coita que nom a par. (D1:20, p.  
53)
- (4) **Ar** cuidio no meu coraçõ | que ja per cuidar morrerei; | e cuidio muit' en mia senhor. | (A1:2, p.  
1)
- (5) **Er** revolveo-se e começou a chorar tam muito, que totalas faces ouve molhadas de lagrimas,  
dando grandes sospiros. (D1: 245, p. 59)
- (6) E, poy-los vencedes assí, | nunca devian a lançar | vosc', amigo, nen bafordar; | **ar** falemos  
logo de mí: | alevad' o parecer da voda; | per bõa fé, eu mh-alevo toda. | E muyto mi praz do  
que sey, | que vosso bon prez verdad' é, | meu amigo, e, per bõa fe, | outro gran prazer...  
(A1:27, p. 3)
- (7) Pero nunca mi-a Deus perder | leix' **ar** per vos per quen a ei, | se vus eu nunca mais amei | de  
quanto vus devia amar | omen que vivess' en logar | en que vus podesse veer! | (B2:3, p.45)
- (8) Conta a estoria que, depois que Galvam foi guarido da chaga que lhe fezera Gallaaz e sentio  
que poderia cavalgar, cavalgou **er** e colheo-se a seu (cavallo) caminho. (E1:201, p. 78)
- (9) Non fez Deus par a deseio tan grande | nen a qual coita sofre[re]y, des u me | partir de vos;  
ca, per u quer que ande, | non quedarei **ar**, meu ben e meu lume, | de chorar sempre; e con  
mui gran queixume | mal direy mha ventura: | ca de viver eu en tan gran tristura | Deus,  
senhor, non-no mande! | (B1:4, p. 44)
- (10) Desi disse **ar** com gran pesar que as lagrimas lhe caerom pellas faces: (B1:201, p. 44)

Nestes primeiros exemplos, é possível verificar que a posição pré-verbal vs. pós-verbal do advérbio *ar/er* não depende de factores sintácticos do tipo dos que determinam próclise vs. ênclise dos pronomes clíticos. Assim, nos contextos em que os

pronomes clíticos são, em geral, enclíticos nos séculos XIII e XIV<sup>72</sup>, nomeadamente depois de uma conjunção coordenativa ou de uma oração subordinada anteposta, *ar/er* ocorre normalmente em posição pré-verbal (vejam-se os exemplos (2) a (4)).

Por outro lado, em contextos que, no que diz respeito aos clíticos, são obrigatoriamente de próclise, como as frases negativas, o advérbio *ar/er* pode ocorrer em posição pós-verbal, ainda que o número total de exemplos seja reduzido<sup>73</sup> (veja-se o exemplo (7)).

Também verificamos que a ocorrência do advérbio *ar/er* em posição pré-verbal e pós-verbal não depende de restrições fonológicas, como a que excluía os pronomes clíticos da primeira posição na frase<sup>74</sup>. Ao contrário do que acontece com os pronomes clíticos, o advérbio *ar/er* pode ocorrer em início de frase no português e galego medievais (vejam-se os exemplos (4) a (6)).

Tendo em conta as diferentes posições ocupadas pelo advérbio *ar/er* na frase, observaremos o seu comportamento sintáctico mais pormenorizadamente nas próximas secções deste capítulo.

### 3.2.2. O advérbio *ar/er* em posição pré-verbal: a ordem relativa de *não*, dos pronomes proclíticos e de *ar/er*

Martins (1994) apresenta na sua investigação as condições que determinam o padrão de ordem para a colocação dos clíticos verbais (ou seja, os pronomes pessoais átonos) em documentos dos séculos XIII a XVI e será com base no seu estudo que faremos a análise da posição do advérbio *ar/er* relativamente ao verbo. Não tendo este advérbio o comportamento típico dos clíticos, embora como eles ocorra maioritariamente junto do verbo, ficam assim identificados, por contraste, os aspectos que os diferenciam.

Segundo Martins (1994), um clítico ocorre em posição pré-verbal nas frases

<sup>72</sup> cf. MARTINS (1994)

<sup>73</sup> Apenas se regista mais um exemplo claro. cf. *Apêndice* (B2:1, p.45) e a secção 3.2.3.

<sup>74</sup> cf. *Lei de Tobler-Moussafia*: “As formas clíticas não podem ocupar a posição inicial absoluta de frase”. (*apud* MATEUS *et al.* (2003:849))

Segundo MEYER-LÜBKE (*apud* Martins (1994:49)), “nas língua românicas antigas, os clíticos eram necessariamente enclíticos e, ‘sempre que possível’, eram enclíticos ao primeiro elemento da oração. Quando pré-verbais, precisavam cliticizar a uma palavra precedente, ficando portanto excluída a possibilidade de ocorrerem em posição inicial.”

A posição proclítica em início de frase, embora continue a não ser admitida no Português Europeu, é-o no Português Brasileiro (*Me* traz aquele livro.)

negativas, nas orações subordinadas e sempre que surge algum elemento proclisador na frase onde o clítico se insere. Fazem parte desse grupo:

- (a) os quantificadores, quando ocorrem em posição pré-verbal (por exemplo, *todos, muitos, poucos*);
- (b) alguns advérbios, quando ocorrem em posição pré-verbal (*já, ainda, sempre, também, outrossi, só, lá*, entre outros);
- (c) constituintes focalizados contrastivamente, na construção de ‘foco anteposto’;
- (d) os pronomes interrogativos (*quem, que, quando, onde, como, quanto, qual*).

No que concerne à colocação dos clíticos em frases que contenham o advérbio de negação *não*, Martins (1994) observa que estes podem ocorrer quer em posição imediatamente pré-verbal (**não-cl-V**) quer a anteceder o advérbio de negação (**cl-não-V**)<sup>75</sup>. Esta segunda opção regista-se quando existe outro elemento proclisador para além do próprio advérbio de negação (vejam-se os exemplos (11) a (14)).

- (11) D' andar triste faz guisado, | ca o nom vi, nem vio el mi, | nem **ar** oi u meu mandado, | e porem faz gram dereit' i | meu amigo de trist' andar, | pois m' el nom vir, e lh' eu nembrar. | (A1:104, p.10)
- (12) E Galaaz que o nom conocia **ar** ferio-o tam rijamente que meteo el e o cavalo en terra, e ao caer foi tam estorgido que nom soube se era noite se dia. (A1:258, p.15)
- (13) Ca me non vistides nen me calçades | nen **ar** sej' eu eno vosso casal, | nen avedes sobre min poder tal | por que vos foda, se me non pagades; | ante mui ben e mais vos en direi: | nulho medo, grado a Deus e a el-Rei, | non ei de força que... (A2:2, p.17)
- (14) E al mi-**ar** conven | de lle rogar que **ar** cofonda quen | me non leixa vosco mais morar. | (A1:12, p.1)

Embora não seja obrigatória nos contextos sintáticos que a permitem, a ordem **cl-não-V** é muito frequente nos textos medievais, como mostra o seguinte quadro retirado de Martins (1997:155):

<sup>75</sup> cf. MARTINS (1994:162-165; 189)

Quadro 3.4.: Frequência da interpolação de *não* entre os séculos XIII e XVI nos contextos que a permitem

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
cl-não-V	94,10%	96,80%	90,70%	90,00%
não-cl-V	5,90%	3,20%	9,30%	10,00%

Fonte: Coleccção de documentos notariais publicados em Martins (2001)

No que diz respeito ao advérbio *ar/er*, podemos constatar que o seu comportamento se distancia do dos pronomes clíticos por a ordem *ar/er-não-V* ser pouco frequente. No *corpus* apenas registámos os exemplos que se seguem:

(15) Eu rreçebi d'este apostolo santo tal dom que eu nõ era dino p[a]ra rreçeberlo nẽ *ar* nõ soo dino para cõtarlo, aveome asi: que avendo batalla cõ meus ymigos foy chaga[do] de hũa seeta ãna perna et começey a enfraqueçer dela moy fortemẽte que nõ podia aver folga nĩhũa. (A2:205, p. 24)<sup>76</sup>

(16) Esto nom sei como podesse seer se non fosse por treiçom, nem esto *er* nom sei como tam bõ cavalleiro e tam cortês fezesse treiçom. (D1:279, p. 62)

(17) Mas el rei dom Afomso, que hya ja seu caminho, como dissemos, andou aquella noite e passou o porto de Valla Come. E depois *er* nõ quedou de andar assi noyte como dia, ataa que foi posto ã salvo. (D1:311, p. 64)

(18) Ca, se non souber algũa sazõ | o bem por vós, por que eu mal sofri, | [*er*] non tenh'eu já hy se morte non | e vós perdedes mesura en mi,| (D1:37, p.55)

(19) Dellas *er* nom lhe chegauom porque remesauom de fumdo pera çima; (D1:324, p. 66)<sup>77</sup>

Face aos quatro últimos exemplos apresentados, constatamos além disso que o advérbio *ar/er* pode estar separado do verbo pelo advérbio *não* mesmo quando não existe outro elemento proclisador pré-verbal para além do advérbio de negação. Também neste aspecto a sua sintaxe se distancia da sintaxe dos pronomes clíticos. Muito claro neste aspecto é o exemplo (19) no qual co-ocorrem *er* e um pronome clítico,

<sup>76</sup> Exemplo tardio (séc. XIV/XV) retirado da obra *Miragres de Santiago* (texto galego)

<sup>77</sup> Exemplo tardio (séc. XV) retirado da *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes.

precedendo *er* o advérbio de negação enquanto o clítico o segue (***er-não-cl-V***). Ou seja, a forma *er* e o clítico *lhe* ocupam posições opostas relativamente ao advérbio de negação já que na frase (19) não existe um contexto sintáctico capaz de legitimar a interpolação de *não* entre o clítico e o verbo. Diferentemente do que acontece com os pronomes clíticos (no que diz respeito à presença/ausência da interpolação do advérbio de negação), a variação entre as ordens ***não-ar/er-V*** e ***ar/er-não-V*** não depende de condicionamentos sintácticos particulares, apresentando-se antes como variação livre.

Quando, numa frase, o advérbio *ar/er* e um clítico disputam a mesma posição junto do verbo, concretamente em posição pré-verbal, a ordem preferencial é ***cl-ar/er-V***.

- (20) E tanto que a el chegou, saluou mui bem e muito aposto, e Erec o **ar** saluou, que o nom conhecia ainda. (A1:227, p. 13)
- (21) Quando el-rei esto soube, logo entendeo que era verdade o que seu filho dissera aa sa morte e coitou sa filha de guisa que lhi ouve a dizer a verdade toda e sa fazenda, en qual guisa fezera matar seu irmão a torto e como o demo jouve com ela nom no conocendo e depois que o **ar** conozeu. (A1:236, p. 13)
- (22) Custume he que que~ demãdar. mançobo ou mançoeba q(ue) morasse cõ ele & o asoluã do chamamento. q(ue) lhy nõ page o sen(hor) custas. se o **er** demãdar out(ra) uez (D1:422, p. 68)
- (23) E se el tanto nom amasse Galvam como amava, logo vingara sua morte. E por al ainda nom o podia fazer, ca seria desleal e perjurado por que era da Mesa Redonda, non o **ar** podia leixar matar ante si que nom fizesse deslealdade. (A1:230, p.13)
- (24) Om' a que Deus ben quer fazer, | non lle faz tal sennor amar | a que non ouse ren dizer, | con gran pavor de lle pesar; | nen o **ar** faz longe morar | d' u ela é, sen seu prazer, | com' agora min faz viver, | que me non sei consell' achar, | con tan gran coita de soffrer, | en qual m' eu ora vej' andar, | com' aver senpr' a... (A1:8, p. 1)
- (25) Ca na mha morte nom a [i] razom | bõa que ant' el possades mostrar; | desi nom o **er** podedes enganar, | ca el sabe bem quam de coraçom | vos eu am' e [que] nunca vos errei; | e porem, quem tal feito faz, bem sei | que em Deus nunca pód' achar perdom. | (D1:15, p.53)

No *corpus* por nós recolhido verificamos ainda que há um número bastante significativo de ocorrências da ordem *ar/er-V-cl* (ver (26) e (27)), a ordem mais comum nos contextos em que os pronomes clíticos podem ser enclíticos por não ocorrerem na frase elementos desencadeadores de próclise.

Finalmente, também se registam ocorrências da ordem *ar/er-cl-V* (ver (28) e (29)), com o advérbio *ar/er* separado do verbo por um pronome clítico, mas esta opção regista-se num número muito reduzido de atestações do *corpus*.

(26) E vos, dom Galaaz, que sodes o melhor cavaleiro do mundo e a que Deus melhor graça deu, por Deus **er** coitade-vos de tornardes a Camaalot, ca bem sabede que rei Artur ha mui mester de tornardes a elle. (D1:215, p.57)

(27) e de si foram-se ao outro paaço e acharam i ben CC donzelas, delas vivas e delas esmorcidas e delas mortas e acordaram as vivas e **ar** confortaram-nas como as outras. (A1:237, p.14)

(28) ...dé conselho, | ca vedes: pero vos ledo semelho, | muit' anda trist' o meu coração. | e a dona que m' assi faz andar | casad' é, ou viuv' ou solteira, | ou touquinegra, ou monja ou freira; | e **ar** se guarde quen s' á per guardar, | ca mia fazenda vos digu' eu sen falha; | e rog' a Deus que m' ajud' e mi valha | e nuncas valh' a quen mi mal buscar. | (A2:1, p.17)

(29) E Persival **er** lhe disse: (D1:280, p.62)

Perante a análise que foi sendo feita, poderemos concluir que o advérbio *ar/er* apresenta com o verbo um grau máximo de coesão, quando comparado com os pronomes clíticos e com o advérbio *não*. Na verdade, no português antigo os pronomes clíticos, em certos contextos sintáticos, estão com frequência separados do verbo pelo advérbio *não* assim como por diversos tipos de constituintes (vejam-se os exemplos (30) a (34)). Entre *não* e o verbo podem ocorrer um pronome clítico ou *ar/er*, registando-se ambas as possibilidades com frequência. Entre *ar/er* e o verbo podem ocorrer *não* ou um clítico, mas qualquer destas opções é rara. Numa escala de dependência sintática relativamente ao verbo, o advérbio *ar/er* é o que apresenta o grau máximo de dependência pois é raro estar separado do verbo por um clítico ou por *não*. Segue-se, nessa escala de dependência, o advérbio *não*, que frequentemente está separado do verbo por um clítico ou por *ar/er*. Por fim, os pronomes clíticos podem estar separados do verbo por *não* e *ar/er*, mas também, em contextos particulares, por outros advérbios ou locuções adverbiais, sintagmas preposicionais, sintagmas nominais

e pronomes, como se exemplifica a seguir – trata-se do fenómeno de *interpolação* sobre o qual se pode encontrar extensa informação em Martins (1994), entre outros autores.

(30) E com todas as pertenças que aos ditos casaes lhes *dereitamẽte* pertẽce (cf. Martins 1997:136)

(31) eu nõ poderey estar que nõ faça aquilo que me *per El Rej em esta rrazõ* he mandado (cf. Martins 1997:136)

(32) e que sempre a os *Moesteyros de Anssedj e de Arnoya* usarõ e possoyrã (cf. Martins 1997:136)

(33) Ainda vos *eu mais* direi (cf. Martins 1997:136)

(34) Se me *Deus enton a morte non* deu (cf. Martins 1997:136)

A confirmar a forte coesão entre o advérbio *ar/er* e o verbo está o facto de nenhum outro advérbio se comportar como *ar/er* no que diz respeito à possibilidade de separar o advérbio *não* do verbo. Nem mesmo os pronomes adverbiais *i, en(de)*, podem ocorrer entre *não* e o verbo, embora sejam pronomes fracos (na tipologia de Cardinaletti e Starke (1996)), conforme mostrou Muidine (2000)<sup>78</sup>.

Visualizemos, então, as diferentes sequências possíveis, observando o seu grau de coesão em relação ao verbo:

---

<sup>78</sup> Para MUIDINE (2000:108), estes pronomes adverbiais são formas fracas, apoiando-se em CARDINALETTI (1998:17-53) e CARDINALETTI E STARKE (1996).

Grau mínimo de coesão			Grau máximo de coesão		
				V	cl
			cl	V	
		cl	<i>ar/er</i> não	V	
	cl	não	<i>ar/er</i>	V	
cl	outros constituintes interpolados	não	<i>ar/er</i>	V (i)	
			não	V	<i>(ar/er)</i>
		não	<i>ar/er</i> cl	V	
	não	cl	<i>ar/er</i>	V	
			<i>ar/er</i>	V	(cl)
				V	<i>ar/er</i>
		<i>ar/er</i>	cl não	V (ii)	
	<i>ar/er</i>	não	clítico	V (iii)	

(i) Sequência potencialmente atestável, ainda que não esteja registada no *corpus*.

(ii) Sequências infrequentes.

(iii) Exemplo único (séc. XV)<sup>79</sup>.

Para concluirmos esta secção, apresentaremos no **Quadro 3.5.** o número de ocorrências de *ar/er*, de *não* e dos clíticos quando *ar/er* se encontra anteposto ao verbo (os restantes exemplos do *corpus* que não se encontram contemplados neste quadro referem-se a outras posições ocupadas pelo advérbio *ar/er* na frase).

**Quadro 3.5.:** Número de ocorrências da ordem de *ar/er*, *não* e clíticos junto ao verbo

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Total
<i>ar/er-V</i>	287	44	14	4	349
<i>não-ar/er-V</i>	73	12			85
<i>ar/er-não-V</i>	2	1	1		4
<i>cl-ar/er-V</i>	60	10	1		71
<i>ar/er-cl-V</i>	2				2
<i>não-cl-ar/er-V</i>	34	3			37
<i>ar/er-V-cl</i>	102	3			105
<i>ar/er-não-cl-V</i>			1		1

<sup>79</sup> Exemplo (19).

Os números aqui apresentados vêm confirmar que o advérbio *ar/er* possui grau máximo de coesão com o verbo, obrigando, em geral, ao afastamento quer do advérbio de negação, quer do clítico. No entanto, não é impossível o advérbio *ar/er* ocorrer anteposto ao verbo mas separado dele por um clítico ou pelo advérbio de negação. Apesar de pouco frequentes, estes dados mostram claramente que *ar/er* não é um prefixo verbal no português e galego medievais. Os dados de que nos ocuparemos nas duas próximas secções vão também nesta direcção.

### 3.2.3. O advérbio *ar/er* em posição pós-verbal

Encontramos no *corpus* doze atestações claras do advérbio *ar/er* em posição pós-verbal. Dez dessas atestações pertencem ao século XIII, situando-se apenas duas na primeira metade do século XIV. Os exemplos provêm da poesia (10 ocorrências) tanto de autores galegos como de autores portugueses e da *Demanda do Santo Graal* (2 ocorrências).

A cronologia dos exemplos mostra-nos que a colocação pós-verbal do advérbio *ar/er* não é uma inovação (portuguesa e galega), correspondendo antes a uma opção antiga que se perde cedo. O facto de o advérbio *ar/er* poder colocar-se depois do verbo mostra-nos com clareza que não é um prefixo verbal (no português e galego medievais) desde pelo menos o séc. XIII.

(35) Pero nunca mi-a Deus perder | leix' **ar** per vos per quen a ei, | se vus eu nunca mais amei | de quanto vus devia amar | omen que vivess' en logar | en que vus podesse veer! (B2:3, p.45)

(36) Conta a estoria que, depois que Galvam foi guarido da chaga que lhe fezera Gallaaz e sentio que poderia cavalgar, cavalgou **er** e colheo-se a seu (cavallo) caminho. (E1:201, p. 78)

(37) Non fez Deus par a deseio tan grande | nen a qual coita sofre[re]y, des u me | partir de vos; ca, per u quer que ande, | non quedarei **ar**, meu ben e meu lume, | de chorar sempre; e con mui gran queixume | mal direy mha ventura: | ca de viver eu en tan gran tristura | Deus, senhor, non-no mande! (B1:4, p.44)

(38) Desi disse **ar** com gran pesar que as lagrimas lhe caerom pellas faces: (B1:201, p.44)

- (39) Seu dono non lhi quis dar | cevada, neno ferrar; | mais, cabo dun lamaçal, | creceu a erva | e pauceu, arriçou [*ar*], | e já se leva! (B1:1, p. 44)
- (40) Senhor, ben me fazen soo de me catar, | pero m'en ven coita grand'; e vos direi *ar*:| (B2:2, p. 45)
- (41) E mha senhor, hũa ren vos direy, | e non est *ar* de vós melhor: | quant'eu ouver por vós coyta mayor, | tanto me mays aficarey | [en al cuydar; eu cuydarey] | que mh-averedes [muy ced' a tolher | quanta coyta me fazedes aver]. (B2:1, p.45)
- (42) Lourenzo, tu fazes hi teu prazer | en te querereres tam muyto loar, | ca nunca te vimos fazer cantar | que che u queira nen-no demo dizer; | com esso, dizes *ar* hy hũa rrem: | que es omen mui comprido de ssem | e bon meestr' e que sabes leer (B1:2, p.44)
- (43) Praz *er*, senhor, par Santa Maria! (E1:1, p.78)
- (44) Oymais a morrer me conven, | ca tan coytoado sejo | pola mha ssenhor do bom sem, | que am'e que desejo, | e que me parec' *er* tan ben | cada que a eu vejo, | que semelha rrosa que ven, | quando sal d'antr'as rrellvas. (E1:2, p.78)
- (45) "Ora tenho guysado | de m'achar o Zevron: | non and' encavalgado | nen trag'*er* selegon | nen sela, mal pecado! nen lh'oyrey o son, | ca iá non trag'a sela | canterllada que reugeu na ciada. (E2:1, p.79)
- (46) E quando m' eu da mia senhor parti, | non cuidava esse dia chegar | viv' aa noit(e), e vejo m' *ar* andar | viv[o]; e pois tal coita padeci, | ja mais por coita nunca ren darei, | ca, por gran coit' aver, non morrerei.| (B1:3, p.44)

No que diz respeito ao último exemplo, poderíamos perguntar-nos se a forma *ar* é pós-verbal, relativamente à forma verbal finita *vejo*, ou antes pré-verbal, relativamente ao infinitivo *andar*. Como veremos na secção 3.4.2., nos complexos verbais constituídos por uma forma finita do verbo seguida de infinitivo (incluindo os complexos verbais com verbos perceptivos, como no exemplo acima), o advérbio *ar/er* associa-se sem excepção ao verbo finito e nunca ao infinitivo. Por isso a sequência *vejo m'ar andar vivo* só pode ser um exemplo de *ar* pós-verbal. A confirmar esta conclusão

está o facto de na mesma sequência o pronome clítico *me* ser, seguramente, enclítico ao verbo finito e não proclítico ao infinitivo, visto que o pronome clítico de primeira pessoa é complemento (reflexivo) do verbo *ver* e não do verbo *andar*. Assim, o conhecimento da sintaxe do advérbio *ar/er* (bem como da sintaxe dos pronomes clíticos<sup>80</sup>) não deixa qualquer dúvida sobre o carácter pós-verbal do advérbio *ar/er* na sequência em discussão. Por isso, a transcrição dessa sequência como *vejo-m'ar andar vivo* (com inclusão de um hífen a esclarecer a natureza enclítica do pronome átono) talvez tivesse sido uma melhor opção por parte do editor.

A sequência *vejo-m'ar andar vivo* permite-nos ver que quando co-ocorrem em posição pós-verbal um pronome clítico e o advérbio *ar/er*, o pronome clítico precede *ar/er*. Este dado confirma uma observação que tem sido feita por todos os autores que se ocuparam do estudo da sintaxe dos clíticos nas línguas românicas medievais: enquanto os pronomes proclíticos podem ocorrer separados do verbo por diferentes constituintes interpolados, os pronomes enclíticos ocorrem sempre adjacentes ao verbo (o que se verifica sem excepções em todas as épocas). Assim, quando *ar/er* e um clítico se encontram em posição pós-verbal, só a ordem **V-cl-*ar/er*** é possível, não se registando o tipo de variação na ordem relativa de *ar/er* e dos clíticos que pode encontrar-se na posição pré-verbal.

Além das doze atestações claras de *ar/er* pós-verbal já identificadas, encontramos ainda na *Demanda do Santo Graal* uma sequência ambígua. Aí a forma *ar* ocorre entre dois verbos em forma finita e poderá estar ligada quer à primeira forma verbal quer à segunda. Ambas as opções são adequadas interpretativamente, como se vê quando se considera o contexto discursivo (no exemplo (47) destacam-se a negrito as passagens relevantes). Se o advérbio *ar* pertencer à oração que tem como núcleo verbal *conocer*, a interpretação será ‘Galaaz que também não o conhecia, feriu-o’; se pertencer antes à oração que tem como núcleo verbal *ferir*, a interpretação será ‘Galaaz que não o conhecia, também o feriu’. A menção de que Galaaz não conhecia Queia talvez seja no

---

<sup>80</sup> Mesmo que o clítico fosse complemento do verbo *andar*, nos complexos verbais com infinitivo há, generalizadamente, no português medieval, subida do clítico e conseqüente cliticização ao verbo finito (como mostra MARTINS 1994:129-132). Nos exemplos raros de permanência do clítico dentro da oração infinitiva, o clítico será obrigatoriamente enclítico ao infinitivo (na ausência de desencadeadores de próclise) e nunca proclítico. Acresce que na ausência de desencadeadores de próclise, não pode haver interpolação de qualquer palavra/constituente entre clítico e verbo. Portanto, a hipotética sequência “*me ar andar*” é a todos os títulos impossível.

plano textual a mais relevante e portanto a mais susceptível de ser posta em relevo pela presença do advérbio conectivo (veja-se o capítulo 4). Se assim for, teremos na verdade três exemplos da colocação pós-verbal de *ar/er* na *Demanda* e um total de treze exemplos no *corpus*. Incidentalmente, note-se como mais uma vez a *Demanda* se coloca a par das cantigas galego-portuguesas, confirmando que é o português do século XIII que nela se vê, e não o português do tempo do manuscrito de Viena.

(47) Aquel dia cavalgaram todos VI ata ora de noa e veo-lhes entom que virom ante si ir Galaaz. E quando os primeiros tres o virom, disserom aos outros tres: «Ora podedes veer o cavaleiro onde oge todo o dia vos falamos». E Queia leixou-se a ele ir logo e disse-lhe: «Dom cavaleiro, leixade o escudo que tragedes ou vos guardade de mim!» E GALAAZ QUE [O] NOM CONOCIA DISSE-LHE: «O escudo nom leixarei en mentre o poder defender». E porem volveo a cabeça do cavalo contra el E FOI-O FERIR ASI QUE O METEO EM TERRA CHAGADO JA QUANTO. Desi sacou dele sa lança. Quando Galvam viu este golpe, disse a seus irmãos: «Por Santa Maria, não é este tam mau cavaleiro como vos dizedes». E Brandeliz que ouve en gram pesar, ca bem soube que por amor da linagem de rei Bam fora Queia derribado, leixou-se ir a Galaaz. E GALAAZ QUE O NOM CONOCIA **AR** FERIO-O TAM RIJAMENTE QUE METEO EL E O CAVALO EN TERRA<sup>81</sup>, e ao caer foi tam estorgido que nom soube se era noite se dia. (Capítulo XDVI)

A escassez de atestações da ordem **verbo-*ar/er*** torna difícil saber-se se haveria alguma motivação gramatical para a colocação pós-verbal do advérbio *ar/er* ou se estaremos antes perante uma variante livre, mas muito menos usual que a variante ***ar/er-verbo***. O facto de quatro das frases com *ar/er* pós-verbal terem sido interpretadas pelos editores dos respectivos textos como frases exclamativas sugere que a colocação pós-verbal de *ar/er* poderia estar associada à expressão de uma modalidade enfática, o que se adequaria bem à baixa frequência desta opção. Se pensarmos além disso que *ar/er* seria, prosodicamente, uma forma fraca, a sua habitual colocação pré-verbal decorreria da tendência para se comportar como um clítico fonológico (concretamente, proclítico, tal como as formas fracas dos possessivos ou as formas adverbiais proclíticas *mui, tã, quã*). Em posição pós-verbal, no entanto, adquiria proeminência prosódica associada à ênfase dos valores semânticos (aditivo ou contrastivo) que exprime enquanto advérbio conectivo – *cf.* capítulo 4.<sup>82</sup>

<sup>81</sup> (A1:258, p.15)

<sup>82</sup> É interessante notar que os advérbios conectivos que habitualmente se colocam no início da frase ganham proeminência prosódica e interpretativa quando colocados em posição pós-verbal. Veja-se, por exemplo, a locução adverbial contrastiva *no entanto*:

(1) Não tenho nada a opor. No entanto, parece-me que ainda fica muito por resolver.

(2) Não tenho nada a opor. Parece-me NO ENTANTO que ainda fica muito por resolver.

### 3.2.4. O advérbio *ar/er* em complexos verbais: *ar/er* associa-se às formas finitas do verbo

Ainda que todos os autores que se ocuparam do advérbio *ar/er* no português e galego medievais tenham chamado a atenção para a sua propensão para se situar na vizinhança do verbo, a colocação de *ar/er* nos complexos verbais formados por um verbo finito (auxiliar ou não) seguido de infinitivo, gerúndio ou particípio passado, escapou à atenção dos estudiosos.<sup>83</sup> Como mostraremos nesta secção, a observação das frases do *corpus* que integram um complexo verbal permite concluir que é necessário tornar mais fina a descrição tradicional da colocação de *ar/er* na frase. Na verdade, o advérbio *ar/er* mostra preferência por uma posição na vizinhança de formas verbais flexionadas e não meramente na vizinhança do verbo.

Os complexos verbais com infinitivo estão bem representados no *corpus* pois encontramos um total de 107 frases, cobrindo diferentes possibilidades no que diz respeito à natureza do verbo que selecciona o complemento infinitivo: auxiliares modais (*poder, dever, haver a*), auxiliares aspectuais (*ir, vir, começar a/de, filhar-se a, tornar a, quitar de, soer*), o verbo volitivo *querer*, verbos perceptivos (*ver, ouvir*), verbos causativos (*fazer, mandar, leixar*), outros (*cuidar a, prazer de, convir a, saber, haver tempo de*). Nos 107 exemplos disponíveis não se encontra qualquer excepção à colocação do advérbio *ar/er* junto do verbo em forma finita; afasta-se pois, regularmente, do infinitivo. As frases apresentadas a seguir ilustram este facto. Oferecem-se exemplos de complexos verbais com auxiliares modais e aspectuais, com verbos perceptivos e causativos e ainda com o volitivo *querer* (o verbo com maior número de ocorrências, em complexos verbais, no *corpus*).

(48) E esta palavra deve de ser [de] moor mestria: ou **er** pode meter senhas palavras en cada cobra, que rimem ùas outras, ou, se er quiser, en cada cobra de senhas rimas. (D1:429, p.69)

(49) se o (con)t(ra)iro desto fez(er)em q(ue) p(er)cã ((L029)) o d(i)cto emprazame~to (e) o d(erei)to q(ue) hj ouu(er)em nẽ **er** deuẽ apedaçar nẽ p(ar)tir o d(i)cto emprazame~to (D1:425, p.68)

<sup>83</sup> Sobre a estrutura dos complexos verbais do português bem como para a identificação dos verbos auxiliares, semi-auxiliares e outros que permitem a formação de complexos verbais, veja-se GONÇALVES (1992, 1999, 2002).

- (50) Pois estas coitas eu ei a soffrer | que vus ja dixe, mais ca morte m' é, | -pois que vus vos non doedes de mi.- | E morte m' é, senhor, per bõa fé, | aque vus **ar** ei [aquest'] a dizer! (A1:98, p.10)
- (51) - Amiga, muit' á que non sei, | nen mi **ar** veestes vós dizer | novas, que querria saber, | dos que ora son con el-rei: | se se veen ou se x' estam | ou a que tempo se verram. (A1:7, p.1)
- (52) Non viv' eu ja se per aquesto non: | ouç' eu as gentes no seu ben falar; | e ven amor logo por me matar, | e non guaresco se per esto non: | falan-me d' ela, e **ar** you-a veer, | [e] ja quant' esto me faz ja viver. (A1:29, p.3)
- (53) ...e todo seu poder; | ben sofren i de trabalh' e de pãa, | ca van a furt' e tornan-s' en correr; | guarda-s' el Rei, come de bon saber, | que o non filhe luz en terra alhãa, | e onde sal, i s' **ar** torn' a jazer | ao jantar ou se non aa cãa. (A1:42, p. 4)
- (54) Lopo jogar, és garganton | e sees trist' ao comer; | pero dous nojos, per razon, | tenh' eu de ch' os omen sofrer: | mais vás no citolon rascar, | des i **ar** filhas-t' a cantar, | e estes nojos quatro son. (A1:71, p.7)
- (55) E quand' **er** soyo cuydar no pavor | que me fazedes, mha senhor, sofrer, | enton cuid' eu enquant' eu vivo for | que nunca venha a vosso poder; | mays tolhem-me log' aqueste cuidar | vosso bon prez e vosso... (D1:26, p.54)
- (56) Se eu fezer aquesto que me tu mãdas, nõ poderey viuer, et seerey omizia de mĩ meesmo, et **ar** oyñ dizer que aquel que se mata que seeria perdudo. (A2:204, p.23)
- (57) E Lançarot **er** fez prometer a sua linhagem que, se o Galvan vencesse, que todos fossem vassallos qutes de rei Artur, fora rei Boorz e rei Lionel. (D1:256, p.60)
- (58) El Rey quand' oyu aquesto, | fez logo toda sa oste || mover, e **ar** mandou logo | sacar seu pendon mui toste || de Sevilla, e sa tenda | e cozynna e reposte, || querendo yr aquela noite | a Guadeyra mãer. (A3:113, p.34)
- (59) Senhor, eu vivo coitada | vida des quando vós nom vi; | mais pois vós queredes assi, | por Deus, senhor bem talhada, | querede-vos de mim doer | ou **ar** leixade m' ir morrer. (A1:106, p.10)

(60) E depois que fui no mar andei mais de CC anos que nom comi nem bevi nem achei gente que me quisesse receber em sua companha, ante me doestavam e mal diziam tanto que lhes contava minha fazenda e nom achava nenhu]u que ouvesse de mim mercee nem que me *er quisesse matar*, ca de grado queria que me matassem pois me em sa campanha nom queriam. (D1:221, p.58)

Os complexos verbais com gerúndio estão menos representados no *corpus*. Os exemplos são ainda assim suficientes para vermos que o advérbio *ar/er* mantém nos complexos verbais com gerúndio o mesmo padrão de colocação que nos complexos verbais com infinitivo. Ou seja, de novo o advérbio *ar/er* afasta-se da forma não finita do verbo, neste caso o gerúndio, para se ligar ao verbo finito:

(61) E *ar* foy-o conortando, | ca maltreit' era assaz, || e de todas sas doores | o livrou ben e en paz, || tragendo per el sas mãos, | e non tiinna enfaz || e parecia mas crara | que é rubi nen cristal.|| (A3:41, p.28)

(62) E que vos verdade diga: | el seve muito chorando, | *er* seve por mi jurando | u m' agora sej', amiga, | que logo m' enviaria | mandad' ou s' ar tornaria.| (D1:2, p.52)

(63) E ar foi de Deus amada, || ca sempre fez bõa vida, || e de todo ben comprida || *ar* foi seendo menyynna.|| (A3:95, p.32)

A situação repete-se nas frases em que ocorre o auxiliar *ser* seguido de um particípio passado:

(64) Que sse vus eu non viss' enton | quando vus vi, podera enton | seer d' affam guardado; | mays nunc' *ar* fuy guardado | de mui gram coyta, des enton; (A2:70, p.22)

(65) E venceu muytas fazendas de mouros e ã algũas *er* foy vencido. (D1:305, p.64)

(66) E Faram *ar* era chagado de ùa batalha em que fora, e porem veo rei Mars a elles e disse a Galaaz: (A1:203, p.11)

Podemos, portanto, concluir que o advérbio *ar/er*, nos textos galegos e portugueses medievais, se associa tipicamente a um verbo flexionado, mais

concretamente a uma forma verbal com flexão de pessoa e número, incluindo-se aqui o infinitivo flexionado:

(67) Custume h(e) que q(ua)ndo sal o tempo dos aluazij's e os out(ro)s metẽ. que possam tolh(er) todos os degredos q(ue) os out(ro)s poss(er)om. **Er** pohere~ eles aq(ue)les q(ue) o Conçelho uír por bem. (D1:416, p.68)

(68) ...morte, mia senhor, | quitar-m' end'-ia o mui gran sabor | que vus vejo aver de m' alongar | de vos mui mais ca outr' ome por én; | mais, mia senhor, direi-vus ùa ren: | non vus am' eu por vus **ar** desamar, | Ben-no creede, mais por vus buscar | muito serviç' enquant' eu vivo for', | e porque vus fez parecer melhor | Deus d' outra dona, e melhor falar. | (A2:83, p.23)

A única exceção a essa colocação típica regista-se quando em estruturas de coordenação há elipse da forma verbal finita<sup>84</sup> (no segundo membro da estrutura coordenada) e o advérbio *ar/er* é deixado sem a opção de se juntar ao verbo finito. Seguem-se alguns exemplos com infinitivo<sup>85</sup> e um exemplo (único no *corpus*) com particípio passado. Deve notar-se que estes casos não enfraquecem a generalização que antes estabelecemos. De facto, não deixa de ser regra que o advérbio *ar/er* se situa junto do verbo finito (e não do infinitivo, gerúndio ou particípio passado) sempre que esta opção está disponível (ou seja, sempre que o verbo finito não está elidido).

(69) A ouve de tal maneira | que cuidou ser afogado; || ca aquel osso ll' avia | o gorgomel' atapado

<sup>84</sup> Como também refere BREA (1988:52): “Es importante constatar cómo la idea de ‘añadidura’ que puede adquirir *ar/er* permite evitar la repetición del verbo”.

<sup>85</sup> Há um total de nove ocorrências desta configuração no *corpus*, pertencendo quatro das ocorrências às *Cantigas de Santa Maria*. Como veremos na secção 3.3.1., nas *Cantigas de Santa Maria* encontram-se, além disso, três exemplos da sequência **ar-Vinfinitivo-Vfinito**. Trata-se de frases com anteposição do complemento infinitivo (um caso particular da ordem OV própria do português e galego medievais) e nelas a ligação de *ar* ao infinitivo é, decerto, aparente. De facto, MARTINS (1994:176-178) mostrou que no mesmo tipo de configuração os pronomes clíticos pré-verbais se ligam ao verbo finito, enquanto o infinitivo tem o estatuto de elemento interpolado (os dois verbos formam um núcleo verbal complexo, por incorporação do infinitivo no verbo finito). Por outro lado, nas *CSM* o advérbio *ar/er* pode apresentar-se separado do verbo, situando-se então no início da frase, quer junto dos conectores frásicos quer tomando para si o papel de conector. Por isso, é de considerar igualmente a possibilidade de nos exemplos que se seguem a forma *ar* estar desligada do verbo e associada aos conectores *e*, *como*, ou estar a funcionar por si própria como nexos conectivos. Em qualquer dos casos, é a anteposição do infinitivo que cria a ilusão de associação do advérbio *ar* a essa forma verbal.

(1) E poi-lo todos disseron, | a que o mundo manten || o cegou d'ambo-los ollos | que deles sol non viu ren, || nen **ar** valer non lle pode | fisica de Monpisler.|| (A3:99, p. 33)

(2) Da Santa Virgen, e com' **ar** fñir || quis por nos na cruz e pois resorgir || do sepulcr' e o demo destroyr, || que ante nos destroya.|| (A3:13, p. 25)

(3) A nos que somos seus || quitamente sem al || dela, porque de Deus || é Madre que nos val || quand' errar || e peccar || per nossa folia || ymos, **ar** || perdõar || nos faz cada dia.|| (A3:125, p. 35)

|| assi que en pouca d'ora | o ouve tan fort' inchado, || que folego non podia | coller nen *ar* falar nada.|| (A3:100, p. 33)

(70) Custume h(e) q(ue) o porteyro ño deue tomar do Caualeyro seu caualo ñe *er* hír a seu leyto mêtres achar outros penhores. (D1:415, p.67)

(71) De mui bon grado querria a un logar ir | e nunca m' end' *ar* viir!| (A1:57, p.6)

(72) Don Tisso Pérez, queria oj' eu | seer guardada do tre[be]lho seu | e *er* doar-lh' o baton que fui meu; | mais non me poss' a seu jogo quitar; | e, Tisso Pérez, que demo mi o deu, | por sempre migo querer trebelhar?| (D2:3, p.71)

(73) [O]utrossi loar devemos || a por que somos onrrados || de Deus e *ar* perdoados || dos pecados que fazemos; || ca tẽemos || que devemos || por aquesto lazerar, || mas creemos || e sabemos || que nos pod' ela guardar.|| (A3:89, p.32)

Vimos nas secções anteriores que, desde os textos do século XIII, o advérbio *ar/er* não se comporta como um prefixo verbal (ainda que possa ser essa a sua origem, como tem sido repetidamente afirmado). Para além de poder ocorrer depois do verbo, também pode ocorrer separado do verbo por um clítico ou por *não*. Os dados que descrevemos nesta secção tornam ainda mais notório que *ar/er* não guarda propriedades de prefixo pois liga-se aos verbos auxiliares, que não admitem qualquer tipo de afixação (veja-se o caso prototípico de *ser*<sup>86</sup>), em contextos em que teria a opção de se juntar a um verbo principal (exactamente o tipo de elemento lexical a que se ligam os prefixos verbais).

---

<sup>86</sup> O mesmo acontece com todos os verbos auxiliares, incluindo os modais e aspectuais.

### 3.3. O advérbio *ar/er* não-associado ao verbo

Esta secção está organizada em duas subsecções. Na primeira iremos focar a nossa análise nas atestações mais antigas do advérbio *ar/er* na posição de não-associado ao verbo. Verificamos que é nas *Cantigas de Santa Maria* que esta opção de colocação na frase apresenta maior expressão. Das 32 atestações de *ar* não-associado ao verbo encontradas no século XIII<sup>87</sup>, 29 pertencem a esta obra. No mesmo século encontramos ainda 2 atestações em textos poéticos de João Soares Coelho e de Joan Soaires Somesso<sup>88</sup>, 1 atestação numa cantiga de escárnio e maldizer de Afonso X e 1 atestação num texto notarial galego. Durante todo o século XIV apenas registámos 1 atestação num texto literário galego (*Crónica Troyana*). A possibilidade de não associar o advérbio *ar/er* ao verbo reaparece no século seguinte, pelo que podemos afirmar existir nos textos um “interregno” na utilização do advérbio dissociado do verbo.

Nos séculos XV e XVI voltamos a atestar a presença do advérbio desvinculado do verbo (agora na variante *er*), quase sempre em textos literários de autores portugueses (só um exemplo pertence a um texto notarial do século XVI). A análise das 21 atestações encontradas nas obras mais tardias será apresentada na segunda subsecção.

O número total de ocorrências no *corpus* do advérbio *ar/er* não associado ao verbo é de 54, correspondendo a 7,4% do número total de ocorrências de *ar/er* no *corpus*.

Para além das referidas 54 ocorrências, encontramos na *Demanda do Santo Graal* uma atestação de *er* não associado ao verbo, atestação que pela sua excepcionalidade (e anacronismo) decidimos excluir do conjunto de dados analisados nesta secção.

(74) fez sobre a campãa screver como el matara seu irmão Sanades e como **er** el fora morto.  
(D1:281, p.62)

Já Jules Cornu (1882) atribuiu à sequência *er el*, neste exemplo, a interpretação

---

<sup>87</sup> Embora tenham sido encontradas atestações de *ar* não associadas ao verbo em textos de autores de origem castelhana, apenas foram contempladas para esta análise as atestações de autores portugueses, galegos e as que se encontram nas *Cantigas de Santa Maria*, com as devidas precauções relativamente a esta obra. Fora das *Cantigas de Santa Maria*, considerou-se ainda um dado extraído de uma cantiga de Afonso X dada a sua semelhança com os dados das CSM.

<sup>88</sup> No TMILG, os versos desta cantiga de Escárnio são atribuídos a João Soares Coelho. No entanto, verificámos, ao consultar a edição de Rodrigues Lapa (1965:368/369) das *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos cancioneiros galego-portugueses*, que esta cantiga (n.º 243) é de Joan Soarez Somesso.

“lui aussi”. Na verdade, pela sua posição na frase, *er* apresenta-se aqui como um advérbio *de inclusão*, ou *de realce*,<sup>89</sup> sendo a sua função a de pôr em destaque, enfatizando-o, um constituinte da frase, neste caso o sujeito pronominal.<sup>90</sup> Ora este tipo de papel desempenhando por *er* só se reencontra no *corpus* em Gil Vicente (*cf.* 3.3.2.). Nas atestações dos séculos XIII a XV, o advérbio *ar/er* apresenta-se uniformemente como advérbio *conectivo*, como veremos no capítulo 4. Assim sendo, pensamos que esta passagem da *Demanda do Santo Graal* resultará provavelmente de um erro de cópia motivado pela semelhança fonográfica entre as duas palavras da sequência relevante. De facto *el er* seria a ordem esperada tendo em conta as restantes 145 atestações do advérbio na *Demanda do Santo Graal*. No acto de cópia poderá ter-se produzido uma inversão accidental entre o pronome *el* e a forma *er*.<sup>91</sup>

### 3.3.1. Atestações antigas – as *Cantigas de Santa Maria*

A sintaxe de *ar/er* nas *Cantigas de Santa Maria* é única na época a que pertencem as *Cantigas*. O facto de nelas registarmos 29 atestações de *ar* em posição não associada ao verbo leva-nos a pensar que talvez a língua nelas usada (que já vimos, no capítulo 2, ser essencialmente galega) tenha sofrido alguma interferência de uma língua estrangeira. É, de facto, possível que tivesse existido na obra a influência de uma outra variedade linguística, uma vez que alguns dos colaboradores de Afonso X (nomeadamente os de origem provençal) e o próprio rei não tinham como língua

<sup>89</sup> Vejam-se CUNHA E CINTRA (1984: 548-549) e COSTA E COSTA (2001: 20-27).

<sup>90</sup> Este exemplo da *Demanda* não pode ser aproximado dos exemplos de não associação entre *ar/er* e o verbo encontrados nas *Cantigas de Santa Maria*. De facto, nas *Cantigas de Santa Maria*, como veremos adiante, o advérbio *ar/er* quando não ocupa a posição pré-verbal, ocorre ou em posição inicial de frase ou imediatamente a seguir a uma conjunção coordenada copulativa. Consequentemente, precede os conectores conjuncionais de outros tipos (ver (i) e (ii) abaixo). Na atestação de *er* não-associado ao verbo da *Demanda*, o advérbio, pelo contrário, ocorre depois da conjunção *como*; se a sintaxe deste exemplo fosse idêntica à que encontramos nas *Cantigas de Santa Maria* a ordem seria antes [*e er como el fora morto*].

(i) Ca muito a amar deven, | porque Deus nossa figura || fillou dela e pres carne; | **ar** porque de sa natura || vëo, e porque justiça | tēen del e dereitura, || e Rei nome de Deus éste, ca el reina todavia.|| (C3:7, p.48)

(ii) E **ar**, com'en responder,|| diz: (C3:18, p.49)

<sup>91</sup> A sequência [*co*]mo *er el fora morto* ocorre na linha final de um capítulo (capítulo 468 da edição Piel e Nunes). Consultada a edição facsimilada de Augusto Magne, verificámos que o espaço branco entre a segunda sílaba da palavra *como* e a forma *er* é irregularmente longo, o que poderia sugerir alguma hesitação ou distração por parte do copista neste lugar do texto. No entanto, este caso não é único na linha final de um capítulo, embora seja bastante raro (*cf.* o final dos dois capítulos seguintes).

materna o galego. Acresce que a fonte mais directa das Cantigas de Afonso X parece ter sido um texto de 30 000 versos do francês Gautier de Coincy, *Miracles de Notre-Dame*. Assim, apesar do carácter galego das *Cantigas de Santa Maria*, estas poderão apresentar concomitantemente interferências de uma outra língua românica. Relativamente à construção que nos ocupa, seria o provençal a influência mais provável pois esta língua dispunha de um advérbio cognato de *ar/er* – veja-se Corominas (1980-1991), *s.v. er*. A observação dos dados disponíveis no *corpus*, permitir-nos-á, no entanto, chegar a uma outra abordagem da singularidade das *Cantigas de Santa Maria*, afastando-nos da hipótese da influência provençal.

Nas *Cantigas de Santa Maria*, o advérbio *ar/er* ocorre quatro vezes na posição inicial de frase (exemplos (75) e (76)) ou de oração (exemplos (77) e (78)). Nas restantes 25 atestações de *ar/er* não associado ao verbo, o advérbio ocorre combinado com uma conjunção coordenativa copulativa, seja *e* (22 ocorrências<sup>92</sup>) seja *nem*<sup>93</sup> (3 ocorrências), como exemplificados em (79) a (81). Esta distribuição do advérbio *ar/er* está em sintonia com a sua condição de advérbio conectivo. Como se esclarecerá no capítulo 4, os advérbios conectivos ocorrem frequentemente agregados entre si e colocados no início da frase (sendo essa posição favorecida pelo facto de estabelecerem nexos inter-frásicos). Mas um advérbio conectivo pode também desempenhar sozinho a função de conector sintáctico-semântico (ou discursivo) e não lhe estão vedadas outras posições na frase (ao contrário do que acontece com as conjunções, o outro tipo de conector inter-frásico).

(75) *Ar* mui gran sen ||' ouve dado || u en ela enserrado || foi, ca ben ali mostrado || ||' ouve do ben que sabia.|| (C3:9, p. 48)

(76) *Ar* en dar-lle loor || avemos gran razon, || ca Deus a fez mellor || de quantas cousas son; || que sen par, || sen dultar, || ést'. (C3:23, p. 49)

(77) Depois de Santiago | con ele sse tornaron; || e quand' en Carron foron, | *ar* cego o acharon, || e de o y le[i]xaren | todos s' [i] acordaron.|| (C3:6, p. 48)

<sup>92</sup> As atestações aqui não contempladas podem ser consultadas nas páginas 48 a 50 do *Apêndice*.

<sup>93</sup> Relativamente à sequência *nem ar*, os autores são unânimes em propor a mesma interpretação semântica, 'nem tão-pouco' – vd. COROMINAS E PASCUAL (1980-1991:652); LAPA (1965); METTMAN (1972:26); NUNES (1928).

(78) Ca muito a amar deven, | porque Deus nossa figura || fillou dela e pres carne; | **ar** porque de sa natura || vëo, e porque justiça | tãen del e dereitura, || e Rei nome de Deus éste, ca el reina todavia.|| (C3:7, p. 48)

(79) Per ren non leixou mentre foron alá, || nen **ar** que morressen come os dacá || morrian de fora, ca poder end' á || de fazer tod' esto e mais, sen dultar.|| (C3:8, p. 48)

(80) Nen **ar** entalladas non || foron, se Deus me perdon, || e avia y fayçon || da Ssenhor das aposturas || con sseu Fill', e per razon || feitas ben per sas medidas.|| (C3:10, p. 48)

(81) A bõa moller coitada | foi tanto daqueste feito, | que sol non soube consello || de si nen **ar** que fezesse, | e diss': (C3:22, p. 49)

Nas frases em que o advérbio *ar/er* (na forma *ar*) aparece ligado à conjunção copulativa *e* (na sequência *e ar*), a coordenação estabelece-se na maior parte dos casos entre duas orações, mas pode também estabelecer-se entre dois sintagmas (preposicionais, adjectivais). Além disso, quando a coordenação é oracional, o verbo pode estar elidido no segundo membro da estrutura de coordenação. Fica assim claro que quando o advérbio *ar/er* é, tipicamente, inicial de frase, em associação com uma conjunção coordenativa, não só se distancia do verbo como pode ocorrer em contextos em que não está presente uma forma verbal. Isso acontece nos contextos de elipse do verbo, mas é ainda mais óbvio nos casos de coordenação sintagmática, como no exemplo (89), em que se coordenam dois sintagmas preposicionais, ou no exemplo (90), em que se apresentam coordenados um sintagma preposicional e um adjectivo, ambos modificadores qualificativos do nome *falcões*. Ilustram-se a seguir os diferentes tipos de coordenação.

### a) Coordenação oracional sem elipse do verbo

(82) Este mui bon clerigo era | e mui de grado liia || nas vidas dos Santos Padres | e **ar** mui ben escrivia; || may[s] u quer que el achava | nome de Santa Maria, || fazia-o mui fremoso | escrito con tres colores.|| (C3:24, p.49)

(83) Ca frenesia o tornou sandeu || tan muito que sa lengua xe comeu, || e **ar** os beiços desfez e mordeu, || e comera se lle dessen vagar.|| (C3:25, p.49)

(84) E *ar* todavia || sempr' estás lidando || por nos a perfia || o dem' arr[anc]ando, || que, sossacando, || nos vai tentando || con sabores rafeces; || mas tu guardando || e anparando || nos vas,... (C3:4, p. 48)

(85) E *ar* ele, chorando muito dos ollos seus, || mostrou-ll' a om[a]gen da Virgen, Madre de Deus, || e disse-ll': (C3: 13, p. 48)

**b) Coordenação oracional com elipse do verbo na oração em que ocorre *ar/er***

(86) Razon an de seeren | seus miragres contados ... || Ca dũa parte viyan | ssa grand' enfermidade, || e *ar* da outra parte | a ssa gran pobridade; || pero porque avian | dele gran piadade, || eno levaren sigo | foron end' acordados.|| (C3:5, p.48)

(87) Ca se ll' atraves[s]ara || ben des aquela ora || u a comer cuidara, || que dentro nen [a]fora || non podia saca-la, || nen comer nen passa-la; || demais jazia çego || e *ar* mudo sen fala || e muy maltreito || por aquel preito, || ca xo mereçia.|| (C3:12, p.48)

(88) Est' era mui fremoso e apost' assaz, || e *ar* mui leterado e de bon solaz; || mais tod' aquele viço que á carne praz || fazia, que ren non queria en leixar.|| (C3:16, p.49)

**c) Coordenação sintagmática**

(89) Mui preto d' ambo-los mares, | do gran que corr' arredor || da terra e *ar* do outro | que é chamado Mëor; || e mostrou Santa Maria, | Madre de Nostro Sennor, || por un ome. (C3:1, p. 48)

(90) ...cantares | nos chamamos Fror das flores ... || E ind' a aquela caça, | levou poucos cavaleiros, || mais levou outra gran gente | e mui bõos falcõeyros || que levavam seus falcões | de garça e *ar* grueyros; || mais ante que se tornasse | perdeu ùu dos mellores, || A que en nossos cantares | nos chamamos Fror das flores ...|| (C3:21, p.49)

A associação entre a forma *ar* e a conjunção coordenativa copulativa pode ter uma expressão mais forte nas *Cantigas de Santa Maria* do que fazem supor as atestações de *e ar* acima comentadas. Na verdade a sequência *e ar* atesta-se mais 52 vezes nas *Cantigas de Santa Maria* e a sequência *nen ar* mais 8 vezes (temos pois, 86 ocorrências de *e/nen ar*, ou seja, 49% do número total de atestações de *ar/er* nas

CSM)<sup>94</sup>. O que separa os dados acima comentados dos exemplificados a seguir (cf. (91) a (93)) é o facto de nestes últimos o advérbio *ar/er* ocorrer entre a conjunção coordenativa e o verbo, ficando por esclarecer se se liga à primeira ou ao segundo – optámos pela segunda hipótese, ao organizarmos os dados, apenas por ser a ligação ao verbo a opção mais comum.

(91) E *ar* viron hũa dona | hũa guerlanda fazer || de rosas e el con ela | do outro cabo pøer || das rosas ena guerlanda; | mas eles enton poder || non ouveran d' ir a ele | e disseron log' atal: || (A3:5, p.25)

(92) E tan toste a levaron | u' Rey de Grãada era, || que teve tod' este feito | por gran maravilla fera || e mandou de seus d'yeiros | dar ao que lla trouxera, || e *ar* mandou a omagen | logo levar a Grãada. || (A3:33, p.27)

(93) E me disse "Deus te salve"; | e eu respondi que ben || fosse vïud', e *ar* disse | que non leixasse per ren || que me ben non confessasse; | e eu respondi poren || que me queria de grado | dos pecados repentir. || (A3:75, p.31)

Vejam os agora as atestações de *ar/er* não associado ao verbo fora das *Cantigas de Santa Maria*. O exemplo (94) pertence a uma Cantiga de Escárnio e Maldizer de Afonso X e é um caso de coordenação frásica com *nen ar*. O exemplo (95) pertence a um documento notarial, galego, do século XIII. Aí voltamos a encontrar coordenação frásica, neste caso expressa pela combinatória *e ar*. Já no século XIV, de novo num texto galego, mas de prosa literária, a *Crónica Troyana*<sup>95</sup>, o advérbio volta a aparecer

<sup>94</sup> Se compararmos estes resultados com as atestações do *corpus* (35 atestações de ‘nem *ar*’ e 34 atestações de ‘e *ar*’), as percentagens destas sequências nas CSM situam-se nos 22% e 68%, respectivamente.

<sup>95</sup> A *Crónica Troyana* foi traduzida para o português (e menos provavelmente para o galego) a partir da obra de Benôit de Sainte-Maure, *Roman de Troie*, não tendo sido conservado nenhum manuscrito dessa época. Por ter sido uma obra, desde logo, de grande sucesso, foi utilizada livremente na redacção da *General Estoria* de Afonso X. (cf. LORENZO (1985:28-29))

No século XIV, Afonso XI mandou fazer uma tradução do poema em castelhano e, a partir desta versão, fez-se outra em galego (sob os auspícios do conde Fernán Pérez de Andrade. No mesmo século e, “partiendo de la existencia de un manuscrito castellano del XIV, con la traducción de Alfonso X, mutilado en muchos lugares, alguien trató (...) de completar el texto escribiendo en gallego, ya que, en general, el comienzo de los folios en gallego enlaza con el final de los folios en castellano y viceversa”. (cf. LORENZO (2002:108))

A versão galega deste manuscrito apresenta, na primeira parte, episódios que foram retirados da *General Estoria*, o que poderia levar-nos a pensar que, não tendo sido conservado nenhum manuscrito ou referência relativamente à primitiva versão portuguesa (ou galega), Afonso XI teria mandado traduzir para castelhano directamente do francês e que, mais tarde, partindo da tradução castelhana, o Conde

separado do verbo, e associado a dois outros conectores, na sequência *desi ar outrossi* ‘depois, também assim’ – veja-se (96) e, quanto à interpretação da combinação *ar outrossi*, o capítulo 4.

(94) Nen **ar** na igreja non vos conselh' eu | de teer voz, ca vos non á mester; | ca, se peleja sobr' ela ouver, | o arcebispo, voss' amigu' e meu, | a quen o feito do sagrado jaz, | e a quen pesa do mal, se... (C6:1, p.51)

(95) ...en juyzo et razoaron. et o juyz de garauaes julgou entreles. et esta maria Rodriguiz apelou para ante min et foy ante min en un monte u eu era. et non podia auer uozero nin quen razonase por ela. et **ar** partes ambas a plazer dixeron que uos querian por iuyzes. et eu dou.....es et outorgouseles en meu lugar que os ouzades et razoen ante uos et ueedo o juyzo et as cartas et o preyto todo como andou de... (C2:401, p.47)

(96) Desý **ar** outrossý chamou Éytor a Eneas et díssolle assý: (C2:201, p.47)

O facto de encontrarmos exemplos idênticos aos das *Cantigas de Santa Maria* em dois textos galegos em prosa – sendo um da prosa literária e outro da prosa notarial – enfraquece a hipótese de que a especificidade da sintaxe de *ar/er* nas *Cantigas de Santa Maria* seja o resultado de influência linguística do provençal, veiculada pelos textos tomados como modelo literário. Apesar de a escassez dos dados pouco nos permitir avançar, podemos perguntar-nos se não poderá estar aqui em causa a emergência pontual nos textos galegos antigos de um dialecto medieval do galego. No capítulo 2, isolámos um caso em que claramente está em causa uma variante regional medieval. Com efeito, vimos que a forma *er* do advérbio *ar/er* não pertence ao galego comum, mas é própria da região sudocidental da Província de Pontevedra. O texto notarial em que ocorre o exemplo (95) – ver acima – pertence, por outro lado, à zona noroeste da província de Ourense (Garabás, Manside). Não se trata, portanto, da mesma área dialectal. A tradução galega da *Crónica Troyana* foi mandada executar pelo Conde Fernán Pérez de Andrade, o Bom, provavelmente em Betanzos ou Pontedeume, no extremo Norte da Província da Coruña. Não se vê pois, facilmente, uma relação entre o

---

tivesse feito a versão galega. No entanto, Ramón Lorenzo defende que, se no que se refere à tradução do galego esta afirmação é verdadeira, no que se refere à tradução de Afonso XI é falsa. Segundo este autor, a tradução para o castelhano não foi feita directamente do francês, mas antes a partir da versão portuguesa (ou galega), hoje desaparecida, já que os numerosos erros aí detectados confirmam a sua dependência relativa a um texto ocidental e não a um francês (cf. LORENZO (1985:191-202)).

documento de Ourense e a *Crónica Troyana*. Quanto às *Cantigas de Santa Maria*, há quase só incertezas quanto à sua autoria. Ainda assim, e tendo em conta que as terras do conde Fernán Pérez de Andrade se estendiam por uma zona de fronteira entre a província da Coruña (Betanzos, Pontedeume) e a Província de Lugo, talvez se possa colocar a hipótese de que a dissociação entre *ar/er* e o verbo fosse uma opção sintáctica, antiga, do galego oriental. Sobre a provável diferenciação medieval entre galego ocidental e galego oriental diz Clarinda de Azevedo Maia:

“Finalmente, através do estudo analítico a que se procedeu, parece ainda perceber-se com certa clareza, no que se refere à variação regional no interior da Galiza durante o período medieval, uma divisão entre a Galiza oriental e a Galiza ocidental, embora sem poder precisar os limites entre as duas regiões. Caracteriza a linguagem dos documentos localizados nas duas províncias orientais, ou seja, Lugo e Orense, um mais acentuado arcaísmo (...) Noutros casos, a linguagem dos documentos lucenses e orensanos aparece matizada por particularidades afins ao leonês”. (MAIA 1986:934)

Claro que com os elementos de que dispomos é apenas uma especulação que, ainda assim, quisemos deixar registada. De qualquer forma, o facto de encontrarmos o mesmo tipo de estrutura sintáctica, pouco frequente, nas *Cantigas de Santa Maria* e em dois textos galegos, em prosa, dos séculos XIII e XIV, faz pensar que estamos perante uma estrutura sintáctica característica do galego antigo. Daí decorre que não haverá continuidade entre a estrutura aqui discutida e aquelas, pertencentes aos textos portugueses quatrocentistas e quinhentistas, que comentaremos na próxima secção (*cf.* 3.3.2), embora tenham em comum a desvinculação entre o advérbio *ar/er* e o verbo.

Aparentemente em contradição com o que acabámos de afirmar, encontram-se no *corpus* duas atestações do advérbio *ar* não associado ao verbo, presentes em duas cantigas de Joan Soaires Somesso<sup>96</sup> e de João Soares Coelho<sup>97</sup>, respectivamente:

(97) Viv' en mui gran tormenta | Dona Orrac' Abril, | per como a quer casar seu pai; | e, a quen lho  
ẽmenta, | cedo moira no Sil | e a[r] ela, se se con Chora vai. |(C1:1, p.46)

---

<sup>96</sup> Carolina Michaëlis de Vasconcelos identificou-o com João Soares de Valadares, filho de Soeiro Aires e de uma dama galega. Terá nascido na segunda metade do século XII e poderá ter iniciado a sua actividade cultural no primeiro quartel do século XIII, em ligação com círculos galegos. *cf.* LANCIANI e TAVANI (1993).

<sup>97</sup> Para Carolina Michaëlis de Vasconcelos, João Soares Coelho é um dos trovadores mais notáveis, não só pelo número de composições que escreveu, como também pelas relações literárias que manteve com o rei Afonso X e com um dos provençais que visitaram as cortes peninsulares. *cf.* VASCONCELOS (1990:239)

(98) E esta dona, poi'-lo non souber', | non lhe poden, se torto non ouver', | Deus nen *ar* as gentes culpa pøer. |(C1:2, p. 46)

Estas atestações parecem aproximar-se daquelas que já tínhamos encontrado nas *Cantigas de Santa Maria*. No entanto, nos dois casos as lições dos manuscritos são problemáticas e as sequências *e ar/nen ar* são, nestas atestações, o resultado da intervenção interpretativa dos editores.

Quanto ao exemplo (97), o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (cantiga 104) dá-nos a lição *e a ella se se con chora uay*. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na sua edição do *Cancioneiro da Ajuda*<sup>98</sup>, mantém a lição que se encontra no CBN, embora opte por grafar o nome Chora<sup>99</sup> com maiúscula inicial. Já Rodrigues Lapa<sup>100</sup> opta pela adição, ao *a*, de um *r* que julga estar em falta, e mantém a maiúscula da palavra “chora” já proposta por Vasconcelos: *e a[r] ela, se se con Chora vai*<sup>101</sup>.

Relativamente ao exemplo (98), Carolina Michaëlis de Vasconcelos propõe *Deus nen ar as gentes....* No entanto, o que se encontra no manuscrito do *Cancioneiro da Ajuda* é *Deus nar nas gentes*, sendo invulgar o símbolo que se segue ao primeiro *n* – Carter<sup>102</sup> anota: “*nar* final *r* is joined to *a*, thus forming one letter”.

A leitura proposta por Carolina Michaëlis no que diz respeito à cantiga de Johan Soarez Coelho parece ser contrariada pela presença da consoante *n* antes do artigo definido *as*. De facto, esta consoante só pode ser o resultado da ligação entre a vogal

<sup>98</sup> VASCONCELOS (1990: 738-739)

<sup>99</sup> Refere-se a D. João Martins Chora, primeiro marido de D. Urraca Abril. *cf.* VASCONCELOS (1904:300, vol. II)

<sup>100</sup> LAPA, Rodrigues 1957. *Cantigas d'escárnio e de mal dizer dos Cancioneiros medievais galego-portugueses*, pp. 738-739. Citando J. DIONÍSIO in LANCIANI e TAVANI (1993: 382): “A ousadia maior é Lapa ter decidido afrontar em bloco o conjunto de textos da lírica galego-portuguesa que maiores dificuldades colocam ao leitor. Um derivadas de as cantigas em causa serem fruto de circunstâncias variadas, (...) outras pequenos incidentes sem o conhecimento dos quais qualquer tentativa de compreensão estará comprometida. Outro tipo de dificuldades tem a ver com a vastidão do léxico e com a presença de algumas formas estranhas, que tanto podem ser atestações únicas de determinada palavra como vocábulos-fantasma resultantes da corrupção introduzidas pelos copistas”.

<sup>101</sup> RODRIGUES LAPA (1965:368) propõe que “e a[r]” seja lido com sinalefa, para aproximar este verso das nove sílabas que constam do verso 5.

VASCONCELOS (1904:738) comenta e questiona a grafia deste verso da seguinte forma: “Pode haver quem pense que seria melhor retocarmos o ultimo verso do refran, separando-o grammaticalmente do anterior, e escrevendo: *E a[y] d'ela, se se com Chora vai!* Porque neste caso poderíamos observar em ambas as estrophes o verbo *morrer* do texto, lendo primeiro: *cedo moiro o vil!* e depois: *cedo moira por én!* Ficava comtudo inexplicado e sem nexo lógico a phrase: *E a quem lh'o enmenta*. Só se entendessemos: *E a[y] quen lh'o enmenta!* considerando tambem este *a* como interjeição?”

<sup>102</sup> CARTER, Henry Hare (ed.) 1941. *Cancioneiro da Ajuda. A Diplomatic Edition*. New York & London: Modern Language Association of America & Oxford University Press. p. 97.

nasal da conjunção *nen* e o artigo definido. A presença dessa consoante nasal de ligação apoia portanto a reconstrução da vogal nasal [ẽ] mas não a introdução do advérbio *ar*, que impediria a ligação entre a conjunção e o artigo definido (através de uma consoante nasal). A leitura proposta por Rodrigues Lapa parece interpretativamente necessária mas é uma reconstrução feita apenas nessa base.

Do ponto de vista sintáctico, o verso de Johan Soaires Somesso após a intervenção do editor é um caso de coordenação oracional, com elipse verbal, semelhante aos que se encontram nas *Cantigas de Santa Maria*. Quanto ao verso de Johan Soares Coelho, a intervenção de Carolina Michaëlis conduz a uma estrutura que não está atestada nas *Cantigas de Santa Maria*, embora se distancie pouco das que aí encontramos. Trata-se de um caso de coordenação sintagmática entre sintagmas nominais, assegurada por *nen ar*. Nas *Cantigas de Santa Maria* a coordenação sintagmática é sempre estabelecida por *e ar* e envolve sintagmas preposicionais ou adjectivais.

Na medida em que os dois exemplos de *ar/er* não associado ao verbo que se registam em textos de autores portugueses não são exemplos seguros, diferentemente dos que se encontram nos dois textos galegos (em prosa literária e notarial), julgamos poder manter a conclusão de que a desvinculação entre *ar/er* e o verbo nos séculos XIII e XIV é própria dos textos galegos (incluindo-se aí as *Cantigas de Santa Maria*) e não dos textos portugueses. A situação vai alterar-se a partir do século XV. Quando o advérbio *ar/er* (quase) desaparece dos textos galegos começa então a atestar-se separado do verbo nos textos portugueses.

Antes de encerrarmos esta secção, e ainda considerando os versos de Johan Soaires Somesso e de Johan Soares Coelho que parecem afastar-se do padrão de colocação de *ar/er* regularmente encontrado nos textos poéticos de autores portugueses, deve notar-se que não seria, em princípio, impossível que algum traço linguístico galego aparecesse em textos destes autores. O segundo viveu largos anos na corte de Afonso X e o primeiro era filho de mãe galega e supõe-se que tenha iniciado a sua actividade literária em círculos galegos<sup>103</sup>.

---

<sup>103</sup> Veja-se, a este propósito, as informações veiculadas em: LANCIANI, Giulia e Giuseppe TAVANI (org. e ed.) 1993. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho. 2000 e BREA, Mercedes (coord.) 1996. *Lírica Profana Galego-Portuguesa*. Vols. I, II. Santiago de Compostela: Centro de Investigações Lingüísticas e Literárias Ramón Piñeiro.

### 3.3.2. Atestações tardias

Tal como já referimos na secção 3.3., as atestações tardias do advérbio *ar/er* não associado ao verbo apenas se manifestam na variante *er*, a partir do século XV. Estas atestações foram encontradas em obras de autores portugueses dos séculos XV (*Crónica de D. Pedro*, *Crónica de D. João I* e *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*) e XVI (peças de teatro de Gil Vicente). Encontramos ainda uma atestação de *er* num documento notarial galego do século XVI. Fora este exemplo isolado, não foram encontradas atestações do advérbio *ar/er* em obras de autores galegos, o que nos leva a confirmar que a última atestação do advérbio *ar* não associado ao verbo ocorre no século XIV (*Crónica Troyana*) e é única nesse século.

O texto galego do século XVI no qual ocorre *er* pertence à zona sudocidental da província de Pontevedra. Esta região foi identificada por diversos autores<sup>104</sup> como domínio de um dialecto galego medieval (*cf.* capítulo 2) que teria particulares afinidades com os dialectos portugueses da região minhota. Na verdade, como vimos no capítulo 2, só nos textos galegos produzidos nesta região aparece a forma *er* do advérbio *ar/er*. Essa forma é estranha ao galego comum que apenas conhece *ar*.

Paul Teyssier afirma a propósito da presença de *er* no teatro vicentino, face à inexistência absoluta do mesmo advérbio em outros textos quinhentistas: “Este vocábulo existia, pois, na linguagem rústica da época de Gil Vicente” (Teyssier 2005:117). O facto de na mesma época *er* se atestar também num documento do extremo sudoeste da Galiza (com uma colocação na frase que não difere da que observamos em Gil Vicente) pode indiciar que a forma *er* sobreviveria em variedades dialectais do noroeste de Portugal e sudoeste da Galiza.

Mas passemos a observar os exemplos tardios de *er* não associado ao verbo. Atentemos, em primeiro lugar, nos exemplos do século XV que retirámos do *corpus*:

(99) E com esta fouteza partio estomçe de Samtarem, sem creendo nehuï comtraïro que lhe aviir podesse; desi **er** fortuna lho fazia mais largo emtemder, que tiinha já hordenado de o çedo ofereçer aa morte; e chegou a Lixboa homde ja achou muitos que viinhã ao saimento. (F1:201, p. 80)

---

<sup>104</sup> Nomeadamente, MAIA (1986), ÁLVAREZ BLANCO (1994), ÁLVAREZ BLANCO E XOVE (1998), MARIÑO PAZ (1999).

- (100) Se *er* per ventuira as naaos da Castella aferrarẽ com algũuas de vos, deffemdamsse em tanto o melhor que poderem; (F1:202, p. 80)
- (101) assy por as gentes que por guarda dos logares estauom pella comarca, que gastauom gram parte delles, come por o alçamento das viamdas que el aa primeira mandaua fazer, desy *er* por a destruyçam que os jmgreses e os portugueses em elles faziam; (F1:203, p.80)
- (102) Dessy *er* Martym Afomsso, seu jrmaão, se pos pee terra com dous escudeiros por o ajudar defemder; (F1:204, p. 80)
- (103) ...recebendo-o outrossi em seu rreino, e nom trabalhar de o ajudar, era-lhe grande vergonha e prasmio; des *i er*, vendo-o e fallando-lhe, nom se poderia escusar d'elle. (F1:205, p. 80)
- (104) O allmoadẽ hera homẽ bem destro ã seu ofiço & presumio que poderia ser que as novas das feridas do comde podiam ser azo da vinda dos mouros, & desy *er* como se muitas vezes aqueçee que as vomtades duvidosas presumem as cousas p(ri)meiro que as vejam, o allmoadẽ teve gramde fememça no que avia de faz(er) & assy tomou llugar comvinhavel ã seu proposyto. & jazemdo em sua escuyta sobre a çillada do Canaveall, sendo jaa a mea noite passada, semtyo os mouros como vinhã pera llamçarẽ suas çilladas & ordenarẽ sua faz(em)da como semtyssẽ por mais sua avemtagẽ.(F1:206, p. 80)
- (105) A terç(ei)ra fusta se llamçou no rrio de Benamadem, a quall bem fora filhada, senão porque Diogo Vazques nõ llevava tãta gemte como da p(ri)meira, porque lleyxara da sua companhia allgũs nas fustas que tornarã, & desy *er* os outros camsavã, & ((p204)) sobre todo porque Diogo Vazquez vio muitos mouros na praya & conheçeo que, se fossẽ demtro, que o bragantym nom poderia girar. (F1:207, p. 80)
- (106) & semdo assy aquelle sen(h)or per allgũs dias na çidade, cõsyrou que esperamdo a vinda dos mouros que hera ymçerta, e desy *er* de faz(er) cavallg(a)das sobre aldeas que pera elle hera cousa de pouca homrra, vemdo como jaa outros de menos vallor as fezeram ja taes que seria a elle trabalho de as sobrepojar, quamto mais estamdo sou alhea capitania. (F1:208, p. 80)
- (107) E porq(ue) Rruy Gomez da Sylva hera aquelle que dissemos, casou ho comde com elle sua filha dona Ysabell. & no dia que ouve de tomar sua casa, semdo todos na ygreja, heram ã

aquelle assejo dous barines no porto &, como gemte desavisada, com desejo de ver novidade de casam(em)to & desy *er* por ser domingo, deyxaão os navios desacompanhados. & sobrevierã pera hos filhar quatro fustas de mouros, as quais semtydas, na çidade começará de rrepicar muy rrijamente. (F1:209, p. 81)

Exceptuando o exemplo (100), todos os outros contêm a forma *er* antecedida do advérbio ou locução adverbial *desi/des i*. Esta situação poderia levar-nos a pensar que estivéssemos perante uma estrutura – *desi er* - com valor semântico próprio.<sup>105</sup> Contudo, os autores por nós consultados não apresentam um significado específico para esta sequência. Na verdade, veremos no capítulo 4 que não tem um valor fixo, tratando-se antes de uma combinatória frequente entre dois advérbios conectivos que podem ter ambos valor aditivo, mas cujos campos significativos se cruzam sem se sobreporem.

No plano sintáctico, o que os exemplos quatrocentistas de *er* não associado ao verbo nos mostram é a colocação do advérbio no início da frase, logo depois de uma conjunção subordinativa (*se*) ou a seguir a um outro advérbio conectivo coordenativo (*desi*). Apesar de a localização de *er* no início da frase nos recordar os exemplos de *ar* não associado ao verbo das *Cantigas de Santa Maria*, há uma divergência clara no que diz respeito à natureza da palavra que precede o advérbio *ar/er*. Nas *Cantigas de Santa Maria*, é sempre uma conjunção coordenativa (em geral, *e*; com menos frequência, *nem*), que precede o advérbio *ar/er*, o que nunca acontece nas Crónicas de Fernão Lopes e Zurara. Além disso, também diferentemente das *Cantigas de Santa Maria*, o advérbio *er* nunca aparece em posição inicial absoluta nos textos portugueses do século XV.

As atestações encontradas nas peças de teatro de Gil Vicente não partilham das mesmas características acima apontadas. De facto, nenhum dos exemplos produzidos pelo dramaturgo contém a sequência *desi er*.

As onze atestações de *er* não associado ao verbo encontradas em Gil Vicente<sup>106</sup> podem dividir-se em três grupos no que diz respeito à sua posição na frase, sendo que a cada colocação parece corresponder também uma interpretação semântica particular.

Em cinco exemplos, *er* ocorre no início da frase/oração, estando em quatro casos precedido da conjunção copulativa *e*, mas ocorrendo uma vez em posição inicial

---

<sup>105</sup> Retomaremos este assunto no Capítulo 4 – “Os valores semânticos do advérbio *ar/er*”.

<sup>106</sup> Além destas, encontram-se quatro outras atestações de *er* em posição pré-verbal, correspondendo a um total de 15 atestações do advérbio *er* no teatro vicentino.

absoluta. Em quatro dos cinco exemplos a forma *er* está seguido do advérbio *também*, interpretando-se a sequência *er também* como ‘além disso, também / ainda também / também ainda’.<sup>107</sup> (No exemplo (110), *er* interpreta-se igualmente como ‘além disso, ainda’).

(108) Gonçalo: Trago aqui estes capões | e bôs marmelos valentes | se deles fordes contentes | e *er* também trago limões | pêra aguçardes os dentes. (F1:210, p. 81)

(109) Amâncio: Isso te quero contar | e iremos patorneando | e *er* também aguardando | pelas moças do lugar. (F1:211, p. 81)

(110) Denis: Nam qu’ela se me tomar | leixar-m’-á quando quiser | mas dêmo-las à má estrea. | E voto que nos tornemos | e *er* depois tornaremos | com as cachopas d’aldea | entoncos concertaremos. (F1:212, p. 81)

(111) Apariç’Eanes: Pisou uvas no lagar | e tem nódoas nos focinhos | mas ela se irá lavar. | E *er* também per razão | qu’ela assi é pertelhoa | lhe merquei eu em Lixboa... (F1:217, p. 81)

(112) Vilão: *Er* também quero tirar | ante que entre na orada | ãa cochina pelada | que trago pêra ofertar | este deos logo à entrada. (F1:220, p. 82)

Em cinco outros casos *er* surge em contextos discursivos que implicam comparação entre dois termos. Tem nestes casos um valor semântico equativo (*cf.* exemplos (113) a (116)) ou contrastivo (*cf.* exemplo (117)). Assim, nos primeiros quatro exemplos interpreta-se como ‘também assim, assim também, de igual modo, igualmente’, enquanto no último se interpreta como ‘porém, todavia, apesar disso’. Sintacticamente, o que caracteriza este conjunto de exemplos é que a forma *er* deixa de se colocar necessariamente no início da frase, passando a manifestar preferência por uma posição medial ou quase-final. Em três dos exemplos, *er* volta a aparecer na sequência *er também* (que, no entanto, não tem aqui a mesma interpretação que nos

---

<sup>107</sup> A existência de sequências de advérbios conectivos cujos valores semânticos se recobrem parcialmente (sem que possam considerar-se sinónimos) corresponde a uma estratégia discursiva bastante comum (*cf.* QUIRK *et al.* 2003 e capítulo 4).

exemplos acima comentados); em dois outros, ocorre seguido ora do advérbio *assi* ora do advérbio *depois*.<sup>108</sup>

(113) Pêro Marques: Parece moça de bem | e eu de bem *er* também | ora vós er ide vendo | se lhe vem melhor ninguém (F1:213, p. 81)

(114) Vasco Afonso: Agora agora agora | esta doma que lá vai | soma que casei embora | sem licença de meu pai | e diz que a nam quer por nora | e seu pai *er* assi | porque se casou furtada | nem chique nem mique nem nada | dão a ela nem a mi | assi pola desneuada. (F1:214, p. 81)

(115) João Mortinheira: Conforme-se ele comigo | *er* também no qu'é rezão | qu'eu sam pobre coma cão | e cada dia lho digo | e folga se vem à mão. (F1:218, p. 81)

(116) Vilão: E bem ainda vos digo | ora ele é homem que val | *er* também vós fareis mal | em tomar birra comigo | que nam sam água nem sal. (F1:219, p. 82)

(117) Diabo: E os marcos que mudavas  
dize: por que os nam tornavas  
outra vez a seu lugar  
Lavrador: E quam tirava do meu  
os meus marcos quantos são  
e os chentava no seu?  
Dize pulga de judeu  
que lhe dezas tu *er* então? (F1:216, p. 81)

Finalmente, na última ocorrência de *er* não associado ao verbo que encontramos em Gil Vicente, o advérbio ocorre isolado (ou seja, não está seguido de um outro advérbio) e incide sobre um sintagma nominal. Neste caso, não é um advérbio conectivo (frásico ou oracional) mas um *advérbio de inclusão* ou *realce* (cf. Cunha e Cintra 1984:548-549 e Costa e Costa 2001:20-27).<sup>109</sup> A função do advérbio é aqui a de

<sup>108</sup> Em dois casos *er* legitima a elipse verbal, ou só por si (*soma que casei embora | sem licença de meu pai | e diz que a nam quer por nora | e seu pai er assi*) ou em combinação com *também* (*Parece moça de bem | e eu de bem er também*).

<sup>109</sup> Para CUNHA E CINTRA, os advérbios que denotam inclusão “não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso na análise convém dizer apenas: «palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de rectificação», etc.” Para COSTA E COSTA, este tipo de advérbios é denominado de advérbio de realce, “dado que a sua função é a de realçar ou enfatizar um determinado constituinte.”

ênfatizar, pondo-o em destaque, o constituinte *o nosso cura* (a sequência frásica *o nosso cura er* interpreta-se pois como ‘também o nosso cura / até o nosso cura’).

(118) Vasco Afonso: ora o nosso cura *er* | porque se paga dela | e sicais andou com ela | Soma vonda que nam quer | receber-nos a mim e a ela. (F1:215, p. 81)

A atestação de *er* encontrada no documento notarial galego de San Xoan de Poyo (junto à Ria de Pontevedra) aproxima-se do primeiro gupo de exemplos vicentinos que comentámos. A forma *er* ocorre no início da frase (não precedido da conjunção copulativa), está seguido de um outro advérbio, e tem um valor semântico aditivo, i.e., ‘além disso, também’.

(119) ... moesterio de Sant Iohan de Poyo, coutos e lugares del por lo Reverendisimo sennor arçobispo e iglesia de Santiago a esto que sobredito he en huun com os ditos testigos presente fuy e fiz escriptvir *er* aqui meu nome e signo puse en tetimonio de verdade. (F2:401, p.83)

Em suma, as atestações da forma *er* nos séculos XV e XVI mostram que o advérbio se tinha libertado, totalmente, da sua dependência em relação ao verbo, podendo ocorrer em diferentes posições na frase. Enquanto advérbio conectivo, a zona inicial da frase apresenta-se como a sua localização preferencial. No entanto, a posição final é também possível, correspondendo talvez a uma posição de proeminência prosódica e reforço do valor equativo ou contrastivo do advérbio (em contextos de comparação, no plano discursivo). Num exemplo de Gil Vicente observámos que a forma *er* (tal como hoje acontece com *também*) é um advérbio de inclusão e já não um advérbio frásico, modificando neste caso um sintagma nominal.

Nas *Cantigas de Santa Maria*, o advérbio *ar* também ocorria com frequência no início da frase, dissociado do verbo. Além disso, podia coordenar entre si sintagmas preposicionais e/ou adjectivais. Aparentemente, o advérbio *ar/er* manifestou, de forma independente, em épocas e áreas geográficas distintas, a mesma tendência para se libertar de um posicionamento limitado à vizinhança do verbo. Essa evolução tornou a sua sintaxe idêntica à sintaxe de outros advérbios da mesma área semântica.

### 3.4. *Ar/er* são variantes de um único advérbio? O testemunho da *Notícia de Torto*

Tendo em conta a etimologia da palavra, são vários os autores<sup>110</sup> que apontam as formas *ar/er* como variantes do mesmo advérbio. No entanto, Corominas e Pascual (1980-1991)<sup>111</sup> argumentam a favor de uma tese em que as duas formas são distintas, tendo diferentes bases etimológicas e apresentando, por isso, significados diferentes. É com base numa pretensa atestação “da locução *er ar*” referida por Carolina Michaëlis de Vasconcelos que Corominas e Pascual (1980-1991:652) fundamentam a sua posição:

“Que no era sentido como una mera variante de *ar* (cuya procedência de HAC HORA, aunque com dificultad, todavía llegaría a comprenderse) lo vemos por la locución *er ar* ‘de nuevo, una vez aún’ (C. Michaëlis, *ZRPh*. XIX, 67).

No hay que pensar em que esto pueda salir de HORA (como ocurre seguramente con el cat. *Ara* ‘ahora’). No tiene escape la idea de que esto sólo se explica como supervivencia de una partícula indoeuropea prerromana, que en el idioma madre tuvo la forma R alternando con ER y con OR, y el significado oscilando desde ‘ahora’ hasta ‘todavía’ e ‘también’”.

Estamos, no entanto, convictos de que a suposta “locução *er ar*” não existe, tratando-se decerto de uma falsa atestação. De facto, em todos os *corpora* por nós consultados, jamais encontramos atestações de *er ar*. Além disso, a referência de Corominas y Pascual está errada, pois a página 67 do volume 19 da *Zeitschrift für Romanische Philologie* não corresponde a nenhum texto de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Nesse volume da *ZRPh* encontram-se dois artigos da referida autora<sup>112</sup>, mas em nenhum deles aparece a suposta atestação de *er ar*. Não há assim confirmação para a tese de Corominas y Pascual (1980-1991) segundo a qual *er* e *ar* seriam dois advérbios diferentes (o primeiro de origem pré-romana, o segundo procedente de HAC HORA).

---

<sup>110</sup> Veja-se: VASCONCELLOS (1906); NUNES (1919); HUBER (1933); MAGNE (1944); MACHADO (1952); BUENO (1963); LAPA (1965); METTMAN (1972); CINTRA (1990); LORENZO (1994).

<sup>111</sup> cf. COROMINAS e PASCUAL 1980-1991. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Madrid: Gredos.

<sup>112</sup> VASCONCELOS, Carolina Michaëlis 1895. «Zum Liederbuch Königs Denis von Portugal» e «Lang, Das Liederbuch Des Königs Denis von Portugal» in *Zeitschrift für Romanische Philologie*.XIX, 67. Tübingen:MaxNiemeyer.pp.:513-541;578-615.  
([http://digizeitschriften.de/index.php?id=loader&tx\\_jkDigiTools\\_pi1\[IDDOC\]=100344](http://digizeitschriften.de/index.php?id=loader&tx_jkDigiTools_pi1[IDDOC]=100344))

Em geral, nas atestações que compõem o *corpus*, não é possível identificar qualquer distinção entre *ar* e *er* no plano sintático, o que nos aponta para que *ar* e *er* sejam meras variantes morfofonológicas de uma mesma palavra gramatical. Exceptuam-se deste quadro geral as atestações encontradas na *Notícia de Torto*.

Foquemos a nossa atenção, primeiramente, nas atestações da forma *er* (do advérbio *ar/er*) aí encontradas:

(120) Venerũ alia uice **er** filarũ otro ante illes **er** comerũso. (D1:406, p. 66)

(121) Venerũ alia uice **er** filarũ una ansar ante sa filia **er** comerũsa. (D1:408, p. 67)

(122) In alia uice ar ue[ne]rũ hic **er** filiarũ ĩde o uino ante illos. (D1:410, p. 67)

Como podemos verificar pelos exemplos apresentados, a forma *er* (do advérbio *ar/er*) integra, em todas as suas ocorrências na *Notícia de Torto*, um valor coordenativo que, como veremos é, no mesmo texto, totalmente estranho a *ar*. Ou seja, em todos os casos em que ocorre *er*, o advérbio inicia uma oração coordenada assindeticamente. A ligação entre os membros das estruturas de coordenação atestadas poderia igualmente ser estabelecida pela conjunção copulativa *e*, conforme se mostra a seguir:

(120)' Venerũ alia uice **[e]** **er** filarũ otro ante illes **[e]** **er** comerũso.

(121)' Venerũ alia uice **[e]** **er** filarũ una ansar ante sa filia **[e]** **er** comerũsa.

(122)' In alia uice ar ue[ne]rũ hic **[e]** **er** filiarũ ĩde o uino ante illos.

Observando agora as atestações da forma *ar* (do advérbio *ar/er*) na *Notícia de Torto*, confirmamos que *ar* ocorre sempre em contextos que não permitiriam a inclusão da conjunção copulativa *e* a preceder o advérbio.

(123) E de tres ĩ Tefuosa unde li nu[n]qua **ar** der[ũ] nada. (A1:401, p.15)

(124) E llos ĩ Tamal ũde li nã **ar** derũ quinõ.(A1:402, p.15)

(125) E da senara de Coina ũde nã **ar** derũ quinõ.(A1:403, p.15)

Nos exemplos (123) a (125), o advérbio *ar* encontra-se sempre numa posição pré-verbal, logo após um marcador de negação predicativa. Neste contexto, a sequência ‘*nunca/não + ar*’ tem a interpretação de ‘tão-pouco, também não’. Nestes exemplos *ar* aparece portanto numa posição interna à frase e associado ao marcador de negação predicativa. Nos restantes exemplos de *ar* que se atestam na *Notícia de Torto*, o advérbio já não se encontra associado à negação (ocorrendo antes em frases afirmativas), mas volta a aparecer no interior da frase em contextos que não são nem de coordenação entre frases/orações nem de coordenação entre sintagmas. De novo, a adição da conjunção copulativa a preceder *ar* seria impossível, em nítido contraste com o que observámos acima relativamente ao contexto de ocorrência de *er*<sup>113</sup>.

(126) *In alia uice ar filiarĩli o pane ante suos filios.* (A1:407, p.15)

(127) *In alia uice ar ue[ne]rũ hic er filiarũ ĩde o uino ante illos.* (A1:408, p.16)

(128) *Ĩ alia uice ar furũ a Feracĩ e pre[n]derũ llos ome´e´s e gacarũnos e leuarũ deles qua[n]to que ouerũ.*(A1:409, p.16)

(129) *Ĩ otra fice ar pre[n]derũ otros llos a se[u] irmano Pelagio.* (A1:410, p.16)

(130) *E super sa ajuda ar fuili a casa e filoli qua[n]to que li agou e deu a illes.* (A1:404, p.15)

(131) *Eluira Gõcaluiz forũ fiadores de sua irmana que o[to]rgase aqu[e]le plazo come illos Super isto plazo ar fe[ce]rũ suo plecto.* (A1:411, p.16)

(132) *E subre becio e super fiimento, se ar quiserdes ouir as desõras qve ante ihc furũ, ar ouideas:* (A1:405, p.15)

Em todos os exemplos, como dissemos, *ar* ocorre no interior da frase/oração. Nos exemplos (126) a (131) *ar* ocorre depois de um sintagma preposicional que encabeça a frase (funcionando como modificador frásico). No exemplo (132) temos uma estrutura de subordinação com anteposição da oração subordinada; nesta estrutura, há duas

<sup>113</sup> BREA (1988:45) comenta a propósito da variação entre *ar* e *er* na *Notícia de Torto*: “En la fotografía del documento, reproducida por Cintra, p. 173, y da Costa, p. 302, puede verse con claridad que sí está escrito *er* (*erfilar*, etc.), pero esta lectura plantea al menos dos problemas: en las restantes ocasiones (líneas 7, 16, 17, 18, 29, 42, 43, 46, 47, 52 y 53) aparece uniformemente *ar*; por otra parte, el contexto, aunque *er* permita la comprensión del texto, parece exigir más bien la conjunción coordinante *e(t)*.”

ocorrências de *ar*, a primeira na oração subordinada, logo após a conjunção condicional *se*, a segunda no início da oração subordinante.

O facto de *er*, na *Notícia de Torto*, se encontrar sempre no início de uma oração coordenada, em contraste claro com *ar*, que nunca ocorre em tal contexto, leva-nos a colocar a hipótese de que *er* possa ter tido origem na contracção entre a conjunção coordenativa *e* e o primitivo advérbio *ar*. A *Notícia de Torto* é um texto original (em que não há, portanto, efeitos de permuta entre *ar* e *er* por acidente de transmissão textual) e suficientemente antigo para poder representar uma fase anterior à da indistinção gramatical generalizada entre *ar* e *er* (geralmente observada em textos posteriores).

Curiosamente, encontramos noutros exemplos do *corpus*, posteriores à *Notícia de Torto*, a forma *er* no mesmo tipo de contexto coordenativo acima observado:

- (133) E que vos verdade diga: | el seve muito chorando, | **er** seve por mi jurando | u m' agora sej',  
amiga, | que logo m' enviaria | mandad' ou s' ar tornaria. (D1:2, p.52)
- (134) Custume h(e) q(ue) se molh(er) d' alguẽ q(ue)r defend(er) q(ue) Judeu nẽ Mouro nẽ c(ri)stão  
q(ue) nõ derẽ sob(re) cousa q(ue) ai'a cõ seu Marido q(ue) deue a hyr ao Conçelho e afronta-  
lo pela Justiça e faz(er)-lhy ende queixume e Out(ro)ssy ao Tabeliõ da t(er)ra e pedir ende  
hũa c(ar)ta ã testemunho **er** hyr aos Jud(eu)s e fronta-lo e ualer-lh' -a. (D1:423, p. 68)
- (135) E sabem quantos sabem vós e mi | que nunca cousa come vós amei; | desi sabem que nunca  
vos errei, | [e] **er** sabem que sempre vos servi | o melhor que pud' e soubi cuidar; | e porem  
fazedes de me matar | mal, pois vo-l'eu, senhor, nom mereci. (D1:19, p. 53)
- (136) E elles se humildarom muito contra elle [e] **er** saluarom-no. (D1:234, p. 58)
- (137) Quando Boorz a elle chegou, saluou-o; e el leixou o que dizia [e] **er** saluo[u]-o e steverom  
ambos entam. (D1:237, p. 58)
- (138) E saluou-os, e elles estiverom [e] **er** saluarom-no e preguntaram-lhi donde era, e el disse que  
era da casa de rei Artur. (D1:269, p. 61)
- (139) outro era cheo de diaboos que estavã p(re)stes p(er)a tomar ((L)) as almas e tiinhã forcas de  
ferro muy grandes cõ ((L)) que enpuxavã as almas. e dava~ com ellas no fogo. **er** sacavã-nas  
do fogo e davã com ellas na neve. e ((L)) asy andavã de pena ã pena. (D1:285, p. 62).

É de notar que nos exemplos (135) a (138), a conjunção coordenativa copulativa *e* foi inserida no texto pelos editores, embora de acordo com a hipótese que formulámos estivesse aí implícita.

Os dados apresentados no capítulo 2 apontam para que a forma *ar* do advérbio *ar/er* seja a forma mais antiga, por ser a mais frequente nos textos do século XIII e a que desaparece mais cedo. A forma *er* seria, assim, a forma inovadora (é a menos frequente nos textos mais antigos e a que perdura até mais tarde). Assim sendo, podemos supor que a variante *er* ter-se-á desenvolvido no contexto da conjunção coordenativa.

No *corpus* encontrámos inúmeros exemplos da sequência *e ar*<sup>114</sup>. O facto de esta sequência ocorrer com uma frequência elevada apoia a hipótese de que *e ar* se pudesse ter transformado em *e er* (*e ar* → *e er*), chegando ocasionalmente a haver contracção vocálica, como se verifica na *Notícia de Torto* (ainda que a contracção não ocorresse obrigatoriamente).<sup>115</sup>

Na medida em que *ar* e *er* foram tomados como variantes morfofonológicas (contextualmente livres) de uma mesma palavra gramatical, o desaparecimento precoce de *ar* é natural. Conforme afirma Kroch (1994:6):

“Doublets arise through dialect and language contact and compete in usage until one or the other form wins out. Due to their sociolinguistic origins, the two forms often appear in different registers, styles, or social dialects; but they can only coexist stably in the speech community if they differentiate in meaning, thereby ceasing to be doublets. Speakers learn either one or the other

<sup>114</sup> cf. *corpus*: A1:29, p.3; A1:44, p. 5; A1:49-50, 53, p.5; A1:54, 60, p.6; A1:69, p.7; A1:109, p.10; A1:217, p.12; A1:237,239, 241-243, p. 14; A1:254, 259, p. 15; A1:261, p. 15; A2:1,3, p. 17; A2:13-14, 20, 24 p.18; A2: 28, 35, p. 19; A2: 43-45, p. 20; A2:66, p. 22; A2:202, 204, p.23; A2:402-403, 407-409, p.24; A3:1, 3, 5, 8, 10-11, p.25; A3: 16, 17, 21, 24, 25, p. 26; A3: 31-34, p. 27; A3: 39, 41, 42, 45, p.28; A3:54, 56, 58, 60, p.29; A3: 64, 66, 67, 72, p. 30; A3: 74-75, 79, 83, p. 31; A3: 85,89, 90, 94, 96p. 32; A3: 97-98, 102-103, 106-107, p. 33; A3: 111, 113-114, 117, 121, p. 34; A3:131, 133-134, p. 35; A3:138-139, p.36; C2:401, p.47; C3:1-5, 11-15, p.48; C3:16-21, 24-28, p.49; C3:29, p. 50; (112 atestações).

<sup>115</sup> O som das palavras muda porque há uma tendência natural da parte dos falantes para a simplificação. Hock (1986:64, 100), a propósito da assimilação entre vogais, regista: “assimilation between vowels in neighboring syllables is quite common, and regular”.

Tanto na *Notícia de Torto* como no *Testamento de D. Afonso II*, de 1214, se encontram exemplos precoces de crase vocálica. Veja-se a forma *neu* na *Notícia* (linha 27) e a forma *conigos* no *Testamento* (ms. T, linha 15). A forma *er* do advérbio *ar/er* tinha uma vogal aberta, pois rima com *prouguer*, *quer*. O carácter aberto da vogal poderá ter origem na fusão com a vogal da forma *ar*. (Contudo, um *e* inicial seguido de vibrante pode tornar-se aberto independentemente da existência de situações de contracção vocálica). De acordo com WILLIAMS (1981, § 99.2<sup>a</sup>): “Um exame do ritmo dos versos primitivos revela que [a contracção vocálica] ocorreu mais cedo entre duas vogais átonas do que entre duas vogais uma das quais fôsse tónica”.

form in the course of basic language acquisition, but not both. Later, in life, on exposure to a wide range of language, they may hear and come to recognize the competition form, which for them has the status of a foreign element. They may borrow this foreign form into their own speech and writing for its sociolinguistic value or even just because it is frequent in their language environment. Over time, however, as dialects and registers level out through prolonged contact, the doublets tend to disappear”.

### 3.5. Sumário e conclusões

A grande maioria dos linguistas que, nos seus trabalhos, referem a existência do advérbio *ar/er*, consideram que, na sua génese, estaria o prefixo latino *re-*, separável do verbo, mas ocupando uma posição muito próxima deste. De facto, este advérbio encontra-se, num número bastante significativo de atestações, em associação estreita com o verbo, daí que considerássemos pertinente confrontarmos a sintaxe de *ar/er* com a dos pronomes clíticos e a do advérbio de negação *não*, que apresentam também essa posição como privilegiada.

Verificámos, então, que as posições pré-verbal e pós-verbal deste advérbio não dependem de factores sintácticos do mesmo tipo dos que determinam a próclise ou a ênclise nos pronomes clíticos. Assim, o advérbio *ar/er* pode ocorrer numa posição pós-verbal em frases negativas e pode ocupar a posição pré-verbal em contextos claramente enclíticos.

Contrariamente àquilo que acontece com os clíticos, o advérbio *ar/er* pode ocupar a posição inicial da frase e pode ainda ocorrer em posição pós-verbal<sup>116</sup>, lugar que está vedado ao advérbio de negação. Quando *ar/er* compete com um clítico ou o advérbio de negação *não* por uma posição junto ao verbo (pré-verbal), geralmente é com *ar/er* que o verbo apresenta o grau máximo de coesão, obrigando ao afastamento dos outros elementos; há, no entanto, atestações (embora em número reduzido) em que *ar/er* se afasta do verbo para que o clítico ou o advérbio de negação ocupem essa posição. Se *ar/er* compete com um clítico por uma posição pós-verbal, é o clítico que ocupa o lugar junto ao verbo, tornando-se enclítico, e obrigando ao afastamento do advérbio<sup>117</sup>. Por todas as razões acima expostas, este advérbio não pode ser considerado um prefixo.

Quando o advérbio *ar/er* ocorre junto a complexos verbais, verificámos que este se associa, sem excepção, à forma verbal flexionada e nunca ao infinitivo. Nos complexos verbais com gerúndio, este advérbio mantém o mesmo padrão de colocação, ou seja, afasta-se do gerúndio para se ligar ao verbo na forma finita. Situação análoga ocorre quando o advérbio se posiciona junto a um complexo verbal

---

<sup>116</sup> Esta é uma opção antiga que se perde muito cedo (primeira metade do século XIV).

<sup>117</sup> Os pronomes enclíticos ocorrem sempre adjacentes ao verbo. Esta posição do pronome verifica-se, sem excepções, em todas as épocas.

com participípio. Em suma, o advérbio *ar/er* associa-se sempre a uma forma verbal com flexão de pessoa e número, incluindo o infinitivo flexionado.

No entanto, encontrámos atestações no *corpus* em que este advérbio se encontra junto a formas infinitivas. Esta situação só ocorre quando o verbo na forma finita se encontra elidido e pode ser recuperado no contexto.

O facto de o advérbio *ar/er* poder ocorrer junto a verbos auxiliares reforça a tese de que este não guarda propriedades de prefixo.

Este advérbio pode ainda ocorrer não associado ao verbo. Esta opção ocorre primeira e maioritariamente nas *Cantigas de Santa Maria*<sup>118</sup> (século XIII) e reaparece<sup>119</sup> nos séculos XV e XVI em textos literários portugueses<sup>120</sup>.

Nas *Cantigas de Santa Maria*, a forma *ar* do advérbio *ar/er* ocorre quase sempre combinada com as conjunções coordenativas *e* e *nem*. Quando aparece junto à conjunção coordenativa *e*, a coordenação pode estabelecer-se entre dois sintagmas (adjectivais, preposicionais) ou entre duas orações (sendo que o verbo pode estar elidido no segundo membro da estrutura de coordenação). Se *e ar* ocorrerem no início da frase, estes elementos podem afastar-se do verbo ou ocorrer em contextos onde não existe sequer uma forma verbal. Assim, vamos poder encontrar diferentes tipos de coordenação: coordenação oracional sem elipse do verbo; coordenação oracional com elipse do verbo na oração em que ocorre a forma *ar* do advérbio *ar/er*; e coordenação sintagmática. Sempre que *e ar* ocupam uma posição pré-verbal, considerámos que o advérbio se liga ao verbo, apenas por ser essa a ligação mais comum.

A coordenação frásica pode ser feita não só por *e ar* como também por *nem ar*. Existem atestações destas sequências nas *Cantigas de Santa Maria*, numa cantiga de Escárnio e Maldizer de Afonso X, num documento notarial galego do século XIII e ainda na *Crónica Troyana* (desta feita associado a dois conectores: *desy* e *outrossy*). O facto de termos encontrado exemplos de *ar/er* não associado ao verbo em textos galegos, embora as atestações sejam em número bastante reduzido, leva-nos a

---

<sup>118</sup> Na forma *ar*.

<sup>119</sup> Agora na forma *er*.

<sup>120</sup> Apenas registámos 1 ocorrência do advérbio *ar/er* não associado ao verbo num texto notarial galego do século XVI.

considerar a hipótese de as *Cantigas de Santa Maria* não terem sido influenciadas pela língua provençal, representando antes um dialecto medieval do galego.

Encontrámos ainda duas atestações do advérbio *ar/er* em textos poéticos portugueses. Após a intervenção do editor nestes textos, do ponto de vista sintáctico, o primeiro exemplo<sup>121</sup> é um caso de coordenação oracional, com elipse verbal, semelhante aos que ocorrem nas *Cantigas de Santa Maria*; quanto ao segundo exemplo<sup>122</sup>, Carolina Michaëlis de Vasconcelos propõe uma estrutura de coordenação sintagmática entre sintagmas nominais, assegurada por *nen ar*. Este tipo de estrutura afasta-se daquilo que encontramos nas *Cantigas de Santa Maria* já que aí a coordenação sintagmática é estabelecida por *e ar* e une sintagmas preposicionais ou adjectivais. As estruturas encontradas nestes versos afastam-se dos padrões sintácticos presentes nas restantes atestações dos textos poéticos portugueses, pelo que os exemplos acima referidos não são muito seguros. No entanto, não podemos deixar de observar que os trovadores João Soares Somesso e João Soares Coelho privaram de perto com a actividade literária dos círculos galegos, e, por isso mesmo, os seus textos poderiam apresentar traços linguísticos galegos.

À medida que o advérbio *ar/er* não associado ao verbo vai desaparecendo dos textos galegos, inicia o seu aparecimento em textos portugueses (século XV, prolongando-se até ao século XVI), nomeadamente na *Crónica de D. João I* e *Crónica de D. Pedro*, de Fernão Lopes, na *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Zurara, e ainda num número significativo de peças de teatro escritas por Gil Vicente. Aqui a forma *er* do advérbio *ar/er* junta-se a outros advérbios ou locuções adverbiais<sup>123</sup> (podendo ambos apresentar um valor aditivo, sem contudo os significados se sobreporem) ou segue a conjunção subordinativa *se*. Existe apenas uma atestação em que a forma *er* ocorre isolada, ou seja, não está seguida de advérbio e incide sobre um sintagma nominal. Neste caso particular, deixa de ser analisada como advérbio conectivo, passando a ser considerado como um advérbio de inclusão.

Estas atestações vêm provar que o advérbio *ar/er* foi ganhando a sua independência em relação ao verbo, podendo ocorrer em diferentes posições na frase.

---

<sup>121</sup> Cantiga de Escárnio e Maldizer de Joan Soares Somesso (C1:1, p.46)

<sup>122</sup> Presente na Cantiga de Amor de João Soares Coelho (C1:2, p.46)

<sup>123</sup> p.e. ‘desi’, ‘des i’, ‘também’, ‘depois’, ‘assi’.

Esta manifestação ocorreu, de forma independente, em épocas e áreas geográficas distintas, o que tornou a sua sintaxe idêntica à de outros advérbios da mesma área semântica.

Quando analisadas as atestações de *ar/er* na *Notícia de Torto*, verificámos que *er* apresenta um valor coordenativo que é estranho a *ar*. *Er* poderá ser, assim, o resultado da contracção entre a conjunção coordenativa copulativa *e* e o advérbio *ar*. Por se tratar de um dos mais antigos textos originais portugueses, não havendo, por isso, acidentes de transmissão textual, poder-se-á pensar que estas ocorrências representam uma fase anterior à da indistinção gramatical.

No plano sintáctico, não nos foi possível identificar fora da *Notícia de Torto* qualquer distinção entre as formas *ar* e *er*, o que nos leva a inferir que, desde muito cedo, são meras variantes morfofonológicas do mesmo advérbio. Consequentemente, o desaparecimento precoce da forma *ar* é natural.



## CAPÍTULO 4

### Os valores semânticos do advérbio *ar/er*

#### 4.1. Apresentação

O advérbio *ar/er* apresenta, ao longo do tempo em que permanece activo na língua, uma multiplicidade de valores semânticos que dificulta a tarefa de quem procura para ele significados precisos.

Neste capítulo iremos dar a conhecer, num primeiro momento, todos os valores semânticos que diferentes autores, em diferentes épocas, propuseram para este advérbio. Recorreremos a glossários, dicionários etimológicos, gramáticas históricas e artigos particulares, de forma a apresentarmos um levantamento exaustivo dos valores atribuídos a *ar/er*. Seguidamente, tentaremos provar que as formas *ar* e *er* são variantes morfofonológicas do mesmo advérbio, pelo que recorreremos ao *corpus* por nós compilado na tentativa de encontrar exemplos muito semelhantes de ocorrências de *ar* e de *er*, e cuja interpretação semântica seja basicamente a mesma. Nesse levantamento apenas incluiremos atestações de textos portugueses e galegos, literários e não-literários, excluindo deste conjunto as *Cantigas de Santa Maria*, tal como fizemos nos capítulos anteriores.

Seguidamente, focaremos a nossa atenção na cópia do século XV da *Demanda do Santo Graal*, porque, para além de o texto original ser um dos documentos mais antigos em prosa, o manuscrito do século XV parece conservar bem o original, o texto não apresenta o grau de dificuldade de interpretação dos textos poéticos e nele se atestam inúmeras ocorrências do advérbio *ar/er*. Ainda assim, esta obra levanta alguns problemas, na medida em que foram vários os punhos que a copiaram. Assim sendo, a nossa atenção e análise centrar-se-ão nas partes copiadas pela **mão d**<sup>124</sup> (ff.102r-110v; 159r-199v), pois, aparentemente, é aquela que melhor conservou a distribuição de *ar/er* do original duocentista. De facto, se confrontarmos o número de atestações do advérbio *ar/er* encontrado nos textos poéticos portugueses do século XIII (114 *ar* =74%; 40 *er* =26%)<sup>125</sup>, com o número de atestações encontrado na parte correspondente à **mão d**<sup>126</sup> da *Demanda do Santo Graal* (39 *ar* =64%; 22 *er* =36%), verificamos que a percentagem relativa de utilização do advérbio é muito próxima.

---

<sup>124</sup> Para Ivo de Castro (assim como para Heitor Megale) existem, pelo menos, seis copistas, tendo sido atribuído a cada punho uma letra do alfabeto (de **a** a **f**) - cf. LANCIANI E TAVANI (1993:204). Voltaremos a abordar mais pormenorizadamente este assunto no ponto 4.3. deste trabalho.

<sup>125</sup> cf. Capítulo 2, **Quadro 2.7**.

<sup>126</sup> Em todos os outros fólhos, que correspondem às mãos **a**, **b**, **c**, **e**, **f**, os copistas optaram por registar ou a forma *ar* ou a forma *er*, nunca as duas em simultâneo, como se pode conferir no **Quadro 4.3**.

Ao propormos diferentes interpretações semânticas para as atestações do advérbio *ar/er* presente na *Demanda do Santo Graal*, procuraremos, também aqui, evidência empírica suplementar no sentido de apoiar a proposta de que *ar/er* são, desde muito cedo, variantes morfofonológicas da mesma palavra gramatical. Para além disso, com base nos trabalhos de Quirk *et al.* (2003), Bechara (2002), Lonzi (2001), Kovacci (2000) e Bellert (1977) relativos à classificação dos advérbios, e nas evidências que o *corpus* nos fornece, apresentaremos a proposta para a classificação do advérbio *ar/er* como advérbio conectivo.

Para finalizar o capítulo, apresentaremos uma síntese dos resultados a que chegarmos.

## 4.2. O estado dos conhecimentos

Desde os finais do século XIX até aos nossos dias, foram vários os filólogos e linguistas que opinaram sobre os valores semânticos que o advérbio *ar/er* apresentou enquanto se manteve activo na língua, nomeadamente em textos portugueses, galegos ou de outras origens.

Em 1880, Jules Cornu foi o primeiro a observar a presença e o comportamento do advérbio *ar/er* na obra *Demanda do Santo Graal*. Verifica, então, que este advérbio se posiciona maioritariamente junto a verbos<sup>127</sup>, pelo que faz um levantamento exaustivo dos verbos que se lhe juntam e, a partir da informação recolhida, propõe uma vasta gama de valores semânticos<sup>128</sup> para o advérbio, como seguidamente se mostra:

➤ *ar assõou* - «ramena au même lieu»

(1) Galaaz se foi por Ûa carreira e Boorz por outra, e Palomades e Persival por outra, e nom andarom muito que aventura os *ar* assõou. (A1:232, p.13)

➤ *er catou* – «aussi»

(2) E Persival que *er* catou muito disse contra dom Galaaz: (D1:220, p.57)

➤ *er chamarey* - «rapellerai»

(3) «Eu o outorgo», disse Artur, «mas nom quero que porem fique nossa batalha, ca se vos ora partides de mim sabede que u quer que vos ache vos *er* chamarei a ella». (D1:284, p.62)

➤ *ar deu* – «puis»

(4) E o vento *ar* deu na barca u Lançarot era tan forte que en pouca dura alongou a barca da riba tanto que nom pode veer terra de nenhũa parte. (A1:250, p.14)

➤ *er disse* – «de son côté»

(5) E Artur *er* disse: (D1:203, p.56)

➤ *ar fez* – «encore»

(6) E el-rei *ar* fez desarmar o cavaleiro das armas brancas e fez-lhe fazer muita honra. Pois *ar* tornou a Claudim e preguntou como se partira do regno de Gaunes. (A1:208, p.12)

<sup>127</sup> LEITE DE VASCONCELOS (1966:105) faz referência a *er* como: “Partícula reforçativa que se junta aos verbos”.

<sup>128</sup> Optámos por manter os valores semânticos em francês, tal como foram propostos por CORNU (1880:581-585).

- *se ar foram* – «s'en allèrrent aussi»
- (7) Entom se partiom dali Galaaz e Estor e Meraugis, e os outros se *ar* foram da outra parte. (A1:256, p.15)
- *ar foi feito* – «refait, rebati»
- (8) Aquele encantamento durou des ante que reinasse Uterpandragom ata viinda de rei Charles o Grande que o fez deribar e destruir e nunca pois *ar* foi feito. (A1:247, p.14)
- *ar lançou* – «relança, rattacha»
- (9) e pois folgou u]a peça e *ar* lançou seu elmo catou contra o gram caminho e viu vijir Galaaz. (A1:242, p.14)
- *er levantou-se* – «se releva»
- (10) [Depois] caeu el rei em terra, *er* levantou-se o mais toste que pode, mui mal treito e mui mal menado. (D1:248, p.59)
- *ar meteu-se* – «se remit»
- (11) Manhã partiu-se Galaaz dele e *ar* meteu-se aa carreira por ir buscando as aventuras do reino de Logres como soia. (A1:254, p.15)
- *er ouve* – «également»
- (12) Mas de Sansões e de Cornualheses *er* ouve i tantos mortos que adur poderia homem ende saber conto. (D1:283, p.62)
- *ar saluou* – «rendit son salut»
- (13) Em quanto elles assi falavam, aque-vos Gariet que chegou i. E quando viu Tristam, conheceo-o bem e saluou-o. E Tristam *ar* saluou el com gram pesar e mui triste. (A1:216, p.12)
- *er tornou-se* – «s'entourna»
- (14) E ella disse que assi o faria, e el filho[u] sa estamenha e vistio-a e *er* tornou-se para os cavaleiros e nom lhes quis dizer rem da fermosa aventura que aveera aa donzella. (D1:209, p.57)
- *ar traga* – «reportera»
- (15) Eu nom sei quem se o cavaleiro é, mas se me a ventura ajunta com el, nom levará o escudo, e ainda se me nom prometer como cavaleiro que nunca o *ar* traga eu lhi farei escarno no corpo». (A1:257, p.15)
- *er virom* – «revirent»
- (16) Tan toste que el foi morto, aveo ua gram maravilha, que Boorz e Persival viro[m] que ua mão veo do ceo, mas nom virom o corpo cuja a mão era, e filhou o santo vaso e levou-o contra o

ceo com tam gram canto e com tam gram ledice que nunca homem viu mais saborosa cousa douvir, asi que nunca ouve homem na terra que pois podesse dizer com verdade que nunca o i *er* virom. (D1:265, p.61)

➤ *er avia consigo* – «**et non seulement... (il était bon chevalier, mais)...il avait encore...**»

(17) E *er* avia consigo homejes bõos que o ajudavam bem, mas el avia sem falha tam pouca gente contra seos enmigos que era maravilha como podiam teer campo. (D1:206, p.56)

➤ *ar disse* – «**ajouta, répondit (de même), répéta la même chose**»

(18) Depois *ar* disse: (A1:211, p.12)

(19) E Meraugis *ar* disse outro si. (A1:243, p.14)

(20) E Galaaz lhes *ar* disse outra vez: (A1:204, p.11)

➤ *er assũe* – «**reunisse**»

(21) «Senhores, partide-vos manhã a ora de prima e filhe cada uju sua carreira ta que Deus vos *er* assũe em casa do rei Pescador. (D1:216, p.57)

➤ *ar pensou* – «**réfléchit**»

(22) E pero quando se sentiu chagado quis tornar a Gaariet polo matar, mas depois *ar* pensou que seria a maior vilania do mundo se en cavaleiro metesse mão de pois que o diribasse, se o cavaleiro nom chamasse a batalha. (A1:246, p.14)

Quando o advérbio *ar/er* se encontra numa frase negativa, os significados propostos por Cornu são os de “**non plus, sinon, autrement**”:

(23) «Sabedes por u se foi?» «Nom», disse el, «que nom vejo seu rastro nem *ar* sei quando se de mim partiu». (A1:222, p.12)

(24) E passou por antre elles e entrou na ousia; e desalli nom no *er* virom. (D1:233, p.58)

Em todos os exemplos citados anteriormente verifica-se que o advérbio *ar/er* ocupa sempre uma posição pré-verbal. Num exemplo único (já comentado no capítulo anterior – *cf.* secção 3.3.), *ar/er* encontra-se separado do verbo pelo sujeito pronominal. Veja-se o exemplo (25):

(25) fez sobre a campãa screver como el matara seu irmão Sanades e como *er* el fora morto. (D1:281, p.62)

A propósito deste exemplo, Cornu propõe como significado “lui aussi”.

Cornu (1880:586) observa ainda que o advérbio *ar/er* pode exprimir ora “la répétition de la même action ou du même état par une personne ou par une autre personne”, ora “la rétrogradation<sup>129</sup>” e o restabelecimento de um primeiro estado<sup>130</sup>, ou até a introdução de uma nova acção, “le plus souvent semblable à celle qui l’a précédée, faite par la même ou par une autre personne. Plusieurs des exemples de cette série peuvent rentrer dans la première ou la seconde”.

Dois anos mais tarde, a propósito da presença da forma *er* encontrada em obras de Gil Vicente, Cornu (1882:87) observa que este advérbio pode ocupar as posições pré e pós-verbal, ou até mesmo não apresentar qualquer ligação ao verbo: “Dans Gil Vicente qui fait employer *er* par des gens de la campagne seulement, et qui est l’un des derniers auteurs qui s’en serve, cet adverbe est beaucoup plus mobile”.

Após esta primeira pesquisa, decidimos procurar mais informação, desta feita em dicionários etimológicos. Dos oito dicionários<sup>131</sup> consultados, e que constam da bibliografia, quatro continham referências directas a este advérbio, a saber: *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*<sup>132</sup>, de Artur Bivar (1948), *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*<sup>133</sup>, de Silveira Bueno (1963), *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*<sup>134</sup>, de Joan Corominas e José

<sup>129</sup> “Disi foram-se ela[s] contra o mar e nom **er** tornarom”(D1:258, p.60).

<sup>130</sup> “ [Depois] caeu el rei em terra, **er** levantou-se o mais toste que pode, mui mal treito e mui mal menado”(D1:248, p.59).

<sup>131</sup> Para além dos que seguidamente mencionaremos, foram ainda consultados o *Dicionário Etimológico da Nova Fronteira Portuguesa*, de António Geraldo Cunha, o *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado e o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes, nas suas duas edições (1932 e 1952).

<sup>132</sup> “*Er* - adv. ant. o m. q. *então, aliás*”.

<sup>133</sup> “*Ar* - adv.arcaico: *de novo, novamente, outra vez*”; “*Er* – *de novo, outra vez*”.

<sup>134</sup> “El adverbio *er* es sumamente frecuente en los trovadores occitanos com el valor de ‘todavía’ y ‘ahora’. (...) Y esta partícula encuentra un eco no muy diferente, en cuanto al matiz semántico, en todo el período gallegoportugués antiguo, pero con matices y empleos fraseológicos muy independientes”: ‘ahora, todavía’; ‘todavía, de nuevo’; ‘ni siquiera, ni tampoco’ (p.652). Estes autores consideram que *ar* não é uma mera variante de *er*, apoiando-se na “locução *er ar*” supostamente encontrada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, mas que em todo o *corpus* por nós consultado não foi atestada, o que nos leva a colocar a hipótese de se tratar de um equívoco.

Pascual (1980-1991) e *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*<sup>135</sup>, de José Pedro Machado (1977).

Como se pode observar pelas notas de rodapé 119 a 120, os dois primeiros dicionários são muito parcos em informação sobre o advérbio *ar/er*. Já Corominas e Pascual (1980-1991:652) apresentam informação detalhada<sup>136</sup> relativamente à forma *er*. Para estes autores a forma *er* é um advérbio presente em obras escritas em galego-português antigo, catalão e ocitano e a sua origem terá sido indo-europeia pré-romana, mais propriamente uma herança da língua dos sorotaptos. Teria tido na língua mãe a forma □□ alternando com ER e com OR. Relativamente à forma *ar*, crêem não ser uma mera variante de *er*, sendo antes a sua procedência de HAC HORA.

No *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado (1977) existe uma breve referência a este advérbio, apenas para observar que se liga ao prefixo *re-*, tornado separável, posição essa já defendida por Cornu. A este prefixo, Machado atribui, citando Said Ali, o sentido de *outra vez*, *de novo*, o que vai ao encontro de valores semânticos também atribuídos a *ar/er*.

Após a consulta dos dicionários etimológicos, passámos à consulta de glossários medievais.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1920:8), no seu *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, apresenta valores semânticos próximos dos propostos por Cornu, quando não coincidentes. Quanto à forma *ar*, afirma que o seu valor é o de: “*novamente, também, outra vez, posteriormente, e só raras vezes ainda assim e antes pelo contrário*”. Relativamente à forma *er*, refere-a como variante de *ar*, atribuindo-lhe os significados de “*de novo, mais uma vez*”<sup>137</sup>.

José Joaquim Nunes, nos glossários que inclui nas edições das *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses* (1928) e *Cantigas de Amor dos Trovadores Galego-Portugueses* (1932), apresenta os mais variados valores semânticos para o advérbio *ar/er*:

<sup>135</sup> “Quanto às partículas separáveis *ar-* e *er-* do port. arc., parece que se ligam àquele prefixo *re-*, segundo Cornu (em *Romania*, IX, pp.580-589), tornado separável.” (Vol.V, pp.44-45).

<sup>136</sup> A mesma informação já se encontrava presente no artigo de COROMINAS (1976) “Elementos Prelatinos en los Romances Hispánicos”, pp.130-132.

<sup>137</sup> “A mha senhor que eu por mal de mi | vi, e por mal d' aquestes olhos meus | e por que muitas vezes maldezi | mi eo mund' e muitas vezes Deus, | des que a nom vi, nom **er** vi pesar | d' al, ca nunca me d' al pudi nembrar.” (D1:4, p.52)

➤ *ar/er* – «ainda mais ou outra vez»

(27) Quer' eu, amigas, o mundo loar, | por quanto ben mi Nostro Senhor fez: | fez-me fremosa e de muy bon prez, | *ar* faz-mi meu amigo muyt' amar. | (A1:34, p. 4)

(28) Ca un amigo que eu sempr' amey | pediu-mi cinta, e ja lh' a *er* dey; | mays eles cuydo que al lhis demandan. | (D1:3, p.52)

➤ *ar* – «em resposta, em troca»

(29) Conselhou-mi ùa mia amiga | que quisess' eu a meu amigo mal | e *ar* dix' eu, pois m' en parti, atal: | "rogu' eu a Deus que el me maldiga, | se eu nunca por amiga tever | a que mi a mi atal conselho der | Qual mi a mi deu aquela que os meus | olhos logo os enton... (A6:9, p.40)

➤ *ar* – «pelo meu lado, também»

(30) O meu amigo, que me faz viver | trist' e coitada, des que o eu vi, | esto sei ben, que morrerá por mi, | e, pois eu logo por el *ar* morrer, | maravilhar-s' am todos d' atal fin, | quand' eu morrer por el e el por min. | (A2:36, p.19)

➤ *ar* – «por outro lado»

(31) ...vi | e que fui vosco falar, | sabed' agora per mi | que tanto fui desejar | vosso bem; e pois é si, | que pouco posso durar, | e moiro-m' assi de chão, | porque mi fazedes mal | e de vós nom *ar* ei al, | mha morte tenho na mão. | (A1:105, p.10)

➤ *ar/er* – «tampouco»

(32) Des quando vos fostes d' aqui, | meu amigo, sen meu prazer, | ouv' eu tan gram coita des i, | qual vos ora quero dizer: | que non fezeron des enton | os meus olhos se chorar non, | nen *ar* quis o meu coração | que fezessen se chorar non. | (A2:49, p.20)

(33) Pero eu dizer quizesse, | creio que nom saberia | dizer, nem *er* poderia, | per poder que eu ouvesse, | a coita que o coitado | sofre que é namorado; | nem er sei quem m' o crevesse. | (D1:12, p.52)

➤ *ar/er* – «além disso»

(34) Sempre vos eu d' outra rrem mays amei, | por quanto ben Deus en vós pôs, senhor, | des y *ar* ey gram mal e desamor | de vós, e por em, mha senhor, non ssey | se me praza por que vos quero bem, | sse mh ar pês em, por quanto mal me vem. | (A1:112, p.10)

(35) Diz que oje tercer dia | bem lhi partirades morte, | mais ouv' el coita tam forte | e tam coitad' *er*  
jazia | que per quanta poss' avedes | ja o guarir nom podedes. | (D1:1, p. 52)

➤ *ar aver* – «tornar a ter»

(36) Amigo, pois me vos aqui | ora mostrou Nostro Senhor, | direi-vos quant' á que sabor | non *ar*  
ouve d' al nen de mi, | per bõa fé, meu amigo, | dés que non falastes migo. | (A1:43, p.5)

➤ *er* – «também»

(37) Como me Deus aguisou que vivesse | em gram coita, senhor, desde vos vi! | ca logo m' el  
guisou que vos oi | falar, desi quis que *er* conhecesse | o vosso bem a que el nom fez par; | e  
tod' aquesto m' el foi aguisar | ental que eu nunca coita perdesse. | (D1:5, p.52)

➤ *er* – «ainda»

(38) ... [e] al me fez peyor, ca me ffez quen | servo servir e non sseer amado | Por en, mais eu, que  
mal dia fui nado, | ovvh' a levar aquesto da melhor | das que Deus fezo, ca non outro grado |  
al m' *er* aven, de que me ven peyor: | senhor u Deus nunca de[u] mal per rren | ffoy dar a min  
per que perdi o ssem | e por que moyr' assy desenparado, | De bem que, par Deus, que m' en  
poder tem | quen a... (D1:40, p.55)

➤ *er* – «outra vez (er veer = rever ou tornar a ver)»

(39) Quant' a, senhor, que m' eu de vós parti, | atam muit' a que nunca vi prazer | nem pesar, e  
quero-vos eu dizer | como prazer nem pesar nom *er* [vi]: | perdi o sem, e nom poss' estremar |  
o bem do mal nem prazer do pesar. | ( D1:13, p.53)

➤ *muito er* – «certamente»

(40) Quant' eu, fremosa mha senhor, | de vós receei a veer, | muit' *er* sei que nom ei poder | de m'  
agora guardar que nom | [vos] veja: mais tal confort' ei | que aquel dia morrerei | e perderei  
coitas d' amor. | E como quer que eu maior | pesar nom podesse veer |... (D1:14, p.53)

Como se pode verificar em algumas das atestações encontradas, José Joaquim Nunes propõe os mesmos valores semânticos quer para a forma *ar* quer para a forma *er*.

Em 1944, Augusto Magne, no glossário que elaborou a partir da obra *Demanda do Santo Graal*, propõe, igualmente, diversos valores semânticos para o advérbio *ar/er*. Contudo, as atestações são apresentadas em conjunto, não havendo uma relação directa

entre cada atestação e o valor semântico correspondente. Assim, Magne propõe para a forma *ar* os significados de: *também, de novo, outra vez, posteriormente*, ressaltando que é rara a significação de *ainda assim, antes pelo contrário*<sup>138</sup>; quanto à forma *er*, propõe os significados de: *mais uma vez, também, de novo*, apresentando também um conjunto de atestações que validam estes valores semânticos. Magne considera *er* como uma mera variante de *ar*, pelo que os significados apresentados são muito próximos ou mesmo iguais.

Em 1965, Rodrigues Lapa apresenta no glossário das *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses* algumas atestações do advérbio *ar/er* com valores semânticos específicos:

➤ *ar/er* – «**novamente, outra vez**»

(41) ...agoiro, quando da sa casa sal, | se ouuess' el ùa cornelha tal | qual xa Don Gómez  
consinaria, | con atal viss' el a casa arder | e lhi leixasse Deus morte prender | sen confisson,  
ca pois s' **ar** porria;| (A2:12, p. 17)

(42) Non ti baralh' eu mercado | nen queria baralhar; | mais ouveste-m' a pagar | en truitas e, pois  
pagado | non mi as dás, como ei contado, | **er** pensa de mi contar. (D1:33, p.55)

➤ *ar* – **reforço pleonástico** («**tornar a...**»)

(43) Meu senhor, se vus aprouguer, | comendador, dade-mi mha molher, | e se vo-la outra vez **ar**  
der, | dê-mi Deus muyta de maa ventura; | comendador, dade-mi mha molher | que vus dey, e  
fazedo mesura.| (A2:77, p.23)

➤ *ar/er* – «**também, igualmente, ainda**»

(44) E por un d' estes nossos miradoiros | veo aqui, ben guisado, esta vez, | con sas merchandias  
que ala fez; | mais dizen que ouve maos agoiros | e **ar** dizen que mercou atan mal, | que  
nunca end' avera seu cadal, | ca se lhi danarán mui mal os coiros. (A2:28, p.19)

(45) Por el comer en sa casa, tenh' eu, | quer ben quer mal, que gran torpidad' é | quem mal nen  
ben d' el diz, per bõa fé, | poys ben nen mal nunca lh' i jantar deu: | nen mal nen ben non **er**  
ten hi de pran, | et mays que a ben a mal lhe terran | de ben nen mal dizer do jantar sseu. | Hi

<sup>138</sup> Esta opinião já tinha sido apresentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, como se pode verificar acima.

en ssa casa comer non usou | quer ben quer mal, que 'ssi como a el praz:| quem mal nen ben d' el... (D1:36, p.55)

➤ ***ar* – «por outro lado, em contraposição»**

(46) E foi Deus já de conos avondar | aqui outros, que o non an mester, | e *ar* feze-os muito desejar | a min e ti, pero que ch' és molher.| (A2:3, p.17)

➤ ***nem ar* – «nem tão-pouco»**

(47) Pero d' Ambroa, averedes pesar | do que nós ora queremos fazer: | os trobadores queremos poer | que se non faça tanto mal cantar, | nen *ar* chamemos, per nenhum amor | que lh' ajamos, nulh' ome trobador | se non aquel que souber [ben] trobar. | E pesará-vos muyt', eu ben-no sey, | do que vos eu direy per bõa fé: | pelo vilano, que... (A1:81, p.8)

Walter Mettman (1972:26), no glossário da edição da obra *Afonso X, o Sábio – Cantigas de Santa Maria*, também regista a presença de *ar/er*, advérbio que tem vasta expressão nesta obra poética. Relativamente à forma *ar*, refere que ela pode exprimir contraposição e reforço pleonástico, e apresenta como significados: *também, igualmente, ainda, novamente, outra vez, posteriormente*. Quando se encontra em frases negativas, assume o significado de *tão-pouco*, o que vai ao encontro do que já havia sido defendido anteriormente por outros autores. Quanto à forma *er*, Mettman limita-se a remeter para os significados já atribuídos a *ar*<sup>139</sup>, o que revela claramente que a sua posição vai no sentido de considerar estas duas formas (*ar/er*) como meras variantes do mesmo advérbio. Eis algumas das atestações apresentadas por Mettman:

➤ ***ar* – exprime contraposição**

(48) "||A Santa Maria mui bon servir faz ... || E aquel diabo lles respos assi: || "Pois vos non podedes, *ar* leixad' a mi, || que con estes garfios que eu trag' aqui || o desfarei, pero que trage frocaz. (A3:62, p.30)

➤ ***ar/er* – reforço pleonástico**

(49) Pois que lle beijou a mão, | ouv' el tal coita des y || que nunca *ar* parou mentes | ena missa, nen de ssi || non sabia que fezesse, | e disso: (A3:29, p. 27)

---

<sup>139</sup> p. 124.

(50) "||E dizend' esto, cataron, com' *er* é de costume, || contra o masto, e viron en cima mui gran lume, || que alumeava mui mais que outras craridades.|| (D3:3, p.73)

(51) Ben vennas, Mayo, | con muitas requezas; || e nos roguemos | a que á nobrezas || en ssi mui grandes, | que nos de tristezas || guard' e de coitas | e *ar* d'avolezas.|| (C3:26, p.49)

➤ **non *ar* – «tão-pouco»**

(52) E non *ar* quero obridar || com' angeos cantada || loor a Deus foron cantar || e "paz en terra dada"; || nen como a contrada || aos tres Reis en Ultramar || ouv' a strela mostrada, || por que sen... (A3:2, p.25)

➤ **nen *ar* – «nem tão-pouco»**

(53) Per nulla ren que ll' o Emperador dissesse, nunca quis || a dona tornar a el; ante lle disse que fosse fis || que ao segre non ficaria nunca, par San Denis, || nen *ar* vestiria pano de seda nen pena de gris, || mas hũa cela faria d'obra de Paris, || u se metesse por mays o mund' avorrecer.|| (A3:55, p. 29)

Em 1975, Ramón Lorenzo, no glossário da obra *La Traducción Gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*, faz referência à presença do advérbio *ar/er*, remetendo ambas as formas para os mesmos valores semânticos, tal como já havia sido feito por outros autores referidos anteriormente. Assim, ao advérbio *ar/er* Ramón Lorenzo atribui os significados de: *nuevamente*, *de nuevo*, *outra vez*, *posteriormente*, *sin embargo*, *antes*, *por el contrario*, remetendo-os para um conjunto de atestações. Caberá ao leitor fazer as correspondências que achar convenientes. Eis algumas das atestações apresentadas:

(54) Se eu fezer aquesto que me tu mãdas, nõ poderey viuer, et seerey omizia de mĩ meesmo, et *ar* oyn dizer que aquel que se mata que seeria perdido. (A2:204, p.23)

(55) Et *ar* auĩã medo, pois se o jnuerno chegaua, das chouias brauas et friorentas et dos uentos cõ tenpestades. (A2:202, p.23)

(56) Et os do Çide falarõ todos et pero *er* calarõ et non falou nenhũu, con medo del rrey et do Çide, que es taua hy. (D2:202, p.71)

A nossa pesquisa continuou, agora centrada nas gramáticas históricas. Quanto às cinco gramáticas consultadas e que constam da bibliografia, encontramos em todas elas referências muito sumárias ao advérbio *ar/er*.

José Joaquim Nunes (1919:350-351) menciona, no *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, a existência das formas arcaicas *ar* ou *er*. Para Nunes, estas formas servem para reforçar o sentido de um verbo ou de um advérbio. Seguem-se escassos exemplos:

(57) Ca na mha morte nom a [i] razom | bõa que ant' el possades mostrar; | desi nom o *er* podedes enganar, | ca el sabe bem quam de coração | vos eu am' e [que] nunca vos errei; | e porem, quem tal feito faz, bem sei | que em Deus nunca pód' achar perdom. | (D1:15, p.53)

(58) Fernando: Meu pai *er* tem bem de seu | e nam tem filho negu'eu | está atêntega Madanela | vem agora a Pascoela | casemo-nos tu e eu. (D1:326, p.66)

Em 1931, na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Manuel Said Ali não refere directamente a presença do advérbio *ar/er*. Dá antes destaque ao prefixo *re-*, afirmando tratar-se de uma partícula adverbial com valores de *outra vez*, *de novo*.

Joseph Huber (1933:36), na *Gramática do Português Antigo*, refere apenas que o advérbio *ar/er* deve ter sido importado da poesia provençal. Dá a conhecer, depois, uma lista de palavras que teriam entrado na época de Afonso III, entre as quais se inclui *ar/er*, e à qual ele atribui os significados de *agora*, *também*, *ainda*. Não apresenta quaisquer atestações do advérbio em frases.

Em 1938, na sua obra *Do Latim ao Português: Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*, Edwin Williams faz uma breve observação a propósito deste advérbio, apenas para o diferenciar do *a* protético:

“Em português primitivo um *a* era prefixado a palavras começadas por *r*: (...) O *r* era alongado a fim de preservar o som que tinha na posição inicial. O *a* protético antes de *r* é fenómeno diferente do port. arc. *er* (e *ar*), e que era uma partícula separável proveniente do prefixo latino *re-*” (p.120).

Para além das gramáticas históricas, consultámos ainda outras obras, a saber, *La Langue de Gil Vicente*, de Paul Teyssier (1959), *Estruturas Trecentistas do Português*, de Rosa Virgínia Mattos e Silva (1994), “Sobre o mais antigo texto não-literário

português: a *Notícia de Torto*”, de Lindley Cintra (1990), “AR ER – advérbes indépendants en galicien-portugais – et les mots en *arr-* en ibero-roman”, de Leif Sletsjøe (1978) e, por último, “La partícula gallego-portuguesa *ar/er*”, de Mercedes Brea (1988).

Paul Teyssier (1959:97-99) faz apenas referência ao advérbio *ar/er*, na forma *er*, já que nas obras de Gil Vicente é esta a única forma presente. Assim, começa por apresentar como valores semânticos de *er* ‘aussi, également’, e observa que “il s’emploie soit seul, soit joint à son synonyme *também*”.

(59) Joaquinho: Também eu *er* acharei | algum dia algum ceitel. (D1:327, p.66)

(60) Apariç'Eanes: Pisou uvas no lagar | e tem nódoas nos focinhos | mas ela se irá lavar. | E *er* também per razão | qu'ela assi é pertelhoa | lhe merquei eu em Lixboa... (F1:217, p.81)

Mesmo quando não se apresenta junto a *também*, *er*, em determinados contextos, tem o mesmo significado acima referido.

(61) Vasco Afonso: Agora agora agora | esta doma que lá vai | soma que casei embora | sem licença de meu pai | e diz que a nam quer por nora | e seu pai *er* assi | porque se casou furtada | nem chique nem mique nem nada | dão a ela nem a mi | assi pola desneuada. (F1:214, p.81)

Teyssier apresenta ainda *er* em outros contextos, nos quais a forma *er* perde o sentido de *também*, tornando-se, segundo este autor, numa espécie de partícula reforçativa desprovida de significação (*cf.* a secção 3.3.2 do capítulo 3 e, adiante, a secção 4.3. deste capítulo, onde propomos uma interpretação diferente para estas atestações):

(62) Lavrador: Dize pulga de judeu | que lhe dezas tu *er* então? (F1:216, p.81)

(63) Fernando: Meu pai *er* tem bem de seu | e nam tem filho negu'eu | está atêntega Madanela | vem agora a Pascoela | casemo-nos tu e eu. (D1:326, p. 66)

Lindley Cintra (1990:61) apresenta dois valores semânticos para o advérbio *ar/er* e, a propósito da sua inserção no texto *Notícia de Torto* observa:

“(…) *ar* (<*re*), forma que serve simplesmente para reforçar uma expressão (equivale a *também*, *ainda*), muito frequente no texto, o que deve estar relacionado com o que deveria ser a frequência do seu emprego na língua falada, de que visivelmente o escriba se mantém muito próximo, e sobretudo nos trechos em que as queixas de Lourenço Fernandes se acumulam. (...) por vezes em lugar de *ar*, a forma empregada é *er*”.

Rosa Virgínia Mattos e Silva faz equivaler a forma *er* do advérbio *ar/er* a *outrossi*, o que para um leitor moderno significa *também*.

(64) E *assi* non acharon nenguu que podessem fazer bispo, nen *er* ficou gente nen hua na cidade de que fosse bispo. E *assi* se comprio a sentença do santo homen Constancio. (D1:293, p.63)

(65) Apartei-me en huu logar, en que podesse chorar todas aquelas cousas en que non avia prazer da vida que fazia ora quando era papa, e en que *er* podesse chorar todas aqueles prazeres e todos aqueles confortos que soia a aver, quando era monge. (D1:287, p.62)

De entre as atestações apresentadas, em apenas um caso *er* deixa de ter o valor de *outrossi* para significar *de novo*, *novamente*, *outra vez*.

(66) E esto podes provar que Deus ouviu a ta oraçon se me achares aqui depois que aqui *er* veeres. (D1:296, p.63)

Para além das obras acima referidas, já no final da pesquisa efectuada, tivemos conhecimento de dois artigos sobre o advérbio *ar/er*, que não poderíamos deixar de consultar. O primeiro artigo foi publicado em 1978, por Leif Sletsjøe<sup>140</sup>, e intitula-se “AR ER – adverbos indépendants en ancien galicien-portugais – et les mots en *arr-* en ibero-roman”.

Neste artigo o autor começa por referir que as forma *ar* e *er* parecem ser variantes de uma mesma partícula:

---

<sup>140</sup> SLETSJØE, Leif 1978. *Studia Neophilologica – A Journal of Germanic and Romance Languages and Literature*. Edited by Lars Hermodsson. Vol. L. Stockholm/Sweden:Almqvist & Wiksell Periodical Company.

“Dans la phase archaïque du portugais et du galicien, qui formaient alors un bloc linguistique et littéraire, on trouve assez souvent *ar* et *er*, variations – semble-t-il – d’une seule et même particule” (p.267).

Afirma também que os valores semânticos atribuídos a este advérbio variam conforme os contextos:

“Dans presque tous les cas relevés il s’agit de mots qui précèdent des verbes, liés à eux mais gardant tout de même leur propre indépendance. Le sens de *ar er* peut varier selon le contexte” (p.267).

Este autor apresenta ainda um breve levantamento de valores semânticos que alguns linguistas atribuíram ao advérbio *ar/er*. Mas o seu artigo centra-se essencialmente no comportamento das palavras iniciadas por *arr-*, provenientes do *re-*latino e que Cornu<sup>141</sup> defendeu estarem na origem de *ar/er*. É seu objectivo neste artigo provar uma relação directa entre os verbos iniciados por *arr-* e o advérbio *ar/er*. No entanto, chega a uma conclusão pouco segura no final do seu artigo, o que o leva a colocar a seguinte questão: “Toutefois, si le phénomène de *ar (er)* a une relation directe avec les verbes en *arr-*, on se demande pourquoi il n’appartient qu’au galicien et au portugais.”

De entre toda a bibliografia consultada a propósito do advérbio *ar/er*, o artigo de Mercedes Brea (1988) é, sem dúvida, um dos documentos de referência de que neste momento dispomos.

Esta linguista inicia o seu artigo observando que o advérbio *ar/er* aparece, pela primeira vez na *Notícia de Torto*, percorre os textos de toda a Idade Média, e chega até Gil Vicente, notando aí uma alteração ao nível da dependência da forma *er* relativamente ao verbo. Verificou que, à medida que o tempo avança, *ar/er* perde coesão com o verbo, apresentando-se nos últimos textos como partícula reforçativa, junto a outros advérbios. Partindo desta observação, Brea começa por apresentar as diferentes posições que *ar/er* pode ocupar numa frase: este pode estar colocado depois do verbo<sup>142</sup>, podem ocorrer outras palavras intercaladas (tais como um pronome<sup>143</sup>, um

---

<sup>141</sup> cf. SLETSJØE (1978:287): “... une des hypothèses de Cornu (celle de *redare* < *arr(e)dar* < *ar dar*) partait de la prosthèse de *a* et de la perte de la voyelle intérieure.”

<sup>142</sup> “Non fez Deus par a deseio tan grande | nen a qual coita sofre[re]y, des u me | partir de vos; ca, per u quer que ande, | non quedarei **ar**, meu ben e meu lume, | de chorar sempre; e con mui gran queixume | mal direy mha ventura: | ca de viver eu en tan gran tristura | Deus, senhor, non-no mande!” (B1:4, p.44)

advérbio<sup>144</sup>, um ou mais complementos<sup>145</sup> ou até mesmo uma oração<sup>146</sup>) entre as formas *ar/er* e o verbo, e, por vezes, a presença de *ar* – normalmente depois de *e* – permite (ao mesmo tempo que reforça) a elisão da forma verbal, equivalendo, assim, a “(e) *também*”<sup>147</sup>.

No entanto, Brea observa que a posição pré-verbal é a posição privilegiada do advérbio<sup>148</sup>, apresentando-se, na grande maioria das atestações encontradas, quase inseparável do verbo, embora sejam palavras claramente independentes.

Quanto aos valores semânticos que poderão ser atribuídos ao advérbio, Brea considera não ser possível *a priori* chegar a significados precisos. Estes dependerão do contexto em que o advérbio *ar/er* se encontrar inserido e, por vezes, do verbo que o acompanha.

Partindo de uma análise mais pormenorizada, Brea verifica que os valores de “*novamente, outra vez*”, já anteriormente atribuídos por outros linguistas a este advérbio e referidos acima, assumem um valor diferenciado (= *voltar a*) quando junto aos verbos *tornar e começar* e em contextos específicos.

(67) “...e todo seu poder; | ben sofren i de trabalh' e de pëa, | ca van a furt' e tornan-s' en correr; | guarda-s' el Rei, come de bon saber, | que o non filhe luz en terra alhëa, | e onde sal, i s' **ar** torn' a jazer | ao jantar ou se non aa cëa.” (A1:42, p.4).

(68) “[E disse-mi o mandadeiro: "fremosa de bon semelhar"; | porque viu que mi prazia, **ar** começou-m[e] a falar: | "agora verrá 'qui voss' amigo.” (A2:51, p.20)

<sup>143</sup> “fez sobre a campãa screver como el matara seu irmão Sanades e como **er** el fora morto.” (D1:281, p.62)

<sup>144</sup> “...s' acendeu || mui grande, e toda a terra tremeu, || e choveu tan muito come no mayor || Toller pod' a Madre de nostro Sennor ... || Inverno do mundo chove, com' oý, || volta con gran pedra, e **ar** outrossy || cayan coriscos tantos ben aly || que cuidaron todos morrer a door.||” (C3:19, p.49)

<sup>145</sup> “Depois de Santiago | con ele sse tornaron; || e quand' en Carron foron, | **ar** cego o acharon, || e de o y le[i]xaren | todos s' [i] acordaron.||” (C3:6, p.48)

<sup>146</sup> “E **ar** ele, chorando muito dos ollos seus, || mostrou-ll' a om[a]gen da Virgen, Madre de Deus, || e disse-ll'.” (C3:13, p.48)

<sup>147</sup> “Ca se ll' atraves[s]ara || ben des aquela ora || u a comer cuidara, || que dentro nen [a]fora || non podia saca-la, || nen comer nen passa-la; || demais jazia çego || e **ar** mudo sen fala || e muy maltreito || por aquel preto, || ca xo mereçia.||” (C3:12, p.48).

<sup>148</sup> “Desi **er** tornou aa villa, et andou a mays dela, et nõ achou y nengũu; et foy muy marauillado. ” (D2 :204, p.71).

Salienta também que, em inúmeras atestações, o valor do advérbio *ar/er* se vê reforçado quando se encontra junto ou próximo de palavras como:

➤ *outra vez*

(69) “E se m' *ar* preguntaren outra vez, | direi-lhes ca ensandeci | pola melhor dona que vi.”  
(A2:47, p.20)

➤ *depois*

(70) “...|| que do Esperito Santo | s' emprenhou sen null' afan || prender nen dan' a sa carne, | e assi foi conceber || Muito per é gran dereito | de castigado seer ... || Virgen; e des que foi prenne | ar pariu fillo baron || e depois *ar* ficou virgen, | e demais ouve tal don || que sobrel os anjos todos | quantos eno ceo son || a fezo Deus mais onrrada | e de todos mais valer.||”(A3:104, p.33)

➤ *des entom*

(71) “Senhor fremosa, des aquel dia | que vos eu vi primeyro, des enton | nunca dormi, com' ante dormia, | nen *ar* fui led' e vedes porque non: | cuydand' en vós e non en outra ren | e desejando semp'r' o vosso ben.” (A2:68, p.22)

➤ *des y*

(72) “Sempre vos eu d' outra rrem mays amei, | por quanto ben Deus en vós pôs, senhor, | des y *ar* ey gram mal e desamor | de vós, e por em, mha senhor, non ssey | se me praza por que vos quero bem, | sse mh ar pê em, por quanto mal me vem.” (A1:112, p.11)

➤ *des ali*

(73) “Per bõa fe, pois ll' eu tod' est' oy, | nunca ll' *ar* pude rogar, des ali, | por nulla ren do que ll' ante rogava.” (A1:9, p.1)

➤ *des aqui*

(74) “E se per ventura assi for, | que m' *er* pregunten des aqui | se sodes vos a mha senhor | que am' e que sempre servi, | vedes como lhis mentirei: | d' outra senhor me-lhis farei | ond' aja mais pouco pavor.” (D1:25, p.54)

➤ *des aquel dia*

(75) ... des que a vi, que me soube poren, | por que dixе ca queria gran ben | Joan' ou Sancha, que dixе, ou Maria; | e des que ouv' esta dona poder | do mui gran ben que ll' eu quero saber, | nunca mi **ar** quis veer des aquel dia. (A6:16, p.41)

Quando o advérbio se junta a verbos como *cuidar* e *pensar*, parece conferir-lhes a ideia de intensificação, de repetição:

(76) “| aly mi pesa de vus ben querer; | mays, poys no prez cuyd' e no parecer | que vus Deus deu, logu' i ey de cuydar | que non queria non vus querer ben | [mays, quand' **er** cuydo no mal que m' én ven] | por vós, senhor, a que Deus por meu mal | me vus tam muyto ben conhecer fez: |” (D5:1, p.75)

(77) “E quando **er** pensava que seriam manhã a atal lugar onde nom cuidaria que jamais tornassem, ouve tam gram pesar que se nom pode co[n]selhar; ca este era o linhagem do mundo que mais amava afora o seu.” (D1:278, p.61)

Por outro lado, Brea propõe que *ar/er* pode equivaler a:

➤ «**depois**»

(78) “Tod' esto lle pos en carta , | e des i **ar** seelou-a; || e a moller mui de grado | a fillou e pois guardo[u]-a || en seu sêo, e tan taste | pera ssa casa levou-a.||” (A3:92, p.32)

➤ «**então**»

(79) “Se eu a Deus algun mal mereçi, | gran vingan[ç]a soub' el de min prender, | ca me fez mui bõa dona veer | e mui frems', e ar fez me des i | que lle quis sempre doutra re[n] mellor | e pois mi aquesto fez Nostro Sennor, | **ar** fez ela morrer e leixou mi | Viver no mundo; e mal dia naçi | por eu assi eno mundo viver, | u Deus sobre min á tan gran poder | que m' eno mundo faz viver assi, | sen ela; ca ben sêo sabedor | ...” (A6:21, p.42)

➤ «**assim mesmo**»

(80) “E da outra parte ven dos d' Escobar | e de Campos, mais non dos de Cizneiros, | mais de Lavradores e de Carvoeiros; | e doutra vea foi dos d' Estepar; | e d' Azeved' **ar** é mui natural, | u jaz seu padr' e sa madr' outro tal, | e jará el e todos seus erdeiros.||” (A6:2, p.40)

➤ «**também**»

(81) “Log' enton a abadessa, | que era bõa moller, || foi alá, e o convento | **ar** foi y mui volonter; || e pois viron o miragre, | disseron:” (A3:116, p.34)

➤ «**além disso**»

(82) “Et **ar** auíã medo, pois se o jnuerno chegaua, das chouias brauas et friorentas et dos uentos cõ tenpestades.”(A2:202,p.23)

Para a linguista, estes valores semânticos não são de estranhar, já que o advérbio é, por vezes, reforçado por outros advérbios ou locuções adverbiais que têm o valor de *depois*.

Quando apresenta o valor de *também*, mas se encontra precedido de *nem* ou de *não*, o seu significado passa a ser de *tão-pouco*.

(83) “Nen **ar** na igreja non vos conselh' eu | de teer voz, ca vos non á mester; | ca, se peleja sobr' ela ouver, | o arcebispo, voss' amigu' e meu, | a quen o feito do sagrado jaz, | e a quen pesa do mal, se...” (C6:1, p.51)

(84) “Mais se o sei, non **ar** sei ren | Per que end' al possa fazer | enquant' eu no mundo viver'.|” (A2:82, p.23)

Brea destaca ainda de maneira particular o caso de *ar/er dizer*, porque as atestações são muito frequentes e remetem para diferentes valores, tais como:

➤ «**tornar a dizer**»

(85) “Mais **ar** dizede-me vos al: | senhor fremosa ¿que farei?” (A2:46, p.20)

➤ «**dizer também**»

(86) E **ar** direi-vos outra ren: | nunca eu ar pudi saber | que x' era pesar nen prazer, | nen que x' era mal nen que ben, | per bõa fé, meu amigo, | dés que non falastes migo.| (A1:44, p.5)

➤ «acrescentar, dizer por seu lado»

(87) “Mais aquel om' afogado | foi, que pera Monssarraz || ya sempre, com' oistes; | e seu compannon assaz || chorou por el e *ar* disse | paravlas contra a ffe, || O que diz que servir ome | aa Virgen ren non é ...|| (A3:97, p.33)

➤ «responder»

(88) “Ante cuid' eu que o que seu mal é | que meu mal est, e cuidio gran razon; | por én desejo no meu coraçõ | aver tal ben d' ela, per bõa fe, | en que non perça de seu bon prez | nen lh' *ar* diga nulh' ome que mal fez, | e outro ben Deus d' ela non mi dé.” (A2:27, p.19)

Por último, Brea faz referência aos valores de *por um lado*, *por outro lado*, que o advérbio pode assumir, e que marcam claramente uma contraposição.

(89) “Outros *ar* corrian vacas | que fazian pois matar, || que cozia[n] en caldeiras | grandes e ýanas dar || a pobres que as comessen.” (A3:115, p.34)

(90) “E foi Deus já de conos avondar | aqui outros, que o non an mester, | e *ar* feze-os muito desejar | a min e ti, pero que ch' és molher.” (A2:3, p.17)

Perante tão grande diversidade de significados que têm sido atribuídos ao advérbio *ar/er*, parece-nos pertinente apresentar, agora, reunidos num quadro, todos os valores semânticos propostos pelos diferentes autores:

Quadro 4.1.: Os valores semânticos de *ar/er*

	valores semânticos não totalmente coincidentes	valores semânticos coincidentes
AR	ainda mais; antes pelo contrário; em contraposição; em resposta; em troca; pelo contrário; pelo meu lado; por outro lado.	agora; ainda; ainda assim; antes; além disso; antes; assim mesmo; de novo; depois; doutra maneira; então;
ER	certamente; mais uma vez; não obstante; por seu lado; todavia.	igualmente; não mais; novamente; outra vez; posteriormente; senão; também; tão-pouco. (reforço pleonástico = <i>tornar a</i> )

Fonte: Diferentes autores citados ao longo deste capítulo.

Como podemos observar pelos resultados obtidos, a evidência de que *ar/er* são variantes morfofonológicas do mesmo advérbio parece ganhar consistência. Por um lado, todos os valores semânticos destacados na coluna da direita são comuns a *ar* e a *er*; por outro lado, os valores semânticos contemplados nas duas sub-unidades da coluna da esquerda são, nuns casos, muito próximos entre si e, noutros casos, variantes dos valores identificados na coluna da direita.

Chegados a este ponto do trabalho, iremos, por um lado, procurar reduzir a proliferação de acepções propostas pelos diferentes autores a um pequeno conjunto de valores semânticos mais básicos; por outro lado, iremos procurar evidências no *corpus* de forma a provar que não há valores semânticos exclusivos de *ar* nem valores semânticos exclusivos de *er*. Para atingirmos estes objectivos deveremos começar por perguntar-nos qual a subclasse de advérbios em que se integra o advérbio *ar/er*. Esta questão não foi antes colocada, mas parece ser uma questão central. Depois de classificado o advérbio *ar/er* no interior da classe, mais geral, dos advérbios, estaremos em melhor posição para apreendermos os seus valores semânticos.

### 4.3. *Ar/er* como advérbio conectivo, aditivo e contrastivo

Nesta parte do trabalho proporemos que o advérbio *ar/er* é um *advérbio conectivo* e apresentaremos argumentos a favor desta classificação. Os advérbios conectivos aproximam-se, do ponto de vista funcional, das conjunções, pois marcam relações semânticas entre proposições, compostas por diferentes frases, ou articulam entre si partes mais extensas de texto. No entanto, dada a sua mobilidade na frase, os advérbios conectivos distanciam-se das conjunções.

Não referindo especificamente *ar/er* por se tratar de um arcaísmo, mas a propósito dos advérbios, Bechara (2002:322) refere o que seguidamente expomos:

“Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações inter-oracionais ou inter-textuais. É o caso de *pois, logo, portanto, entretanto, contudo, todavia, não obstante*. (...) tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel de conectores das conjunções coordenativas, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas”.

Bechara prova ainda que o papel do advérbio é diferente do das conjunções: pode ser omitido sem que a frase perca coerência, pode ocorrer no início ou em qualquer outra posição na frase<sup>149</sup>, e não constitui um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenados a outro anterior<sup>150</sup>.

Num outro capítulo da sua *Gramática*, volta a fazer referência desta feita aos “enlaces adverbiais”:

“Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário*, etc.”(p.478). No entanto, dada a facilidade com que se deslocam na frase, Bechara volta a afirmar que não podem ser analisados como conjunções.

---

<sup>149</sup> cf. A1:3, p.1; A2:13, p.17; A1:13, p.2; D1:225, p.58, etc.

<sup>150</sup> cf. BECHARA (2002:322,323)

Também em gramáticas de outras línguas, estes advérbios, com comportamentos muito específicos na frase, são alvo de referência. Na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Ofélia Kovacci (2000:769) atribui-lhes o nome de “advérbios conjuntivos”. Começa por referir que alguns advérbios se comportam como pertencentes à classe dos conectores, estabelecendo ou explicitando um nexos semântico entre constituintes coordenados ou subordinados. Estes advérbios dividem-se em “reforzadores o matizadores”<sup>151</sup> da coordenação; sintacticamente, caracterizam-se por seguir um elemento coordenado ou a marca prosódica da coordenação, com unidade melódica própria o que lhes permite uma qualquer posição dentro do segundo membro coordenado.

Quanto aos advérbios *também* e *tão-pouco*, esta linguista refere que, por se tratar de termos de polaridade afirmativa e negativa, respectivamente, estabelecem restrições combinatórias; assim, são ambos considerados como reforçadores copulativos ou matizadores de outros tipos de coordenação, pressupõem um constituinte prévio de igual polaridade, e podem afectar categorias e unidades tais como: nomes, verbos, advérbios, frases ou relações interfrásicas.

Na *Grande Gramatica Italiana di Consultazione*, Lídia Lonzi<sup>152</sup> denomina estes advérbios de “avverbi connettivi” e são vários os contextos frásicos em que podem ocorrer: todos os tipos de frase podem conter advérbios conectivos; estes podem ainda estabelecer uma relação entre duas frases declarativas ou dois acontecimentos; podem também juntar dois actos linguísticos, sejam eles explícitos ou implícitos; podem relacionar uma interrogação ou uma ordem com o contexto precedente.

Também Irene Bellert (1977), no seu artigo “Remarks and Replies – On Semantic and Distributional Properties of Sentencial Adverbs”, faz referência aos “conjunctive adverbs”. Para esta linguista, os advérbios conectivos apresentam a função semântica dos conectivos frásicos. Quando estão presentes numa frase, a asserção de verdade que

---

<sup>151</sup> “Son reforzadores los que comparten la misma dimensión semántica con el coordinante (*y/además; así que/por consiguiente*), y matizadores los que pertenecen a distintas dimensiones (*y/por consiguiente; pero/además*)” (p.769).

<sup>152</sup> LONZI (2001:411) Vol.II.

estes podem veicular depende da(s) proposição(ões)<sup>153</sup> precedente(s). Estes advérbios podem ocorrer nos mais variados actos ilocutórios: declarativos, directivos, assertivos, etc.

É, no entanto, na gramática inglesa - *A Comprehensive Grammar of the English Language*, de Quirk *et al.* (2003) – que encontramos a análise mais aprofundada relativa a este tipo de advérbios. Estes linguistas denominam-nos de “conjuncts”, já que apresentam características dos conectores, e são estas as particularidades que os distinguem das restantes subclasses:

“The adverbials cannot be the focus of the cleft sentence; cannot be the basis of contrast in alternative interrogation or negation; cannot be focused by subjuncts; and cannot come within the scope of predication pro-forms or ellipsis” (p.631).<sup>154</sup>

Perante estas observações, podemos desde já afirmar que o advérbio *ar/er* vai ao encontro destas características, senão vejamos:

- em qualquer das atestações encontradas, este advérbio jamais se apresenta como foco contrastivo de uma estrutura clivada (nem tem interpretação de foco contrastivo noutra tipo de estruturas), tanto que pode ser omitido sem que a interpretação da frase se altere;
- não encontramos no *corpus* atestações deste advérbio focalizado pelo tipo de advérbios que Quirk *et al.* designam por “subjuncts” (isto é, advérbios terminados em ‘-ly’ e outros como ‘very’, ‘quite’, ‘rather’, ‘better’, ‘yet’,...);
- em frases negativas<sup>155</sup>, o advérbio *ar/er* encontra-se sempre junto a outros advérbios (*não/nunca*) ou a uma conjunção coordenativa (*nem*), delegando a esses elementos o papel fulcral na negação; em frases interrogativas<sup>156</sup>, pode ser omitida a sua presença sem que afecte a interpretação da frase.

<sup>153</sup> Consideramos proposição um objecto linguístico com valor de verdade.

<sup>154</sup> Partindo do exemplo: “She may be unable to attend the meeting. You should *nonetheless* send her the agenda”, QUIRK *ET AL.* (2003:631) provam as características destes conectores através da agramaticalidade dos exemplos:

\*“It is *nonetheless* that you should send her the agenda.”

\*“You should *only* <*nonethelÈSS*> send her agenda.”

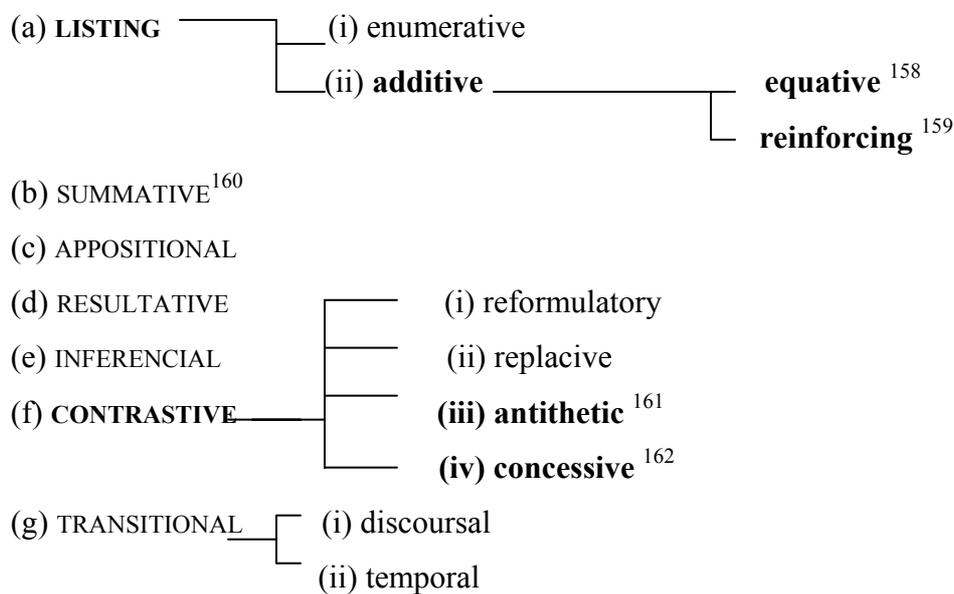
\*“Should you send her the agenda *nonetheless* or *therefore*?”

<sup>155</sup> *cf.* (A2:21, p.18); (A1:206, p.11).

<sup>156</sup> *cf.* (D1:21, p.53)

A função semântica dos advérbios conectivos é mais a de juntar unidades frásicas independentes do que a de adicionar informação a uma frase, embora também possa acontecer. Para Quirk *et al.*, estes advérbios exprimem o comentário do falante relativamente ao modo como ele vê a conexão existente entre duas unidades linguísticas. Essas unidades podem ser, por um lado, frases, parágrafos, ou até partes maiores de um texto, e, por outro, mais raramente, constituintes de uma frase.

Relativamente ao conjunto de possíveis valores semânticos dos advérbios conectivos, estes linguistas<sup>157</sup> propõem a sua divisão em sete subclasses, sendo que, em algumas delas, haverá ainda lugar a outras subdivisões, como, seguidamente, se mostra:



<sup>157</sup> QUIRK *et al.* (2003:634)

<sup>158</sup> Para QUIRK *et al.* (2003:635), os advérbios ‘equative’ são os seguintes: *correspondingly, equally, likewise, similarly, in the same way, by the same token.*

<sup>159</sup> Para QUIRK *et al.* (2003:635), os advérbios ‘reinforcing’ são os seguintes: *again, also, besides, further, furthermore, more, moreover, in particular, then, too, what is more, in addition, above all*, e as expressões informais: *on the top of it all, to top it (all), to cap it (all).*

<sup>160</sup> Para QUIRK *et al.* (2003), as características que distinguem os advérbios “listing” dos “summative” é que os primeiros esclarecem que o que se vai seguir é uma enumeração/adicação de proposições, e os segundos fazem como que um resumo final ou concluem a frase precedente. Assim sendo, o advérbio *ar/er* apresenta características de “listing”, mas não de “summative”. Apesar de apresentar características de “listing”, o advérbio *ar/er* não pode ser considerado como “enumerative” (*first, second, in the first place, first of all, to begin with...*), uma vez que a sua função não é a de enumerar, mas antes a de aditar (reforçando ou equiparando) uma informação a outra anteriormente exposta.

<sup>161</sup> Para QUIRK *et al.* (2003:636), os advérbios ‘antithetic’ são os seguintes: *contrariwise, conversely, instead, oppositely, then, on the contrary, in contrast, by contrast, by way of contrast, in comparison, by comparison, by way of comparison, (on the one hand...) on the other hand.*

<sup>162</sup> Para QUIRK *et al.* (2003:636), os advérbios ‘concessive’ são os seguintes: *anyhow, anyway, besides, else, however, nevertheless, notwithstanding, only, still, though, yet, in any case, in spite of that, on the other hand*, entre outros.

De entre as subclasses apresentadas por Quirk *et al.*, destacámos aquelas que, semanticamente, expressam os valores de *ar/er* apresentados ao longo deste capítulo. Assim, a partir de agora, focaremos a nossa atenção nos advérbios aditivos (equativos ou reforçadores) e nos contrastivos (antitéticos ou concessivos).

Tendo por base o **Quadro 4.1.**, as subclasses de advérbios conectivos criadas por Quirk *et al.*, e uma observação atenta das ocorrências de *ar/er*, contextualizadas, na *Demanda do Santo Graal*, pudemos concluir que os valores semânticos de *ar/er* se agrupam da seguinte forma:

**Quadro 4.2.: Os valores semânticos de *ar/er* - distribuição de Quirk *et al.***

LISTING	additive	<p><b>equative</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ ‘de igual modo, similarmente, da mesma maneira, igualmente’</li> <li>▪ Nas combinatórias <i>outrossi ar/er</i> (e vice-versa); <i>asi ar/er</i> (e vice-versa): ‘também assim’, ‘assim também’</li> </ul> <p><i>cf. no Quadro 4.1.: assim mesmo, igualmente, também</i></p>
	additive	<p><b>reinforcing</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ ‘além disso, ainda’</li> <li>▪ ‘de novo, novamente’</li> <li>▪ Na combinação <i>nunca/não ar/er</i>: ‘nunca mais, não mais’</li> <li>▪ Na combinação <i>nem ar/er</i>: ‘(e) também não, (e) tão-pouco, ’</li> <li>▪ Na combinação <i>ar ... outra vez</i>: ‘ainda outra vez’</li> </ul> <p><i>cf. no Quadro 4.1.: ainda, ainda assim, ainda mais, além disso, de novo, mais uma vez, não mais, novamente, outra vez, também, tão-pouco</i></p>
CONTRASTIVE	antithetic	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ ‘pelo contrário, por outro lado’</li> </ul> <p><i>cf. no Quadro 4.1.: antes, antes pelo contrário, doutra maneira, em contraposição, em resposta, em troca, pelo contrário, pelo meu lado, por outro lado, por seu lado, senão</i></p>
	concessive	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ ‘no entanto, contudo, todavia, porém, ainda assim’</li> </ul> <p><i>cf. no Quadro 4.1.: certamente, não obstante, todavia</i></p>

Fonte: Quirk *et al.* e diferentes autores citados ao longo deste capítulo.

Não foram contemplados nesta listagem os valores semânticos de *agora*<sup>163</sup>(vd. Corominas e Pascual, Huber), *depois*, *então* (vd. Mercedes Brea), *posteriormente* (vd. Carolina Michaëlis, Magne, Mettman, Ramon Lorenzo). Cremos que em todos os exemplos relevantes, os valores semânticos ‘então, depois, posteriormente’, deduzidos pelos autores citados da sequência textual em que ocorre *ar/er*, são facilmente redutíveis ao valor “Listing - additive”, não adulterando o sentido das frases onde o advérbio se encontra inserido. Voltaremos a esta questão na secção 4.3. Quanto ao valor ‘agora’, proposto por Corominas e Pascual e Huber para *ar/er*, é nossa opinião que estes autores não apresentam evidência empírica que suporte essa interpretação temporal: Huber limita-se apenas a propor este valor, mas não apresenta atestações que o sustentem; Corominas e Pascual apresentam os valores ‘*ahora, todavía*’ para a atestação “graves coitas... mi podedes, se vos prouguèr, / partir mui bem, senhor, mais èr / sei que nom podedes”. Na nossa opinião, a forma *er* só pode ser interpretada neste contexto com o valor contrastivo-concessivo (‘contudo/todavia’)<sup>164</sup>.

Passaremos agora a exemplificar os valores acima apresentados a partir da obra *Demanda do Santo Graal*.

Tal como já referimos na secção 4.1. deste capítulo, esta obra foi escolhida por se tratar de um manuscrito que conserva bem o original duocentista, por ser mais acessível a sua interpretação dado estarmos perante um texto narrativo, e por nele atestarmos inúmeros exemplos de *ar/er*. No entanto, a nossa análise centrar-se-á apenas numa das partes do manuscrito, a que foi copiada pela **mão d**, por se tratar da parte que parece conservar melhor a distribuição de *ar/er*.

---

<sup>163</sup> Relativamente ao valor semântico de ‘agora’, Brea (1988:48) comenta: “A propósito de este valor de ‘ahora’ que estamos comentando, tal traducción parece haber sido la causa de que, por parte de algunos lingüistas, se haya relacionado la forma gallego-portuguesa com el provenzal *eras* (*ara, ar, ...*); ésta es al menos la opinión de M. Rodrigues Lapa, en reseña al libro de J. Huber, *Altportugiesisches Elementarbuch*, en *Revista Lusitana* 34 (1936), p. 302: «faz confusão com *er, ar, ara*, julgando-os três formas duma mesma palavra: *er, ar* são advérbios portuguesesíssimos, com sentido muito diferente de *ara*, que não conhecemos documentado em português. Diez traduziu por *jetz* o *ar* das Cant. de Sta. Maria. Daqui o êrro e confusão de Huber, que se reporta para a influência provençal ao livro de Diez».

<sup>164</sup> O valor semântico ‘antes’ atribuído a *ar/er* por Ramon Lorenzo não é temporal mas antitético (pelo contrário).

São várias as opiniões relativas às mãos<sup>165</sup> presentes no códice de Viena 2594. Fanni Bogdanow (1991:209)<sup>166</sup> considera a existência de cinco diferentes mãos de copistas. Já Ivo de Castro<sup>167</sup> denuncia a presença de pelo menos seis mãos. Irene Freire Nunes aponta para sete mãos, estando distribuídas da forma apresentada no **Quadro 4.3.**, que (exceptuada a primeira coluna) nos foi generosamente facultado pelo Professor Ivo Castro, a quem muito agradecemos.

Quadro 4.3.: As mãos no códice de Viena

		Bogdanow	Castro	Nunes	fls.	%	mãos
<i>er</i>	a	1-77v			77	38,69	a
<i>er</i>	b	78-93v		78-85v	16	8,4	b
	b'			86-93v)			
<i>er</i>	c	94-101v			8	4,02	c
<i>ar/er</i>	d	(102-134v)	102-110v		50	25,12	d
<i>ar/er</i>	d	159-199v					
<i>ar</i>	e		111-134v		24	12,06	e
<i>er</i>	f	135-158v			24	12,06	f

Fonte: Ivo de Castro, ms.

Relativamente ao 4.º punho (“**mão d**”), Megale (2001:87) refere que “é o que mais se diferencia dos demais e, sabe-se é o que mais trabalha no códice. (...) Distingue-se por traçado apertado, distribuição cerrada de linhas, margem menor, principalmente a interna e menor folga entre colunas”. Curiosamente, esta é a única parte onde ocorrem atestações de *ar/er*. Em todos os outros fólhos, os copistas optaram por registar ou a forma *ar* ou a forma *er*<sup>168</sup>. Atendendo ao que conhecemos da poesia trovadoresca e do número de atestações de *ar/er* nela encontradas, podemos supor que a maior parte dos copistas quatrocentistas não transcreveu fielmente o texto do original duocentista, tendo substituído, por vezes, a partícula *ar* por *er*, dado que, quando o

<sup>165</sup> Para MEGALE (2001:86), “é possível detectar hábitos diversos entre os punhos que fizeram a cópia conservada em Viena, pode-se também perceber diferenças de hábitos de escrita na execução da tarefa, que vão do trabalho profissional e manifestam-se pelo traçado das letras, pela distribuição das linhas, pelo uso de destaques e até de traços ornamentais”.

<sup>166</sup> BOGDANOW, Fanni 1991. *La Version Post-Vulgate de La Queste del Saint Graal et de La Mort Artu*. Paris: SATF, Picard.

<sup>167</sup> cf. LANCIANI & TAVANI 1991. *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, p. 204.

<sup>168</sup> Ver esta distribuição na 1.ª coluna da esquerda no Quadro 4.3.

manuscrito foi traduzido para português, directamente da versão francesa, a frequência de *ar* na língua escrita era muito superior à de *er*, situação que se viria a inverter no século XV.

As atestações que encontramos na obra *Demanda do Santo Graal* vêm confirmar que o advérbio *ar/er* pertence à classe dos advérbios conectivos.

Começaremos por apresentar alguns exemplos de *ar/er* enquanto advérbio conectivo aditivo. Os advérbios deste grupo marcam uma relação de adição entre as unidades que unem e subdividem-se em equativos e reforçadores.

Quirk *et al.* (2003:636) consideram que um advérbio do tipo equativo serve para indicar “that an item has a similar force to a preceding one”<sup>169</sup>

“Listing: additive – equative”

*ar/er* = «de igual modo, similarmente, da mesma maneira, igualmente»<sup>170</sup>

(91) a. A ora de meo dia, quando fazia ja a sesta mui grande, lhe aveo que ùu escudeiro o acalçou. E saluou o e Galaaz *ar* saluou el. (Piel e Nunes:CCCCLXXXVIII, p.336)<sup>171</sup>

b. Ûu dia aveo que ia Galaaz pola Furesta Perigoosa e acalçou ùu cavaleiro com que ia ùu escudeiro e ùa donzela. E saluou-os, e elles estiverom [e] *er* saluaron-no e preguntaram-lhi donde era, e el disse que era da casa de rei Artur. (Piel e Nunes: CLVII: p.103)<sup>172</sup>

(92) a. Galaaz era chagado de muitas feridas grandes e pequenas, mas nenhũa nom era mortal. E Faram *ar* era chagado de ùa batalha em que fora, e porem veo rei Mars a elles e disse a Galaaz: «Senhor, vos sodes mal chagado?» «Nom sôo», disse el (Piel e Nunes: CCCCLXXXIII, p.332)<sup>173</sup>

b. Quando Persival e Boorz virom que era morto Galaaz, ouverom ende tam gram pesar que nom poderiam maior, e se nom fossem tam bôos homens e de tam bôa vida como eram, caeram en desesperaçom, tanto ouverom gram pesar. O poboo da terra *er* foi en mui gram

<sup>169</sup> Exemplo: “She has high responsibilities and, *equally*, a high salary”.

<sup>170</sup> Ver também: D1:223, p.58.

<sup>171</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:207, p.12.

<sup>172</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:269, p.61.

<sup>173</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:203, p.11.

pesar por que era de mui bõa vida e porque lhis fora mui bõo rei e por que os mantevera en sa onrra e onrra da terra. (Piel e Nunes:DCXXIX, p.428)<sup>174</sup>

**outrossi *ar/er*; *ar/er* outrossi; asi *ar/er* = «também assim», «assim também»**<sup>175</sup>

(93) a. Entom de[u] voz a Palomades: «Guardade-vos de mim, ca vos desfio», e outro si *ar* disse Galvam. Quando el viu viir anbo-los irmãos, conoce[o]-os e nom soube que fezesse, ca bem sabia que eram da tavola redonda e se en eles metesse mão seeria perjurado e desleal. (Piel e Nunes:DCIV, p.412)<sup>176</sup>

b. E tan toste que Lançarot viu a cavalo Palomades, meteu mão a espada e foi contra el, e Palomades *er* fez outro si. (Piel e Nunes:DCII, p.410)<sup>177</sup>

(94) a. Entom disse Galvam a Gaariet: «Irmão, tornemo-nos, ca nom estaria eu aqui mais pois dentro nom posso entrar», e asi *ar* disse Gaariet. Entom se tornarom, e a donzela preguntou a Gaariet como avia nome. (Piel e Nunes:DLII, p.378)<sup>178</sup>

b. E depois que Galaaz assi leo a carta, assi que os outros souberom bem como e por que todas as cousas da nave foram feitas e postas, disse Persival: «Padre dos ceos, bento sejas tu que te prouve de me mostrares tam fremosas maravilhas como estas som». E assi *er* disserom os outros, e entom disse a donzella: (Piel e Nunes:CCCCXVI, p.287)<sup>179</sup>

(95) e assi como era grande, asi lhi *ar* fez Deus tanto bem que foi mui bõo cavaleiro darmas e ardido fora mente assi que muitos disserom que sen falha, era uu dos bõos cavaleiros do mundo. (Piel e Nunes: DXXXIV, p.365)<sup>180</sup>

O advérbio reforçador “assesses an item as adding greater weight to the preceding one” (Quirk *et al.* 2003:637)<sup>181</sup>.

<sup>174</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:264, p.60.

<sup>175</sup> Ver também: A1:239, 243, p.14.

<sup>176</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:233, p.13.

<sup>177</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:254, p.60.

<sup>178</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:238, p.14.

<sup>179</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:218, p.57. Este exemplo não pertence à parte do texto correspondente à mão **d**.

<sup>180</sup> As duas palavras (‘asi ar’) não têm que estar necessariamente adjacentes. Caso semelhante acontece em (93) **b**.. A referência deste exemplo no *corpus* é A1:253, p.15.

Listing: additive - reinforcing

*ar/er* = «além disso», «ainda»<sup>182</sup>

(96) a. e de si foram-se ao outro paaço e acharam i ben CC donzelas, delas vivas e delas esmoricidas e delas mortas e acordaram as vivas e *ar* confortaram-nas como as outras. (A1:237, p.13)

b. Poren vos digo que nom leixarei en nenhũa guisa que nom comece a guerra contra aqueles que me an feita traiçom e tam grande perda e rogo-vos primeira mente quantos aqui sodes que m'ajudedes i, assim como eu en vos fiio. *Er* enviarei aos que mais longe son que de mim teem terra. E pois for nosso poder todo juntado, e pode seer daqui a XV dias, moveremos entom. (Piel e Nunes:DCLVI, p.446)<sup>183</sup>

(97) a. E entom disse Meraugis: «Galvam, Galvam, nom valeo a Erec a conpanha da Mesa Redonda nem que andava mui mal chagado nem que o conhecestes nem que o saluastes. E matastes-lhi o cavalo, e depois *ar* matastes elle e ora ides vos asi quite que nom queredes ende responder ao reto. (Piel e Nunes:XDIX, p.345)<sup>184</sup>

b. Enquanto esto foi chegarom as novas a Lançarot que era em Gaunes com gram conpanha de homens bõos de seu reino. Depois *er* contarom-lhi como os filhos de Mordarec, que nom forom na batalha, que se andavam assenhorando da terra. E destas novas ouve gram pesar Lançarot e fez mui gram doo per rei Artur. (Piel e Nunes:DCXCIII, p.465)<sup>185</sup>

*ar/er* = «de novo», «novamente»<sup>186</sup>

(98) a. Entom se partiu o demo polo meter em maor cuidado e foi-se por outra carreira. E o donzel ficou na fonte mais cuidando que dante e mui desconfortado de fame e de lazeira, ca ja tres dias ouvera que nom comera. (...) Entom começou a chorar e a fazer ùu doo tam grande, que norn ha omem que o visse que nom devesse ende a aver piedade. Entom *ar* tornou o demo a elle en tal semelhança como ante e disse-lhe: «Mal-aventurado, ora vejo eu de ti o que queria veer. (Piel e Nunes:CCCXXV, p.226)<sup>187</sup>

---

<sup>181</sup> Exemplo: “He has the opportunity, the motivation, and *above all* the courage to do it”.

<sup>182</sup> Ver também: A1:201, p.11; A1:242, p.14; A1:245, p.14; D1:262, p.60; D1:267, p.61.

<sup>183</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:255, p.60

<sup>184</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:255, p.15.

<sup>185</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:262, p.60.

<sup>186</sup> Ver também: A1:231, 232, 234, 235, p.13; A1:240, 249, p.14; A1:254, p.15; D1:271, p.61.

<sup>187</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:229, p.13.

b. «Ai, Senhor, disse Giflet, farei-o, pois vos praz, mas sabede que nunca fiz cousa por que tanto me pesasse como de me partir de vos. Ca eu vos amei senpre sobre todas las cousas. Mas por Deus e por vossa bondade tanto me dizeis, se vos prouguer, se cuidades que vos *er* veja eu depois que m' ora partir.» «Certas nom, disse el-rei, ja mais ora nom me veeredes». E el respondeu entom: «Senhor, tanto é mais meu pesar». (Piel e Nunes:DCLXXXVI, p.462)<sup>188</sup>

(99) a. *Como os quatro cavaleiros se partiom e como aventura os ar assõou (...)* Galaaz se foi por ùa carreira e Boorz por outra, e Palomades e Persival por outra, e nom andaram muito que aventura os *ar* assõou. E quando elles esto virom, foram muito ledos e beezeram Deus. Destes Ill que nosso Senhor ajuntou vos contarei como lhis aveo e como Galaaz e Persival morrerom e como Boorz *er* tornou aa cidade de Camaalot. (Piel e Nunes:DC, pp.409,410)<sup>189</sup>

**nunca/não *ar/er* = «nunca mais», «não mais»<sup>190</sup>**

(100) a. Galvam, quando estas novas ouio, cree-nas e ouve gram despeto por que tam mao cavaleiro tragia armas de tam bõo homem como Galaaz e nom se pode calar que o nom dissesse: «Certas, quando vos asi viades sa maldade vos fostes maos e aulos que lhe nom filhastes o escudo. Eu nom sei quem se o cavaleiro é, mas se me a ventura ajunta com el, nom levará o escudo, e ainda se me nom prometer como cavaleiro que nunca o *ar* traga eu lhi farei escarno no corpo». (Piel e Nunes:XDV, p.342)<sup>191</sup>

b. E faziam doo mui grande a maravilha e quando as preguntei quem era aquel por que tal doo faziam, elas me disseram que era rei Artur. E metemo-lo entom en este moimento. Disi foram-se ela[s] contra o mar e nom *er* tornarom. E Giflet esmou entom que aquelas eram as donas a que vira meter rei Artur na barca. E pero disse en seu coraçom que toda via queria saber verdadeira mente se era aquel rei Artur que no moimento jazia. (Piel e Nunes:DCLXXXIX, p.464)<sup>192</sup>

<sup>188</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:260, p.60.

<sup>189</sup> No *corpus* estes exemplos têm as referências A1:231 e 232, p.13; D1:252, p.60.

<sup>190</sup> Ver também: D1:265, p.61.

<sup>191</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:257, p.15.

<sup>192</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1: 258, p.60.

**nem *ar/er* = «(e) também não», «(e) tão-pouco»**<sup>193</sup>

(101) a. E pois que cavalgarom, disse Estor a Meraugis: «Sabedes por u se foi?» «Nom», disse el, «que nom vejo seu rastro nem *ar* sei quando se de mim partiu». «Pois vaamos», disse Estor, «u aventura e Deus nos leve u o achemos». «Assi o mande Deus», disse Meraugis. (Piel e Nunes:CCCVIII, p.218)<sup>194</sup>

b. Pero eu dizer quizesse, | creo que nom saberia | dizer, nem *er* poderia, | per poder que eu ouvesse, | a coita que o coitado | sofre que é namorado; | nem er sei quem m' o crevesse.| (D1:12, p.52)<sup>195</sup>

(102) a. E se el tanto nom amasse Galvam como amava, logo vingara sua morte. E por al ainda nom o podia fazer, ca seria desleal e perjurado por que era da Mesa Redonda, non o *ar* podia leixar matar ante si que nom fizesse deslealdade. (Piel e Nunes:CCLXXV, p.199)<sup>196</sup>

b. Assi aveeo aos cavalleiros anbos na capella. E nom *er* poderam dormir aquella noite. Quando o dia veeo, foram a seus cavallos e meterom-lhes os freeos e deitarom-lhes as sellas. (Piel e Nunes:CLV, p.101)<sup>197</sup>

***ar/er*... outra vez = «ainda outra vez»**

(103) a. E Galaaz que nom conhecia rei Mars disse-lhes: «Qual de vos é rei Mars? Dezede-me taste ou todos sodes mortos!» (...) «Ai, senhor, mercee! Nos sabemos ren de rei Mars. Sabede que nom é antre nos».(...). «A dizer vos convem ou todos sodes mortos». Entom feriu ende ãu da espada travessa de tam gram ferida que o fez caer em terra (...). E Galaaz lhes *ar* disse outra vez: «Dizede-me taste qua[l] de vos é rei Mars, [se nom] todos sodes mortos». (Piel e Nunes:CCCCLXXXV, p.334)<sup>198</sup>

b. E tornou a campãa sobelo moimento como ante siia. *Er* preguntou outra vez: «Vistes vos aqui meter bem o corpo de meu senhor?» «Par Deus, disse o homem bõo, nos metemos i hũu corpo. (Piel e Nunes:DCXC, p.464)<sup>199</sup>

<sup>193</sup> Ver também A1:202, p.11.

<sup>194</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:222, p.12.

<sup>195</sup> Não existem atestações de ‘nem *er*’ na *Demanda*, pelo que este exemplo foi retirado do TMILG da Cantiga de Amor de D. Dinis I-071/210.

<sup>196</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:230, p.13. Excepcionalmente ‘nom *ar/er*’ pode ter a mesma interpretação que ‘nem *ar/er*’, com o valor de «também não», «tão-pouco».

<sup>197</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:232, p.58.

<sup>198</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:204, p.11.

<sup>199</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:261, p.60.

Para Quirk *et al.* os advérbios contrastivos são palavras que se usam sempre que se quer contrastar ou opor duas informações ou um assunto relativamente a outro anteriormente exposto, e subdividem-se em “reformulatory”, “replacive”, “antithetic” e “concessive”. Por razões anteriormente expostas focaremos a nossa atenção apenas nos dois últimos tipos.

O efeito do advérbio contrastivo antitético é o de poder contrastar “an item (...) with a preceding one by introducing a direct antithesis” (Quirk *et al.* 2003:639)<sup>200</sup>.

### Contrastive: antithetic

#### ***ar/er* = «pelo contrário, por outro lado»**

(104) Quando el-rei esto soube, logo entendeo que era verdade o que seu filho dissera aa sa morte e coitou sa filha de guisa que lhi ouve a dizer a verdade toda e sa fazenda, en qual guisa fezera matar seu irmão a torto e como o demo jouve com ela nom no conoscendo e depois que o *ar* conoceu. (A1:236, p.13)

(105) a. «Ora pense cada ùu de vos de fazer bem, ca ia mais nom vos veeredes ata o dia espantoso u vosso Senhor dará a cada ùu o que mereceo.» Quando Lançarot esto ouiu, disse chorando: «Filho Galaaz, pois que asi é que me(u) de ti parto para sempre, roga a Jesu Cristo por mim que me nom leixe partir de seu serviço mas en guisa me guarde que eu seja sergente terreal e espirital.» E Galaaz lhi respondeo: «Senhor, nenhũu rogo nom vos pode tanto valer como [vo]sso mesmo, e porem lembrade-vos de vos!» E logo se partiram ùu de outro, e Galaaz entrou na foresta buscando o branco cavaleiro que se ja dele partira. E o vento *ar* deu na barca u Lançarot era tan forte que en pouca dura alongou a barca da riba tanto que nom pode veer terra de nenhũa parte. (Piel e Nunes:DXXIII, pp.358-359)<sup>201</sup>

b. Entam lhe disse a dona: «Vai, cousa sandia e mizquinha e cativa; que é esto que me dizes? Ou has sem perdido ou es encantada, que es donzella de gram guisa e es tam fremosa e metes teu coração em ~uu tam pobre cavalleiro stranho que nom conheces. E se esta noite aqui for, nom [será] aqui demanhãa, nem ficará aqui por lhe dar teu padre toda sua terra. Guarda o que dizes e o que pensas e o que te poderá vir. Vai, cousa sandia; e como ousaste esto pensar? Certas, se o teu padre souber, todo o mundo nom

---

<sup>200</sup> Exemplo: “You promise to help me; *then* you let me down”.

<sup>201</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:250, p.14.

te poderá valer que te nom talhe a cabeça». Quando a donzella esto ouvio, foi tam spantada que bem quisera seer morta, ca do cavalleiro nom podia tomar o coraçom em nenh-ua guisa, ante se trabalharia d'aver em toda guisa o que pensava. **Er** desconfortava-a muito a braveza de seu padre. A donzella, que em duas cosas pensava, chorava todavia, e quando fallou, disse: (Piel e Nunes: CXII, p.72)<sup>202</sup>

O advérbio contrastivo concessivo é utilizado sempre que “one unit is seen as unexpected in the light of the other” (Quirk *et al.* 2003:639)<sup>203</sup>.

Contrastive: concessive

***ar/er*** = «no entanto, contudo, todavia, porém, ainda assim»

(106) a. E pero quando se sentiu chagado quis tornar a Gaariet polo matar, mas depois **ar** pensou que seria a maior vilania do mundo se en cavaleiro metesse mão de pois que o diribasse, se o cavaleiro nom chamasse a batalha. (Piel e Nunes: DXLI, p.370)<sup>204</sup>

b. E eles fezerom o mandado da voz e filharom Galaaz, querendo ou nom, e fezerom-no rei e poserom-lhi coroa na cabeça, querendo ou nom e pesando-lhi muito. Mas porque viu que o queriam matar se o nom fizesse, se **er** outorgo[u]. (Piel e Nunes: DCXXVII, p.427)<sup>205</sup>

(107) Depois derribou Guerrees, desi Agravain. Quando Galvam viu esto, ouve en tam gram pavor que nom soube que fizesse fora que disse: «Santa Maria, que é esto que vejo?» Entom **ar** disse: «Mais quero seer diribado ou morto ca nom fazer meu poder em vingar meos companheiros». (Piel e Nunes: XDVI, p.342)<sup>206</sup>

Quirk *et al.* mostram que os advérbios conectivos ocorrem facilmente junto a palavras da mesma classe gramatical ou da mesma área semântica, sendo a existência de sequências de advérbios conectivos cujos valores semânticos se recobrem parcialmente (sem que possam considerar-se sinónimos) uma estratégia discursiva

---

<sup>202</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:246, p.59. Este exemplo não pertence à parte do texto correspondente à **mão d**.

<sup>203</sup> Exemplo: “She didn’t get the award after all. *Still*, her results were very good”.

<sup>204</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:246, p.14.

<sup>205</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:266, p.61.

<sup>206</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência A1:260, p.15.

bastante comum.<sup>207</sup> Não é por isso de estranhar que *ar/er* se atestem com alguma frequência junto a *outrossi* (cf. exemplos (93) a (95) acima), *outra vez* (cf. exemplo (103) acima), *também* (cf. exemplo (118) mais adiante), *desi* (cf. exemplos (116) e (117) mais adiante). O conectivo *desi* começou por ter um valor deíctico locativo ou temporal ('desde aí, desde então'; 'depois, em seguida'), mas veio a adquirir um valor aditivo, reforçador ('além disso, também') e a co-ocorrer frequentemente com *ar/er*.<sup>208</sup> O advérbio *também*, criado a partir da expressão *tam bem*, atesta-se só a partir do século XV;<sup>209</sup> por isso é nas atestações mais tardias de *er* que se verifica a sua co-ocorrência com *também*, advérbio da mesma área semântica.

Segundo Quirk *et al.*, os advérbios conectivos ocorrem também com frequência junto de conectores de outras classes gramaticais, nomeadamente as conjunções coordenativas, que geralmente seguem, e às quais transmitem uma orientação mais explícita. Conforme observámos no capítulo 3, esse posicionamento de *ar/er* na frase atesta-se com frequência no *corpus*. Vejam-se, como exemplos, as frases (108) a (111).

(108) E quando Galaaz viu que nom avia que se temer deles, entrou em seu caminho e começou de ir o mais que pode, nom por medo mas por se quitar dexeco, e *ar* cuidava que era[m] de casa de rei Artur. (A1:259, p.15)

(109) Quando Lionel vio esta aventura, foi mui ledo e foi-se aos tendilhões e guisou-se de cavallo e de armas o melhor que pode. E *er* colheu-se a seu caminho pero que tam mal era chagado que mais lhe seria mester de folgar ca de cavalgar. (D1:240, p.59)

(110) E pero quando se sentiu chagado quis tornar a Gaariet polo matar, mas depois *ar* pensou que seria a maior vilania do mundo se en cavaleiro metesse mão de pois que o diribasse, se o cavaleiro nom chamasse a batalha. (A1.246, p.14)

(111) Ora avede mercee de mim se vos prouguer ou me *ar* matade se vos prouguer. (A1:218, p.12)

<sup>207</sup> QUIRK *et al.* (2003:642): "conjuncts frequently cooccur with (and frequently immediately follow) conjunctions: and so, or else, but instead. The effect of the conjuncts is often, indeed, to give a more explicit orientation to such basic conjunctions as and, or, and but, and they can be thus used without tautology. What is more, conjuncts of different classes can cooccur without necessarily being tautologous, contradictory, or ungrammatical".

<sup>208</sup> cf. METTMAN (1972), s.v. *desi* e GONÇALVES E RAMOS (1985) s.v. *desi*.

<sup>209</sup> MATTOS E SILVA (1989:277), nota 38.

Na verdade, Quirk *et al.* (2003:645) chamam também a atenção para o facto de que: “not all conjuncts cooccur with all coordinators”. *Ar/er* não co-ocorrem com conjunções explicativas<sup>210</sup>.

Estes advérbios podem ainda ocorrer em frases interrogativas:

(112) a. Desi disse-lhe: «Rei Mars, cavaleiro traedor e aleivoso, que te fez aquel cavaleiro por que o mataste e mim *ar* cuidaste matar pola peçonha que nos a noite deste? (A1:205, p.11)

b. Lavrador: Dize pulga de judeu | que lhe dezas tu *er* então? (F1:216, p.81)

Uma das observações que Quirk *et al.* também fazem relativamente aos advérbios conectivos é a importância do contexto para a sua interpretação, que, por vezes, é bastante largo. Exemplificando, para interpretarmos com segurança o valor semântico de *ar* na passagem transcrita em (113),

(113) Quando o dia foi ja claro e que se conocerom melhor, *ar* começaram sa lidice mui grande.  
(A1:249, 14)

foi necessário recuarmos no texto, mais propriamente à parte final do capítulo anterior:

(113)' Entom tenderam os braços e abraçaram-se e fizeram a maior ledice que nunca homem viu. E Galaaz tolheu seu elmo e seu escudo e pose-o na barca e foi tam ledo de que os juntara Deus de sũu que nom poderia mais seer, e chorarom anhos com ledice. E esto era ja tan preto do dia que o padre conheceu o filho e o filho o padre, e perguntarom-se da sa fazenda, e cada ùu contou o que lhi aveera des que se partirom da corte. [DXXII *Como Lançarot e Galaaz andaram de sũu na barca.*] Quando o dia foi ja claro e que se conocerom melhor, *ar* começaram sa lidice mui grande. (Piel e Nunes: DXXI-DXXII, p.357) (*ar* = «de novo», «novamente»)

<sup>210</sup> Não encontramos no *corpus* a sequência ‘*ar* pois’, mas atestámos a presença de ‘pois *ar*’ em três exemplos. Ainda assim, ‘pois’ não tem valor explicativo, tem antes o significado de ‘depois’. ‘*ar/er* pois/porque’ são sequências que não se registam no *corpus*. Existem apenas duas atestações de ‘*er* (advérbio de inclusão) porque’, já comentadas no capítulo 3 - (C3:7, p.48) e (F1:214, p.81).

No exemplo que apresentaremos seguidamente, a referência que valida a existência da forma *er* no capítulo DXCIX e que nos dá pistas para a sua interpretação encontra-se igualmente no capítulo anterior:

(114) “[DXCVIII *Como os XII cavaleiros virom o Santo Graal.*]

(...)

E foi pos el Persival, e pois Boorz, disi todo-los outros, e pois entraram na camara e virom a mui rica tavao de prata sobre que o mui santo vaso estava, nom ouve i tal que o nom conocesse que aquel era o Santo Graal, e ficarom logo os geolhos em terra tam ledos e com tam gram prazer do que viam que bem lhis semelhou que nunca aviam de morer.

[DXCIX *Como receberom o santo manjar e da ledice que ende ouverom.* ]

Estando eles asi en sa oraçom, virom sobo-la tavao de prata uu homem vestido de panos brancos, mas se[m] falha o rostro nom lhi podiam veer, ca era de tam gram claridade que os olhos que mortaes eram nom no podiam veer, ante se envergonhavam de tal guisa que lume de cada uu nom podia catar maravilha celestial. O homem que estava sobo-la tavao asi como vos digo, disse: «Viidi adiante, ca(l)valeiros conpridos de fe e de creença, e averedes o manjar que tanto desejaes! E tu, filho Galaaz, que eu achei mais leal e melhor ca outro cavaleiro, vem adiante!» E ele se ergueu e chegou-se aa tavao, mas a claridade era tam grande que adur podia veer por u fosse. E o homem lhi disse: «Abre a boca!» E el a abriu e el lhi deu hostia, e asi fez a cada uu. Mas bem sabede que nom avia i tal deles a que nom semelhasse ca lhi metiam na boca uu homem vivo, e nom ouve i tal que cuidasse que era en terra mas em ceos, ende aveo que ouverom tam gram ledice e tam gram prazer que mortal coraçom nom podia pensar. E pois foram assi como vos eu disse avondados do santo manjar e de gl[orio]sa graça do Santo Graal, er ficarom os geolhos ante a tavao e começou a perguntar uu ao outro como se sentiam. E Claudim respondeu ao que perguntou: «Eu me sento tam avondado de bõo manjar! Nom é de pecadores mas de justus, nom é terreal mas celestial, por que digo que nunca a meu ciente cavaleiros pecadores ouverom en sa vida tam gram galardom como vos en seu serviço, se lhi prouguer, ca este manjar e ledice e prazer e graça spirita». E outrosi dissim cada uu. Entom er ficarom os geolhos ante a tavao e estiverom en prezes e en orações ata mea noite tam ledos que de sa ledice nom vos poderia homem mortal dizer.” (Piel e Nunes:DXCVIII-DXCIX, pp.407-408) (*er* = «de novo», «novamente»).

Confrontando agora o comportamento do advérbio *ar/er* na *Demanda do Santo Graal* com o comportamento da forma *er* do advérbio presente nas atestações tardias, mais propriamente aquelas que encontramos nas Crônicas de Fernão Lopes, na *Crónica*

do Conde D. Pedro de Meneses de Zurara e nas peças de teatro de Gil Vicente, confirmamos que esse comportamento se manteve quase inalterável ao longo dos três séculos, senão vejamos:

- a. este advérbio continua a posicionar-se junto a palavras da mesma classe gramatical e esfera semântica, característica observada por Quirk *et al.* e já confirmada acima em diferentes atestações da *Demanda do Santo Graal*:

(115) E com esta fouteza partio estomçe de Samtarem, sem creendo nehuu contrairo que lhe aviir podesse; desi *er* fortuna lho fazia mais largo emtemder, que tiinha já hordenado de o çedo ofereçer aa morte; e chegou a Lixboa homde ja achou muitos que viinhã ao saimento. (F1:201, p.80)<sup>211</sup>

(116) O comde hera jaa llevamtado &, tamto q(ue) lhe o rrecado chegou, assy foy logo posto a cavallo, & com elle muytos dos seus a que fora emcomemdada a guarda da erva o dia passado, como quer que ho comde nao quis que elles leixassem sua ordenaça, & desy *er* acudira os outros que estava na cydade. (D1:324, p.66)<sup>212</sup>

(117) Gonçalo: Trago aqui estes capões | e bôs marmelos valentes | se deles fordes contentes | e *er* também trago limões | pêra aguçardes os dentes. (F1:210, p.81)<sup>213</sup>

Note-se que o advérbio *desi*, com origem na locução adverbial *des i*, co-ocorre frequentemente com *er* nos textos do século XV<sup>214</sup> e, tal como acima referimos, poderíamos eventualmente colocar a hipótese de estarmos perante uma estrutura – *des i / desi er* – com um valor semântico próprio<sup>215</sup>. A verdade é que a combinatória *desi er* apresenta um valor aditivo cuja interpretação depende da articulação entre os valores semânticos independentes de *desi* e *er*, tal como seguidamente exemplificaremos:

➤ **«também, por outro lado»**

<sup>211</sup> Ver outras atestações de Fernão Lopes: F1:203 a 205, p.80;

<sup>212</sup> Ver outras atestações de Gomes Eanes de Zurara: D1:324, p.66; F1:206 a 209, pp.80-81.

<sup>213</sup> Ver outras atestações de Gil Vicente: F1:211 a 214, p.81 e F1:217 a 220, pp.81-82.

<sup>214</sup> Na *Demanda* também encontramos uma atestação com a estrutura *desi ar*: Desi *ar* disselhiz: (A1:245, p.14).

<sup>215</sup> Como referido no capítulo 3, secção 3.3.2.

(118) & semdo assy aquelle sen(h)or per allgus dias na çidade, cosyrou que esperamdo a vinda dos mouros que hera ymçerta, e desy *er* de faz(er) cavallg(a)das sobre aldeas que pera elle hera cousa de pouca homrra, vemdo como jaa outros de menos vallor as fezeram ja taes que seria a elle trabalho de as sobrepojar, quamto mais estamdo sou alhea capitania. (F1:208, p.80)

➤ **«além disso, também», «também, além disso»**

(119) A terç(ei)ra fusta se llamçou no rrio de Benamadem, a quall bem fora filhada, senao porque Diogo Vazques no llevava tata gemte como da p(ri)meira, porque lleyxara da sua companha allgus nas fustas que tornara, & desy *er* os outros camsava, & ((p204)) sobre todo porque Diogo Vazquez vio muitos mouros na praya & conheçeo que, se fosse demtro, que o bragantym nom poderia girar. (F1:207, p.80)

(120) E porq(ue) Rruy Gomez da Sylva hera aquelle que dissemos, casou ho comde com elle sua filha dona Ysabell. & no dia que ouve de tomar sua casa, semdo todos na ygreja, heram e aquelle assejo dous barines no porto &, como gemte desavisada, com desejo de ver novidade de casam(em)to & desy *er* por ser domingo, deyxarao os navios desacompanhados. & sobreviera pera hos filhar quatro fustas de mouros, as quais semtydas, na çidade começara de rrepicar muy rrijamente. (F1:209, p.81)

➤ **«depois, no entanto»**

(121) E com esta fouteza partio estomçe de Santarem, sem creendo nehoo comtrairo que lhe aviir podesse; desi *er* fortuna lho fazia mais largo emtemder, que tiinha ja hordenado de o çedo ofereçer aa morte; e chegou a Lixboa homde ja achou muitos que viinhã ao saimento (F1:201, p.80)

- b. a forma *er* do advérbio conectivo *ar/er* continua a apresentar um valor aditivo equativo – *igualmente, similarmente, de igual modo, também assim, assim também* - (exemplos (122) a (127)<sup>216</sup>) ou um valor aditivo reforçador<sup>217</sup> – *além disso, ainda, (e) também não/(e) tão-pouco* – exemplos (128) a (137):

<sup>216</sup> Note-se que nas atestações (124) e (125) a forma verbal é recuperada pelo advérbio *er* ou por este seguido de *também*.

<sup>217</sup> A interpretação de ‘de novo, novamente’, que é a mais próxima do valor etimológico, não se atesta nos séculos XV e XVI.

*er* = «igualmente», «de igual modo», «similarmente»

(122) e ell se escusou de lho outorgar, e deuho aa Rainha dona Beatriz sua molher, pera dom Davi Negro, privado que *er* fora delRei dom Fernando, Judeu mui homrado e rrico que começou de a servir como a Rainha chegou a Samtare. (D1:315, p.65)

(123) E das cousas notauees que se em ella fezerom, assy he que Vaasco Martijns de Mello o moço foy ho dos primeiros que da auanguarda pasaron a auga do Tejo. E como homem de grande esforço, a cauallo como hija se lamçou antre os castellaãos, que eram muytos, fazemdo tamto per sua mão quanto huum vallemte e ardido caualleiro podia fazer, ataa que foy deribado do cauallo, e ficou pee terra. E com huum stoque darmas se defemdeo muy bem; porem se nom fora muy bem armado, mataram-no a lançadas. Dessy *er* Martym Afomsso, seu jrmaão, se pos pee terra com dous escudeiros por o ajudar defemder; (Entwistle: vol. II, XXII, pp.45-46)<sup>218</sup>

*er* = «também assim», «assim também», «de igual modo», «igualmente»

(124) Vasco Afonso: Agora agora agora | esta doma que lá vai | soma que casei embora | sem licença de meu pai | e diz que a nam quer por nora | e seu pai *er* assi | porque se casou furtada | nem chique nem mique nem nada | dão a ela nem a mi | assi pola desnevada. (F1:214, p.81)

(125) Pêro Marques: Parece moça de bem | e eu de bem *er* também | ora vós er ide vendo | se lhe vem melhor ninguém (F1:213, p.81)

(126) João Mortinheira: Conforme-se ele comigo | *er* também no qu' é rezão | qu' eu sam pobre coma cão | e cada dia lho digo | e folga se vem à mão. (F1:218, p.81)

(127) Vilão: E bem ainda vos digo | ora ele é homem que val | *er* também vós fareis mal | em tomar birra comigo | que nam sam água nem sal. (F1:219, p.82)

*er* = «além disso», «ainda»

---

<sup>218</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência F1:204, p.80.

- (128) assy por as gentes que por guarda dos logares estauom pella comarca, que gastauom gram parte delles, come por o alçamento das viamdas que el aa primeira mandaua fazer, desy *er* por a destruyçam que os jmgreses e os portugueses em elles faziam; (F1:203, p.80)
- (129) Fernando: Meu pai *er* tem bem de seu | e nam tem filho negu'eu | está atêntega Madanela | vem agora a Pascoela | casemo-nos tu e eu. (D1:326, p.66)
- (130) Gonçalo: Trago aqui estes capões | e bôs marmelos valentes | se deles fordes contentes | e *er* também trago limões | pêra aguçardes os dentes. (F1:210, p.81)
- (131) Amâncio: Isso te quero contar | e iremos patorneando | e *er* também aguardando | polas moças do lugar. (F1:211, p.81)
- (132) Denis: Nam qu'ela se me tomar | leixar-m'-á quando quiser | mas dêmo-las à má estrea. | E voto que nos tornemos | e *er* depois tornaremos | com as cachopas d'aldea | entonces concertaremos. (F1:212, p.81)
- (133) Apariç'Eanes: Pisou uvas no lagar | e tem nódoas nos focinhos | mas ela se irá lavar. | E *er* também per razão | qu'ela assi é pertelhoa | lhe merquei eu em Lixboa... (F1:217, p.81)
- (134) Joaquinho: Também eu *er* acharei | algum dia algum ceitil. (D1:327, p.66)
- (135) Vilão: *Er* também quero tirar | ante que entre na orada | ua cochina pelada | que trago pêra ofertar | este deos logo à entrada. (F1:220, p.82)
- (136) Os da uilla *er* tirauom aas beestas com aquell troom e emgenho que tinhom, mas nom era cousa que aos doareall fezesse nojo que semtissesem; (D1:318, p.65)

***er* = «e também não», «nem tão-pouco»**

- (137) Rodrigo: Nem queiras tu *er* ser assi | gravisca e escandalosa | mas tem graça pera mi | como tu és graciosa... (D1:328, p.66)

c. a forma *er* do advérbio conectivo *ar/er* continua a apresentar também um valor contrastivo antitético – pelo contrário, por outro lado, por seu

lado - (exemplos (138) a (142)) e um valor contrastivo concessivo – no entanto, contudo, todavia, porém, ainda assim – (exemplos (143) a (146)):

***er* = «por outro lado», «por seu lado», «pelo contrário»**

(138) Ca ell viia a moor parte de Portugall, contra huu paqueno Portugall que ficava; e conheçia alguuns que sse viinham per eelle, por molles e de fracos coraçõoes segumdo os comsselhos que lhe davom; doutros lhe *er* poinham sospeita, e duvidava de suas lealldades. (D1:314, p.65)

(139) E demais he de cuidar, que elles todos veem dhuũ coração pêra morrer ou veemçer, e posto que sejam veemçidos, elles faram tall mortiidade na vossa gemte amte que o sejam, que esto sera a vos mui gram nojo e serviço, e perda gramde ao rreino de Castella; se elles *er* veemçerem, que he cousa que podia acomteçer, emtom seeria já muito moor perda e nojo e gram quebramto da vossa gemte, e esforço gramde da sua. (Freire: CXXX, p.224)<sup>219</sup>

(140) Assi que ficamdo aa mercçee da Rainha que conheciam por mui viimgador de voomtade, era lhes assaz forte cousa esperar sua execuçom. Aalem desto entemdiam qur viimdo elRei de Castella ao rregno, e emtramdo sanhoso demtro da cidade, assi por rrazõ dp pemdom que nom comssetirom pella cidade tomamdo a Rainhasua molher, come por a huniom que levamtarom contra sua sogra, que era per força rreceberem dano nos corpos e averes a que contra dizer nom podiam.

Que sse *er* quisessem leixar cercar e defemder delRei de Castella, isto era cousa que sse longamente mamter nom podia; (Freire:Vol. I, XIX, p.36)<sup>220</sup>

(141) Com estas razoões que o Comde fallaua se tinham muytos dos que as ouuyam; outros *er* louuuuom as que el-Rey dizia por lhe comprazer, mas nom de uomtade, as quaaes durarom per tamanho espaço que foy a el-Rey forçado ouujr mjssa e comer mais tarde daquello que tinha em costume. (D1:319, p.65)

(142) & semdo assy aquelle senhor per allgus dias na çidade ... e desy *er* de fazer cavallgadas sobre aldeas que pera elle hera cousa de pouca homrra (F1:208, p.80)

***er* = «ainda assim», «no entanto», «contudo»**

---

<sup>219</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:313, p.64.

<sup>220</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:316, p.65.

(143) e naçera amtrellles tall desacordo, que sera a nos mui gramde ajuda, e aazo de nos viinr gram proveito; se *er* ouverem voomtade de sahir a pellejar comnosco, numca pescador lamçou melhor lamço, do que nos em isto podemos lamçar. (D1:312, p.64)

(144) E com esta fouteza partio estomçe de Samtarem, sem creendo nehoo contrairo que lhe aviir podesse; desi *er* fortuna lho fazia mais largo emtemder, que tiinha já hordenado de o çedo ofereçer aa morte; e chegou a Lixboa homde ja achou muitos que viinhã ao saimento. (F1:201, p.80)

*er* = «**todavia**», «**porém**», «**apesar disso**»

(145) Pêro Marques: Parece moça de bem | e eu de bem *er* também | ora vós *er* ide vendo | se lhe vem melhor ninguém (D1:325, p.66)

(146) Lavrador: Dize pulga de judeu | que lhe dezias tu *er* então? (F1:216, p.81)

Perante as atestações apresentadas, verificámos que a forma *er* do advérbio conectivo *ar/er* foi utilizada com os valores aditivo equativo e reforçador<sup>221</sup> tanto por Fernão Lopes como por Gil Vicente. Quanto ao valor semântico contrastivo antitético, só Fernão Lopes fez uso dele. Por fim, volta a ser utilizado pelos dois autores o valor contrastivo concessivo.

#### 4.4. O advérbio *ar/er* não tem valor temporal

---

<sup>221</sup> O valor semântico aditivo reforçador foi o mais utilizado pelos dois autores.

Na secção anterior, provámos conseguir agrupar o polimorfismo de valores atribuído ao advérbio *ar/er* em quatro categorias básicas e confirmámos esses valores com atestações que retirámos do *corpus*. Observámos ainda que apenas os valores temporais propostos por alguns autores não puderam ser contemplados nessa listagem, uma vez que os dados do *corpus* não os confirmam.

Foquemos, por isso, a nossa análise nos argumentos apresentados por esses autores que defendem o valor temporal do advérbio.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos foi a primeira a atribuir-lhe um valor temporal, referindo que *ar* pode assumir, entre outros valores propostos, o de *posteriormente*. No entanto, não apresenta uma atestação que corresponda a esse valor. Opta por apresentar várias atestações assim como vários valores semânticos sem que haja uma correspondência directa entre eles.

Joseph Huber propõe o valor de *agora* para o advérbio *ar/er*, mas não apresenta quaisquer atestações.

Augusto Magne também propõe *posteriormente* como um dos valores semânticos que pode ser atribuído a *ar*, mas, tal como Carolina Michaëlis de Vasconcelos, não se compromete, uma vez que se limita a apresentar uma listagem de atestações sem referir os valores semânticos que o advérbio *ar/er* pode assumir nos diferentes contextos.

Walter Mettman (1972:26) apresenta os valores de *novamente*, *outra vez* e *posteriormente* agregados às seguintes atestações que contêm a forma *ar*:

(147) e a candea enton / **ar** pousou-lle na viola (A3:61, p.29)

(148) os mezcraores en desden / tev'e nunca por eles deu ren, / e des en / nonos **ar** quis de tal feito creer; (A3:65, p.30)

(149) **ar** yde pero alá; (A3:27, p.27)

(150) na obra que leixara por fazer **ar** começou (A3:76, p.31)

Corominas e Pascual defendem igualmente o valor de '*ahora*' para a forma *er* do advérbio, mas não apresentam directamente uma atestação onde a forma possa assumir esse valor.

Ramón Lorenzo também propõe para o advérbio *ar/er* o valor temporal de *posteriormente*, não apresentando, contudo, atestações específicas para este valor.

Brea apresenta as seguintes atestações em que a forma *ar* do advérbio *ar/er* têm, segundo a linguista, valor temporal de ‘*después*’, ‘*entonces*’:

(151) Tod' esto lle pos en carta , | e des i **ar** seelou-a; || e a moller mui de grado | a fillou e pois guardo[u]-a || en seu sêo, e tan toste | pera ssa casa levou-a.|| (A3:92, p.32)

(152) Se eu a Deus algun mal mereçi, | gran vingan[ç]a soub' el de min prender, | ca me fez mui bõa dona veer | e mui fremos', e ar fez me des i | que lle quis sempre doutra re[n] mellor | e pois mi aquesto fez Nostro Sennor, | **ar** fez ela morrer e leixou mi | Viver no mundo; e mal dia naçi | por eu assi eno mundo viver, | u Deus sobre min á tan gran poder | que m' eno mundo faz viver assi, | sen ela; ca ben são sabedor | ... (A6:21, p.42)

(153) ...podia Amor fazer, | se el quisesse non perder hi ren, | mays non quer el e perç' eu ja o sên | e direy-vo-lo que mi vay fazer: | ven logu' e faz-m' en mha senhor cuydar | [e poys cuyd' i muyt', **ar** quer-me matar | e mha senhor non me quer hi valer].| (A1:95, p.9)

(154) Quando Galvam ouvio que o desafiava, leixou-se ir a elle e ferirrom-se anbos tam rij]amente que caerom anbos em terra, elles e os cavallos sobre los corpos; e as lanças avoaram em peças. Mas ergerom-se mui vivamente, ca muito eram anbos de gram coração e de gram força. **Er** meterom mãos aas espadas e começaram antre si ùa tam gram batalha e tam brava, que nom ha homem no mundo que, se a visse, que os tevesse anbos por mui bõos cavalleiros. (Piel e Nunes:CXLVI, p.93)<sup>222</sup>

Relativamente aos autores que propõem um valor temporal para o advérbio *ar/er* sem, contudo, se comprometerem, é impossível argumentar contra a sua posição.

Quanto às atestações apresentadas por Mettman, relativamente às quais propõe diferentes valores, consideramos que em (147), (148) e (150) a forma *ar* tem claramente o valor de advérbio aditivo reforçador, e não um valor temporal. A falta de contextualização do exemplo (149) não permite determinar com segurança qual a sua interpretação, mas nada indica que tenha um valor temporal.

<sup>222</sup> No *corpus* este exemplo tem a referência D1:247, p.59

Por fim, na nossa opinião, a forma *ar* presente nas atestações propostas por Brea<sup>223</sup> não apresenta um valor temporal. Especificando:

- no exemplo (151) a forma *ar* tem o valor de ‘além disso’. O valor temporal, se é que existe, é dado por *des i* ‘depois’. Acresce o facto de podermos interpretar a sequência *des i ar* como ‘além disso, também’;
- no exemplo (152) a forma *ar* tem o valor semântico de ‘todavia, no entanto’. Nesta sequência, o valor contrastivo concessivo é nítido: Deus, que lhe “fez boa dona veer”, no entanto “fez ela morrer”;
- no exemplo (153) é necessário analisarmos um contexto mais alargado para uma interpretação mais segura do valor semântico de *ar*:

“Muyto bem mi podia Amor fazer, | se el quisesse non perder hi ren,| mays non quer el e perç’ eu já o sên | e direy-vo-lo que mi vay fazer: vem logu’ e faz-m’ en mha senhor cuydar | e poys cuyd’ i muyt’, *ar* quer-me matar| e mha senhor nom me quer hi valer”.

Na nossa opinião, a forma *ar*, presente no refrão deste poema, tem o valor semântico de ‘assim também, igualmente’, ou seja, um valor aditivo, tal como em (151);

- no exemplo (154) a interpretação de *er* é ‘de igual modo’, ou seja, está a comparar-se a rapidez e ânimo com que se “erguerom” com a rapidez e o ânimo com que “meterom mãos aas espadas”. O efeito é o de se visualizar a cena como se as duas acções decorressem quase em simultâneo (‘tão depressa como se ergueram assim meterão mãos às espadas’).

Tendo em conta a argumentação apresentada, podemos concluir que não deve ser atribuído ao advérbio *ar/er* o valor temporal, uma vez que os dados presentes no *corpus* facilmente o rebatem.

---

<sup>223</sup> Relativamente aos exemplos (151), (152) e (153), Brea (1988:51) observa que o valor temporal pode não decorrer do advérbio *ar*, mas sim de outras palavras presentes nos exemplos em causa: “Adviértase, de todos modos, la presencia inmediata de *des i* [(151)]. En estos dos casos [(152) e (153)], es *pois* el que permite la interpretación con este valor temporal”.

#### 4.5. Sumário e conclusões

O advérbio conectivo *ar/er*, durante o tempo em que permaneceu activo no português e no galego, demonstrou ser dotado de um polimorfismo semântico que dificultou a tarefa de quem quis encontrar para ele significados precisos.

Alguns autores, ao longo dos dois últimos séculos, analisaram o comportamento deste advérbio, tendo encontrado para ele um vasto número de valores semânticos, dependendo do contexto onde se encontrava inserido. Tendo por base o estudo de diferentes obras, os autores ora apresentaram valores coincidentes para as formas *ar* e *er* ora lhes atribuíram significados distintos.

Neste capítulo foi, por isso, nosso propósito procurar evidências no sentido de provar se efectivamente estávamos perante duas formas distintas ou se se tratava tão só de meras variantes morfofonológicas do mesmo advérbio. Procurámos atestações no *corpus* por nós elaborado e provámos que as duas formas podem assumir os mesmos valores em contextos semelhantes. Confirmámos, assim, aquilo que já tínhamos observado no capítulo 3: as formas *ar* e *er* pertencem a um único advérbio. Esta posição não é defendida por Corominas que propõe raízes etimológicas diferentes para cada uma das formas. Segundo este autor, *er* seria uma partícula, provavelmente de origem pré-romana (herança da língua dos sorotaptos), e cujo significado é ‘ahora’, ‘todavía’, ‘también’; *ar* tem a sua origem em HAC HORA. Conforme mostrámos acima (neste capítulo e no capítulo 3) esta posição de Corominas não é sustentável.

Faltava, contudo, ao advérbio *ar/er* um estudo mais pormenorizado que o levasse a ser incluído numa subclasse. Atendendo às características apresentadas, verificámos estar perante um advérbio conectivo com um valor muito próximo do das conjunções por conseguir estabelecer relações inter-oracionais ou inter-textuais.

A subclasse dos advérbios conectivos está contemplada em várias gramáticas, sendo a de Quirk *et al.* (2003) – *A Comprehensive Grammar of the English Language* - aquela que consegue dar uma resposta mais adequada e pormenorizada relativamente a esta subclasse. Estes autores propõem uma análise semântica bastante abrangente dos advérbios conectivos, que denominam de ‘conjuncts’, e, fazendo a transposição para o estudo que temos vindo a realizar sobre o advérbio *ar/er*, confirmámos que este se integra em várias áreas semânticas apresentadas na supra citada gramática. Assim, e atendendo aos diferentes valores semânticos encontrados, este advérbio conectivo

apresenta características de aditivo (equativo e reforçador), pois marca uma relação de adição entre as unidades que junta, e de contrastivo (antitético e concessivo), uma vez que também pode opor ou contrastar duas informações ou um assunto relativamente a outro anteriormente exposto.

Partindo das atestações presentes na obra *Demanda do Santo Graal*, provámos ser possível reduzir o vasto leque de valores atribuído ao advérbio *ar/er* a um pequeno conjunto de valores semânticos básicos, subdividindo-os em aditivos e contrastivos. Confirmámos ainda que os valores semânticos do advérbio conectivo *ar/er* se mantiveram nos textos de épocas tardias, nomeadamente nas Crónicas de Fernão Lopes e em algumas peças de teatro de Gil Vicente.

Inicialmente o advérbio conectivo mantinha com o verbo uma relação de grande proximidade; no entanto, com o decorrer do tempo e em áreas geográficas distintas (primeiro em textos galegos e só depois em textos portugueses), o afastamento entre *ar/er* e o verbo torna-se uma realidade, sendo essa, depois, a situação predominante.

O valor aditivo reforçador é, sem dúvida, o preferido pelos autores, embora todos os outros estejam contemplados nas atestações que constam do *corpus*. Esta situação é perfeitamente compreensível uma vez que este advérbio deriva etimologicamente do prefixo RE latino, que indicava um movimento para trás, um retrocesso a um estado anterior, e conseqüentemente, uma repetição da acção.

Nos textos de épocas tardias, verificámos que apenas Fernão Lopes utiliza o advérbio conectivo contrastivo antitético, não se registando qualquer atestação do mesmo em textos de Gil Vicente, o qual, no entanto, usou *er* com o valor contrastivo concessivo.

Ao finalizar este capítulo provámos que o advérbio *ar/er* não apresenta valores semânticos temporais, ainda que os mesmos tenham sido defendidos por alguns autores ao longo do século XX.



## **CAPÍTULO 5**

### **Conclusão**

O advérbio *ar/er* tem a sua origem etimológica no prefixo verbal latino *re*<sup>224</sup>, tornado separável, que indicava um retorno a um estado anterior (um movimento em sentido contrário e o restabelecimento de um primeiro estado), a repetição de uma acção ou estado por uma mesma pessoa ou por outra, ou a introdução de uma nova acção.<sup>225</sup>

Com base nos dados que constam do apêndice e que foram analisados no capítulo 2, podemos afirmar que o advérbio *ar/er* regista-se, a partir do século XIII, em textos literários e não-literários, galegos e portugueses<sup>226</sup>, e mantém-se activo na língua escrita até às primeiras décadas do século XVI<sup>227</sup>, neste último século exclusivamente em obras de Gil Vicente.

A forma *ar* do advérbio *ar/er* parece ser a mais antiga por ser muitíssimo mais frequente que *er* nos textos do século XIII<sup>228</sup>, e aquela que desaparece mais cedo<sup>229</sup>. Em contrapartida, *er* é a forma inovadora, sendo a menos frequente em textos antigos e aquela que permanece na língua escrita até mais tarde.

Em todas as obras do século XIII, registámos a prevalência da forma *ar* sobre a forma *er*, sendo única excepção a obra *Demanda do Santo Graal*, que, contrariamente à

<sup>224</sup> Esta é a origem etimológica defendida por Cornu e com a qual estamos de acordo, atendendo ao estudo que foi feito do advérbio *ar/er* (as formas *ar* e *er* são variantes morfológicas do mesmo advérbio e apresentam valores semânticos iguais em contextos semelhantes).

Origens diferentes defendem outros autores: COROMINAS e PASCUAL (1980-1991) apresentam para este advérbio duas raízes etimológicas (lat. HAC HORA > *ar*; partícula pré-romana □□ > ER / OR > *er*); DIEZ (1887:227) considera que, etimologicamente, as formas *ar* e *er* descendem do latim HORA e, segundo o autor, o seu aparecimento ter-se-ia devido à influência do provençal, onde existiam as palavras *eras*, *ara*, *er*.

<sup>225</sup> cf. CORNU (1882:586), SLETSJØE (1978:269), BREA (1988:55).

<sup>226</sup> Também registámos 44 atestações do advérbio *ar/er* em textos castelhanos (34), leoneses (2) e aragoneses (8), que constam do apêndice, mas que não serviram de base de trabalho ao presente estudo.

<sup>227</sup> Partilham desta opinião CORNU (1882:87-88), COROMINAS e PASCUAL (1980-1991:652) e TEYSSIER (1959:97). VASCONCELOS (1920:8) e MAGNE (1944:80) referem que o advérbio *ar/er* é muito usado até 1500, o que não está totalmente correcto.

<sup>228</sup> A forma *ar* apresenta, no século XIII, um número de 613 atestações, o que equivale a 83,8% do número total das atestações que constam do apêndice (excluem-se deste número total as que foram observadas em textos de autores galegos, leoneses e aragoneses).

Na lírica trovadoresca é também muito mais frequente a forma *ar* (224 atestações) do que a forma *er* (54 atestações), sendo que a grande maioria de atestações de *er* pertence a textos de autores portugueses. BREA (1988:46) afirma “En los trovadores alternan ambas formas, aunque es un poco más frecuente *ar*”. Os resultados obtidos dão-nos, no entanto, uma clara prevalência de *ar* sobre *er*.

As *Cantigas de Santa Maria* são a obra que apresenta maior número de atestações de *ar* no século XIII. Nelas registam-se 172 *ar* e 3 *er*.

<sup>229</sup> Note-se como este facto (i.e., a maior antiguidade de *ar* relativamente *er*), contraria a tese etimológica de Corominas e Pascual, segundo a qual *er* teria origem pré-romana e *ar* origem latina.

informação veiculada por Brea<sup>230</sup>, apresenta um número superior de atestações de *er* (85) relativamente a *ar* (61). É nossa convicção de que o número elevado de atestações da forma *er* resulta do facto de apenas nos ser hoje acessível a cópia (manuscrito de Viena) do século XV do manuscrito duocentista, e de, provavelmente, ter havido, aquando da cópia, a substituição de algumas formas *ar* por *er* da responsabilidade dos copistas, visto a forma *er* ser a única que se conservava na língua portuguesa do século XV (de acordo com o testemunho das fontes escritas).

Na *Notícia de Torto* verificámos que a forma *er* também regista um número significativo de atestações<sup>231</sup>, todas elas presentes em estruturas com valor coordenativo, valor que, no mesmo texto, é completamente estranho a *ar*. Este facto veio dar mais consistência à hipótese referida anteriormente de ser *er* a forma inovadora, tendo-se desenvolvido no contexto da conjunção coordenativa (e *ar* > (e) *er*). No *corpus*, são inúmeras as atestações da sequência *e ar* encontradas, o que reforça a ideia de que pudesse ter havido um processo de assimilação (eventualmente seguido de contracção vocálica) entre a conjunção coordenativa *e* e a primitiva forma *ar*, embora esse processo assimilatório não ocorresse obrigatoriamente na época.

Nas obras de autores galegos, a forma *ar* foi não só, esmagadoramente, a mais utilizada<sup>232</sup> mas também aquela que manteve a sua presença nos textos até mais tarde (séculos XIV/XV), se excluirmos duas atestações tardias de *er* pertencentes a uma área dialectal particular. Na verdade, com alguma surpresa, registámos nos séculos XV e XVI duas ocorrências da forma *er* em textos galegos. Estes textos são ambos originários da zona sudoeste da Província de Pontevedra e a sua presença é justificada pelo facto de essa região corresponder desde época antiga a uma área dialectal com certa autonomia, dentro do território galego, e particulares afinidades com a região noroeste de Portugal, tal como defende, entre outros, Clarinda Azevedo Maia (1986:932): “[havia nesta zona uma] tonalidade dialectal característica e distinta da de outras zonas galegas.(...) São também mais profundas as afinidades com a linguagem

---

<sup>230</sup> BREA (1988:46) observa que, relativamente à obra *Demanda do Santo Graal*, “predomina *ar*, pero hay vários casos de *er*”, o que verificámos ser falso.

<sup>231</sup> Encontram-se na *Notícia de Torto* 5 atestações de *er* e 11 atestações de *ar*.

<sup>232</sup> Há nos textos galegos 104 ocorrências da forma *ar* face a apenas 14 ocorrências da forma *er* (9 das quais pertencem a textos em prosa, todos originários do sudoeste da província de Pontevedra).

dos documentos de Portugal”.<sup>233</sup> Todas as ocorrências de *er* encontradas nos textos galegos em prosa (no total de 9 atestações) pertencem, de facto, a esta região dialectal que talvez apresentasse uma continuidade marcada com os dialectos do noroeste de Portugal.

Em contraste com os textos galegos, encontramos desde cedo nos textos portugueses uma presença forte da forma *er* (186 atestações de *ar* para 137 atestações de *er* no século XIII), a qual se vai acentuando até levar ao desaparecimento de *ar* no decurso do século XVI.<sup>234</sup> A forma *ar* teve, na verdade, maior longevidade no galego do que no português. A forma *er*, por seu lado, apresenta-se como mais caracteristicamente portuguesa, pois são os autores portugueses que lhe dão maior uso e é aquela que permanece nas suas obras até mais tarde.

Ao analisarmos a sintaxe do advérbio *ar/er*, verificámos que, na grande maioria das atestações encontradas, este ocupa uma posição pré-verbal, podendo competir com os clíticos e com o advérbio de negação *não* por uma posição junto ao verbo. A presença destes elementos na frase obriga, por vezes, ao afastamento do advérbio para uma posição não contígua ao verbo, ainda que na grande maioria das atestações encontradas seja o advérbio *ar/er* aquele que mantém com o verbo grau máximo de coesão. Verificámos também que quando este advérbio se encontra ligado a complexos verbais se posiciona sempre junto à forma finita e não junto aos verbos no infinitivo, gerúndio ou particípio.

A posição pós-verbal, opção antiga que se perde cedo, também se regista ainda que em número pouco significativo e, geralmente, associada a uma modalidade enfática. Quando o advérbio *ar/er*, em posição pós-verbal, compete com um pronome clítico por uma posição junto ao verbo, é o clítico que ganha a adjacência, obrigando-o a afastar-se da forma verbal. Como comprova Martins (1994), sempre que um pronome é enclítico não admite interferência de qualquer outra palavra entre si e o verbo, o que não acontece quando é proclítico.

Para além de poder unir-se a verbos, o advérbio *ar/er* também pode ocorrer junto a nomes, pronomes, adjectivos, conjunções, bem como a outros advérbios, mas esta

---

<sup>233</sup> Também MARIÑO PAZ (1999) e ÁLVAREZ BLANCO & XOVE (1998) isolam o SO de Pontevedra como área dialectal específica dentro do território galego e com afinidades com o NO de Portugal.

<sup>234</sup> O número de atestações de *er* no século XIII encontra-se provavelmente inflacionado pelo facto de existir um número muito elevado de ocorrências de *er* no manuscrito quatrocentista da *Demanda do Santo Graal*, conforme referimos acima.

possibilidade regista-se com muito menor frequência e não é comum a todos os textos nem a todas as épocas. Durante os séculos XIII e XIV, assistimos a uma possível desvinculação entre o advérbio *ar/er* e o verbo em textos galegos, desvinculação essa que só viria a ocorrer (na forma *er*) em textos portugueses nos séculos XV e XVI. Pormenorizando, encontramos nas *Cantigas de Santa Maria* (que pode ser considerada uma obra escrita em galego<sup>235</sup>) um número significativo de atestações em que a forma *ar* ocupa uma posição inicial de frase, afastando-se do verbo: ora ocupa uma posição inicial absoluta, ora junta-se às conjunções coordenativas *e/nem*, seguindo-as. Quando o advérbio se junta à conjunção copulativa *e*, a coordenação estabelece-se, na maior parte dos casos, entre duas orações<sup>236</sup>, mas também se pode estabelecer entre dois sintagmas. Quando a coordenação é oracional, o verbo pode estar elidido no segundo membro da estrutura de coordenação.

Nos séculos XV e XVI registámos igualmente em textos galegos (um literário, outro notarial) duas atestações de *ar/er* não associado ao verbo, cujas estruturas sintáticas são muito próximas das encontradas nas *Cantigas de Santa Maria*.

Nos textos portugueses só se observa a autonomização do advérbio *ar/er* em relação ao verbo a partir do século XV, mantendo-se este padrão no século XVI. Se compararmos, no entanto, as estruturas sintáticas galegas e portuguesas, observamos que são distintas. De facto, é comum encontrarmos nos textos portugueses do século XV a forma *er* precedida de um outro advérbio (*desi*), mas nunca em posição inicial absoluta. Nas peças de Gil Vicente (século XVI), a forma *er* apresenta maior mobilidade do que em quaisquer outros textos, podendo ocorrer em posição inicial absoluta, junto a uma conjunção coordenativa, ou numa posição medial ou quase final<sup>237</sup> de frase. Assim sendo, é pertinente afirmar que o advérbio *ar/er* manifestou em épocas distintas e áreas geográficas independentes uma tendência para se libertar de um posicionamento limitado à vizinhança do verbo, evoluindo no sentido de a sua sintaxe se tornar idêntica à de outros advérbios da mesma área semântica.

---

<sup>235</sup> cf. LORENZO (1981:11)

<sup>236</sup> Essa tendência leva a que as funções do advérbio possam ser confundidas com a função da conjunção, já que este advérbio pode estabelecer nexos inter-oracionais ou inter-frásicos. Há, no entanto, uma diferença marcante entre o advérbio e a conjunção: é que o advérbio *ar/er* tem uma grande mobilidade na frase, característica alheia à conjunção.

<sup>237</sup> Existem apenas duas atestações (F1:214,p.49; C3:7, p.48) em que o advérbio *ar/er* incide sobre um sintagma nominal. Nesta situação específica, *er* assume o valor de advérbio de inclusão ou realce.

A maioria dos linguistas que analisaram o comportamento das formas *ar* e *er* nas diferentes atestações consideram-nas como pertencendo à classe do advérbio<sup>238</sup>. Faltava, contudo, um estudo suficientemente fundamentado que levasse à integração deste advérbio numa subclasse. Assim, tendo como instrumento de trabalho a gramática<sup>239</sup> de Quirk *et al.* (2003), e baseando-nos no comportamento sintático descrito no capítulo 3 bem como nos valores semânticos apontados por diferentes autores e nos que observámos no *corpus*, classificamos este advérbio de conectivo.

Enquanto advérbio conectivo, *ar/er* pode apresentar um valor aditivo (equativo ou reforçador), quando marca uma relação de adição entre as unidades que junta, ou um valor contrastivo (antitético ou concessivo), quando opõe duas informações ou contrasta um assunto relativamente a outro anteriormente exposto.

Partindo da análise dos valores semânticos encontrados, sobretudo, na *Demanda do Santo Graal* e comparando-os com o polimorfismo proposto por grande parte dos linguistas e filólogos consultados, reduzimos essas acepções (tendo em conta as suas afinidades semânticas) a um conjunto de valores mais básicos que integram as quatro categorias acima referidas. Não foram contemplados nestas categorias os valores semânticos temporais atribuídos por alguns autores<sup>240</sup> ao advérbio *ar/er* por considerarmos que os mesmos devem ser reanalisados com um valor diferente, nomeadamente o valor ‘aditivo reforçador’. O valor temporal que os autores defendem não está, na nossa opinião, associado ao advérbio *ar/er* mas a outras palavras que o podem preceder (p.e. ‘des i’) ou inferir-se do contexto discursivo.

Em todas as atestações analisadas a forma *ar* parece indissociável da forma *er*, assumindo os mesmos valores semânticos em contextos semelhantes, o que confirma estarmos perante variantes morfofonológicas do mesmo advérbio.

Verificámos também que na generalidade dos textos<sup>241</sup> do *corpus* o advérbio *ar/er* pode assumir os valores aditivo e contrastivo, sendo que o valor aditivo reforçador é o

---

<sup>238</sup> Autores com NUNES (1975) e TEYSSIER (1959) consideram, erradamente, as formas *ar* e *er* como prefixos. Como ficou provado nesta dissertação, a mobilidade de que dispõem na frase (a não-adjacência ao verbo em posição pré-verbal e a posição pós-verbal), o facto de se ligarem aos verbos auxiliares, e não aos verbos principais, nos complexos verbais e ainda a possibilidade (menos comum) de ocorrerem não associadas ao verbo, leva a que não as possamos classificar de prefixos.

<sup>239</sup> QUIRK *et al.* 2003. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London and New York: Longman.

<sup>240</sup> VASCONCELOS (1920); HUBER (1933.); MAGNE (1944); METTMAN (1972); COROMINAS E PASCUAL (1980-1991); LORENZO (1977); BREA (1988).

<sup>241</sup> À excepção de duas atestações já referidas eno nota de rodapé 237.

mais frequente em todas as épocas. Enquanto no plano sintáctico há uma clara evolução do advérbio *ar/er* ao longo do tempo (nomeadamente nos textos portugueses, onde tem maior longevidade), no plano semântico o mesmo advérbio parece manter-se estável desde o século XIII até ao século XVI.<sup>242</sup> A partir dos textos de Gil Vicente, a forma *er* não foi mais registada.

Para finalizar, gostaríamos de destacar que estamos cientes de que o tratamento do tema do presente trabalho deixou em aberto um conjunto de questões a que a curiosidade e o interesse científico certamente irão responder em futuras abordagens.

Nesta perspectiva fica por abordar, a título de exemplo, a questão de procurar compreender o desaparecimento do advérbio *ar/er*, pese embora seja de elevada pertinência a afirmação de Crowley (1992:159)<sup>243</sup>: “Words can be lost in a language and new words can be created for reasons that are not at all obvious”.

Não obstante, consideramos que o nosso estudo lança à discussão académica um tema ainda pouco explorado, sendo, assim esperamos, mais um contributo para futuras análises e debates.

---

<sup>242</sup> Apesar de nos textos de Gil Vicente não se registar *er* com valor contrastivo antitético (embora ocorra com o valor contrastivo concessivo), não se pode daí inferir que esse valor se teria perdido no século XVI pois o número total de atestações disponíveis é muito baixo. Certo é que os valores básicos aditivo e contrastivo se registam ao longo de todo o período de existência de *ar/er*.

<sup>243</sup> CROWLEY, Terry 1992. *An Introduction to Historical Linguistics*. Auckland: Oxford University Press. 2000. (3.<sup>a</sup> ed.)



## FONTES

### 1. *Corpora electrónicos*

#### 1.1. **Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega (TMILG)**

Instituto da Língua Galega <http://corpus.cirp.es/tmilg/> [Julho/Agosto 2005]

#### SÉCULO XII<sup>244</sup>

BREA, Mercedes (coord.) (1996): *Lírica profana galego-portuguesa. Corpus completo das cantigas medievais, con estudio biográfico, análise retórica e bibliográfica específica*. 2 vols. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias "Ramón Piñeiro". (1170 – 1481)

OVIEDO ARCE, Eladio (ed.) 1901. «Fragmento de una versión gallega del Código de Las Partidas de Alfonso el Sabio», in LÓPEZ FERREIRO, Antonio (ed.): *{Galicia Histórica. Colección diplomática*. Santiago: Tipografía Galaica, pp. 4-13. (1151-1485)

PORTELA SILVA, Ermelindo (ed.) 1976. *La región del obispado de Tuy en los siglos XII a XV. Una sociedad en expansión y en la crisis*. Santiago: Tip. El Eco Franciscano. Separata de *Compostellanum* (20). (1184 -1499)

SALVADO MARTÍNEZ, Benito e V. SALVADO MARTÍNEZ (eds.) 1991. «Tumbo de Toxosoutos. Siglos XII y XIII», in *Compostellanum*, 36, 1/2, pp. 165-232.

#### SÉCULO XIII

BREA, Mercedes (coord.) (1996): *Lírica profana galego-portuguesa. Corpus completo das cantigas medievais, con estudio biográfico, análise retórica e bibliográfica específica*. 2 vols. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias "Ramón Piñeiro". (1170 – 1481)

CAL PARDO, Enrique (ed.) 1984. *Monasterio de San Salvador de Pedroso en tierras de Trasancos. Colección documental*. A Coruña: Deputación Provincial. (1257 – 1506)

CAL PARDO, Enrique (ed.) 1991. «De Viveiro en la Edad Media», *Estudios Mindonienses*, 7, pp. 11-226. (1289 -1420)

CAL PARDO, Enrique (ed.) 1999. *Colección diplomática medieval do arquivo da catedral de Mondoñedo. Transcripción íntegra dos documentos*. Santiago: Consello da Cultura Galega (Ponencia de Patrimonio Histórico). (1280 – 1489)

---

<sup>244</sup> A agrupación por séculos decorre das datações apontadas pelo TMILG.

- CINTRA, Luís Felipe Lindley (ed.) 1959. *A linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de alfaiates, Castelo Bom...* Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- DURO PEÑA, Emilio (ed.) 1967. «El monasterio de San Salvador de Sobrado de Trives», *Archivos Leoneses*, 21, 49, pp. 7-86. (1255 – 1389)
- DURO PEÑA, Emilio (ed.) 1972. *El Monasterio de S. Pedro de Rocas y su colección documental*. Ourense: Instituto de Estudios Orensanos «Padre Feijoo». (1256 – 1399)
- DURO PEÑA, Emilio (ed.) 1977. *El Monasterio de San Esteban de Ribas de Sil*. Ourense: Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijóo". (1254 – 1498)
- FERNÁNDEZ DE VIANA e José Ignacio VIEITES (ed.) 1995. *Colección diplomática del monasterio de Santa María de Pantón*. Lugo: Servicio de Publicaciones de la Diputación Provincial de Lugo. (1261 – 1515)
- FERNÁNDEZ DE VIANA, José Ignacio, M<sup>a</sup> Teresa GONZÁLEZ e Juan Carlos DE PABLOS (eds.) 1996, 1997. «El Tumbo de Caaveiro. 1<sup>a</sup> Parte. | 2<sup>a</sup> Parte», *Cátedra (Revista eumesa de estudios)*, 3, pp. 267-437; 4, pp. 221-385. (1240 – 1316)
- FERRO COUSELO, X. (ed.) 1967. *A vida e a fala dos devanceiros. Escolma de documentos en galego dos séculos XIII ao XVI*. 2 vols. Vigo: Galaxia. (1244 – 1532)
- GALLEGO, Olga (ed.) 1986. «Tumbo de las viñas de Rivadavia», *Boletín Auriense*, XVI, pp. 157-176.
- GONZÁLEZ GARCÉS, Miguel (ed.) 1988. *Historia de La Coruña. Edad Media*. A Coruña: Caixa Galicia. (1255 – 1473)
- LÓPEZ FERREIRO, Antonio (ed.): *Fueros municipales de Santiago y de su tierra*. Madrid: Ediciones Castilla.
- LÓPEZ, Atanasio (ed.) 1916. *Estudios crítico-históricos de Galicia*. Santiago: Tip. de "El Eco Franciscano". (1289 – 1471)
- LUCAS ALVAREZ, M. e P.P. LUCAS DOMÍNGUEZ (ed.) (1988): *San Pedro de Ramirás. Un monasterio femenino en la Edad Media. Colección diplomática*. Santiago: Publicacións de Caixa Galicia. (1248 – 1483)
- LUCAS ALVAREZ, Manuel e María José JUSTO MARTÍN (eds.) 1991. *Fontes documentais da Universidade de Santiago de Compostela. Pergameos da serie Bens do Arquivo Histórico Universitario (Anos 1237-1537). (Edición diplomática)*. Santiago: Consello da Cultura Galega. (1284 – 1501)

- LUCAS ÁLVAREZ, Manuel e Pedro LUCAS DOMÍNGUEZ (eds.) 1996. *El monasterio de San Clodio do Ribeiro en la Edad Media: estudio y documentos*. Sada / A Coruña: Edicións do Castro (Publicacións do Seminario de Estudos Galegos). (1264 – 1500)
- LUCAS ÁLVAREZ, Manuel e Pedro LUCAS DOMÍNGUEZ (eds.) 1996. *El priorato beneditino de San Vincenzo de Pombeiro y su colección diplomática en la Edad Media*. Sada / A Coruña: Edicións do Castro (Publicacións do Seminario de Estudos Galegos). (1262 – 1512)
- MAIA, Clarinda de Azevedo (ed.) 1986. *História do galego-português. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal do século XII ao século XVI (com referência á situación do galego moderno)*. Coimbra: I.N.I.C., pp. 41-245. (1257 – 1516)
- MARTÍNEZ SALAZAR, Andrés (ed.) 1911. *Documentos gallegos de los siglos XIII al XVI*. A Coruña: Casa de la Misericordia. (1242 – 1500)
- METTMANN, Walter (ed.) 1959-72. *Cantigas de Santa Maria*. 4 vols. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis. Reed. de Ed. Xerais de Galicia en 1981 (2 vols.).
- METTMANN, Walter (ed.) 1959-72. *Rúbricas Cantigas de Santa Maria*. 4 vols. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis. Reed. de Ed. Xerais de Galicia en 1981 (2 vols.).
- NOVO CAZÓN, José-Luis (ed.) 1986. *El priorato santiaguista de Vilar de Donas en la Edad Media (1194-1500)*. A Coruña: Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa". (1240 – 1503)
- OVIEDO ARCE, Eladio (ed.) 1901. «Fragmento de una versión gallega del Código de Las Partidas de Alfonso el Sabio», in LÓPEZ FERREIRO, Antonio (ed.): *{Galicia Histórica. Colección diplomática*. Santiago: Tipografía Galaica, pp. 4-13. (1151-1485)
- PENSADO, José Luis (ed.) 1974/1975. «Tres fragmentos jurídicos galaicoportugueses», in *Cuadernos Gallegos*, 29 (87-88-89), pp. 102-129. [O texto está nas pp. 122-128]. (1290 – 1350)
- PÉREZ RODRÍGUEZ, Francisco Javier (ed.) 2004. *Os documentos do tombo de Toxos Outos*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega. (séc.XIII)
- PORTELA SILVA, Ermelindo (ed.) 1976. *La región del obispado de Tuy en los siglos XII a XV. Una sociedad en expansión y en la crisis*. Santiago: Tip. El Eco Franciscano. Separata de Compostellanum (20). (1184 -1499)

- RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Angel-José Angel Rey Caiña (eds.) 1992 "Tumbo de Lorenzana. Transcripción y estudio de ---", *Estudios Mindonienses*, 8, pp. 11-324.
- RODRÍGUEZ NÚÑEZ, Clara (ed.) 1989. «Santa María de Belvís, un convento mendicante femenino en la Baja Edad Media (1305-1400)», *Estudios Mindonienses*, 5, pp. 335-485. (1292 – 1399)
- ROMANÍ, Miguel e Pablo S. OTERO (eds.) 2003. «Documentación del fondo de Oseira (AHN) relacionada con el monasterio de San Pedro de Vilanova de Dozón (1015-1295)», in *Cuadernos de Estudios Gallegos*, L (116), pp. 27-77.
- RUIZ ASENCIO, J. M. 1993. «El códice del Beato de Valcavado», in *Beato de Valcavado. II. Estudios*. Valladolid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Valladolid, pp. 37-48.
- SALVADO MARTÍNEZ, Benito e V. SALVADO MARTÍNEZ (eds.) 1991. «Tumbo de Toxosoutos. Siglos XII y XIII», *Compostellanum*, 36, 1/2, pp. 165-232.
- SÁNCHEZ CARRERA, María del Carmen (ed.) 1997. *El Bajo Miño en el siglo XV. El espacio y los hombres*. A Coruña: Fundación Barrié de la Maza, Conde de Fenosa. (1274 – 1490)
- SOUTO CABO, José António 1996. «O 'Testamento de Estêvão Peres' (1230). Aproximação à primeira escrita galego-portuguesa na Galiza», in *Revista de Filología Románica*, 13, pp. 123-149. [O documento está nas pp. 127-128].
- SPONER, Margot (ed.) 1932-4. «Documentos antiguos de Galicia», in *Anuari de l'Oficina Románica de Lingüística i Literatura (Barcelona)*, 7, 113-92. (1254 – 1494)
- VASCONCELOS, José Leite de (ed.) 1908. *Textos arcaicos*. Lisboa: Livraria Clássica. (1970<sup>5</sup>). Pp. 105-113. (1275 -1501)

### SÉCULO XIII/XIV

- DURO PEÑA, Emilio (ed.) 1967. «El monasterio de San Salvador de Sobrado de Trives», in *Archivos Leoneses*, 21, 49, pp. 7-86.
- DURO PEÑA, Emilio (ed.) 1972. *El Monasterio de S. Pedro de Rocas y su colección documental*. Ourense: Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijoo".
- FERNÁNDEZ DE VIANA, José Ignacio, M<sup>a</sup> Teresa GONZÁLEZ e Juan Carlos DE PABLOS (eds.) 1996, 1997. «El Tumbo de Caaveiro. 1<sup>a</sup> Parte. | 2<sup>a</sup> Parte», in *Cátedra (Revista eumesa de estudios)*, 3, pp. 267-437; 4, pp. 221-385.

LORENZO, Ramón (ed.) 1975, 1977. *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario. Tomo I: Introducción, texto anotado e índice onomástico; Tomo II: Glosario. Ourense: I.E.O.P.F.<sup>245</sup>

PENSADO, José Luis (ed.) 1974/1975. «Tres fragmentos jurídicos galaicoportugueses», *Cuadernos Gallegos*, 29 (87-88-89), pp. 102-129. [O texto está nas pp. 123-128].

RODRÍGUEZ NÚÑEZ, Clara (ed.) 1989. «Santa María de Belvís, un convento mendicante femenino en la Baja Edad Media (1305-1400)», in *Estudios Mindonienses*, 5, pp. 335-485.

ROMANÍ MARTÍNEZ, Miguel (ed.) 1989-93. *La colección diplomática de Santa María de Oseira (1025-1310)*. 3 vols. Santiago: Tórculo Edicións (1989, 1989, 1993).

## SÉCULO XIV

ASKINS, L-F., Gemma AVENOZA, Aida Fernanda DIAS, José Ignacio PÉREZ PASCUAL e Harvey SHARRER (eds.) (1997): «Novos fragmentos de textos xurídicos galegos (s. XIV)», in *Revista de Literatura Medieval*, IX, pp. 9-43. [O texto está nas pp. 26-43].

AVENOZA, Gemma (ed.) 1995. «Atopáronse uns pergamiños... O redescubrimento duns fragmentos en galego das *Partidas*», in *Romance Philology*, XLIX, 2, pp. 119-129. [O texto está nas pp. 125-128].

BREA, Mercedes (coord.) (1996): *Lírica profana galego-portuguesa. Corpus completo das cantigas medievais, con estudio biográfico, análise retórica e bibliográfica específica*. 2 vols. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias "Ramón Piñeiro". (1170 – 1481)

CABANA OUTEIRO, Alexandra (ed.) 2003. *O Tombo H da catedral de Santiago. Documentos anteriores a 1397*. Valga: Concello de Valga.

CAL PARDO, Enrique (ed.) 1984. *Monasterio de San Salvador de Pedroso en tierras de Trasancos. Colección documental*. A Coruña: Deputación Provincial. (1257 – 1506)

---

<sup>245</sup> cf. LORENZO, Ramón (2002). “La interconexión de Castilla, Galicia y Portugal en la confección de las crónicas medievales y en la transmisión de textos literarios” in *Revista de Filología Románica*, 19, 93-123. “...tenemos que situar la traducción [de la *Crónica de Castilla*] entre 1295 y 1312.” (p.96) “Estas dos versiones funcionaron en un principio como independientes [*Estoria de España* y *Crónica de Castilla*]. En un momento determinado alguien unió los dos manuscritos independientes sin alterarlos, que de esta manera pasaron a funcionar como un todo, posiblemente ya en el propio siglo XIV, aunque las dos partes fueron utilizadas independientemente por otros textos y es de suponer que existiesen otros manuscritos hoy perdidos con la versión de la primera o de la segunda parte.” (p. 97)

- CAL PARDO, Enrique (ed.) 1991. «De Viveiro en la Edad Media», in *Estudios Mindonienses*, 7, pp. 11-226. (1289 -1420)
- CAL PARDO, Enrique (ed.) 1999. *Colección diplomática medieval do arquivo da catedral de Mondoñedo. Transcripción íntegra dos documentos*. Santiago: Consello da Cultura Galega (Ponencia de Patrimonio Histórico). (1280 – 1489)
- COMESAÑA MARTÍNEZ, María Ángela 1995. *O tombo do Hospital e Ermida de santa María do Camiño de Pontevedra*. Pontevedra: Museo de Pontevedra. (1311 – 1577)
- DURO PEÑA, Emilio (ed.) 1977. *El Monasterio de San Esteban de Ribas de Sil*. Ourense: Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijóo". (1254 – 1498)
- FERNÁNDEZ DE VIANA e José Ignacio VIEITES (ed.) 1995. *Colección diplomática del monasterio de Santa María de Pantón*. Lugo: Servicio de Publicaciones de la Diputación Provincial de Lugo. (1261 – 1515)
- FERRO COUSELO, X. (ed.) 1967. *A vida e a fala dos devanceiros. Escolma de documentos en galego dos séculos XIII ao XVI*. 2 vols. Vigo: Galaxia. (1244 – 1532)
- GARCÍA Y GARCÍA, Antonio (Dir. ed.) 1981. *Synodicum hispanum I. Galicia*. Madrid: Editorial Católica (Biblioteca de Autores Cristianos). (1324 – 1543)
- GONZÁLEZ GARCÉS, Miguel (ed.) 1988. *Historia de La Coruña. Edad Media. A Coruña: Caixa Galicia*. (1255 – 1473)
- GRAÑA CID, M. Mar (ed.) 1990. *Las órdenes mendicantes en el obispado de Mondoñedo. El convento de san Martín de Villaoriente (1374-1500)*. Separata de *Estudios Mindonienses*. Cap/Páx: 288/440 (1391 – 1522)
- LAGARES, Xoán Carlos (ed.) 2000. *E por esto fez este cantar. Sobre as rubricas explicativas dos cancioneiros profanos galego-portugueses*. Santiago de Compostela: Laiovento.
- LÓPEZ, Atanasio (ed.) 1916. *Estudios crítico-históricos de Galicia*. Santiago: Tip. de "El Eco Franciscano". (1289 – 1471)
- LORENZO, Ramón (ed.) 1985. *Crónica troiana. Introducción e texto*. A Coruña: Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa".
- LORENZO, Ramón (ed.) 1987. «O estado da língua num documento do século XIV», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, 23, pp. 49-69.

- LUCAS ALVAREZ, M. e P.P. LUCAS DOMÍNGUEZ (ed.) (1988): *San Pedro de Ramirás. Un monasterio femenino en la Edad Media. Colección diplomática*. Santiago: Publicacións de Caixa Galicia. (1248 – 1483)
- LUCAS ALVAREZ, Manuel e María José JUSTO MARTÍN (eds.) 1991. *Fontes documentais da Universidade de Santiago de Compostela. Pergameos da serie Bens do Arquivo Histórico Universitario (Anos 1237-1537). (Edición diplomática)*. Santiago: Consello da Cultura Galega. (1284 – 1501)
- LUCAS ÁLVAREZ, Manuel e Pedro LUCAS DOMÍNGUEZ (eds.) 1996. *El monasterio de San Clodio do Ribeiro en la Edad Media: estudio y documentos*. Sada / A Coruña: Edicións do Castro (Publicacións do Seminario de Estudos Galegos). (1264 – 1500)
- LUCAS ÁLVAREZ, Manuel e Pedro LUCAS DOMÍNGUEZ (eds.) 1996. *El priorato beneditino de San Vincenzo de Pombeiro y su colección diplomática en la Edad Media*. Sada / A Coruña: Edicións do Castro (Publicacións do Seminario de Estudos Galegos). (1262 – 1512)
- MAIA, Clarinda de Azevedo (ed.) 1986. *História do galego-português. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal do século XII ao século XVI (com referência á situación do galego moderno)*. Coimbra: I.N.I.C., pp. 41-245. (1257 – 1516)
- MARTÍNEZ SALAZAR, Andrés (ed.) 1911. *Documentos gallegos de los siglos XIII al XVI*. A Coruña: Casa de la Misericordia. (1242 – 1500)
- MARTÍNEZ LÓPEZ, R. (ed.) 1963. *General Estoria. Versión gallega del siglo XIV. Ms. O.I.I. del Escorial*. Oviedo: Publicacións de Archivum. [Incorpora as correccións de R. Lorenzo e X. L. Couceiro (*Homenaxe a Camilo Flores e Homenaxe a Xesús Alonso Montero*)].
- MAYÁN FERNÁNDEZ, Francisco (ed.) 1958/9. «Documentos históricos. El Obispo de Mondoñedo, Don Francisco, arrienda a Iohan de Andrade la Casa-torre de Muras, con sus tierras y vasallos. Año de 1391», in *Boletín de la Comisión de Monumentos de Lugo*, 6, 49-52, pp. 295-302.
- MÉNDEZ FERNÁNDEZ, M<sup>a</sup> Luz (ed.) 1991. *Contribución ó estudio dun libro das Tenzas da Catedral de Santiago. Edición crítica e estudio dos folios 1 a 27*. Memoria de licenciatura (inérita) presentada na Universidade de Santiago de Compostela.
- NOVO CAZÓN, José-Luis (ed.) 1986. *El priorato santiaguista de Vilar de Donas en la Edad Media (1194-1500)*. A Coruña: Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa". (1240 – 1503)
- OVIEDO ARCE, Eladio (ed.) 1901. «Fragmento de una versión gallega del Código de Las Partidas de Alfonso el Sabio», in LÓPEZ FERREIRO, Antonio (ed.):

{*Galicia Histórica. Colección diplomática*. Santiago: Tipografía Galaica, pp. 4-13. (1151-1485)

PARKER, Kelvin M. (ed.) 1975. *Historia Troyana*. Santiago: Instituto "Padre Sarmiento". [Incorpora as correccións de R. Lorenzo (*Verba*, 9, 1982)].

PENSADO, José Luis (ed.) 1962. «Fragmento de un "Livro de Tristán" galaico-portugués». Anexo XIV de *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago: Instituto P. Sarmiento de Estudios Gallegos (Consejo Superior de Investigaciones Científicas).

PENSADO, José Luis (ed.) 1974/1975. «Tres fragmentos jurídicos galaicoportugueses», in *Cuadernos Gallegos*, 29 (87-88-89), pp. 102-129. [O texto está nas pp. 128-129].

PORTELA SILVA, Ermelindo (ed.) 1976. *La región del obispado de Tuy en los siglos XII a XV. Una sociedad en expansión y en la crisis*. Santiago: Tip. El Eco Franciscano. Separata de Compostellanum (20). (1184 -1499)

SÁNCHEZ CARRERA, María del Carmen (ed.) 1997. *El Bajo Miño en el siglo XV. El espacio y los hombres*. A Coruña: Fundación Barrié de la Maza, Conde de Fenosa. (1274 – 1490)

SPONER, Margot (ed.) 1932-4. «Documentos antiguos de Galicia», *Anuari de l'Oficina Románica de Lingüística i Literatura (Barcelona)*, 7, 113-92. (1254 – 1494)

TAVANI, Giuseppe (ed.) 1999. *Arte de trovar do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Introdução, edição crítica e fac-símile. Lisboa: Edições Colibri.

VASCONCELOS, José Leite de (ed.) 1908. *Textos arcaicos*. Lisboa: Livraria Clássica. (1970<sup>5</sup>). Pp. 105-113. (1275 -1501)

## SÉCULO XIV/XV

ALVAREZ ALVAREZ, Eleutino (ed.) 1983. «El yantar y el hospedaje en el sur de Galicia (1340-1450)», in *Boletín Auriense*, 13, pp. 137-52.

FERNÁNDEZ SALGADO, Antonio (ed.) 1999. *A documentación medieval de San Bieito do Campo*. Tese de licenciatura (inérita) presentada na Universidade de Santiago de Compostela.

GARCÍA ORO, J. 1987. «Viveiro en los siglos XIV y XV. La Colección Diplomática de Santo Domingo de Viveiro», *Estudios Mindonienses*, 3, pp. 11-132. // Publicado posteriormente como libro polo concello de Viveiro (1988).

PENSADO TOMÉ, José Luís (ed.) 1958. *Os Miragres de Santiago. Versión gallega del Códice latino del siglo XII atribuido al papa Calisto I*. Madrid: C.S.I.C. (Anexo LXVIII da *Revista de Filología Española*).

POLÍN, Ricardo (ed.) 1997. *Cancioneiro galego-castelán (1350-1450). Corpus lírico da decadencia*. Sada / A Coruña: Edicións do Castro (Publicacións do Seminario de Estudos Galegos).

## SÉCULO XV

BOUZA-BREY TRILLO, Fermín (ed.) 1965. *El señorío de Villagarcía desde su fundación hasta su marquesado (1461-1655)*. Santiago: Anexo XV dos *Cuadernos de Estudios Gallegos*. (séc.XV-XVII)

BREA, Mercedes (coord.) (1996): *Lírica profana galego-portuguesa. Corpus completo das cantigas medievais, con estudio biográfico, análise retórica e bibliográfica específica*. 2 vols. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias "Ramón Piñeiro". (1170 – 1481)

CAL PARDO, Enrique (ed.) 1984. *Monasterio de San Salvador de Pedroso en tierras de Trasancos. Colección documental*. A Coruña: Deputación Provincial. (1257 – 1506)

CAL PARDO, Enrique (ed.) 1991. «De Viveiro en la Edad Media», *Estudios Mindonienses*, 7, pp. 11-226. (1289 -1420)

CAL PARDO, Enrique (ed.) 1999. *Colección diplomática medieval do arquivo da catedral de Mondoñedo. Transcripción íntegra dos documentos*. Santiago: Consello da Cultura Galega (Ponencia de Patrimonio Histórico). (1280 – 1489)

COMESAÑA MARTÍNEZ, María Ángela 1995. *O tomo do Hospital e Ermida de santa María do Camiño de Pontevedra*. Pontevedra: Museo de Pontevedra. (1311 – 1577)

DOMÍNGUEZ FONTENLA, Juan (ed.) 1938. «Documentos arcaicos gallegos del Códice de Minutas del notario de Bayona de Miñor, Alvaro Eans das Eiras o Alvaro Yans da Seira, a principios del siglo XV», *Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense*, 12, 246, 116; 250, 233-40; 251, 257-64. (séc.XV)

DURO PEÑA, Emilio (ed.) 1977. *El Monasterio de San Esteban de Ribas de Sil*. Ourense: Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijóo". (1254 – 1498)

FERNÁNDEZ DE VIANA e José Ignacio VIEITES (ed.) 1995. *Colección diplomática del monasterio de Santa María de Pantón*. Lugo: Servicio de Publicaciones de la Diputación Provincial de Lugo. (1261 – 1515)

- FERRO COUSELO, X. (ed.) 1967. *A vida e a fala dos devanceiros. Escolma de documentos en galego dos séculos XIII ao XVI*. 2 vols. Vigo: Galaxia. (1244 – 1532)
- GARCÍA CONDE, A. e Francisco MAYÁN, (eds.) 1962. «Documentos históricos. XXXII. Foro de los casares de Castro y de Gontín (parroquia de Meilán), que el obispo de Lugo (...) hizo a Diego Menéndez, su criado.- Año 1412», in *Boletín de la Comisión de Monumentos de Lugo*, 7, 57-8, pp. 158-63.
- GARCÍA ORO, José (ed.) 1977. *Galicia en la Baja Edad Media. Iglesia, señorío y nobleza*. Santiago: Bibliófilos Gallegos.
- GARCÍA Y GARCÍA, Antonio (Dir. ed.) 1981. *Synodicum hispanum I. Galicia*. Madrid: Editorial Católica (Biblioteca de Autores Cristianos). (1324 – 1543)
- GONZÁLEZ GARCÉS, Miguel (ed.) 1988. *Historia de La Coruña. Edad Media*. A Coruña: Caixa Galicia. (1255 – 1473)
- GRAÑA CID, M. Mar (ed.) 1990. *Las órdenes mendicantes en el obispado de Mondoñedo. El convento de san Martín de Villaoriente (1374-1500)*. Separata de *Estudios Mindonienses*. (1391 – 1522)
- LEIRÓS, Fernández, Eladio (ed.) 1944. «Un documento de Monforte en el siglo XIV», in *Boletín de la Comisión de Monumentos de Lugo*, 1, 10-1, pp. 283-92.
- LÓPEZ, Atanasio (ed.) 1916. *Estudios crítico-históricos de Galicia*. Santiago: Tip. de "El Eco Franciscano". (1289 – 1471)
- LORENZO, Ramón (ed.) 1986. «Un documento galego do ano 1482», in *Verba*, 13, pp. 127-41.
- LORENZO, Ramón (ed.) 1991. «Un documento galego de 1466», in M. BREA / F. FERNÁNDEZ REI (eds.): *Homenaxe ó profesor Constantino García*. Tomo II. Santiago: Universidade de Santiago, pp. 361-85.
- LUCAS ALVAREZ, Manuel e María José JUSTO MARTÍN (eds.) 1991. *Fontes documentais da Universidade de Santiago de Compostela. Pergameos da serie Bens do Arquivo Histórico Universitario (Anos 1237-1537)*. (Edición diplomática). Santiago: Consello da Cultura Galega. (1284 – 1501)
- LUCAS ÁLVAREZ, Manuel e Pedro LUCAS DOMÍNGUEZ (eds.) 1996. *El monasterio de San Clodio do Ribeiro en la Edad Media: estudio y documentos*. Sada / A Coruña: Edicións do Castro (Publicacións do Seminario de Estudos Galegos). (1264 – 1500)

- LUCAS ÁLVAREZ, Manuel e Pedro LUCAS DOMÍNGUEZ (eds.) 1996. *El priorato benedictino de San Vincenzo de Pombeiro y su colección diplomática en la Edad Media*. Sada / A Coruña: Edicións do Castro (Publicacións do Seminario de Estudos Galegos). (1262 – 1512)
- MAIA, Clarinda de Azevedo (ed.) 1986. *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal do século XII ao século XVI (com referência á situação do galego moderno)*. Coimbra: I.N.I.C., pp. 41-245. (1257 – 1516)
- MARTÍNEZ SALAZAR, Andrés (ed.) 1911. *Documentos gallegos de los siglos XIII al XVI*. A Coruña: Casa de la Misericordia. (1242 – 1500)
- MANSO PORTO, Carmen (ed.) 1991. «El convento de Santa María de Valdeflores de Viveiro», in *Estudios Mindonienses*, 7, pp. 331-67.
- MACKENZIE, David (ed.) 1993. «Un documento bilingüe galego-castelán do século XV», in *Donaire*, 1, pp. 25-31.
- NOVO CAZÓN, José-Luis (ed.) 1986. *El priorato santiaguista de Vilar de Donas en la Edad Media (1194-1500)*. A Coruña: Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa". (1240 – 1503)
- OVIEDO ARCE, Eladio (ed.) 1901. «Fragmento de una versión gallega del Código de Las Partidas de Alfonso el Sabio», in LÓPEZ FERREIRO, Antonio (ed.): *{Galicia Histórica. Colección diplomática*. Santiago: Tipografía Galaica, pp. 4-13. (1151-1485)
- PENSADO TOMÉ, José Luis (ed.) 2004. RUFUS, Jordanus: *Tratado de Albeitaria*. Introducción, transcripción e glosario de José Luis Pensado Tomé. Revisión para a imprenta e edición en apéndice de Gerardo Pérez Barcala. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.
- PÉREZ RODRÍGUEZ, F. (ed.) 1991. «San Jorge de Codeseda: un monasterio femenino bajomedieval», in *Studia Monastica*, 33, pp. 50-85.
- PORTELA SILVA, Ermelindo (ed.) 1976. *La región del obispado de Tuy en los siglos XII a XV. Una sociedad en expansión y en la crisis*. Santiago: Tip. El Eco Franciscano. Separata de Compostellanum (20). (1184 -1499)
- RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Angel (ed.) 1989. *Livro do Concello de Pontevedra (1431-1463)*. Pontevedra: Museo de Pontevedra.
- RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Angel (ed.) 1992. *Libro do Concello de Santiago (1416-1422)*. Santiago: Consello da Cultura Galega.

- RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Angel e José Armas CASTRO (eds.) 1992. *Minutario notarial de Pontevedra (1433-1435)*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- ROMANÍ MARTÍNEZ, Miguel / Rodríguez Suárez, M<sup>a</sup> del Pilar 2003. *Libro tumbo de pergamino. Un códice medieval del monasterio de Oseira*. Santiago de Compostela: Tórculo.
- SÁNCHEZ CARRERA, María del Carmen (ed.) 1997. *El Bajo Miño en el siglo XV. El espacio y los hombres*. A Coruña: Fundación Barrié de la Maza, Conde de Fenosa. (1274 – 1490)
- SOUTO CABO, José António (ed.) 2001. *Crónica de Santa María de Íria*. Estudo e edizón de Santiago: Cabido da S.A.M.I. Catedral / Seminario de Estudos Galegos / Ediciós do Castro.
- SPONER, Margot (ed.) 1932-4. «Documentos antiguos de Galicia», in *Anuari de l'Oficina Románica de Lingüística i Literatura (Barcelona)*, 7, 113-92. (1254 – 1494)
- TATO PLAZA, Fernando R. (ed.) 1999. *Libro de notas de Álvaro Pérez, notario da Terra de Rianxo e Postmarcos*. Santiago: Concello da Cultura Galega (Ponencia de Lingua).
- VASCONCELOS, José Leite de (ed.) 1908. *Textos arcaicos*. Lisboa: Livraria Clássica. (1970<sup>5</sup>). Pp. 105-113. (1275 -1501)

## SÉCULO XVI

- CAL PARDO, Enrique (ed.) 1984. *Monasterio de San Salvador de Pedroso en tierras de Trasancos. Colección documental*. A Coruña: Deputación Provincial. (1257 – 1506)
- COMESAÑA MARTÍNEZ, María Ángela 1995. *O tombo do Hospital e Ermida de santa María do Camiño de Pontevedra*. Pontevedra: Museo de Pontevedra. (1311 – 1577)
- FERNÁNDEZ DE VIANA e José Ignacio VIEITES (ed.) 1995. *Colección diplomática del monasterio de Santa María de Pantón*. Lugo: Servicio de Publicaciones de la Diputación Provincial de Lugo. (1261 – 1515)
- FERRO COUSELO, X. (ed.) 1967. *A vida e a fala dos devanceiros. Escolma de documentos en galego dos séculos XIII ao XVI*. 2 vols. Vigo: Galaxia. (1244 – 1532)
- GARCÍA Y GARCÍA, Antonio (Dir. ed.) 1981. *Synodicum hispanum I. Galicia*. Madrid: Editorial Católica (Biblioteca de Autores Cristianos). (1324 – 1543)

- GRAÑA CID, M. Mar (ed.) 1990. *Las órdenes mendicantes en el obispado de Mondoñedo. El convento de san Martín de Villaoriente (1374-1500)*. Separata de *Estudios Mindonienses*. (1391 – 1522)
- LUCAS ALVAREZ, Manuel e María José JUSTO MARTÍN (eds.) 1991. *Fontes documentais da Universidade de Santiago de Compostela. Pergameos da serie Bens do Arquivo Histórico Universitario (Anos 1237-1537)*. (Edición diplomática). Santiago: Consello da Cultura Galega. (1284 – 1501)
- LUCAS ÁLVAREZ, Manuel e Pedro LUCAS DOMÍNGUEZ (eds.) 1996. *El priorato beneditino de San Vincenzo de Pombeiro y su colección diplomática en la Edad Media*. Sada / A Coruña: Edición do Castro (Publicacións do Seminario de Estudos Galegos). (1262 – 1512)
- MAIA, Clarinda de Azevedo (ed.) 1986. *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal do século XII ao século XVI (com referência á situação do galego moderno)*. Coimbra: I.N.I.C., pp. 41-245. (1257 – 1516)
- VASCONCELOS, José Leite de (ed.) 1908. *Textos arcaicos*. Lisboa: Livraria Clássica. (1970<sup>5</sup>). Pp. 105-113. (1275 -1501)

## 1.2. Corpus Informatizado do Português Medieval: CIPM.

<http://cipm.fcsh.unl.pt>. [Julho/Agosto 2005]

### SÉCULO XII

- MARTINS, Ana Maria (ed.) 2001. *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa*. Edição digitalizada.<sup>246</sup>

### SÉCULO XIII

- CINTRA, Luís Filipe Lindley 1990. «Sobre o mais antigo texto não-literário português: *A Notícia do Torto* (leitura crítica, data, lugar de redacção e comentário linguístico)», in *Boletim de Filologia*. Vol. XXXI: pp. 37-41 (texto crítico).
- COSTA, P<sup>e</sup>. Avelino Jesus da 1979. «Os mais Antigos Documentos Escritos em Português», in *Revista Portuguesa de História* 17: 307-321 (dois manuscritos: Lisboa e Toledo).

---

<sup>246</sup> Os documentos que fazem parte desta edição digitalizada foram retirados de MARTINS, Ana Maria 1994. *Clíticos na História do Português [Apêndice Documental (Documentos Notariais dos séculos XII a XVI do Arquivo Nacional da Torre do Tombo)]*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

DUARTE, Luiz Fagundes (ed.) 1986. *Os Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL. pp. 68-295.

FERREIRA, José de Azevedo (ed.) (1987) *Afonso X, Foro Real*. Lisboa: INIC. pp. 125-309.

FERREIRA, José de Azevedo (ed.) in ROUDIL, Jean 1986. *Summa de los Neuve Tiempos de los Pleitos. Édition et étude d'une variation sur un thème*. Paris: Klincksieck. pp. 151-169.

GARVÃO, Maria Helena (ed.) 1992. *Foros de Garvão. Edição e Estudo Linguístico*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL. pp. 65-99.

MAIA, Clarinda de Azevedo 1986. *História do Galego-Português*. Coimbra: INIC. pp. 19-295.

MARTINS, Ana Maria (ed.) 2000. *Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI*. Edição digitalizada.

#### SÉCULOS XIII/XIV

CASTRO, Ivo *et al.* (eds.) 1985. *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (Cod. Alc. cclxvi / antt 2274). Lisboa: INIC. pp. 16-52; 59-83.

GARVÃO, Maria Helena (ed.) 1992. *Foros de Garvão. Edição e Estudo Linguístico*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL. pp. 65-99.

PARKINSON, Stephen (ed.) *Arquivo de Textos Notariais em Português Antigo*. Oxford. Edição digitalizada.

RODRIGUES, Maria Celeste Matias 1992. *Dos Costumes de Santarém*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL. pp. 160-251.

#### SÉCULO XIV

CINTRA, Luís Filipe Lindley (ed.) 1951. *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Lisboa: INCM.

FERREIRA, José Azevedo 1980. *Alphonse X, Primeyra Partida*. Braga: INIC. pp. 3-580.

MAIA, Clarinda de Azevedo 1986. *História do Galego-Português*. Coimbra: INIC. pp. 19-295.

MARTINS, Ana Maria (ed.) 2000. *Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI*. Edição digitalizada.

## SÉCULO XV

BROCARDO, Maria Teresa (ed.) 1994. *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: FCSH. pp. 333-693.

MAIA, Clarinda de Azevedo 1986. *História do Galego-Português*. Coimbra: INIC. pp. 19-295.

MALER, Bertil (ed.) 1956. *Orto do Esposo*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro.

MARTINS, Ana Maria (ed.) 2000. *Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI*. Edição digitalizada.

NETO, João António Santana (ed.) 1997. *Duas Leituras do Tratado Ascético-Místico Castelo Perigos*. Dissertação de Doutoramento. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. Edição revista por Irene Nunes.

PIEL, Joseph (ed. crít.) 1942. *Leal Conselheiro*. Lisboa: Livraria Bertrand. Edição digitalizada revista por João Dionísio e Sandra Alvarez.

PIEL, Joseph (ed. crit.) 1944. *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*. Lisboa: Bertrand. Edição digitalizada revista por João Dionísio.

## SÉCULO XVI

LOPES, David (ed.) 1897. *Chronica dos Reis de Bisnaga*. Lisboa: Imprensa Nacional.

MAIA, Clarinda de Azevedo 1986. *História do Galego-Português*. Coimbra: INIC. pp. 19-295.

MARTINS, Ana Maria (ed.) 2000. *Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI*. Edição digitalizada.

### 1.3. Corpus Histórico do Português Tycho Brahe

<http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/> [Setembro 2005]

## SÉCULO XVI

ALMEIDA, Manuel Pires de. *Poesia e Pintura, ou Pintura e Poesia*. Vol.1: 50 - 104. Arquivo Nacional da Torre do Tombo Casa Forte. Cod.: Casa de Cadaval.

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa. Cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viviosa vergonha*. (ed. M.L.C. BUESCU) 1971 Lisboa: FLUL.

- BRANDÃO, António 1806. (1584-1637) *Monarchia Lusitana*. Tomo II. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Sciencias.
- BRITO, Bernardo de 1806. (1569-1617) *Da Monarquia Lusitana*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- COUTO, Diogo do 1947. *Décadas* (selec., pref. e notas de António Baião). Vol 1. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- D. JOÃO III 1931. *Letters of John III - King of Portugal 1521-557* (ed. J. D. M. Ford). Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- FARIA, Manuel Severino de. *Discursos vários políticos* (introd. actualiz. e notas de Maria Leonor Soares Albergaria Vieira). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- GALHEGOS, Manuel de. *Gazeta, em que relatam as novas todas, que ouve nesta corte, e que vieram de varias partes no mês de novembro de 1641*. Lisboa: Officina de Lourenço de Anueres.
- HOLANDA, Francisco de. *Da Pintura Antiga* (introd. e notas de Angel Gonzáles Garcia). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- LÔBO, Francisco Rodrigues 1907. *Côrte Na Aldeia e Noites De Inverno* (pref. e notas de A. Lopes Vieira). Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- PINTO, Fernão Mendes 1984. *Peregrinação* (transcrição de Adolfo Casais Monteiro). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- SOUSA, Frei Luís de 1984. *A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires* (introd. de Aníbal Pinto de Castro; fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- SÉCULO XVII**
- ARGOTE, Padre Dom Jeronymo Contador de 1725. *Regras da Lingua portugueza, espelho da lingua latina*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa Occidental: Off. da Música.
- BARROS, André de 1746. *Vida do Apostolico Padre António Vieira*. Lisboa: Officina Sylviana.
- BERNARDES, Manuel 1949. *Nova Floresta* (preâmb. de J. Pereira de Sampaio). Volume I. Porto: Livraria Lello & Irmão.
- BROCHADO, José da Cunha 1944. *Cartas*. (selec., pref. e notas de António Álvaro Dória). Lisboa: Editora Livraria Sá da Costa.
- CÉU, Maria do 1993. *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos - a Venerável Madre Elenna da Crus*. (transcrição do Códice 87 da Biblioteca Nacional precedida de um estudo histórico, por Filomena Belo). Lisboa: Quimera.

- CHAGAS, António das 1939. *Cartas Espirituais* (selec., pref. e notas de M. Rodrigues Lapa). Lisboa: Livraria Sá da Costa - Editora.
- COSTA, Manuel da 1991. *Arte de Furtar* (selec., introd. e notas de Roger Bismut). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- GUSMÃO, Alexandre de 1982. *Cartas*. (introd. e actualiz. de Andrée Rocha). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- MELO, D. Francisco Manuel de 1942. *Cartas Familiares* (selec., pref. e notas de M. Rodrigues Lapa). Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- MELO, Francisco Manuel de 1995. *Tácito Português* (pref. e leitura do manuscrito por Raul Rêgo). Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- VIEIRA, António 1907. *Sermões* (pref. e rev. por Rev. Padre Gonçalo Alves). Porto: Livraria Chardron - Lello & Irmão Editores.
- VIEIRA, António 1925. *Cartas do Padre António Vieira*. (coord. e anot. de J. Lúcio d'Azevedo). Tomo I. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- VIEIRA, António. *História do Futuro* (introd., actualiz. e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu). 2.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

### SÉCULO XVIII

- AIRES, Matias 1980. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens e Carta sobre a Fortuna* (selec., pref. e notas de Jacinto do Prado Coelho e Violeta Crespo Figueiredo). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- ALORNA, Marquesa de 1941. *Inéditos - Cartas e Outros Escritos*. (selec. pref. e notas do Prof. Hernâni Cidade). Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- CAVALEIRO DE OLIVEIRA (Francisco Xavier de Oliveira) 1982. *Cartas* (selec., pref. e notas de Aquilino Ribeiro). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- COSTA, António da 1946. *Cartas do Abade António da Costa* (introd. e notas de Fernando Lopes Graça). Lisboa: Cadernos da Seara Nova.
- COSTA, José Daniel Rodrigues da 1973. *6 Entremezes de Cordel* (recolha e fixação do texto de Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo). Editorial Estampa - Serra Nova.
- GARÇÃO, Correia 1982. *Obras Completas* (pref. e notas de António José Saraiva). Volume II - Prosas e Teatro. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- GARRETT, Almeida 1904. *Theatro: Falar verdade a mentir; As Prophecias do Bandarra e Camões do Rocío* (1799-1854). Lisboa: Empresa da Historia de Portugal - Sociedade Editora.

GARRETT, Almeida 1997. *Cartas de Garrett*. (apres. e ed. por Segismundo Spina). São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP.

GARRETT, Almeida 1998. *Viagens na Minha Terra* (electronic edition - CD-ROM - Biblioteca Virtual de Autores Portugueses). Lisboa: Imprensa Nacional - Biblioteca Nacional.

PINA MANIQUE, Diogo 1984. *Pina Manique e a Universidade de Coimbra. Cartas do Intendente e de José Rodrigues Lisboa para o Doutor Francisco Montanha*. (selec. e notas de Lúcia Cruz). Coimbra: Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra.

VERNEY, Luís António 1949. *Verdadeiro Método de Estudar* (ed. António Salgado Filho). Lisboa: Livraria Sá da Costa.

## SÉCULO XIX

BRANCO, Camilo Castelo 1998. *Maria Moisés* (electronic edition - CD-ROM - Biblioteca Virtual de Autores Portugueses). Lisboa: Imprensa Nacional - Biblioteca Nacional.

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de Perdição* (electronic edition by <http://www.folhetim.com.br>)

MARQUÊS DA FRONTEIRA E D'ALORNA 1926. *Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna* (rev. e coord. de Ernesto de Campos de Andrade). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

ORTIGÃO, Ramalho 1993. *Cartas a Emília*. (introd., coment. e notas de Beatriz Berrini). Lisboa: Lisóptima Edições - Biblioteca Nacional.

QUEIROZ, J. M. Eça de e J. P. Oliveira MARTINS. *Correspondência*. (Texto introdutório de Paulo Franchetti. Fixação do texto, notas e comentários de Beatriz Berrini). Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

### 1.4. Gothart – archiv

[http://medieval.gothart.cz/cz/arch\\_song.php?song=csm238](http://medieval.gothart.cz/cz/arch_song.php?song=csm238)

## 2. CDROMs

### 2.1. Biblioteca Virtual de Autores Portugueses (BVAP)

1525-1526. *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*, fls. 111r-133v + 320v-322v (Fac-simile: pp. 253-298 + 676-680)<sup>247</sup>.

---

<sup>247</sup> Embora se encontre nesta fonte textos que estão presentes em outros *corpora*, tivemos o cuidado de não repetir as atestações.

- BRANCO, Camilo Castelo 1876. *Maria Moisés* (manusc.).
- CAMINHA, Pêro Vaz 1968. *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*. Lisboa: Comissão Executiva para as Comemorações do Quinto Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral.
- CAMÕES, Luís de 1572. *Os Lusíadas*. Lisboa: em casa de António Gonçalves.
- Cancioneiro da Biblioteca Vaticana*, fls. 7v-29r (Fac-simile: pp 42-85)<sup>248</sup>
- GARRETT, Almeida 1846. *Viagens na Minha Terra*. Lisboa: Typ. Da Gazeta dos Tribunaes.
- MACCHI, Giuliano (ed.) 1975. *Crónica de D. Fernando / Fernão Lopes*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MELO, D. Francisco Manuel de 1651. *Carta de Guia de Casados* (manusc.).
- MIRANDA, Sá de 1595. *As obras da Celebrado Lusitano Francisco Sá de Miranda*. [Lisboa]: Manoel de Lyra.
- NEMÉSIO, Vitorino [ca. 1944]. *Mau Tempo no Canal*. Lisboa: Bertrand.
- PESSANHA, Camilo 1920. *Clepsydra: poemas*. Lisboa: Ed. Lusitânia.
- PESSOA, Fernando 1941. *Mensagem*. Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- PINTO, Fernão Mendes 1614. *Peregrinação de Fernam Mendez Pinto*. Lisboa: Pedro Craesbeek.
- QUEIROZ, Eça de 1888. *Os Maias*. Porto: Liv. Internacional.
- RESENDE, Garcia 1516. *Cancioneiro Geral*. Lisboa: Hermã de Campos.
- RIBEIRO, Bernardim 1554. *Menina e Moça*. Ferrara: [Abramo Usque].
- VERDE, Cesário 1887. *O Livro de Cesário Verde*. Lisboa: Tipografia Elzevieriana.
- VICENTE, Gil 1562. *Compilação de Todalas Obras de Gil Vicente (Auto de Inês Pereira)*. Lisboa: em casa de Ioam Alvarez<sup>249</sup>.

## 2.2. Gil Vicente – Todas as Obras

- CAMÕES, José (director científico e coordenador) 2001. *Gil Vicente – Todas as Obras*. [Biblioteca Virtual dos Descobrimentos Portugueses 07]. Ophir /

---

<sup>248</sup> Embora se encontre nesta fonte textos que estão presentes em outros *corpora*, tivemos o cuidado de não repetir as atestações.

<sup>249</sup> Embora se encontre nesta fonte textos que estão presentes em outros *corpora*, tivemos o cuidado de não repetir as atestações.

Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

### 3. Outros textos informatizados

CASTRO, Ivo (ed.). *Livro de José de Arimateia* [Transcrição do Códice 643 da TT]. Ms. Inédito.

PIEL, Joseph Maria e Irene Freire NUNES (eds.) 1988. *Demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

### 4. Edições de textos

ENTWISTLE, William James (ed.) 1968. *Cronica del Rei Dom Joham I de boa memória e dos Reis de Portugal o decimo, escrita por Fernão Lopes*. Parte Segunda. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 1977.

FREIRE, Anselmo Braamcamp (ed.) 1973. *Cronica del Rei Dom Joham I de boa memória e dos Reis de Portugal o decimo, escrita por Fernão Lopes*. Parte Primeira. [Reprodução facsimilada da edição do Arquivo Histórico Português (1915). Prefácio por Luís F. Lindley Cintra]. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 1977.

MACCHI, Giuliano (ed.) 1966. *Crónica de D. Pedro de Fernão Lopes*. Roma: Edizioni dell'Ateneo.

### 5. Outras obras consultadas para a constituição do *corpus*

MATEUS, Maria Helena Mira 1974. «Glossário da Vida e Feitos de Júlio César» (Tradução portuguesa quatrocentista de *Li Fet dès Romains*), Letra A, in *Boletim de Filologia* 23, pp. 1-80.<sup>250</sup>

CINTRA, Luís F. Lindley 1990. «Sobre o mais antigo texto não-literário português: a *Notícia do Torto* (Leitura crítica, data, lugar de redacção e comentário linguístico)», in *Boletim de Filologia*, Tomo XXXI, pp.21-77 (37-41). Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e 1989. *Estruturas Trecentistas do Português*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

---

<sup>250</sup> Nesta obra não se encontram atestações de *ar/er*.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBORG, Juan Luis 1992. *Historia de la Literatura Española*. Tomo I. Madrid: Gredos.
- ALI, Manuel Said 1931. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro & São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- ALVAREZ BLANCO, Rosário 1994. “As formas de dativo e a expresión do número en galego medieval: lle / lles, llo / llelo”, in *Verba*, 21: 133-166.
- ALVAREZ BLANCO, Rosário e Xosé XOVE 1998. “Língua e variación dialectal na Crónica Xeral Galega”, in Dieter Kremer (ed.). *Homenaxe a Ramón Lorenzo*. Tomo I. Vigo: Galaxia. pp.29-58.
- ANGLADE, J. 1921. *Grammaire de l’Ancien Provençal*. Paris: C. Klincksieck.
- BECHARA, Evanildo 2001. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- BELLERT, Irena 1977. “Remarks and Replies: On Semantic and Distributional of Sentential Adverbs”, in *Linguistic Inquiry*. Vol. 8, number 2. pp.337-351.
- BIVAR, Artur 1948. *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*.
- BOGDANOW, Fanni 1975. “The Relationship of the Portuguese and Spanish *Demandas* to the extant French Manuscripts of the Post-Vulgate *Queste del Saint Graal*”, in *Bulletin of Hispanic Studies*, 52-1.
- BOGDANOW, Fanni 1991. *La Version Post-Vulgate de La Queste del Saint Graal et de La Mort Artu*. Paris: SATF, Picard.
- BOSQUE, Ignacio e Violeta DEMONTE 2000. *Gramática Descriptiva da la Lengua Española*. 3.<sup>a</sup> ed. Madrid: Editorial Espasa Calpe.
- BREA, Mercedes 1988. “La partícula gallego-portuguesa *ar/er*”, in *Homenaje a Alonso Zamora Vicente*. Vol. I. Madrid: Castalia. pp. 45-57.
- BREA, Mercedes (coord.) 1996. *Lírica Profana Galego-Portuguesa*. Vols. I, II. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literárias Ramón Piñeiro.
- BUENO, Silveira 1963. *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edição Saraiva. Vol. I e II

- BURNS, Robert I. (ed.) 1990. *Emperor of Culture: Alfonso X the Learned of Castile and His Thirteenth-Century Renaissance*. University of Pennsylvania Press: The Library of Iberian Resources Online.
- CÂMARA JR., J. Mattoso 1975. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- CARDEIRA, Esperança 2005. *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CARDINALETTI, Anna 1998. “On Deficient/Strong Opposition in Possessive Systems”, in ALEXIADOU, Artemis e Chris WILDER (eds.). *Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- CARDINALETTI, Anna e Michal STARKE 1996. “Deficient Pronouns: A View from Germanic – A Study in the Unified Description of Germanic and Romance”, in THRÁINSSON, Höskuldur, Samuel David EPSTEIN e Steve PETER (eds.). *Studies in Comparative Germanic Syntax II*, 21-65. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- CARTER, Henry Hare (ed.) 1941. *Cancioneiro da Ajuda. A Diplomatic Edition*. New York & London: Modern Language Association of America & Oxford University Press. p. 97.
- CASTRO, Ana e João COSTA 2002. “Possessivos e advérbios: formas fracas como X<sup>o</sup>”, in *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, APL*, pp. 101-111.
- CASTRO, Ivo de 1983. «Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata». Separata do *Boletim de Filologia*. Tomo XXVIII: 81-98. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- CASTRO, Ivo de 1984. *Livro de José de Arimateia: Estudo e edição do cod. ANTT 643*. Dissertação de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CASTRO, Ivo de et al. (eds.) 1985. *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (Coleção Mística de Fr. Hilário da Lourinhã. Cod. Alc. CCLXVI/ANTT 2274). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos / Instituto Nacional de Investigação Científica. [Separata da *Revista Lusitana*, Nova Série].
- CASTRO, Ivo de 1988. «Remarques sur la tradition manuscrite de l’*Estoire del Saint Graal*», in *Homenagem a Joseph M. Piel*, pp.195-206. Instituto

de Cultura e Língua Portuguesa. Consello de Cultura Galega. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

CASTRO, Ivo de 1993. “Demanda do Santo Graal”; “Livro de José de Arimateia”; “Matéria da Bretanha”; “Merlin”, in LANCIANI e TAVANI (orgs.). *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

CEJADOR Y FRAUCA, Julio 1972. *Historia de la Lengua y Literatura Castellana*. Tomo I, 1.<sup>a</sup> parte. Madrid: Gredos.

CORNU 1882. “Études de grammaire portugaise”, in *Romania XI*, pp. 87-88.

COROMINAS, Joan 1976. “Elementos Prelatinos en las Lenguas Romances Hispánicas”, in JORDÁ, Francisco, Javier de Hoz y Luis Michelena (eds.). *Actas del I Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica* (Salamanca, 27-31 Mayo, 1974). Salamanca. Acta Salmanticensia: Filosofía y Letras 95.

COROMINAS, Joan e José PASCUAL 1980-1991. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Madrid: Gredos. [Vols. I-VI]

CUNHA, António Geraldo da 1982. *Dicionário Etimológico da Nova Fronteira Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

DIEZ, Friedrich 1969. *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*. Hildesheim-New York: Georg Olms Verlag.

FERREIRA, José de Azevedo 1987. *Afonso X, Fuero Real*. Vol. II: *Glossário*. Lisboa: INIC.

GONÇALVES, Anabela 1992. *Para uma sintaxe dos verbos auxiliares em português europeu*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Edições Colibri.

GONÇALVES, Anabela 1999. *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Edições Colibri.

GONÇALVES, Anabela e Teresa da COSTA 2002. *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.

GONÇALVES, Elsa Gonçalves e Maria Ana RAMOS 1985. *A Lírica Galego-Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Comunicação.

HOCK, Hans Henrich 1986. *Principles of Historical Linguistics*. Berlin, New York, Amsterdam: Mouton de Gruyter.

- HOCK, Hans Henrich, Brian D. Joseph 1996. *Language History, Language Change, and Language Relationship – An Introduction to Historical and Comparative Linguistics*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- HOLTUS, Günter, Michel METZELTIN e Christian SCHMITT (eds.) 1995. «Les diferentes langues romanes et leurs régions d’implantation du Moyen Âge à la Renaissance». Volume II, 2, in *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- HUBER, Joseph 1933. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Gulbenkian, 1986. [Tradução portuguesa do original alemão].
- HUDDLESTON, Rodney and PULLUM, Geoffrey K. 2002. *The Cambridge Grammar of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JORDÁ, Francisco, Javier de HOZ y Luis MICHELENA (eds.) 1976. *Actas del I Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27-31 Mayo, 1974)*. Salamanca. Acta Salmanticensia: Filosofía y Letras 95.
- KOVACCI, Ofelia 2000. “El Adverbio”, in BOSQUE, Ignacio e Violeta DEMONTE. *Gramática Descriptiva da la Lengua Española*. 3.<sup>a</sup> ed. Madrid: Editorial Espasa Calpe.
- KREMER, Dieter (ed.) 1988. *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85.º aniversário*. Instituto de Cultura e Lengua Portuguesa. Consello da Cultura Galega. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- KROCH, Antony 1994. “Morpho-syntactic Variation”, in K. BEALS et al. *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theory*. ([www.ling.upenn.edu/~kroch/on.line.html](http://www.ling.upenn.edu/~kroch/on.line.html))
- LABOV, William 1994. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Cambridge, MA and Oxford, England: Blackwell.
- LANCIANI, Giulia e Giuseppe TAVANI (org. e ed.) 1993. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho. 2000.
- LAPA, Manuel Rodrigues 1965. *Cantigas d’Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*. [Edição Crítica]. Vigo: Galáxia.
- LAPA, M. Rodrigues 1982. *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*. Acta Universitatis Conimbrigensis. Coimbra: Coimbra Editora, Lda.

- LONZI, Lidia 2001. “Il sintagma avverbiale”, in RENZI, Lorenzo *et al.* *Grande Gramatica Italiana di Consultazione*. Vol. II. Bologna: Il Mulino.
- LORENZO, Ramón 1975. *La Traducción Gallega da la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. Vol. II: *Glosario*. Orense: Instituto de Estudos Orensanos «Padre Feijoo».
- LORENZO, Ramón 1981. “Limiar”, in METTMANN, Walter (ed.) *Afonso X, o Sábio - Cantigas de Santa Maria*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, S.A., pp. 7-13.
- LORENZO, Ramón (ed). 1985. *Crónica Troyana*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- LORENZO, Ramón 1995. “Galegische Koine”, in HOLTUS, Günter, METZELTIN, Michael, SCHMITT, Christian (ed.) *Die einzelnen romanischen Sprachen und Sprachgebiete vom Mittelalter bis zur Renaissance. Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL) Band II, 2*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 649-679.
- LORENZO, Ramón. “A Prosa Galega Medieval”, in FERRARI, Anna 1999. *Filologia Clásica e Filologia Romanza: Esperienze Ecdotiche a confronto*. Atti del Convegno. Roma 25-27 maggio 1995. Spoleto: Centro Italiano di Studi Sull’Alto Medioevo.
- LORENZO, Ramón 2002. “La interconexión de Castilla, Galicia y Portugal en la confección de las crónicas medievales y en la transmisión de textos literarios”, in *Revista de Filologia Românica* 19, 93-123. ISSN: 0212-999X.
- MACHADO, José Pedro 1952. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Horizonte. 1977.
- MACHADO, José Pedro 1984. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência.
- MAGNE, Augusto 1944. *A Demanda do Santo Graal*. Vol. III: *Glossário*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- MAGNE, Augusto 1950-1954. *Dicionário da Língua Portuguesa especialmente dos períodos medieval e clássico*. Vol. I (A-AF); vol. II (AG-AL). Rio de Janeiro.
- MAGNE, Augusto 1955-1970. *A Demanda do Santo Graal* (reprodução fac-similar e transcrição crítica do Códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. Volumes I e II.

- MALER, Bertil 1956. *Orto do Esposo*. Vol. III: *Correcções dos vols. I e II, estudo das fontes e do estado da língua, glossário, lista dos livros citados e índice geral*. Uppsala: Almqvist & Wiksell<sup>251</sup>.
- MARIÑO PAZ, Ramón 1998. *Historia da Lingua Galega*. Santiago de Compostela: Gotelo Blanco. 1999 (2.<sup>a</sup> edição).
- MARTINS, Ana Maria. “Deficient Pronouns and Linguistic Change in Portuguese and Spanish”, in QUER, Josep *et al.* (eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory 2001*. Selected Papers from ‘Going Romance’. Vol. 245. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- MARTINS, Ana Maria 1994. *Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Caminho.
- MEGALE, Heitor 2001. *A Demanda da Santo Graal: das origens ao códice português*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- MEGALE, Heitor 1990. “*Demanda Portuguesa de Viena*”, in *Boletim de Filologia*, XXXI (1986-87). Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- MEILLET, Antoine 1958. “Comment les mots changent de sens”, in *Linguistique historique et linguistique générale*, Vol. I, pp. 230-271
- METTMAN, Walter 1972. *Afonso X, O Sábio, Cantigas de Santa Maria*. Vol. IV: *Glossário*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.
- MEYER-LÜBKE, W. 1895. *Grammaire des langues romanes*. Paris: H. Welter Éd.
- MIRANDA, José Carlos Ribeiro 1993. *A Demanda do Santo Graal e o ciclo arturiano da Vulgata*. Dissertação de Doutoramento. Porto: [edição de autor].
- MIRANDA, José Carlos Ribeiro 2004. “A edição castelhana de 1535 da Demanda del Sancto Grial: o retorno de Excalibur às águas...”, in *Península – Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 1, pp.53-63.
- MOREIRA, Júlio 1922. *Estudos da Lingua Portuguesa: Subsídios para a Syntaxe Historica e Popular*. Lisboa: Livraria Classica Editora.

---

<sup>251</sup> Nesta obra não se encontram atestações de *er/ar*.

- NASCENTES, Antenor 1932. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro.
- NASCENTES, Antenor 1952. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Tomo II: *Nomes Próprios*. Rio de Janeiro.
- NUNES, José Joaquim 1918. *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*. [Manuscrito do séc. XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico]. Coimbra: Imprensa da Universidade. 2 vols.
- NUNES, José Joaquim 1919. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: Fonética e Morfologia*. Lisboa: Clássica Editora, 1975.
- NUNES, José Joaquim 1928. *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*. Vol. III: *Comentário, variantes e glossário*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- NUNES, José Joaquim 1932. *Cantigas d'Amor dos Trovadores Galego-Portugueses*. [Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário]. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- PICKFORD, C. Edward 1961. “La Priorité da la version portugaise de la *Demanda do Santo Graal*”, in *Bulletin Hispanique*, LXII, pp.211/216
- PIEL, Joseph-Maria e NUNES, Irene Freire 1988. *A Demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- QUIRK, Randolph *et al.* 2003. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London and New York: Longman.
- RAPOSO, Eduardo Paiva 1992. *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.
- RÜBECAMP, Rudolf 1933. *A Linguagem das Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio*. Junta de Educação Nacional – Centro de Estudos Filológicos. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e 1991. *O Português Arcaico: Fonologia*. São Paulo: Contexto.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e 1994. *O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- SLETSJØE, Leif 1978. “Ar Er – adverbos indépendants en ancien galicien-portugais – et les mots en *arr-* en ibéro-roman”, in HERMODSSON, Lars (ed.) *Studia Neophilologica – A Journal of Germanic and*

*Romance Languages and Literature*. Vol. L. Stockolm- Sweden: Almqvist & Wiksell Periodical Company. pp. 267-288.

- TEYSSIER, Paul 1959. *La Langue de Gil Vicente*. Paris: Librairie C. Klincksieck.
- TEYSSIER, Paul 1982. *Gil Vicente – O Autor e a Obra*. Col.: Biblioteca Breve. Lisboa : Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação. 1985.
- TEYSSIER, Paul 2005. *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ULLMANN, Stephen 1964. *Semântica – Uma Introdução à Ciência do Significado*. 4.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de 1895. “Fragmentos Etymologicos”, in *Revista Lusitana* 3: LXXI. Lisboa.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis 1895. “Zum Liederbuch Königs Denis von Portugal” e “Lang, Das Liederbuch Des Königs Denis von Portugal”, in *Zeitschrift für Romanische Philologie*. XIX, 67. Tübingen:Max Niemeyer.pp.:513-541;578-615.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis (ed.) 1904. *Cancioneiro da Ajuda*. (edição crítica e comentada) Halle A. S.: Max Niemeyer.Vol.<sup>s</sup> I e II.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis 1912. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Dinalivro.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de 1920. «Glossário do Cancioneiro da Ajuda», in *Revista Lusitana* 23: 1-95. Lisboa.
- VASCONCELLOS, José Leite de 1906. «Fabulário Português», in *Revista Lusitana* 9: 21-22. Lisboa.
- VASCONCELLOS, José Leite de 1911. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal. 1966 (4.<sup>a</sup> edição).
- VITERBO, Fr. Joaquim da Santa Rosa 1798-1799. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. [Edição crítica baseada nos manuscritos e originais de Viterbo por Mário Fiúza]. Porto & Lisboa: Livraria Civilização. 1962.

WILLIAMS, Edwin 1938. *Do Latim ao Português: Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1975. [Tradução portuguesa do original inglês].